

PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DO IPHAN

série

“SALVEMOS OURO PRETO”

A campanha em benefício de Ouro Preto
1949-1950

PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Luiz Inácio Lula da Silva

MINISTRO DA CULTURA

João Luiz Silva Ferreira

PRESIDENTE DO INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

Luiz Fernando de Almeida

PROCURADORA-CHEFE

Lúcia Sampaio Alho

DEPARTAMENTO DE PLANEJAMENTO E ADMINISTRAÇÃO

Maria Emília Nascimento Santos

DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO MATERIAL E FISCALIZAÇÃO

Dalmo Vieira Filho

DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO IMATERIAL

Márcia Genésia Sant'Anna

DEPARTAMENTO DE MUSEUS E CENTROS CULTURAIS

José do Nascimento Junior

COORDENAÇÃO-GERAL DE PROMOÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL

Luiz Phillippe Peres Torelly

COORDENADORA-GERAL DE PESQUISA, DOCUMENTAÇÃO E REFERÊNCIA

Lia Motta

PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DO IPHAN

série

“SALVEMOS OURO PRETO”

A campanha em benefício de Ouro Preto
1949-1950

JULIANA SORGINE

RIO DE JANEIRO, IPHAN, 2008

SÉRIE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DO IPHAN Nº 2

PESQUISA

Juliana Sorgine

COORDENAÇÃO DA PESQUISA

Márcia Regina Romeiro Chuva

SELEÇÃO DE IMAGENS

Bettina Zellner Grieco

Juliana Sorgine

REVISÃO TÉCNICA

Lia Motta

Márcia Regina Romeiro Chuva

REPRODUÇÃO DE IMAGENS

Oscar Henrique Liberal de Brito e Cunha

REVISÃO

Ulysses Maciel

PROJETO GRÁFICO

Marcela Perroni – Ventura Design

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Marcela Perroni

Fernanda Mello

AGRADECIMENTOS

Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro

Arquivo do Centro de Documentação e Informação da Superintendência Regional do IPHAN em Minas Gerais

Maria de Fátima Oliveira Pinheiro

IMAGENS DA CAPA

Fotografias do Inventário cadastral da cidade de Ouro Preto (MG).

Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Obras.

ELABORADO PELA BIBLIOTECA NORONHA SANTOS/ IPHAN

S713s Sorgine, Juliana.

Salvemos Ouro Preto: a campanha em benefício de Ouro Preto, 1949-1950 / Pesquisa e texto de Juliana Sorgine ; [colaboração de Lia Motta e Bettina Grieco] - Rio de Janeiro: IPHAN, COPEDOC, 2008.

344 f. ; 20,5 x 27,5 cm. – (Série Pesquisa e Documentação do IPHAN ; 2)

ISBN 978-85-7334-108-9

1. Patrimônio cultural. 2. Preservação. 3. Memória cultural. 4. Ouro Preto (MG).
I. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Brasil). Coordenação-Geral de Pesquisa, Documentação e Referência. II. Motta, Lia. III. Grieco, Bettina. IV. Título.

CDD 363.69098151

IPHAN / RJ

Sumário

Apresentação 9

I - Ouro Preto, a campanha e o estudo da cidade 11

Ouro Preto: de Monumento Nacional a Patrimônio Mundial 12

Lia Motta

A campanha em benefício de Ouro Preto 18

Juliana Sorgine

O Estudo da cidade de Ouro Preto e o inventário cadastral 33

Bettina Zellner Grieco e Juliana Sorgine

Objetivos, organização e método **33**

Análise geral do sítio **36**

Análise do estado de conservação **37**

Critérios para investimento **51**

O Plano de Obras **56**

Execução das obras **61**

Referências bibliográficas 66

II - Reprodução documental fac-similar 69

Índice da reprodução documental **294**

Relação e localização dos documentos arquivísticos pesquisados **299**

Anexo: Dados biográficos **303**

Minha gente, salvemos Ouro Preto!

Manuel Bandeira

As chuvas de verão ameaçaram derruir Ouro Preto.
Ouro Preto, a avozinha, vacila.
Meus amigos, meus inimigos,
Salvemos Ouro Preto.

Bem sei que os monumentos veneráveis
Não correm perigo.
Mas Ouro Preto não é só o Palácio dos Governadores,
A Casa dos Contos,
A Casa da Câmara,
Os templos,
Os chafarizes,
Os nobres sobrados da Rua Direita.

Ouro Preto são também os casebres de taipa de sopapo
Agüentando-se uns aos outros ladeira abaixo,
O casario do Vira-Saia,
Que está vira-não-vira enxurro,
E é a isso que precisamos acudir urgentemente!

Meus amigos, meus inimigos,
Salvemos Ouro Preto.
Homens ricos do Brasil
Que dais quinhentos contos por um puro-sangue de corridas,
Está certo,
Mas dai também dinheiro para Ouro Preto.

Grã-finas cariocas e paulistas
Que pagais dez contos por um modelo de Christian Dior,
E meio conto por uma permanente no Baldini,
Está tudo muito certo,
Mas mandai também dez contos para consolidar umas quatro casinhas
de Ouro Preto.
(Nossa Senhora do Carmo de Ouro Preto vos acrescentará...)

Gentes da minha terra!
Em Ouro Preto alvoreceu a nossa vontade de autonomia nos sonhos frustrados
dos inconfidentes.

Em Ouro Preto alvoreceu a nossa arte nas igrejas e esculturas do Aleijadinho.
Em Ouro Preto alvoreceu a nossa poesia nos versinhos do Desembargador.

Minha gente,
Salvemos Ouro Preto.
Meus amigos, meus inimigos,
Salvemos Ouro Preto.

Rio de Janeiro, 7 de setembro de 1949.¹

¹ BANDEIRA, Manuel. "Minha gente, Salvemos Ouro Preto?". *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 11/9/1949. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Inventário. M024/Cx. 0213.



Apresentação

Este livro é a segunda publicação da *Série Pesquisa e Documentação do IPHAN*, editada pela Coordenação-Geral de Pesquisa, Documentação e Referência do IPHAN (COPEDOC). As dimensões que apresenta visam à reprodução fac-similar e à divulgação dos documentos que serviram como principais fontes da pesquisa aqui apresentada, sobre a campanha em benefício da cidade de Ouro Preto (1949-1950), especialmente as fichas do *Estudo da Cidade de Ouro Preto* realizado em decorrência da campanha. O *Estudo...*, bem como as demais fontes analisadas, foram produzidos em meio às ações que a então Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional², DPHAN, empreendeu pela preservação da cidade de Ouro Preto em finais da década de 1940.

Com a *Série Pesquisa e Documentação do IPHAN*, a COPEDOC pretende difundir os acervos existentes nos arquivos institucionais, compostos por fotos, plantas, mapas, desenhos, relatórios, processos, pareceres, correspondências, planos de obras, planos urbanísticos, recibos, notas fiscais, recortes de jornais e revistas e vídeos, por meio da sua reprodução de maneira contextualizada. Essas pesquisas estão voltadas para a história da gestão do patrimônio cultural no Brasil, com vistas a contribuir, progressivamente, com a produção de uma memória institucional que possa subsidiar reflexões e ações de preservação na atualidade.

O acervo do Arquivo Central do IPHAN, hoje dividido em duas seções – Rio de Janeiro e Brasília –, assim como os documentos que estão sob a guarda das diversas unidades descentralizadas da Instituição são em grande parte inéditos e merecem um investimento de pesquisa para produção de conhecimento sobre as ações institucionais ao longo dos seus mais de setenta anos de existência. Ressalta-se a relação complementar entre esses acervos, uma vez que grande parte da documentação foi produzida a partir das relações estabelecidas entre a administração central (assim chamada hoje) e as unidades descentralizadas da Instituição. No caso desta pesquisa, contudo, não foi localizada documentação complementar de interesse para a investigação em curso no arquivo da Superintendência Regional do IPHAN em Minas Gerais.

Esta publicação está organizada em três capítulos: o primeiro deles situa historicamente a ação do IPHAN na cidade de Ouro Preto, local que se tornaria palco de algumas experiências da gestão do patrimônio tombado tornadas referenciais para a ação institucional como um todo; o segundo capítulo trata da campanha de angariação de fundos em benefício da preservação do casario de Ouro

² O atual IPHAN teve diversas denominações ao longo de sua trajetória institucional. A primeira delas foi Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, conforme o decreto-lei Nº25, de 30/11/1937, quando da criação do órgão pelo então ministro da Educação e Saúde Pública do governo Vargas, Gustavo Capanema. A partir de 1946 o antigo SPHAN foi transformado em Diretoria, DPHAN, já sob o governo Dutra, pelo decreto-lei Nº 8534, de 2/1/1946. Este decreto estabeleceu que, além da sede na Capital Federal, haveria quatro distritos de atuação do órgão, sediados, respectivamente, em Recife, Salvador, Belo Horizonte e São Paulo. Ver: MEC; DPHAN, 1967. A Diretoria foi assim reconhecida até o ano de 1970, quando passou a se chamar Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. (PROGRAMA, 2008)

Preto em 1949, trazendo referências sobre os diversos participantes do episódio e sobre a repercussão mais ampla que a iniciativa ganhou à época; o último capítulo analisa o *Estudo da Cidade de Ouro Preto*, que inclui o inventário cadastral para a definição dos critérios de escolha dos imóveis que deveriam ser priorizados para a recuperação do casario da cidade, com recursos financeiros arrecadados na campanha. Como produto da pesquisa, oferecemos também o anexo com dados biográficos e informações a respeito dos participantes da campanha e dos profissionais envolvidos no processo de estudo e reforma do casario de Ouro Preto.

Em destaque, esta publicação traz a reprodução *fac-símile* do *Estudo da cidade de Ouro Preto em 1949* e de uma série de documentos referentes à realização da campanha, compreendendo a inter-relação que guardam entre si, que remete às redes de relações tecidas, bem como aos enfrentamentos travados nas ações de preservação de Ouro Preto no período. Nessa pesquisa, ainda, foram levantados indícios importantes acerca das diversas estratégias, nem sempre harmoniosas, de comunicação e parceria estabelecidas entre a agência do Estado responsável pela proteção do patrimônio, ainda nas suas primeiras décadas de atuação, e a sociedade civil.

Sem dúvida, o esforço aqui empreendido é uma pequeníssima parte do potencial que a investigação com base na documentação institucional pode promover em termos de produção de conhecimento em proveito das ações institucionais e de todo o sistema de patrimônio brasileiro. Os resultados alcançados sugerem um universo de questões importantes para serem desenvolvidas em novas pesquisas. Esperamos que a leitura delas instigue o leitor a desenvolvê-las.

Esse tipo de trabalho e a perspectiva de seu desdobramento e continuidade tem o objetivo de conquistar parceiros para a construção de uma memória da preservação no Brasil. Para isso, há que trabalhar de modo crítico e reflexivo, compartilhando a experiência acumulada e reconhecendo, ao mesmo tempo, o valor do vasto caminho já percorrido na defesa do patrimônio brasileiro.

Coordenação-Geral de Pesquisa, Documentação e Referência

I

Ouro Preto, a campanha
e o estudo da cidade

Ouro Preto: de Monumento Nacional a Patrimônio Mundial

LIA MOTTA

A pesquisa nos arquivos do IPHAN tem entre seus objetivos ampliar o conhecimento e o acesso aos documentos sobre as ações de preservação do patrimônio cultural brasileiro. São inúmeras as possibilidades que se apresentam diante do vasto acervo documental acumulado em decorrência dos trabalhos desenvolvidos pelo IPHAN desde 1937.

A análise da documentação relativa à campanha realizada em benefício de Ouro Preto, em fins da década de 1940, não se deu por acaso. Ela aborda, a um só tempo, temas fundamentais da preservação: estratégias de ação articuladas entre sociedade e governo em torno da questão do patrimônio; as cidades e sua gestão; os estudos e critérios de intervenção nos conjuntos arquitetônicos tombados. Mais do que isso, essa abordagem trata da cidade de Ouro Preto, objeto de inúmeras ações de proteção empreendidas pela Instituição, que a tornaram paradigma ou referência para a gestão do patrimônio cultural no Brasil. É possível dizer que a identificação de problemas e a formulação de conceitos e métodos relativos à preservação urbana – elementos formadores do campo da preservação no Brasil a partir da década de 1930 – tiveram Ouro Preto como laboratório. Foi o lugar das experimentações do IPHAN, constantemente em evidência.

Ouro Preto foi declarada Monumento Nacional pelo Decreto Federal n. 22.928, de 12/7/1933. Em consequência, no ano seguinte, foi criada a Inspetoria de Monumentos Nacionais, como um departamento do Museu Histórico Nacional, com a tarefa de proteger os monumentos nacionais (MAGALHÃES, 2004). Esta foi a primeira estrutura institucional em âmbito federal dedicada à proteção do patrimônio cultural³. Pouco depois, em 1937, com a criação do SPHAN e o encerramento dos trabalhos da Inspetoria, a proteção da cidade tombada motivou os primeiros embates sobre as diferentes visões de patrimônio e possibilidades de preservação. Duas visões se opunham: uma, a de Gustavo Barroso, então diretor do Museu Histórico Nacional e antigo responsável pela extinta Inspetoria de Monumentos Nacionais; a outra, dos intelectuais modernistas que organizaram o SPHAN, ou a ele se integraram, do qual participaram, entre outros, Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Gilberto Freyre, Rodrigo Melo Franco de Andrade e Lucio Costa (ver dados biográficos em anexo)⁴. A principal oposição entre o pensamento de Gustavo Barroso e o dos modernistas que contribuíam com

³ A Inspetoria de Monumentos Nacionais tinha como uma de suas atribuições organizar, junto com os governos estaduais, um catálogo de edifícios de interesse histórico e artístico, para indicação ao governo federal daqueles que deveriam ser decretados monumentos nacionais.

⁴ O processo de criação do SPHAN, iniciado com o Anteprojeto de Mário de Andrade para a organização de um serviço de proteção do patrimônio a convite do ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, ocorreu paralelamente à existência da Inspetoria de Monumentos Nacionais. (FONSECA, 2005)

a atuação do SPHAN seria, respectivamente, o culto ao passado *versus* a idéia de patrimônio como referência da modernidade. A visão saudosista de Gustavo Barroso (ABREU, 1990; MAGALHÃES, 2004), defendia que se deveria salvar o passado do esquecimento, livrando-o da destruição e do abandono para revivê-lo no presente, como uma espécie de herança de família. Contrariamente, segundo a visão dos intelectuais de certa vertente modernista, o conhecimento do passado seria referência para a constituição da identidade nacional que se projetava para o futuro. Para os modernistas, o conhecimento do passado conduziria à constituição de um país moderno e civilizado, portador de cultura própria, integrado à matriz da civilização ocidental européia. (CAVALCANTI, 1995 e CHUVA, 1998)

O contraste entre as obras e intervenções deixadas pela Inspetoria e as ações do SPHAN em Ouro Preto a partir de finais da década de 1930, levou à polarização desses dois pensamentos. A Inspetoria investira, por exemplo, no levantamento dos principais monumentos e na sua conservação, com a execução de seu *Plano de Restauração de Ouro Preto*, em 1935, sobre o qual afirma-se:

Os chafarizes, as pontes e os templos foram preservados sem que fossem levadas em conta as paisagens que os circundavam, como o caso do chafariz da Glória, selecionado para ser restaurado, enquanto uma casa próxima encontrava-se em ruínas e fora dos planos de restauração da Inspetoria. (MAGALHÃES, op. cit., p. 130)

Essas obras, com o tempo, foram todas refeitas pelo SPHAN, “sugerindo uma tentativa de ‘desmontar’ qualquer intervenção que não tivesse a marca ou que não fosse regida [pelos] princípios estéticos” do SPHAN, (CHUVA, op. cit., p.115) envolvendo, em alguns casos, discussões sobre a natureza das intervenções realizadas pela Inspetoria. Este foi o caso da Igreja do Padre Faria, episódio que ensejou uma discussão sobre a conveniência de restituir aspectos originais dos monumentos, antes não considerados pela Inspetoria de Monumentos (Idem). Essas discussões evidenciavam as diferenças conceituais entre as duas instituições, trazendo à luz aspectos da atuação do SPHAN na gestão da cidade, intervindo nos grandes projetos e discutindo concepções sobre a restauração da arquitetura comum que compunha a paisagem, incluindo a feição que as novas edificações deveriam ter.

Destaca-se, já em 1938, a discussão acerca do projeto para a construção do Grande Hotel de Ouro Preto, que se tornou exemplar para compreender as ações do SPHAN, sob a influência do pensamento do arquiteto modernista Lucio Costa, que trabalhou na instituição ao lado do Rodrigo Melo Franco de Andrade, durante toda sua gestão⁵. Por decisão do governo do estado de Minas Gerais, decidiu-se construir um hotel na cidade para explorar o seu potencial turístico. Pedido o apoio do SPHAN, inicialmente foi elaborado um projeto em linhas coloniais, de autoria do arquiteto Carlos Leão⁶. Este não foi bem aceito e um novo projeto foi encomendado ao arquiteto Oscar Niemeyer, agora seguindo os preceitos da arquitetura moderna que se consagrava então.

⁵ O jornalista, escritor e advogado mineiro Rodrigo Melo Franco de Andrade presidiu o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional desde sua criação, em 1937, até o ano de 1967.

⁶ Foi um dos grandes arquitetos neocoloniais brasileiros, formado pela Escola Nacional de Belas Artes na década de 1930. Posteriormente filiou-se ao movimento modernista, associando-se a Lucio Costa num escritório de arquitetura. Foi, também, por curto período, membro do Conselho Consultivo do SPHAN. (CHUVA, op.cit.)

Por meio dos debates que circunscreveram a aprovação e execução do referido projeto, consolidaram-se alguns conceitos centrais dentro da prática institucional, formulados, principalmente, por Lucio Costa. Dentre estes, pode-se destacar o surgimento da noção de cidade histórica como obra de arte, apresentado em correspondência de Costa⁷ a Rodrigo Melo Franco de Andrade, defendendo o projeto de Niemeyer. Costa consubstanciou conceitualmente as principais intervenções que julgava pertinentes para reger a relação entre o passado e o futuro, na lida da preservação do patrimônio histórico e artístico nacional. Para ele, no tratamento do conjunto da cidade, as casas populares menores e novas deveriam se neutralizar na paisagem da cidade, enquanto que a arquitetura excepcional nova deveria ser moderna e de “boa qualidade”, bem ao gosto das orientações dos congressos internacionais de arquitetura moderna, que freqüentava então⁸. Na referida carta, Lucio Costa ressaltava ainda as semelhanças entre a arquitetura colonial e a moderna, comparando o antigo sistema estrutural de pau-a-pique às estruturas contemporâneas independentes em concreto armado ou metálicas (MOTTA, op. cit.).

O projeto de Oscar Niemeyer para o Grande Hotel apresentava na fachada uma estrutura independente com composição ritmada à semelhança das construções de pau-a-pique. Essa referência à técnica construtiva tradicional tornou-se exemplar para os novos projetos em sítios tombados, pela deferência ao passado colonial, sem disfarces, isto é, sem com isso abrir mão das tecnologias do presente (CAVALCANTI, 1995).

Tais posições, contudo, não tinham unanimidade dentro da instituição e o projeto foi também motivo de embates internos significativos, quando dois arquitetos da equipe técnica do SPHAN, Renato Soeiro e Paulo Thedim Barreto⁹, contrários à execução de uma nova construção na cidade tombada, buscaram alternativas ao mesmo. Os dois arquitetos propuseram, então, a adaptação de imóveis antigos da cidade, proposta essa derrotada em favor da posição de Lucio Costa e da construção do projeto de Niemeyer (CAVALCANTI, op. cit.).

No final da década de 1950, outra intervenção em Ouro Preto, a instalação de um auditório de 650 lugares para o funcionamento do cine Vila Rica, foi submetida à aprovação do IPHAN e teve grande repercussão. A instalação seria no edifício, de feições ecléticas¹⁰, construído no final do século XIX para abrigar o Liceu de Artes e Ofícios. Tratava-se de uma edificação que sobressaía no conjunto urbano tombado, sendo considerada pela DPHAN, de acordo com a hierarquização estilística concebida pelos modernistas, como um exemplar de arquitetura de “feição bastarda”, nas palavras de Lucio Costa (COSTA, 1999, p.149).

⁷ No ano de 1939, Lucio Costa encontrava-se em viagem de trabalho aos Estados Unidos, colaborando com a construção do pavilhão brasileiro na Feira Internacional de Nova Iorque (PESSOA, 2004). Em função dessa ausência, o debate em torno da questão do Grande Hotel de Ouro Preto ficou registrado na correspondência trocada entre o arquiteto e o Diretor do Patrimônio, facilitando a sua investigação nos dias de hoje. A carta foi publicada na íntegra em MOTTA, 1987.

⁸ Sobre a participação de Lucio Costa como representante do Brasil nos CIAM, ver MOTTA, op.cit., p.110 e WISNIK, 2001.

⁹ Veja, nesta publicação, a seção “Dados biográficos”.

¹⁰ O eclétismo, que surge no Brasil na segunda metade do século XIX e tem seu apogeu no início do século XX, pode ser considerado um produto do intercâmbio de influências nos campos da literatura, das artes e da arquitetura, provocado pela revolução industrial. A arquitetura eclética, inspirada pela Academia de Belas Artes, “associa em um mesmo edifício referências estilísticas de diferentes origens” (GUIA, 2000) e tempos. Apesar da diversidade de estilos, de técnicas e de materiais, possui características comuns à arquitetura acadêmica, como proporção, simetria e composição. No Brasil, encontramos exemplos ecléticos-classicizantes, neogóticos, neomouriscos e com influências de estilos franceses (Luís XVI) ou ingleses.

De dimensões incompatíveis com o prédio do antigo Liceu, a intervenção exigia um acréscimo significativo nos fundos, bastante visível na paisagem. Após admitir o acréscimo como inevitável, a preocupação da DPHAN concentrou-se nos aspectos da fachada do imóvel. Nesse caso, a convivência entre moderno e antigo se deu pela exigência da retirada dos frontões e platibandas e despojamento dos detalhes ornamentais, estabelecendo, ainda, um ritmo para os vãos, de maneira que se assemelhasse mais à arquitetura do período colonial. Tratava-se de condição para que o acréscimo fosse permitido e, assim, pudesse abrigar o cinema (MOTTA, op. cit.).

Datam também da década de 1950 investimentos feitos com verba extraordinária, liberada pelo Congresso Nacional para as obras relativas ao 250º aniversário da cidade de Ouro Preto, que seria comemorado em 1961. Para a aplicação desses recursos foi elaborado o *Plano Especial de Ouro Preto*¹¹. Relatórios enviados pela representação da DPHAN em Ouro Preto para a Direção-Geral do órgão demonstram a execução das obras definidas no *Plano*, que beneficiaram os monumentos religiosos e civis de importância individualizada, como chafarizes, pontes, igrejas e capelas, e alguns conjuntos arquitetônicos civis. Há indícios de que o estudo de 1949 sobre a cidade, realizado em decorrência da campanha em benefício de Ouro Preto, apresentada nesta publicação, pode ter sido levado em consideração nesse novo trabalho, uma vez que alguns imóveis, indicados para serem recuperados em 1949, foram contemplados com os recursos dessa nova verba extraordinária.

Outro momento em que foi dado destaque à preservação de Ouro Preto foi quando, na década de 1960, a DPHAN pediu o apoio da UNESCO para empreender mudanças nos seus trabalhos de proteção ao patrimônio¹². Buscava-se, com essa cooperação, alternativas para a melhoria das condições das cidades históricas, aproveitando seu potencial para o turismo. Em 1966, a UNESCO, atendendo à solicitação da DPHAN, enviou ao Brasil o consultor Michel Parent, Inspetor principal dos Monumentos Franceses. No período de 1966 a 1967, o consultor realizou duas viagens por todo o Brasil, elaborando em seguida um relatório que “[...] passa a constituir a base de toda a atuação futura não só do SPHAN, mas de todo o governo federal com relação ao patrimônio: sua preservação através do planejamento urbano e do aproveitamento turístico” (SANT’ANNA, 1995, p.153).

Um dos resultados imediatos dessa iniciativa foi a visita de outro consultor da UNESCO, o arquiteto português Alfredo Evangelista Viana de Lima, para tratar de Ouro Preto. Viana de Lima fez duas viagens à cidade, no período de 1968 a 1970, que resultaram em relatórios com propostas para a sua preservação e valorização¹³. Sobre os aspectos urbanísticos, o relatório diagnostica núcleos em degradação e zonas verdes dominantes, entre outros. Propõe a construção em algumas áreas urbanas, recuperações e demolições em outras, assim como zonas *non-aedificandi*, zonas de expansão da cidade e um esquema de circulação de veículos. No que diz respeito às intervenções no casario, indica a

11 *PLANO Especial de Ouro Preto*. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro/Série Obras. M.040/ Cx. 200, 201, 202, 203, 204 e Série Obras. M.52/Cxs. 214, 215, 216.

12 Esse período está sendo tratado em outra publicação da *Série Pesquisa e Documentação do IPHAN* sobre a relação de cooperação técnica entre a DPHAN e a UNESCO na década de 1960: PARENT, Michel. *Proteção e valorização do Patrimônio Cultural Brasileiro no âmbito do desenvolvimento turístico e econômico*. Tradução de Rejane Maria Vieira Lobo. Rio de Janeiro: IPHAN, 2008.

13 Os relatórios resultantes das duas viagens de Viana de Lima, em 1968 e 1970, estão disponíveis para consulta no Arquivo Central do IPHAN: LIMA, A.E. Viana de. *Brésil-Renovation et mise en valeur d’Ouro Preto*. Paris: UNESCO, 1970. Original em francês. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Assuntos Internacionais. M066/Cx.076/P.246.

retirada de frontões e platibandas dos imóveis que tinham características de épocas distintas das coloniais, assim como outras medidas semelhantes às orientações dadas pela DPHAN, descritas anteriormente.

Nesse contexto, a DPHAN assume um novo discurso sobre as cidades, como pode ser verificado no texto de Rodrigo M. F. de Andrade, publicado pela UNESCO em 1968 (ANDRADE, 1968). No artigo, Andrade evidencia sua preocupação em acompanhar as novas tendências mundiais de patrimônio e ressalta a necessidade de promover a preservação associada ao planejamento urbano, utilizando no texto, à guisa de exemplo, fotografias e representações cartográficas de Ouro Preto. A partir dessas novas diretrizes, entre 1973 e 1975, foi elaborado o *Plano de Conservação, Valorização e Desenvolvimento de Ouro Preto e Mariana*, pela Fundação João Pinheiro¹⁴, com a participação da DPHAN, do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, IEPHA, e das prefeituras municipais de Ouro Preto e Mariana¹⁵. Esse plano subsidiou a atuação da DPHAN em alguns aspectos, mas nunca chegou a ser implantado na cidade, uma vez que não foi aprovado pela câmara dos vereadores.

Em 1979, ao assumir a direção-geral do IPHAN, Aloísio Magalhães¹⁶ promoveu em Ouro Preto o primeiro seminário do IPHAN com as comunidades de cidades históricas, cujos resultados, entre outros pontos, incluíram o surgimento de várias iniciativas de ação comunitária (MAGALHÃES, 1997, p.39). O Seminário de Ouro Preto foi reconhecido por instaurar “a prática de diálogo com as populações dos centros históricos protegidos” (idem, p.39), tornando-se o primeiro de uma série de eventos que se caracterizaram como instrumento principal de abordagem dos problemas de preservação de sítios urbanos tombados. Cabe ressaltar que, entre 1975 e 1979, Magalhães coordenara o Centro Nacional de Referência Cultural, criado pelo Ministério da Indústria e Comércio, onde foram fecundadas idéias que marcariam sua breve gestão no IPHAN, especialmente a noção de *referência cultural*¹⁷. À luz dessa noção, que “tornou-se marca de uma postura inovadora em relação à noção de patrimônio” (FONSECA, 2001, p.112), Magalhães afirmava que “o melhor guardião de um bem cultural é sempre seu dono” (MAGALHÃES, 1997, p.190).

Pouco tempo depois, em 1980, Ouro Preto foi declarada Patrimônio Mundial pela UNESCO, graças ao empenho de Aloísio Magalhães. Ele investiu na montagem do dossiê e no seu reconhecimento internacional, sem perder de vista os valores universais atribuídos à cidade mineira e, principal-

¹⁴ Trata-se de uma fundação estadual vinculada à Secretaria de Planejamento de Minas Gerais.

¹⁵ O Plano seguiu o rigor técnico exigido na ocasião para um plano urbanístico, incluindo equipe numerosa e multidisciplinar, além da elaboração de um diagnóstico que incluía levantamentos socioeconômicos. Pretendia que a preservação do patrimônio pudesse ser um meio de melhoria das condições de vida das populações locais (PLANO, 1975).

¹⁶ Artista gráfico pernambucano, articulou e coordenou o Centro Nacional de Referência Cultural, de 1975 a 1979, quando foi nomeado Diretor-Geral do IPHAN, cargo esse em que permaneceu até o ano de 1982, quando veio a falecer.

¹⁷ Segundo Maria Cecília Londres da Fonseca, o termo tem sido empregado com base em uma concepção antropológica de cultura, com ênfase na diversidade da produção material e de valores e sentidos atribuídos por diferentes sujeitos a bens e práticas sociais. A noção de referência cultural serviu de base para a definição de patrimônio cultural estabelecida no Artigo 216 da Constituição Federal de 1988, que ampliou o conceito ao falar de bens culturais de natureza material e imaterial (FONSECA, 2001, p.112). Para a autora, quando se fala de referência cultural, se pressupõe, antes de tudo, considerar os “sujeitos para os quais as referências façam sentido” (Idem).

mente, a necessária correlação entre desenvolvimento e cultura frente à realidade sociocultural brasileira. Destacando o caráter exemplar e paradigmático das ações em Ouro Preto para as demais ações institucionais e no campo da preservação no Brasil, Aloísio Magalhães declarava, em 1981:

É preciso trabalharmos com exemplaridade. Se não resolvermos Ouro Preto, é provável que se espalhe a idéia de que não se está cuidando. É preciso que se adquira confiança e autoridade; que se consigam aproximações metodológicas, que se adquiram valores para o nosso lado. O nosso trabalho ainda tem que ser à base de exemplaridade. (MAGALHÃES, 1997, p.193)

A campanha de angariação de fundos particulares em benefício de Ouro Preto e as demais ações relacionadas à preservação da cidade em fins da década de 1940 se mostraram objetos bastante profícuos para o estudo da história da preservação no Brasil. O que surpreende, ao se examinar o conjunto de documentos relacionados à referida campanha, é o fato de que, abraçada pelo poder público, ela visava à obtenção de recursos privados para o pleno exercício das atribuições do Estado. E a análise desse episódio permite que, cerca de sessenta anos depois, se possa vislumbrar uma série de ações articuladas e aspectos da gestão do patrimônio no período.

Pode-se dizer que, originada na capital da República, a campanha envolveu diferentes contatos e estratégias de convencimento para a arrecadação de donativos em favor de Ouro Preto, arrebanhando o apoio de jornais, associações particulares, intelectuais, artistas, empresários e políticos, em eventos da alta sociedade como festas, leilão e espetáculo teatral beneficente. A repercussão que teve tal iniciativa junto à sociedade civil pode ser considerada *sui generis*, ao que se supõe, provocada pelo apelo simbólico que a cidade exercia junto a certos grupos da elite sociocultural brasileira. Semelhante envolvimento pode ser identificado nas iniciativas de senhoras da sociedade, artistas, intelectuais e colecionadores de obras de arte que contribuíram com a constituição dos acervos de museus brasileiros, nas primeiras décadas do século XX. Nesse sentido, sabe-se que o Museu Nacional contava, desde 13 de janeiro de 1937, com a Sociedade dos Amigos do Museu Nacional, fundada naquela data por antigos professores da Instituição¹⁸.

O *Estudo da cidade de Ouro Preto*, realizado pela DPHAN em decorrência da campanha de angariação de fundos em favor da cidade, pode ser considerado um trabalho pioneiro na Instituição devido ao seu caráter sistemático de levantamento de dados, suas análises e esforço classificatório sobre um sítio urbano tombado. Sobretudo, deve ser compreendido em vista de seus objetivos e finalidade, de orientar a gestão da preservação e a priorização na aplicação dos recursos privados arrecadados em 1949. Representação de um momento específico da cidade histórica mineira, trata-se de importante fonte documental para a produção de novos conhecimentos sobre o patrimônio cultural, de reflexões sobre as práticas de preservação e de atualização de concepções de patrimônio, conforme sugerem os documentos e textos organizados nesta publicação.

¹⁸ Conforme o estatuto da Sociedade dos Amigos do Museu Nacional, esta foi criada com o objetivo de auxiliar e apoiar o referido museu em suas atividades científicas, culturais e educativas e em especial visando facilitar o acesso da população à informação científica.

A campanha em benefício de Ouro Preto

JULIANA SORGINE

O poema de Manuel Bandeira que introduz essa publicação oferece indícios da atuação da DPHAN no que se refere à gestão do conjunto arquitetônico e urbanístico tombado de Ouro Preto, em Minas Gerais, na transição da década de 1940 para a de 1950. Se lançado um olhar mais atento sobre a data em que o poema foi escrito – 7 de setembro de 1949 – nos deparamos com uma construção de grande valor simbólico entre as efemérides nacionais brasileiras. Se observada a questão principal de que trata a obra – a necessidade de salvar o casario de Ouro Preto – pode-se perceber elementos da construção discursiva relacionada às políticas de preservação do patrimônio no período (GONÇALVES, 2002)¹⁹. Entre esses elementos, destaca-se a afirmação da antiga capital mineira como símbolo e materialização da nação, a qual, nas palavras de Bandeira, representava a “**nossa** vontade de autonomia”, a “**nossa** arte” e “**nossa** poesia” (Op. cit. Grifo nosso).

Os versos de Bandeira nos convidam à investigação de um curto período inserido na duradoura administração de Rodrigo Melo Franco de Andrade à frente da DPHAN, quando foram realizados: uma campanha de angariação de fundos particulares em benefício do casario da cidade; um estudo da situação do conjunto urbano tombado, feito pelos técnicos da DPHAN, os arquitetos Sylvio de Vasconcellos e Paulo Thedim Barreto e, por fim, uma série de intervenções para a recuperação de exemplares selecionados do conjunto arquitetônico, custeadas com o montante arrecadado na campanha. Sobretudo, foi um momento em que integrantes das elites intelectuais, artísticas, econômicas e políticas do país foram chamados a colaborar com a causa²⁰ da preservação e valorização do patrimônio histórico e artístico nacional (CHUVA, 1998 e GONÇALVES, 2002). Também nesse período a causa da preservação do patrimônio figurou com destaque na pauta dos principais jornais da Capital Federal, estendendo-se a outras regiões do país e do exterior.

As primeiras ações das quais se tem conhecimento, realizadas com objetivo de arrecadar fundos para a recuperação do casario de Ouro Preto, foram empreendidas em meados de março de 1949 pelo diretor-geral da DPHAN, Rodrigo Melo Franco de Andrade e sua esposa, Graciema Melo Franco de Andrade. Do que se pode depreender da declaração concedida pelo diretor-geral à imprensa de São Paulo e do Rio de Janeiro²¹, em princípios da década de 1940, a gestão do patrimônio histórico de

¹⁹ A respeito das duas principais narrativas construídas sobre o patrimônio cultural brasileiro, assim como dos contextos socio-políticos em que foram produzidas, recomenda-se a leitura de GONÇALVES, 2002, capítulo 2.

²⁰ Os precursores da implantação das políticas oficiais de preservação do patrimônio cultural no Brasil, nas décadas de 1940 e 1950, compreendiam sua ação como uma “causa” nacionalista, uma missão de convencimento da singularidade e da importância da preservação do patrimônio nacional, genuíno, porém integrado ao que se entendia à época como “obra da civilização ocidental”.

²¹ ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de. *Entrevista concedida ao* Correio da Manhã. 12/10/1940. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/ Série Inventário. M024/Cx.210/P.01; *Entrevista concedida ao* Estado de São Paulo. 6/11/1940; *Entrevista concedida ao* Diário de Notícias. 12/10/1940; e *Entrevista concedida ao* Correio da Manhã. 12/10/1940. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/ Série Inventário. M024/Cx.0210/P.01/E.01,02,03.

Ouro Preto era marcada pela insuficiência de recursos federais para a atuação da DPHAN, aliada à exigüidade dos recursos municipais e à impossibilidade financeira de os proprietários arcarem com a conservação do casario. E, em fins da década, diante de uma situação em que a dotação orçamentária ordinária não atendia às necessidades de reparação emergencial daquele conjunto arquitetônico²², recorreu-se à estratégia de levantar fundos particulares para o seu socorro.

A iniciativa do casal Melo Franco de Andrade pode ser mais bem compreendida à luz das considerações acerca da atuação do grupo de intelectuais mineiros identificados com o movimento modernista os quais, ainda que mais ou menos envolvidos com a vida política brasileira nas décadas de 1920 e 1930 (MICELI, 1979), imprimiam à sua atuação um sentido de “constituírem uma elite intelectual e com vocação do espírito público” (FONSECA, 2005, p.93), que se incumbiria, sobretudo, de um “senso de dever” (Idem), vinculado às disputas para definir no país uma identidade nacional. E com destaque, em meio a esse grupo, Rodrigo Melo Franco de Andrade se colocava não somente no lugar de dirigente e personalidade pública associada à preservação do patrimônio cultural, mas de personificação dessa causa (GONÇALVES, op. cit.) responsável por convencer e trazer o restante da sociedade para o que compreendia como uma missão.

O diretor-geral acrescentava que, em vista da referida insuficiência orçamentária de que dispunha, pedidos de crédito especial para Ouro Preto eram feitos ao Congresso Federal²³ sem obterem sucesso. Aos que insistiam para que fossem feitas novas solicitações de verbas públicas²⁴, tais como o conterrâneo do diretor-geral do Patrimônio, Alfredo Siqueira Filho²⁵, Rodrigo Melo Franco argumentava que, ao menos em 1949, estas dificilmente seriam atendidas, pois naquele ano estava sendo comemorado o 400º aniversário da cidade de São Salvador da Bahia e, por esse motivo, o congresso federal liberara a quantia de Cr\$ 20 milhões destinados à recuperação dos monumentos da capital baiana, tornando politicamente complicado conseguir o mesmo em favor de Ouro Preto.

O expediente legal utilizado no amparo à iniciativa de angariação de fundos privados em benefício do casario de Ouro Preto foi o decreto-lei 2.809 (MEC; DPHAN, 1987)²⁶, de 23 de novembro de 1940, que dispunha sobre a aceitação e aplicação de donativos particulares pelo, então, Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. A criação desse decreto-lei guarda relação com um episódio nos primórdios da atuação do SPHAN, em que houve semelhante emprego de donativos

22 Ao que tudo indica, não se tratava de um problema restrito à cidade de Ouro Preto, sendo que a questão da dotação orçamentária dispensada à atuação da instituição de preservação do Patrimônio como um todo ainda está por merecer um estudo específico, seja no que se refere à distribuição de recursos por diferentes tipos de ação institucional, de bens ou de regiões do país, em diferentes momentos de sua trajetória.

23 O próprio Rodrigo Melo Franco encaminha solicitação à Comissão de Finanças do Congresso Federal, em 21 de outubro de 1949. ANDRADE, Rodrigo Melo Franco. *Carta ao deputado Horácio Lafer*. 21/10/1949. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Obras. M040/Cx. 195/Pasta 861.4/Doc.199.

24 VIANNA, Fernando de Mello. *Carta a Rodrigo Melo Franco de Andrade*. 12/5/1949. Arquivo Central do IPHAN. Seção Rio de Janeiro/Série Obras. M040/Cx. 195/P. 861.1/Doc.4.

25 Citado por ANDRADE, Rodrigo Melo Franco. *Carta ao Deputado Horácio Lafer*. 21/10/1949. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Obras. M040/Cx. 195/Pasta 861.4/Doc.199.

26 Decreto-lei 2.809, de 23/11/1940, que dispõe sobre a aceitação e aplicação de donativos particulares pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

particulares em favor do patrimônio histórico de Porto Seguro, por ocasião da comemoração dos 439 anos da chegada de Pedro Álvares Cabral à região (BAHIA, 1940). Os registros dessa primeira iniciativa indicam que os *Diários Associados* – eminente conglomerado da comunicação no Brasil do século XX dirigido pelo jornalista paraibano Assis Chateaubriand – promoveram uma subscrição entre particulares para levantar fundos visando, nas palavras do chefe do SPHAN, à “reparação, conservação e restauração dos monumentos históricos e artísticos de Porto Seguro”²⁷ (ANDRADE, 1987, p.34). Denominada a “revoada de maio”, a campanha que iniciou pelas mãos dos *Diários Associados* foi “convertida em iniciativa da União”(idem, p.35), por meio do SPHAN, quando se tratou da adequada aplicação dos recursos angariados. No caso de Porto Seguro, foi o próprio chefe do Serviço que viajou à região, acompanhado do arquiteto José de Sousa Reis e de um fotógrafo, para inspecionar os trabalhos realizados com o montante angariado²⁸. Conforme relato de Rodrigo Melo Franco, dessa viagem de inspeção, que abrangeu outras cidades do nordeste brasileiro, foram produzidas 1.200 fotografias, além de levantamentos topográficos e notas de trabalho (Id. *ibid.*).

Na iniciativa referente a Ouro Preto, em 1949, o casal Melo Franco de Andrade apelou pessoalmente aos membros dos seus círculos de relacionamento pessoais e profissionais para que doassem verbas destinadas à preservação do casario. As requisições de colaboração foram feitas por meio de correspondência emitida em nome da Diretoria-Geral do Patrimônio, entregue em encontros sociais pelas mãos de Graciema Melo Franco de Andrade ou pelo próprio diretor, a renomados intelectuais, políticos e artistas relacionados ao casal. Foram contatadas personalidades da política como o senador Fernando de Mello Vianna, à época vice-presidente do Senado Federal, artistas e intelectuais como o pintor Cândido Portinari, o escritor Pedro Nava, o arquiteto Paulo Santos, entre outros.

Partindo dos círculos sociais mais próximos ao casal Melo Franco de Andrade, logo o apelo em favor de Ouro Preto foi estendido a outros representantes de famílias tradicionais, tais como a do advogado Arthur Bernardes Filho, herdeiro do antigo Presidente da República e, ainda, dos Orleans e Bragança, Carneiro de Mendonça, Gastão da Cunha Penido, Alves Proença, Pires Brandão, Abreu Fialho, entre outros²⁹. É possível perceber uma ambivalência no tratamento dado à campanha, referida na correspondência entre Rodrigo Melo e os doadores, como uma iniciativa a um só tempo institucional e pessoal. E como veremos adiante, foram proferidas duras críticas especificamente a esse caráter dado à campanha.

Muitos políticos, empresários e intelectuais responderam positivamente à solicitação, a partir de maio de 1949. Às respostas anexavam cheques de variadas quantias, endereçadas diretamente ao gabinete da Diretoria do Patrimônio, localizado no edifício do Ministério da Educação e Saúde Pública³⁰, 8º andar, sala 801, esplanada do Castelo, na Capital Federal.

²⁷ Declaração concedida por Rodrigo Melo Franco de Andrade ao periódico *O Jornal*, do Rio de Janeiro, em 1/9/1939.

²⁸ Interessante observar que, em 1939, Porto Seguro não possuía nenhum bem protegido pelo SPHAN.

²⁹ Grande parte desses nomes pode ser identificada na listagem anexa referente aos doadores do leilão em benefício de Ouro Preto, episódio a ser analisado mais adiante, realizado na capital federal, em 14 de outubro de 1949.

³⁰ O antigo edifício do MES, hoje denominado Palácio Gustavo Capanema, ainda abriga uma representação do gabinete da presidência do IPHAN no Rio de Janeiro, além de parte da área técnica central, arquivo e biblioteca centrais, originários do período de criação da instituição. Para maiores informações sobre a construção do edifício do ministério ver LISSOVSKY e SÁ, 1996.

Paulo Santos
Engenheiro Arquiteto
Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, 5 de Maio de 1949

Prezado Senhor

Cordial saudação

Acuso o recebimento do officio dêsse Patrimônio, datado de 11 do p.p., de que V. S. se serviu para solicitar apoio material para as obras de conservação dos bens de Arte da tradicional cidade de Ouro Preto.

Lamento que uma indisposição persistente me tenha impedido de responder, com a presteza que desejava, a esse officio, que recebi com muito agrado, não só porque me solidarizo de coração com a nobre causa que através d'êle se advoga, como ainda pela razão, a que empresto significação muito particular e que muito me honra, de me ter êle chegado as mãos através da Exma. Snra. Mele Franco.

Não sei si com o pequeno grão de areia que junto lhe estou enviando estarei correspondendo a sua expectativa, de vez que ignoro a magnitude do empreendimento e a extensão das contribuições com que espera fazer-lhe face.

De qualquer modo, dentro das minhas fracas possibilidades, continuo à disposição de V. S. a quem, apresento, com o apreço e a admiração de sempre, os meus mais

atenciosos e cordiais
cumprimentos

Paulo Santos

Rua Visconde de Albuquerque, 836

Illmo. Snr.
Dr. Rodrigo M.F. de Andrade
DD. Diretor Geral do Patrimônio
Historico Artístico Nacional

Houve ainda quem disponibilizasse, em vez ou além de recursos financeiros, canais de influência política e sugestões para a ampliação da campanha. A exemplo do vice-presidente do senado federal, antigo vice-presidente da República e representante das elites mineiras, senador Fernando de Mello Vianna, que em correspondência ao diretor-geral do Patrimônio, em 12 de maio de 1949, manifesta sua descrença na eficácia da estratégia de angariar fundos particulares em benefício de Ouro Preto, mas disponibiliza seu poder de influência dentro do senado, prontificando-se a realizar uma campanha legislativa em favor da mesma causa:

Em resposta ao apelo que me dirigiu, em favor da conservação de bens de arte e história existentes em Ouro Preto, devo observar-lhe que não acredito muito poderem as contribuições pessoais, nesta época de abertura econômica, cobrir as despesas necessárias à reparação das referidas obras de arte. Assim, peço-lhe fornecer-me um orçamento que seja necessário, em obras discriminadas para que eu faça uma campanha legislativa em favor das mesmas, obtendo a verba indispensável, o que não se me afigura tão difícil (op. cit.).

Ou ainda o advogado Arthur Bernardes Filho, herdeiro do antigo presidente da República, que em 12 de julho de 1949 escreve a Rodrigo Melo Franco dizendo:

Estou realmente disposto a fazer qualquer coisa de prático e que possa reverter em imediato socorro do patrimônio histórico da nossa velha cidade, seja no setor da administração pública, seja no das nossas relações sociais. [...] Lembrar-lhe-ia, fora qualquer iniciativa junto aos poderes públicos, a organização de uma comissão composta de mineiros ilustres, sob sua presidência, para encetar um movimento de grande envergadura junto à colônia mineira e as classes conservadoras, para obtenção desses recursos³¹.

Os movimentos iniciais da campanha foram feitos junto a indivíduos oriundos de Minas Gerais, entre eles e com destaque os integrantes dos já referidos círculos intelectuais e artísticos aos quais pertencia o casal Melo Franco de Andrade, mas também instituições e empresas localizadas em Minas Gerais ou identificadas com o estado, potencialmente mais suscetíveis àquele apelo específico, como era o caso da exportadora de café Mutzenbecher, Bruno e Cia., do Banco Mineiro de Produção S.A e da Sociedade de Amigos de Ouro Preto³².

Há registros documentais de doações³³ feitas em favor de Ouro Preto por indivíduos externos aos círculos sociais de Rodrigo Melo Franco de Andrade e, ainda, de fora do país. Edith Guimarães

31 BERNARDES Filho, Arthur. *Correspondência a Rodrigo Melo Franco de Andrade*. 12/7/1949. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Obras. M040/Cx. 195/P. 861.1/Doc.5.

32 MUTZENBECKER. *Carta a Rodrigo Melo Franco de Andrade*. 11/8/1949. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Obras. M040/Cx. 195/P. 861.1/Doc.7. BATISTA, Miguel. *Carta a Rodrigo Melo Franco de Andrade*. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Obras. M040/Cx. 195/P. 861.1/Doc.8. *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, 16/9/1949. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Inventário. AA01/M024/Cx. 0213/P. 001,002,003/Env. 1 a 6.

33 Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Obras. AA01/M040/Cx. 195/P. 861.2/Docs 119, 122, 125 e 129.

Machado³⁴, professora da cidade de Uberlândia, Minas Gerais, depois de ter tido conhecimento da campanha por meio de crônicas de Rachel de Queiroz³⁵ e José Lins do Rego³⁶ – as quais serão tratadas mais adiante, levou a notícia aos alunos do grupo escolar em que lecionava e juntos levantaram a quantia de cem cruzeiros, remetida ao diretor-geral do Patrimônio. Rodrigo Melo Franco respondeu pessoalmente à carta da professora, assim como fizera com os demais doadores. O segundo registro era a carta de um escritor mineiro, João de Minas³⁷, que soube da campanha através de crônica de Murilo Mendes³⁸, e enviou carta a Graciema Melo Franco de Andrade perguntando como deveria fazer para contribuir com a campanha. Um terceiro registro foi a missiva de Gutemberg Peixoto, vinda de Recife, dizendo-se patricio e defensor da causa defendida pelos Melo Franco de Andrade e assim declarava:

Atendendo ao apelo feito pela notável escritora Raquel de Queiroz, através de sua crônica habitual no *Cruzeiro* de 24 de setembro, para que não se deixe desaparecer uma parte da cidade de Ouro Preto [...] venho depositar em suas mãos o cheque anexo, do Banco do Brasil, de valor de Cr\$ 200,00 [...]. Relevará V. Excia a insignificância desta contribuição que, longe de estar à altura do fim a que se destina, tem por objetivo demonstrar o interesse de um modesto nordestino pela preservação de tão valioso patrimônio de nossa terra comum³⁹.

Há referências ainda de que notícias da ação em benefício de Ouro Preto foram veiculadas pela rádio BBC de Londres, em um crônica intitulada “Carta do Brasil”⁴⁰. E por meio de correspondência de cujo remetente só nos foi possível identificar a região de onde escrevia, consta que os apelos em favor de Ouro Preto chegaram a um pequeno povoado, Vila de Cucujães, em Portugal⁴¹.

34 MACHADO, Edith Guimarães. *Correspondência a Ana de Melo Franco*. 4/11/1949. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Obras. M040/Cx. 195/P. 861.2/Doc. 119.

35 Consta que a crônica produzida por Rachel de Queiroz intitulada “Aqui Del Rey por OP” foi publicada tanto na revista *O Cruzeiro* como no jornal *O Diário de Notícias*, em 4/8/1949. Um exemplar deste último periódico encontra-se disponível no Arquivo Central do IPHAN. QUEIROZ, Rachel. “Aqui Del Rey por OP”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 4/8/1949. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Inventário. M024/Cx. 0213/P. 001,002,003.

36 REGO, José Lins. “Os ricos e OP”. *O Globo*. Rio de Janeiro, 14/10/1949. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Inventário. M024/P04/Cx. 0213/P. 001,002,003/Env. 1 a 6.

37 Pseudônimo do poeta mineiro Ariosto Palombo, nascido em Ouro Preto em 1896 e falecido em Boituva, SP, em 1984. Veja ALMEIDA, 2008. MINAS, João. *Carta a Graciema Melo Franco de Andrade*. s.d. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Obras. M024/Cx. 195/P. 861.2/Doc.125.

38 MENDES, Murilo. “OP ameaçada”.s.n., s.d. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Inventário. M024/Cx. 0213/P. 001,002,003/Env. 1 a 6.

39 PEIXOTO, Gutemberg. *Carta a Ana de Melo Franco*. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/ Série Obras. M024/Cx. 195/P.861.4/Docs. 203 e 204.

40 BAKER, R.B. *Correspondência a Rodrigo Melo Franco de Andrade de R.B. Baker*. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Obras. M024/ Cx. 195/P.861.2/Doc. 117.

41 Carta de remetente desconhecido, enviada em 10 de dezembro de 1949 de Vila de Cucujães, Portugal, encaminhando 50 cruzeiros para a recuperação de Ouro Preto. *CARTA de remetente desconhecido a Rodrigo Melo Franco de Andrade*. 10/12/1949. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Obras. M024/Cx. 195/P.861.2/Doc. 129.

Outra estratégia empregada na arrecadação de fundos em benefício de Ouro Preto consistiu na emissão e venda de vinhetas postais “de propaganda ou de beneficência”⁴², contendo imagens de Ouro Preto. Em resposta aos apelos do diretor-geral do Patrimônio Histórico, foram envolvidos e mobilizados outros segmentos da estrutura do Estado na cooperação com Ouro Preto, de modo que a Comissão Filatélica do Departamento de Correios e Telégrafos, pertencente ao Ministério de Viação e Obras Públicas, aprovou e regulamentou a emissão das vinhetas; a Imprensa Nacional as estampou e estas foram comercializadas pelos Correios em todo o país. Em correspondência datada de 10 de agosto de 1949, o diretor-geral do Departamento dos Correios, tenente-coronel Landry Salles, comunica ao diretor-geral do Patrimônio a forma como deveriam ser feitas as vinhetas:

Tais vinhetas de propaganda ou de beneficência devem ser confeccionadas de molde a não se confundirem com os selos postais e não podem ser aplicadas no lado reservado ao endereço, devendo ser coladas no verso das sobrecartas e ainda assim fora dos respectivos fechos, a fim de não encobrirem possíveis vestígios de violação da correspondência. Faz-se mister ainda, que se diminua o tamanho das vinhetas [...] evitando-se, dessa forma, os inconvenientes apontados, tudo levando-se em vista a alta finalidade objetivada com a propaganda e defesa do nosso patrimônio artístico. (Idem)

A venda das vinhetas postais era, segundo o diretor-geral do Patrimônio, uma maneira de ampliar a campanha em benefício de Ouro Preto, já que tais selos seriam vendidos nas agências dos Correios e Telégrafos por todo o país, a preços considerados módicos.

A esperada repercussão da venda de vinhetas postais se deu tanto de forma favorável como desfavorável aos intuítos de Rodrigo Melo Franco de Andrade e seus colaboradores. Foram variadas as manifestações de apoio e repúdio a essa iniciativa específica e em relação à campanha como um todo. Pode-se ter acesso a essas manifestações por meio da imprensa da Capital Federal e mesmo de outras unidades da federação. A exemplo do artigo publicado em 10/9/1949, pelo periódico vespertino fluminense *O Mundo*, em cuja manchete se dizia: “Pede esmolas o Ministro da Educação. Vergonhoso atestado da desorganização a que chegou a administração pública – é com espórtulas do povo que querem reconstruir OP. – Pretendem proclamar a falência do tesouro?”⁴³

Tal artigo, que trazia uma reprodução da vinheta postal com a chamada “Protejamos Ouro Preto”,⁴⁴ destacava a repercussão que a campanha teve nos meios culturais, afirmando que a mesma seria conveniente e digna de aplausos, não fosse pelo fato de ser patrocinada por um órgão da admi-

⁴² SALLES, Landry. *Carta a Rodrigo Melo Franco de Andrade*. 10/8/1949. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Obras. M024/Cx. 195/P.861.1/Doc.6 frente e verso.

⁴³ No período de 1946 a 1950, o advogado e jornalista baiano Clemente Mariani Bittencourt chefiou o Ministério da Educação e Saúde Pública, ao qual a DPHAN estava vinculada. Figura bastante atuante no cenário político nacional, vinculado ao PSD baiano desde princípios da década de 1930, Mariani ausentou-se do cenário político brasileiro durante a ditadura varguista, vindo a suceder Gustavo Capanema no MES após o fim do Estado Novo. Ver ABREU (org.), 2001.

⁴⁴ *O Mundo*. Rio de Janeiro, 10/8/1949. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Inventário. M024/P04/Cx. 0213/P. 001,002,003.

nistração pública, a DPHAN, incumbido justa e exclusivamente de cuidar da preservação e conservação dos monumentos históricos do país, “dispondo para isso de verba própria e pessoal especializado”. O artigo questionava a competência da atuação da Diretoria do Patrimônio, órgão estatal que à época contava com mais de dez anos de existência, e criticava duramente a realização de semelhante “apelo à caridade”. Estendia a crítica à política do Ministério da Educação e Saúde Pública (MES), sobretudo no que se referia ao orçamento destinado à preservação do patrimônio histórico no país, avaliando a iniciativa da DPHAN como “desmoralização do poder público”, fruto do “descaso reinante em todos os ramos de administração pública” (idem). Era argumentado, ainda, que se os custos com a recuperação de Ouro Preto eram estimados em Cr\$ 40 milhões e o orçamento anual da Diretoria do Patrimônio não ultrapassava 2 milhões, não seria com a arrecadação da venda de vinhetas postais que o casario da cidade seria recuperado. Declarava, por fim, que enquanto o ministro da Educação e Saúde, Clemente Mariani, “passava a sacolinha” – alusão à campanha – “através de seus auxiliares imediatos” – referência a Rodrigo Melo Franco de Andrade –, eram gastos milhões de cruzeiros em “obras supérfluas ou adiáveis”.

Semelhante à matéria publicada em *O Mundo*, foi a veiculada em 11/9/1949, no *Correio da Manhã*, jornal de grande circulação do Rio de Janeiro, reconhecido desde sua fundação, no início do século XX, por seu papel sistematicamente oposicionista aos governos estabelecidos, “combativo e participativo” (SODRÉ, 1966, p. 326) no cenário político nacional. Sob o título “Não basta capinar Ouro Preto”, o artigo ironizava a campanha em benefício de Ouro Preto, dizendo que o ministro da Educação e Saúde a fizera visando atender a um movimento de senhoras da sociedade interessadas em manter Ouro Preto “embalsamado”. Para isso, acrescentava com ironia, haviam sido criados os selos de um cruzeiro, com cuja venda se “esperava consertar as janelas quebradas”, ou “as paredes ruídas das casas”, ou ainda, capinar “as ruas por onde passou Gonzaga”. Mais ainda, por meio da construção de uma curiosa analogia entre o estado da cidade de Ouro Preto e o de um doente terminal, criticava a política de preservação da cidade afirmando que o “remédio oficial” – no caso, referência à atuação da DPHAN – não ergueria o “doente”, porque o “estado de desgraça” em que ele se encontrava exigia “tratamento geral”. Criticava a longa postura de abandono da cidade, dizendo que para mobilizar os responsáveis pela coisa pública deveriam armar um “pânico” em torno do “doente às portas da morte”, já que a “injeção” demorava a chegar. Segundo o artigo, a campanha em benefício de Ouro Preto era classificada como a “ação de um grupo de vozes mais ou menos prestigiosas” postas a “choramingar”, apropriando-se de uma cidade de todos, à qual se referiam como uma “coisa sua”.

E pelo entendimento expresso no periódico a respeito da campanha, os participantes deste movimento equivocavam-se ao se dizerem todos “amantes” de Ouro Preto, quando não se tratava apenas de evitar a destruição de “um monte de casas velhas” tomadas como “álbum querido” para algumas pessoas, mas de se preservar uma “verdadeira fotografia mostrada aos descendentes do país” (Idem). E acrescentava que, talvez, essa demonstração de “afeto exacerbado” de alguns indivíduos por Ouro Preto tivesse causado a atitude de desobrigação do governo federal em relação à conservação de seu patrimônio colonial. Por fim, era afirmado que a campanha jamais conseguiria arrecadar o montante necessário para socorrer a cidade, através da venda de selos e que Ouro Preto só se recuperaria se fosse conseguida a abertura de crédito especial.

Como reação às críticas da imprensa à ação da DPHAN, o diretor-geral do Patrimônio elaborou cartas com “retificações elucidativas”,⁴⁵ pessoalmente enviadas aos diretores dos jornais e teve suas respostas prontamente publicadas⁴⁶, as quais, em conjunto com as matérias que trouxeram as críticas, consistiram em verdadeira batalha retórica, cujo tema central girava em torno da questão da atuação da Diretoria na cidade de Ouro Preto.

Na resposta enviada ao periódico fluminense *O Mundo*, Rodrigo Melo Franco respondeu ponto a ponto as críticas feitas à campanha, ratificando a importância de seu empreendimento, tendo em vista as limitações orçamentárias a que a DPHAN estava submetida e a necessidade urgente de se intervir sobre o casario de Ouro Preto. Nesse ponto, como trataremos adiante, o diretor fez a ressalva de que os grandes monumentos de Ouro Preto – igrejas, edifícios públicos civis, pontes e chafarizes – eram beneficiados regularmente pela ação da Diretoria, não estando sob risco de ruína. Especificou, ainda, que era o casario residencial, cujos proprietários pertenciam a setores financeiramente menos favorecidos, que necessitava reparação. Trazendo para a sua Diretoria a responsabilidade pela iniciativa, Rodrigo Melo Franco refutou a suposta liderança do ministro da Educação e Saúde Pública na campanha. Sobre isso afirmou:

Trata-se de uma situação de emergência que levou, não o ministro da Educação, mas a Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional a valer-se de um dispositivo de lei que lhe faculta recorrer ao concurso de todos os brasileiros para atender às providências reclamadas⁴⁷.

O jornal *O Mundo* prontamente respondeu, em matéria que ratificava a crítica feita anteriormente e afirmava achar “estranho tal procedimento, pois ignorava que competisse também ao povo, a manutenção de patrimônios históricos. Criticamos mesmo a emissão de selos” (op. cit.).

Ao *Correio da Manhã*, por sua vez, o diretor do Patrimônio creditou a iniciativa da venda de vinhetas postais a um grupo de “gentilíssimas senhoras de engenheiros diplomados pela Escola de Minas”. E ao responder à acusação de que a campanha desmoralizava o poder público, argumentou:

O apelo ao concurso particular não constitui, como se vê, iniciativa extravagante ou estranhável, que comprometa a circunspeção de um serviço público, ou muito menos, de um Ministério. As contribuições de origem privada para obras dessa natureza são frequentes nos países civilizados, e delas esta mesma repartição já se utilizou, entre nós,

⁴⁵ ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de. Cópia da carta ao diretor do *Correio da Manhã*. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Obras. M024/Cx. 195/P.861.1/Docs. 26 ao 28 e *Cópia da carta ao diretor do jornal O Mundo*. 12/9/1949. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Obras. AA01/M024/Cx. 195/P.861.1/Docs. 29 ao 32.

⁴⁶ Artigos: “A conservação do conjunto arquitetônico de Ouro Preto”. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 14/9/1949; “‘Pede esmolas o Ministro da Educação’: carta esclarecedora do Diretor do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Sr. Rodrigo Melo Franco de Andrade, a propósito de Ouro Preto”. *O Mundo*, Rio de Janeiro, 13/9/1949. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Inventário. M024/Cx. 0213/P. 001,002,003.

⁴⁷ ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de Andrade. *Cópia da Carta ao diretor do jornal o Mundo*. 12/9/1949. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Obras. M024/Cx. 195/P.861.1/Docs. 29 ao 32.

para trabalhos consideráveis de reparação de monumentos antigos executados há anos em Porto Seguro⁴⁸.

Outros tantos periódicos da Capital Federal questionaram a legitimidade da campanha⁴⁹, mas resguardaram de críticas a atuação da Diretoria do Patrimônio e de seu diretor. Afirmavam que a iniciativa de “pedir esmolas” (idem) poderia ser justificada pelo orçamento muito reduzido ao qual a instituição de preservação estava relegada, e demonstrava adesão e simpatia à narrativa salvacionista defendida pelos agentes de preservação, de que era válido empregar até os últimos recursos possíveis em socorro do “tesouro nacional” (id., ibid.), na ocasião e por muito tempo categoria paradigmaticamente associada a Ouro Preto⁵⁰.

É notável como, na referida ocasião, alguns dos discursos, questões e debates mais prementes relacionados às ações e políticas de preservação do patrimônio histórico no Brasil foram apropriados de diversas formas, por meio da imprensa. Nesse sentido, os jornais, principalmente os que circulavam na Capital Federal, constituíram-se em importantes espaços de disputa e de disseminação dessas questões.

Um dos argumentos mais empregados nas críticas à ação beneficente era de que a instituição de preservação do Patrimônio gastava dinheiro e atuava em Ouro Preto de forma “descuidada”⁵¹. De modo a reforçar essa acusação, foi recuperada a questão polêmica relacionada à construção do Grande Hotel de Ouro Preto, relatada anteriormente⁵².

Alguns periódicos, ao comentarem sobre a exigüidade orçamentária disponível à DPHAN, trouxeram à discussão a possibilidade da exploração turística de Ouro Preto⁵³. Em matéria da *Revista da Semana*, por exemplo, havia sugestões para que se cobrasse uma “taxa turística” a cada visitante, formando um fundo monetário para a restauração e conservação de seus monumentos⁵⁴. Era afirmado, inclusive, que se os poderes públicos quisessem, transformariam Ouro Preto em uma cidade como Lourdes, Meca ou o Vaticano, tirando-a da condição de “recanto apodrecido” (idem).

48 Menção ao episódio supra citado da “Revoada de Maio”. ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de Andrade. *Cópia da Carta ao diretor do Correio da Manhã*. 12/9/1949. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Obras. AA01/M024/Cx. 195/P.861.1/Docs. 26 ao 28.

49 Matérias em periódicos que circulavam na Capital Federal tais como *O Diário de Notícias*, *A Noite*, *A Manhã*, *Diário Carioca*, *Jornal do Comércio*, *Jornal do Brasil*, *A Notícia*, *A Vanguarda*, *Revista da Semana*, *O Globo*, os quais podem ser consultados no Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Inventário. M024/Cx. 0213/P. 001,002,003/Env. 1 a 6.

50 A respeito da construção narrativa do estilo barroco como símbolo maior da identidade nacional, consultar a obra de SANTOS, 1992.

51 “Cidade-mendiga”. *A Notícia*. Rio de Janeiro, 27/9/1949, intitulada”. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Inventário. AA01/M024/Cx. 0213/P. 001,002,003/Env. 1 a 6. A resposta ao artigo foi dada pelo diretor do Patrimônio em carta enviada ao jornal em 28/9/1949. ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de Andrade. *Cópia da Carta ao diretor do jornal A Notícia*. 28/9/1949. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Obras. M024/Cx. 195/P.861.1/Docs. 65 a 67.

52 Veja capítulo “A campanha em benefício de Ouro Preto”.

53 Sobre a questão recomenda-se a leitura da obra de AGUIAR, 2006.

54 *Revista da Semana*. Rio de Janeiro, 1/10/1949. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Inventário. M024/Cx. 0213/P. 001,002,003/Env. 1 a 6.

Houve ainda manifestações na imprensa que se colocavam inteiramente de acordo com a iniciativa da DPHAN, prontificando-se a apoiá-la e divulgá-la a um público mais amplo. São esses os casos das crônicas, textos e notas escritos por literatos renomados, tais como Manuel Bandeira, Rachel de Queiroz, José Lins do Rego, Murilo Mendes e Carlos Drummond de Andrade⁵⁵.

Ainda que essa colaboração não se tenha revertido significativamente no levantamento de fundos destinados à restauração do casario, ela serviu como instrumento de divulgação e popularização, dentro dos limites da circulação desses jornais, da já referida “causa” da preservação do patrimônio, um pouco mais de dez anos depois de institucionalizada a agência federal por ele responsável. Não à toa, na argumentação utilizada pelos intelectuais renomados que se puseram a serviço da campanha e no material veiculado pela imprensa em 1949, encontramos repetidas vezes termos e expressões como “ação patriótica”, “cidade-memória”, “cidade-monumento”, “cidade ilustre”, “manual de história”, “fotografia do passado”, entre outras, utilizadas na adjetivação de Ouro Preto e reproduzidas para justificar a realização da campanha.

Assim se pode verificar em trecho da crônica de Rachel de Queiroz intitulada “Aqui D’El Rey por Ouro Preto”, publicada em 4/8/1949 no periódico fluminense *Diário de Notícias*:

Homens ricos deste país, auxiliem Ouro Preto. Não deixem cair por terra a cidade monumento; já que o governo não dispõe de dinheiro para salvar a antiga capital do ouro, salvem-na os particulares, que poderão realizar obra extraordinariamente meritória com pouquíssimo dispêndio. Quem quer que se interesse por arte, não pode ver sem remorsos cair em ruínas a cidade de Aleijadinho⁵⁶.

Apenas um entre os periódicos que trataram da campanha se destacou por apresentar uma argumentação diferenciada e, de certo modo, original em relação aos demais. Foi a matéria do jornal *O Diário*⁵⁷, de Belo Horizonte, do dia 13/9/1949. Nesta, o repórter, enviado à cidade de Ouro Preto, afirmava que a população *ouropretana* sentia-se ofendida com o teor das notícias publicadas a respeito da cidade, alardeando estar a mesma em estado avançado de ruína. Segundo a reportagem, para aquela população, esse tipo de notícia possuía um “caracter maligno” aos interesses da cidade, que estaria em plena “fase de progresso”. O repórter encerrava sua narrativa, referindo-se à campanha liderada pelo diretor do Patrimônio da seguinte maneira:

Existe, na verdade, um movimento na capital da República destinado a angariar fundos para a reconstrução de algumas casas antigas de Ouro Preto, mas isso não significa de maneira alguma que Ouro Preto esteja em ruínas, necessitando até de auxílio para ser

⁵⁵ Reunidos no Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Inventário. AA01/M024/Cx. 0213/P. 001,002,003/Env. 1 a 6.

⁵⁶ *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 4/8/1949. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Inventário. M024/Cx. 0213/P. 001,002,003/Env. 1 a 6.

⁵⁷ “Para salvar Ouro Preto da ruína. Escreve-nos sobre a notícia por nós publicada o nosso correspondente naquela cidade”. *O Diário*. Belo Horizonte, 13/9/1949. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Obras. M024/Cx. 195/P.861.1/Doc. 34.

“salva da ruína”, [...] Não significa que se vá salvar Ouro Preto da ruína, mas sim, salvar o aspecto colonial de Ouro Preto, que se encontra ameaçado de ser substituído pela urbanização moderna. (Idem)

É com apuro que o repórter percebe e relata os interesses e valores em disputa na preservação do patrimônio histórico de Ouro Preto: os valores construídos e reproduzidos pelas narrativas do patrimônio competindo com os valores produzidos e multiplicados pelas narrativas associadas ao processo de modernização industrial; os valores e interesses de uma elite intelectual de origem mineira, há muito residente na capital federal e comprometida com a política de preservação do patrimônio e seus símbolos, em oposição aos interesses e valores dos habitantes do conjunto histórico, diante de outras dimensões de seu município, que não as relativas à preservação do patrimônio. Nesse sentido, é possível perceber de modo geral, que a campanha foi empreendida à revelia da participação dos habitantes da cidade, principalmente, da parcela da população menos favorecida financeiramente, proprietária de parte do casario que se previa restaurar com o dinheiro arrecadado. Enquanto isso, para os doadores da campanha, residentes em sua maioria na capital federal, colaborar com o financiamento da recuperação do patrimônio histórico e arquitetônico nacional significava capitalizar-se simbolicamente, integrando-se a partir de então ao “rol dos sabidos” (CHUVA, op. cit., p.146). Para aqueles já integrados ao “rol”, como muitos dos intelectuais envolvidos nesse episódio, era de todo modo uma forma de reafirmar a sua pertença.

Conforme as doações iam se avolumando, tornou-se imperativo o cumprimento das normas impostas pelo decreto-lei 2.809, de 23/11/1940, que dispunha sobre a aceitação e aplicação de doativos particulares pela DPHAN. O decreto-lei estabelecia que as doações deveriam ser depositadas em conta corrente especial do Banco do Brasil, aberta em nome da Diretoria do Patrimônio, sendo posteriormente aplicadas nas obras segundo um plano previamente aprovado pelo presidente da República, salvo se os próprios doadores determinassem e destinassem a quantia doada. Não sendo esse o caso da campanha de Ouro Preto – cujos doadores sabiam que o dinheiro seria investido na recuperação daquela cidade, mas não sabiam precisamente em que bens ou em que tipos de serviço – caberia ao diretor do Patrimônio solicitar do ministro autorização para a utilização do dinheiro, e ao ministro caberia requisitar a aprovação do presidente da República.

Rodrigo Melo Franco de Andrade solicitou então a abertura de uma conta especial no Banco do Brasil⁵⁸, no que foi atendido e ainda agraciado com uma doação daquela instituição financeira no valor de Cr\$ 10 mil. O diretor-geral do Patrimônio, a partir de então, estava encarregado de submeter no primeiro trimestre de cada ano, à aprovação do ministro da Educação e Saúde Pública a aplicação de recursos provenientes de doação no ano anterior⁵⁹.

Um terceiro recurso empregado na angariação de fundos em prol do casario de Ouro Preto foi a realização de um leilão de obras de arte na capital federal, ocorrido em 14 de outubro de 1949, na

⁵⁸ Solicitação de abertura de conta especial em nome da Diretoria do Patrimônio, de acordo com o decreto-lei 2.809, de 23/11/1940. ANDRADE, Rodrigo Melo Franco. *Cópia da carta à Gerência da Agência Central do Banco do Brasil*. 11/10/1949. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Obras. M024/Cx. 195/P.861.2/Doc.146.

⁵⁹ Decreto-lei 2.809, de 23/11/1940. Op. cit.

loja do leiloeiro Afonso Nunes. O renomado leiloeiro carioca atendeu a um pedido de Rodrigo Melo Franco de Andrade e dispôs gratuitamente seus serviços e sua loja em favor da campanha. Assim também foi feito em relação às obras de arte leiloadas, todas doadas por membros das mesmas elites intelectuais, artísticas e políticas que colaboraram desde o início de 1949 com a ação em benefício da antiga capital mineira.

O Leilão em Benefício de Ouro Preto foi um evento amplamente noticiado pela imprensa da capital federal⁶⁰. A cobertura jornalística foi feita em seguidas edições do *Jornal do Brasil*, *O Globo*, *Correio da Manhã*, *A Notícia*, *Diário de Notícias*, *A Vanguarda*, *Revista Semana*, *Diário Carioca*, *Jornal do Comércio*, *A Manhã* e *A Noite*. O patrocínio do leilão foi feito por D. Pedro de Orleans e Bragança e teve a participação de renomados representantes da alta sociedade e intelectualidade brasileira residente no Rio de Janeiro⁶¹. No catálogo dos objetos doados, pode-se verificar que foram cedidos: litografias, cartas e documentos históricos, livros raros, gravuras, mobiliário, pinturas, utilitário doméstico colonial⁶², prataria, entre outras riquezas de antiquários.

O próprio Rodrigo Melo Franco de Andrade⁶³ doou um exemplar da 1ª edição da obra *História do Brasil*, de Francisco Adolfo de Varnhagen. O poeta e então chefe da Seção de História da Divisão de Estudos e Tombamento da DPHAN, Carlos Drummond de Andrade, doou um pergaminho italiano do século XVII. O pintor Cândido Portinari doou um retrato de sua autoria. A senhora Paulo Santos doou uma litografia colorida de Debret. E assim foi com os demais 135 doadores⁶⁴.

Consta que a renda líquida do leilão alcançou os Cr\$ 120 mil⁶⁵. Cabe ressaltar que, de modo geral, as mesmas elites que doaram as obras de arte para o leilão arremataram outras tantas no próprio evento.

Houve ainda, ao longo de 1949, outras atividades culturais e de lazer que reverteram renda em benefício de Ouro Preto. Foi o caso dos jogos ocorridos no Copacabana Palace e no Iate Clube do Rio de Janeiro e ainda de uma peça de teatro encenada pelo Grupo de Teatro Experimental de São Paulo⁶⁶. Dirigido por Abílio Pereira de Almeida, este grupo apresentou no teatro Copacabana a peça

⁶⁰ Os recortes de jornais que abordam a realização do Leilão estão reunidos no Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Inventário. M024/Cx. 0213/P. 001,002,003/Env. 1 a 6.

⁶¹ A lista de nomes e biografias das personalidades envolvidas no Leilão em Benefício de Ouro Preto encontra-se em anexo.

⁶² Ao comentar a relação entre o modernismo brasileiro e a constituição do campo das artes plásticas no Brasil do século XX, o sociólogo José Carlos Durand afirma que a chamada “redescoberta” do Brasil, promovida pelos modernistas, logrou “reclassificar para ‘cima’ muito mais do que um estilo de arquitetura, todo o legado de objetos domésticos ou de trabalho, sacros ou laicos, que compunham a cultura material de Ouro Preto e núcleos congêneres, revalorizando, por generalização, todo o acervo material da cultura dos séculos XVI ao XVIII” (DURAND, 1989, p.89-90).

⁶³ Conforme o catálogo e as atas do leilão, que traziam discriminados os nomes dos doadores, dos compradores e o valor pelo qual as obras foram arrematadas. *ATAS do Leilão de Ouro Preto*. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Personalidades/Rodrigo Melo Franco de Andrade/Subsérie: Trajetória Profissional. Cx. 12/P.14/Docs. 1-18. *CATÁLOGO do Leilão de Ouro Preto*. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Obras. M040/Cx. 197/P. 867.1/Docs.1-15.

⁶⁴ Veja a seção desta obra “Dados biográficos”.

⁶⁵ Para facilitar a compreensão do montante arrecadado no leilão, comparamos esse valor total com os valores orçados pelo arquiteto Sylvio de Vasconcellos para a recuperação do casario de Ouro Preto. Segundo o arquiteto, os gastos com os imóveis por ele recomendados para recuperação variavam entre Cr\$ 3 mil (recuperação mais barata) e Cr\$ 18 mil (a mais onerosa). VASCONCELLOS, Sylvio. Relatório a Rodrigo Melo Franco de Andrade, de 12/10/1949. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Obras. M040/Cx.195/P.861.3/Doc.135-138.



Fotografia de parte dos objetos leiloados em benefício de Ouro Preto, de 14/10/1949.
Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Inventário/Cx. 213/P. 881/Foto 36.754.

Este leque de tartaruga, chamado de
"baralho," trabalho de artista chinês e que
já foi exposto no Museu de Bellas Artes,
pertenceu a Sr. Irene de Souza filha do
Visconde de Itaipá. Foi esta Senhora
grande admiradora de Ouro Preto e é com
sincero prazer que ofereço esta lembrança que
talvez venha indiretamente contribuir para
a preservação d'aquela joia Nacional.
Luizinha Lopes d'Ofocira Alves.

116

Ficha de identificação de peça leiloadada em benefício de Ouro Preto.
Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Obras/Cx. 196/P. 862/Parte 2/Doc. 46.

À *margem da vida*, de Tennessee Williams. Dele faziam parte os atores Paulo Autran, Nídia Licia Pincherli e Marina Freire Franco. Segundo estimativa fornecida pelo diretor-geral do Patrimônio, o conjunto de ações empreendidas na arrecadação de fundos em benefício da preservação de Ouro Preto, ao longo do ano de 1949, perfaz o total de Cr\$ 300 mil⁶⁷.

A partir da análise das estratégias utilizadas na campanha de angariação de fundos em benefício de Ouro Preto, é possível inferir de maneira geral qual teria sido o alcance geográfico dessa ação⁶⁸. Ainda que a mesma tenha se dado mais fortemente no espaço da Capital Federal e de Belo Horizonte – o que é verificável tanto nos endereços dos remetentes das correspondências, como dos locais de publicação dos periódicos que cobriram os acontecimentos relacionados à campanha – há indícios das repercussões fora desse eixo principal, chegando, inclusive, a Belém do Pará⁶⁹, além do alcance identificado pelas colaborações advindas de Portugal e da Inglaterra⁷⁰.

Com vistas a subsidiar tecnicamente as intervenções que viriam a ser realizadas com o montante arrecadado na campanha e visando atender às exigências do decreto-lei 2809, de 23/11/1940, foi empreendido um estudo sobre a situação do conjunto histórico de Ouro Preto em 1949. Composto por relatórios, fichas descritivas, fotos e mapas, este estudo foi produto de uma inspeção geral feita à cidade pelo chefe do 3º Distrito da DPHAN, Sylvio de Vasconcellos e pelo chefe da Seção de Obras da Divisão de Conservação e Restauração da Instituição, Paulo Thedim Barreto⁷¹. A metodologia empregada nesse estudo pode ser compreendida à luz da demanda específica que se impunha à ação da DPHAN na ocasião: o socorro imediato ao conjunto tombado, em especial ao casario residencial e não aos monumentos isolados da cidade, uma vez que esses últimos eram assistidos com mais regularidade pela ação institucional. Ademais, as exigências legais para a aplicação dessa verba, somadas às numerosas críticas lançadas à iniciativa da arrecadação de fundos particulares para serem utilizados por uma instituição pública no exercício de suas atribuições, aumentavam a demanda por rigor técnico.

O processo de elaboração do estudo sobre a situação de Ouro Preto em 1949, bem como sua utilização para a aplicação dos donativos arrecadados em favor da cidade serão tratados a seguir.

66 ANDRADE, Rodrigo Melo Franco. *Cópia da Carta de Rodrigo Melo Franco ao diretor de teatro Abílio Pereira de Almeida*, agradecendo a apresentação beneficente em favor de Ouro Preto. 9/11/1949. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Obras. M040/Cx.195/P.861.2/Doc.121.

67 *Carta de Rodrigo Melo Franco de Andrade ao Deputado Horácio Lafer*. 21/10/1949. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Obras. M024 /Cx. 195/Pasta 861.4/Doc.199.

68 Vale apontar que as fontes consultadas para o estudo da campanha foram aquelas reunidas no Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro, cujo acervo foi constituído pela instituição desde a sua criação e que, por isso mesmo, aponta certos limites relacionados ao que foi escolhido para a construção de uma memória institucional. (LE GOFF, 2003, p.525). No caso específico dos periódicos, chamou-nos a atenção o fato de muitos dos artigos terem sido recolhidos por uma empresa de *clipping*, a Lux Jornal, fundada em 1928, cujos serviços podem ser identificados no acervo referente às primeiras décadas de atuação do SPHAN. Sobre a relação entre imprensa escrita e o SPHAN em seus primeiros anos ver o trabalho de SILVA, 2007.

69 *Folha do Norte*. Belém do Pará. 23/10/1949. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/ Série Inventário. M024/Cx. 0213/P. 001,002,003/Env. 1 a 6.

70 Ver notas 24 e 25.

71 Veja, nesta publicação, a seção “Dados Biográficos”.

O Estudo da cidade de Ouro Preto e o inventário cadastral

BETTINA ZELLNER GRIECO E JULIANA SORGINE

Objetivos, organização e método

Em 1949, ao mesmo tempo em que se angariavam fundos para a reforma da cidade de Ouro Preto, em salões, eventos sociais, ou mesmo por meio de doações encaminhadas à sede da DPHAN, no Rio de Janeiro, os técnicos da instituição, a pedido do diretor geral Rodrigo Melo Franco de Andrade, trabalhavam na definição das prioridades para aplicação do dinheiro arrecadado. Foi nesse contexto que Sylvio de Vasconcellos, chefe do 3º Distrito da DPHAN em Minas Gerais, acompanhado de Paulo Thedim Barreto, chefe da Seção de Obras da Divisão de Conservação e Restauração da Instituição, realizaram o estudo para subsidiar a decisão de quais imóveis seriam recuperados e que tipos de intervenções seriam feitas com essa verba.

O estudo foi realizado *in loco*, na cidade de Ouro Preto, que à época já possuía uma representação ou “dependência da Diretoria do Patrimônio”, que exercia “atividade ininterrupta na cidade”.⁷² O processo decisório mais amplo de priorização na aplicação das doações envolveu a “área central”⁷³ da instituição, abrangendo a Diretoria Geral e a Seção Técnica, assim como o 3º Distrito da DPHAN em Minas Gerais, sediado em Belo Horizonte. Os membros do quadro técnico-profissional que compunham essa estrutura, e que participaram desse processo, foram: Renato Soeiro, diretor da DCR; Lucio Costa, diretor da DET; Paulo Thedim Barreto e Sylvio de Vasconcellos⁷⁴. Tratava-se, sem exceções, de profissionais da área de arquitetura que, obedecendo a diferentes níveis hierárquicos dentro da DPHAN, submetiam-se à diligente direção geral de Rodrigo Melo Franco de Andrade.

Não foram encontradas evidências documentais nos Arquivos do IPHAN, nem sobre a data de início da realização do Estudo. Sabe-se que em 29 de setembro de 1949 ele foi encaminhado de Belo Horizonte ao Rio de Janeiro, à Diretoria Geral da DPHAN. Rodrigo Melo Franco de Andrade recebeu o material do Estudo, contendo as fichas com fotografias de fachadas das 963 casas inventariadas e dados sobre o estado de conservação e gabaritos das mesmas, como se verá adiante, além de um relatório informativo sobre o trabalho realizado⁷⁵. A partir dos dados do inventário cadastral foram produzidos, ainda, mapas situando as edificações com o mapeamento dos gabaritos e estado

⁷² ANDRADE, Rodrigo Melo Franco. *Entrevista concedida ao* Correio da Manhã, em 12/10/1940. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro/ Série Inventário. M024/Cx.210/P.01.

⁷³ A *Seção Técnica* da DPHAN, coloquialmente conhecida como “área central”, era composta pela Divisão de Conservação e Restauração (DCR) e pela Divisão de Estudos e Tombamentos (DET). Cf. Decreto-Lei Nº 8534, de 2/1/1946.

⁷⁴ Ver, nesta publicação, a seção “Dados biográficos”.

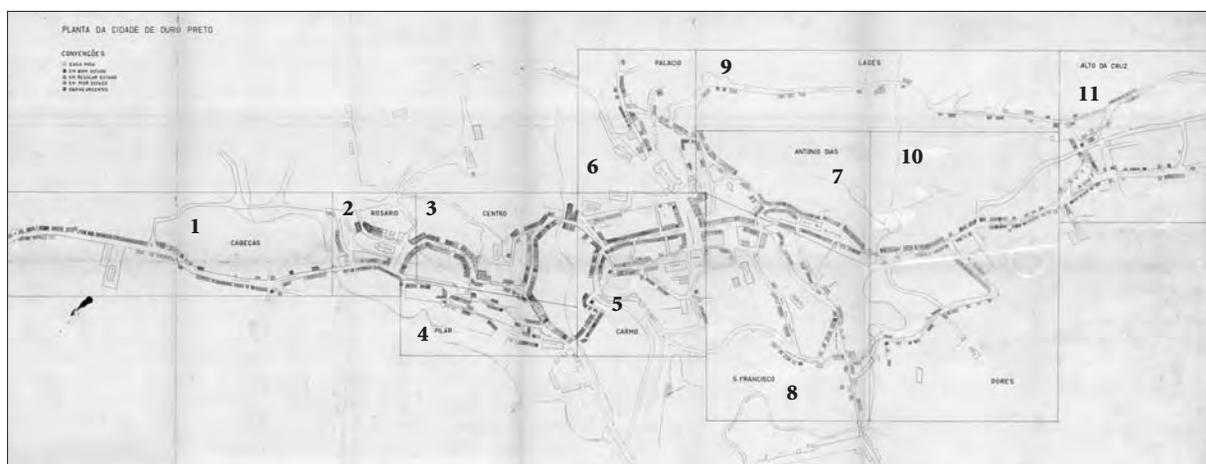
⁷⁵ Ver, nesta publicação, a seção “Reprodução Documental”.

de conservação. Tratava-se de levantamento das características externas, mais expedito, com o objetivo de atender à campanha, sem levantamentos internos, como plantas baixas dos imóveis.

Constam no relatório informativo, enviado por Sylvio de Vasconcellos a Rodrigo Melo Franco de Andrade⁷⁶, as primeiras conclusões do estudo da situação da cidade de Ouro Preto. Segundo Vasconcellos, foi realizada uma inspeção geral na cidade, com vistas a encontrar apoio para o estabelecimento dos planos de reconstrução a serem executados com o dinheiro arrecadado na campanha. Devido à uniformidade do conjunto, o arquiteto justifica a realização de um estudo prévio mais detalhado para a obtenção de conclusões mais exatas para as intervenções. Adverte que poderia ter sido feito um trabalho não-sistematizado da cidade, que traria conclusões mais rapidamente, mas que por fim não daria uma visão do problema em sua totalidade. O chefe do 3º Distrito afirma que:

[...] para, com os dados obtidos, apurar-se das condições e necessidades das várias partes componentes. [...] dividimos a cidade em vários conjuntos de interesse e procedemos ao inventário cadastral esquemático das casas de cada logradouro, excluídas, naturalmente, algumas poucas que, por muito desligadas da cidade propriamente dita podem ser consideradas como marginais e sem maior importância⁷⁷.

Como se pode ver na planta reproduzida do Estudo de 1949, foram estabelecidas onze zonas: Cabeças, Rosário, Centro, Pilar, Carmo, Palácio, Antonio Dias, São Francisco, Lages, Dolores e Alto da Cruz. Por serem zonas marginais, as regiões de Águas Férreas, da Estação e da Barra foram deixadas de fora. Sylvio de Vasconcellos chama atenção para o fato de que as zonas se harmonizavam “em quadriláteros, em plano geométrico quase regular, salvo pequenas bolsas, com as pontes marcando claramente as delimitações das áreas”.⁷⁸ Segundo o arquiteto, essa última particularidade não foi notada quando se visitou o local, mas somente no momento em que as áreas foram desenhadas na planta.



⁷⁶ Ver, nesta publicação a seção “Reprodução Documental”.

⁷⁷ VASCONCELLOS, Sylvio de. Relatório que acompanha o Ofício nº 231-49. 29/9/1949. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro. Série Obras. M. 040/ Cx. 196/ P. 862.1/ Doc. 33.

⁷⁸ Idem, Doc. 34.

Segundo o Estudo, cada zona era formada pelas seguintes ruas:⁷⁹

- 1** Zona das Cabeças
Rua Bernardo Guimarães
- 2** Zona do Rosário
Rua Bernardo Guimarães
Rua Domingos Vidal
Rua Donato da Fonseca
Rua Gabriel Santos
Largo do Rosário
- 3** Zona do Centro
Largo da Alegria
Rua do Rosário
Rua de São José
Rua Teixeira Amaral
Rua Tiradentes
- 4** Zona do Pilar
Praça Américo Lopes
Rua Antônio de Albuquerque
Rua Conselheiro Santana
Rua Donato da Fonseca
Rua Randolpho Bretas
- 5** Zona do Carmo
Rua Brigadeiro Musqueira
Rua Conde de Bobadela
Rua Coronel Alves
Rua Costa Sena
Rua das Flores
Rua Manoel Cabral
Rua do Paraná
Rua do Pilar
Praça Reinaldo de Brito
Praça Tiradentes
- 6** Zona do Palácio
Rua Barão de Camargos
Rua Camilo Brito
Beco da Ferraria
Rua Henri Gorceix
- 7** Zona de Antônio Dias
Rua do Aleijadinho
Praça Antônio Dias
Rua Bernardo Vasconcelos
Rua dos Paulistas
- 8** Zona de São Francisco
Rua Amélia Bernhaus
Rua Antônio Martins
Rua Carlos Tomaz
Rua Domingos de Abreu
Rua Felipe dos Santos
Largo Frei Vicente
Rua das Mercês
Rua do Ouvidor
Rua São Francisco
Rua Xavier da Veiga
- 9** Zona das Lages
Rua Conselheiro Quintiliano
- 10** Zona das Dores
Rua Barão de Ouro Branco
Rua Coronel Serafim
Largo de Marília
Rua de Santa Efigênia
- 11** Zona do Alto da Cruz
Rua Conselheiro Quintiliano
Rua Maciel
Rua Padre Faria
Rua Padre Viegas
Rua Rezende

⁷⁹ Diferentemente da organização de Sylvio de Vasconcellos encontrada na seção Reprodução Documental, apresentamos as zonas segundo o sentido de leitura do mapa, da esquerda para direita, e as respectivas ruas em ordem alfabética.

Análise geral do sítio



Foto ilustrativa da cidade de Ouro Preto na década de 1950.
Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Planos e Projetos. Álbum 62.

A análise dos dados do Estudo tem início com uma abordagem do sítio. Foi apresentada uma análise dos dados levantados em campo, feita em comparação com uma planta levantada em cerca de 1900⁸⁰, que apontava para as seguintes conclusões preliminares:

O grande número de ruas, principalmente becos desaparecidos, fechados, com construções novas ou incorporados a casas imediatas;

[...] o número de casas que, neste pequeno intervalo de tempo – 1900-1949 – desapareceram ou foram, em certos casos, demolidas para os terrenos receberem ou não novas construções;

[...] o número de casas novas em terrenos antes vazios é diminuto. Para 75 casas novas constatadas, apenas 40%, no máximo, serão de casas construídas em terrenos que não possuíam casas anteriormente.

[...] Verifica-se ainda que a cidade, como é natural, vem desaparecendo dos extremos, onde as casas existentes estão relativamente espaçadas umas das outras, para o centro. Divididas em grupos de zonas, teríamos:

- a) Externo – mais ruinoso, mais espaço disponível, casas mais instáveis;
- b) Meio – casas mais bem conservadas nas fachadas, ruinosas nas partes posteriores;
- c) Centro – casas mais estáveis, porém mais desfiguradas. Evidentemente, do ponto de vista social, correspondem estes grupos, respectivamente, às classes mais pobres, às

⁸⁰ Sylvio de Vasconcellos não indica em seu Relatório qual planta foi usada como base. Identificamos no Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro duas plantas que podem ter servido de base. São elas: Planta da cidade de Ouro Preto, organizada por ordem de Dr. Luiz Barbosa, de 1888. Gravura de Giesecke & Devrient, Leipzig. Reproduzida da Biblioteca Nacional – RJ, e Planta organizada em 1903 por Clodomiro de Oliveira e atualizada em 1957 por J. Batista Alves. Mapoteca, ANS 06495.

remediadas e às burguesas. Esta constatação envolve até mesmo as casas novas; nos extremos elas acompanham o aspecto e se valem dos sistemas construtivos tradicionais; nos meios procuram salvar as aparências, e no centro adotam inovações⁸¹.

Sylvio de Vasconcellos acrescenta que o total de 963 casas cadastradas apresentava número relativamente igual entre sobrados e térreos, indicando, “por si mesmo, o grande desaparecimento de casas nos bairros residenciais, já que deviam ser compostas em sua maioria de casas térreas”. (Idem)

Tabela 1 – Número de pavimentos das edificações

ZONA	SOBRADO	TÉRREO	TOTAL
CABEÇAS	10	85	95
ROSÁRIO	40	27	67
CENTRO	72	20	92
PILAR	41	39	80
CARMO	106	49	155
PALÁCIO	6	43	49
ANTÔNIO DIAS	61	47	108
S. FRANCISCO	39	58	97
LAGES	2	24	26
DORES	14	111	125
CRUZ	64	5	69
TOTAL	455	508	963

Tabela elaborada pela pesquisa da COPEDOC.

Análise do estado de conservação

Sobre o estado de conservação das edificações, identificação necessária e urgente para que fossem escolhidas as edificações a serem restauradas com a verba arrecadada na Campanha, foram identificadas cinco categorias, com seus respectivos quantitativos:

Casas Novas.....	75
Casas em bom estado	257
Casas em regular estado	396
Casas em pior estado	153
Casas de reconstrução urgente.....	82

⁸¹ VASCONCELLOS, Sylvio de. Op. cit.: *Relatório que acompanha o Ofício nº 231-49. 29/9/1949.*

Tabela 2 – Estado de conservação das edificações

ZONA	NOVAS CASAS	BOM ESTADO	REGULAR	PIOR ESTADO	REPARO URGENTE	TOTAL
CABEÇAS	5	6	54	19	11	95
ROSÁRIO	13	24	18	11	1	67
CENTRO	8	44	28	9	3	92
PILAR	11	23	28	11	7	80
CARMO	11	59	60	8	17	155
PALÁCIO	5	14	16	4	10	49
ANTÔNIO DIAS	7	18	56	23	4	108
S. FRANCISCO	3	28	40	12	14	97
LAGES	2	3	8	11	2	26
DORES	8	29	54	27	7	125
CRUZ	2	9	34	18	6	69
TOTAL	75	257	396	153	82	963
%	7,8%	26,7%	41,1%	15,9%	8,5%	100%

Tabela elaborada pela pesquisa da COPEDOC.

Nessa classificação do estado de conservação dos prédios, foram considerados “casas novas” tanto aqueles de construção recente como também os reformados, de aspecto arquitetônico “considerado não condizente com o conjunto da cidade”.⁸² O chefe do 3º Distrito observou que algumas casas poderiam ser recuperadas, desde que fossem refeitos os seus elementos antigos, tais como beirais e esquadrias, sugerindo mesmo, em uma das fichas de inventário, a remoção de ladrilho hidráulico da fachada.

Deve ser lembrado que a noção de patrimônio então predominante estava marcada pela visão de mundo do grupo de intelectuais vinculados ao modernismo, que participaram da criação do SPHAN e deram sentido e direção às suas ações. Essas concepções incluíam uma crítica ao passadismo e à linguagem acadêmica no campo das artes e, conseqüentemente, ao estilo eclético, surgido no final do século XIX. O pensamento dominante dos arquitetos modernistas, que se instalaram no SPHAN, criticava principalmente a incorporação acrítica dos estilos históricos europeus pelo ecletismo no Brasil, considerando essas obras como cópias que evocavam o passado e que, portanto, não constituiriam uma arquitetura brasileira, referência da identidade nacional que buscavam construir.

De uma forma geral, observou-se grande incidência de edificações inventariadas em estilo eclético classificadas como “casas novas”. Contudo, em alguns casos, prédios cujo aspecto formal assemelhava-se a essa classificação estilística não foram considerados como tal. Ao que tudo indica, tais prédios sofreram reformas de fachadas sobre estruturas edilícias mais antigas, do século XVIII ou início do XIX, e, nesses casos, as suas estruturas foram privilegiadas como parâmetro para sua classificação.

⁸² VASCONCELLOS, Sylvio de. Op. cit.: *Relatório que acompanha o Ofício nº 231-49. 29/9/1949.*

Foram classificados como “casas novas” 75 dos 963 imóveis inventariados, perfazendo 7,8 % do total. Essas edificações apresentam elementos formais característicos do ecletismo, como platibanda, medalhões, mísulas, acrotérios⁸³, destacando-se os exemplos abaixo:



Rua Bernardo Guimarães, nº 34 e 26, ambos apresentando platibanda com acrotérios e entradas laterais (Zona das Cabeças).



Rua Bernardo Guimarães, s/nº e nº 22. O nº 22 apresenta platibanda com medalhão (Zona do Rosário).



Praça Américo Lopes, nº 1. (Zona do Pilar). Edificação no canto esquerdo da foto.



Rua Tiradentes, nº 39 (Zona do Centro). Edificação inserida no conjunto colonial.



Rua Conselheiro Santana, nº 24 e 22. (Zona do Pilar). Ambas as edificações apresentam platibanda com medalhão e sobrevergas ornamentadas.

⁸³ Platibanda – elemento vazado ou cheio disposto no alto de fachadas, coroando a parede externa do prédio, que esconde as águas dos telhados, geralmente paralela à cumeeira. Medalhão – ornato circular ou oval, em baixo ou alto relevo. Mísula – elemento que sobressai do muro para sustentar balcões ou vigas. Acrotério – pedestal, sem base e sem cornija, situado no vértice ou nas extremidades do frontão, ou no espaço entre balaústres, próprio para servir de suporte para estátuas, vasos ou ornamentos.



Praça Antônio Dias, nº 7 (Zona de Antônio Dias) canto esquerdo da foto.



Rua Felipe dos Santos, nº 9 (Zona de São Francisco) canto direito da foto.



Praça Reinaldo Brito, s/n Banco (Zona do Carmo). Edificação no canto à esquerda, ao lado do chafariz.

De construção recente temos:



Rua Bernardo Guimarães, nºs 10 e 6 (Zona do Rosário).



Rua Bernardo Vasconcelos, nº 13. Edificação térrea, provavelmente, construída entre os anos de 1920 e 1930. (Zona de Antônio Dias)



Rua do Resende, s/n. Edificação do canto direito da foto. (Zona do Alto da Cruz)

Observou-se entre os imóveis inventariados a existência de chalés, com empenas formadas por beiral debruado de lambrequim, como, por exemplo, o nº 1 da rua Gabriel Santos, o nº 2 da rua Bernardo Guimarães, o nº 4 da rua São José, o nº 1 da rua Coronel Alves. O surgimento do *chalet* (chalé), segundo pesquisas do próprio Sylvio de Vasconcellos acerca das sucessivas fases do desenvolvimento da arquitetura civil mineira⁸⁴, remonta à segunda metade do século XIX, em que a influência portuguesa cedeu lugar à francesa.

Tais imóveis, embora evidentemente novos, foram classificados como em “bom” ou “regular” estado de conservação e não na categoria “casa nova”, sem que nos fosse possível supor o que levou a tal classificação.



Rua Bernardo Guimarães, nº 2 (Zona das Cabeças), imóvel classificado como em bom estado de conservação.



Rua Gabriel Santos, nº 1 (Zona do Rosário), imóvel classificado como em bom estado de conservação.



Rua Coronel Alves, nº 1 (Zona do Carmo), imóvel classificado como em regular estado de conservação.



Rua São José, nº 4 (Zona do Centro), imóvel classificado como em bom estado de conservação.

⁸⁴ Em uma série de artigos intitulada “Contribuição para o estudo da Arquitetura Civil em Minas Gerais”, publicados na revista *Arquitetura e Engenharia*, de Belo Horizonte, em 1946, Vasconcellos delinea em cinco fases o desenvolvimento da arquitetura civil mineira (VASCONCELLOS. In: LEMOS (Org.), 2004.).

Foram consideradas em bom estado as casas estáveis e de boa feição, necessitando apenas de limpeza e pintura. De 963 imóveis, 257 foram assim classificados, sendo 26,7 % do total.

Entre os exemplos encontram-se as seguintes edificações:



Rua Bernardo Guimarães, nº 4
(Zona das Cabeças)



Largo do Rosário, s/n e nº 3
(Zona do Rosário)



Largo do Rosário, nº 25
(Zona do Rosário)



Largo da Alegria, nºs 3, 5 e 7
(Zona do Centro)



Largo do Rosário, nºs 13 e 15
(Zona do Rosário)



Praça Reinaldo Brito, nºs 1 e 3.
A edificação nº 3 é o antigo Liceu
(Zona do Carmo)



Rua Conde de Bobadela, nºs 11, 13 e 15
(Zona do Carmo)



Rua Camilo Brito, nºs 1, 3 e 5
(Zona do Palácio)



Rua Bernardo Vasconcelos, nºs 3 e 7
(Zona de Antônio Dias)



Ouvidor, nºs 18, 16 e 12
(Zona de São Francisco)



Rua Carlos Tomaz, nºs 1 e 3 (Zona de
São Francisco)



Rua do Rua das Mercês, nºs 16 e 14
(Zona de São Francisco)



Largo de Marília, nºs 1, 3, 5, 7 e 9.
(Zona das Dores) As edificações
encontram-se em bom estado com
exceção do nº 3, em pior estado.



Rua Coronel Serafim, nºs 7, 9 e 11.
(Zona das Dores)



Rua Padre Faria, nºs 24 e 22
(Zona do Alto da Cruz)

Tidas como regulares, eram aquelas mais ou menos estáveis em seus conjuntos, porém com partes que exigiam reparos e pintura geral. No total, prevalecem as edificações em estado regular, 396 em 963 imóveis levantados, equivalente a 41,1 %. Das onze zonas, nove apresentam principalmente imóveis em estado regular. Entre eles se encontram:



Rua Bernardo Guimarães, nº 60 (Zona das Cabeças). O sobrado encontra-se ao lado do nº 58, em pior estado.



Rua Conselheiro Santana, nºs 5, 7, 9 e 11 (Zona do Pilar) Os nºs 7 e 9 encontram-se em estado regular. O nº 5, no canto esquerdo da foto, está em pior estado.



Rua Antônio de Albuquerque, nº 15 (Zona do Pilar)



Rua das Flores, nºs 3, 5, 7, 9 e 11 (Zona do Carmo)



Rua do Pilar, nº 26 (Zona do Carmo)



Rua Tiradentes, nºs 1, 3, 5, 7 e 9 (Zona do Carmo)



Rua Gorceix, nºs 11 e 13
(Zona do Palácio)



Rua Bernardo Vasconcelos, nºs 25, 27,
29, 31 e 33 (Zona de Antônio Dias)



Rua Bernardo Vasconcelos, nº 30
(Zona de Antônio Dias)



Rua do Ouvidor, nºs 7, 5 e 3
(Zona de São Francisco)



Rua Felipe dos Santos, nºs 24 e 22
(Zona de São Francisco)



Rua das Mercês, nºs 4 e 2
(Zona de São Francisco)



Rua Carlos Tomaz, nºs 9 (Zona de
São Francisco). O nº 9, em regular
estado, é ladeado pelos nºs 7 e 11,
em bom estado de conservação.



Rua Conselheiro Quintiliano, nº 32.
(Zona das Lages)



Rua de Santa Efigênia, nºs 27, 29, 31,
33, 35, 37 e 39 (Zona das Dores)



Rua Rezende, nºs 6, 6 e 6. A edificação do lado direito da foto se encontra em estado de urgência. (Zona do Alto da Cruz)



Rua Padre Faria, nº 13
(Zona do Alto da Cruz)

Os imóveis avaliados como em pior estado foram aqueles que reclamavam obras emergenciais de estabilização, principalmente nas estruturas e coberturas. Foram assim classificados 153 do total de 963 imóveis, perfazendo 15,9 %.

Entre os exemplos encontram-se:



Rua Bernardo Guimarães, nº 40
(Zona das Cabeças)



Rua Gabriel Santos, nº 6 e s/nº
(Zona do Rosário)



Rua Conselheiro Santana, nºs 14, 16 e s/nº



Rua do Aleijadinho, nºs 14, 12 e 10.
(Zona de Antônio Dias)



Rua dos Paulistas, nºs 5, 7, 9 e 11.
(Zona de Antônio Dias)



Praça Antônio Dias, nºs 17, 19, 21, 23 e 25 (Zona de Antônio Dias). Os nºs 19, 21 e 23 encontram-se em pior estado de conservação.



Rua Felipe dos Santos, nºs 12, 8 e 6
(Zona de São Francisco)



Rua das Mercês, nº 1.
(Zona de São Francisco)



Largo de Frei Vicente, nº 2
(Zona de São Francisco)



Rua de Santa Efigênia, nº 8
(Zona das Dores). Este sobrado fez parte da segunda e terceira fase do Plano de Obras, sendo restaurado entre julho e setembro de 1950.



Rua de Santa Efigênia, nºs 60 e 58
(Zona das Dores)



Rua Conselheiro Quintiliano, nºs 23 e 25 (Zona do Alto da Cruz)

A classificação “em estado de urgência” foi dada às casas que ameaçavam ruína iminente, ou às que já estavam com algumas partes arruinadas. Foram classificados nessa categoria 82 imóveis de um total de 963, sendo 8,5 %.

Entre os exemplos encontram-se:



Rua Bernardo Guimarães, nºs 68, 66 e 64. (Zona das Cabeças)



Rua Bernardo Guimarães, nº 84 (Zona das Cabeças) Sylvio de Vasconcellos aparece no canto esquerdo da foto.



Largo do Rosário, nº 19 (Zona do Rosário)



Rua do Rosário, nº 30 (Zona do Centro), encontra-se entre as edificações restauradas.



Rua Conselheiro Santana, nºs 6, 4 e 2 (Zona do Pilar)



Rua Costa Sena, nº 4, no canto direito da foto (Zona do Carmo)



Rua Gorceix, nºs 15, 17 e 19. (Zona do Palácio). As três edificações foram restauradas.



Rua Antônio Martins, nº 1 (Zona de São Francisco)



Rua Domingos Abreu, nºs 6, 4 e 2 (Zona de São Francisco)



Rua Felipe dos Santos, nº 4 (Zona de São Francisco). O nº 2, ao lado, encontra-se em estado regular.



Rua de Santa Efigênia, nºs 45, 47, 49, 51, 53 e 55 (Zona das Dores). O sobrado nº 55 fez parte da segunda e terceira fase do Plano de Obras, sendo restaurado entre julho e setembro de 1950.



Rua Padre Faria, nº 62 (Zona do Alto da Cruz). Primeira edificação à esquerda.



Rua Resende, nº 7 (Zona do Alto da Cruz). Primeira edificação à direita.

A coleta de dados das edificações inventariadas e a classificação de cada uma delas nas já citadas categorias de estado de conservação demonstram diferenças em relação aos padrões de observação. Por exemplo, certas edificações classificadas como em estado regular de conservação, ao que tudo indica pela observação das fotos, poderiam ter sido classificadas como em pior estado ou estado urgente, valendo também o contrário, não ficando claro como se deu essa classificação.

Nas fichas do Estudo, ao lado do endereço de algumas das edificações classificadas como em bom estado ou em estado regular de conservação, foram feitas observações indicando-as para a restauração, o que não necessariamente foi cumprido, como destacaremos adiante. Nossa hipótese nesses casos é de que tais observações para imóveis em bom e regular estado se justificavam por serem estes considerados de valor pelas suas características formais e por uma importância histórica a eles atribuída. Deve ter influído na classificação, também, sua proximidade a monumentos considerados excepcionais e com tombamento individual, visando qualificar sua vizinhança, conforme critérios explicitados no Relatório de Sylvio de Vasconcellos e no Parecer de Lucio Costa⁸⁵. No entanto, verificou-se, quando da realização das obras, que tais imóveis não foram priorizados para investimentos com recursos da campanha, possivelmente porque não se encontravam em risco iminente, ou porque seus proprietários tinham recursos próprios para restaurá-los.

São exemplos os imóveis em bom estado na proximidade da Igreja de N. Sra. do Rosário, no Largo de mesmo nome, situadas na rua Donato da Fonseca, nº 4 (Zona do Pilar), de grande porte, e no Largo do Rosário, nº 2 e 4 (Zona do Rosário).

Além da proximidade com a igreja, supõe-se que a proposta para o nº 4 do Largo do Rosário, cuja fachada tem ornamentação de final do século XIX, e para o nº 2, com muro de aspecto eclético, pretendesse recuperar a feição original das fachadas principais das edificações, inclusive com a remoção de certos elementos ecletizantes, como forma de incorporá-las ao conjunto do largo, predominando os critérios estético-estilísticos de intervenção.



Rua Donato da Fonseca, nº 4, edificação à direita ao fundo.



Largo do Rosário, nº 4 e nº 2, ao fundo a Igreja de N. Sra. do Rosário.

⁸⁵ Parecer, 6/10/1949. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série obras. M. 040/ Cx. 195/ P. 861.2/ Doc. 108. Ver, nesta publicação, a seção “Reprodução Documental”.

Em seu relatório, Sylvio de Vasconcellos destaca a importância da observação dos fundos das casas, principalmente aqueles visíveis de outras ruas, tais como os fundos da rua Tiradentes, da rua Bernardo de Vasconcellos, da praça Antônio Dias, da rua Antônio de Albuquerque e da ladeira do Rosário. A maior parte dos fundos que estavam em estado precário compunha-se de “puxados”, edificações provisórias e precárias, feitas de madeira, e era considerada incerta a possibilidade de autorização da DPHAN para a reconstrução desses imóveis.

Critérios para investimento

Dentro das divisões da cidade, Sylvio de Vasconcellos indica, no relatório do dia 29 de setembro de 1949, que algumas subáreas ou conjuntos fossem tratados em separado, com os investimentos arrecadados na campanha, em função de conterem grande número de casas em estado de ruína. Eram 31 casas:

Na área do Carmorua Conde de Bobadela, 21, 23, 29, 34, 35 e 36.

Na área de São Franciscorua Antônio Martins, s.n, 1 e 6.

largo de Frei Vicente, 7 e 9.

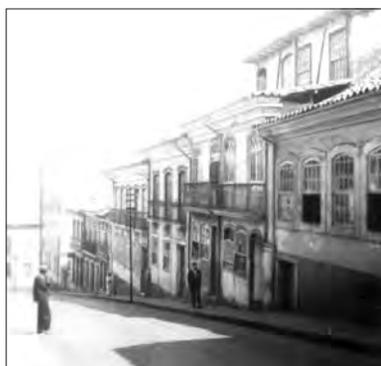
Na área das Doresrua Santa Efigênia, 28, 35, 37, 62, 67.

Na área do Alto da Cruzrua do Resende, 2, 4, 6, e 7.

Na área do Pilarrua Conselheiro Santana, 2, 4, 6 e fundos.

rua Antonio de Albuquerque, 4 e 6.

Na área das Cabeçasrua Bernardo de Guimarães, 64, 66, 68, 84, 90.



Rua Conde de Bobadela, nºs 34 e 36 (Zona do Carmo). Os sobrados geminados com pavimentos recuados encontram-se em estado regular de conservação.



Rua Antônio Martins, nº 6 (Zona de São Francisco). Em estado urgente de conservação, a casa foi indicada para restauração tanto por Sylvio quanto por Lucio Costa.



Rua Resende, nº 7 (Zona do Alto da Cruz). Primeira edificação no canto direito da foto.



Rua Antônio de Albuquerque, nºs 4 e 6 (Zona do Pilar). Os prédios em estado urgente são ladeados por uma edificação em bom estado à direita, o nº 2, e por outras em estado regular.



Rua Bernardo Guimarães, nºs 64, 66 e 68 (Zona das Cabeças). Três primeiras edificações no canto direito da foto.

A estimativa orçamentária para as reformas não incluía as recuperações das áreas internas dos imóveis. Destinava-se apenas à estabilização, com recuperação das paredes e elementos estruturais, coberturas e pinturas externas. Nesse sentido, as despesas previstas para serem investidas nas casas consideradas em estado regular estavam orçadas em Cr\$ 5.000,00 cada. As casas tidas como em pior estado receberiam Cr\$ 10.000,00 cada. E aquelas em estado de urgência mereceriam Cr\$ 20.000,00 cada. Antes do início das obras, afirmava o chefe do 3º Distrito, deveriam ser considerados aspectos, chamados por ele “legais, gerais, psicológicos e econômicos”, que seriam:

- a) aspecto legal – obras requeridas com base em lei, isoladas [...] e em conjuntos apreciáveis;
- b) aspecto geral estético e técnico – fachadas principais e fachadas secundárias;
- c) aspecto psicológico – logradouros mais importantes ou mais transitáveis e proximidades dos monumentos; logradouros afastados; restaurações que perturbam os conjuntos;
- d) aspecto econômico – zonas de moradores mais pobres – casas mais instáveis; zonas de moradores de maior recurso – casas mais inestéticas⁸⁶.

Contudo, Sylvio de Vasconcellos advertia, no que dizia respeito ao aspecto econômico, que mesmo nas zonas mais pobres havia grande número de imóveis de posse de proprietários “de recursos”, como no caso do Alto da Cruz. Muitas vezes um só proprietário possuía vários imóveis na mesma região, o que significava dizer que eram proprietários com condições de realizarem as obras às suas próprias despesas.

Além do critério socioeconômico de somente atuar em imóveis cujo proprietário não dispunha de recursos, o que estava previsto, inclusive, pelo DL 25, a título de conclusão, o arquiteto propu-

⁸⁶ VASCONCELLOS, Sylvio de. Op. cit.: *Relatório que acompanha o Ofício nº 231-49*. 29/9/1949. Doc. 36.

nha algumas diretrizes principais para a atuação da DPHAN na reforma do casario de Ouro Preto, quais fossem:

- a) tratar primeiro as casas em ruínas, isoladas ou não;
- b) prosseguir na reconstrução das imediatas ou de algumas delas, formando conjuntos;
- c) tratar independentemente um trecho importante, mais no centro da cidade⁸⁷.

Sugeria como primeiro trecho a ser atendido, por seu valor como conjunto, o da rua Conde de Bobadela, não se descuidando ao mesmo tempo das casas isoladas em ruína. Nesta rua havia dezanove casas em estado regular, uma em pior estado, e sete que necessitavam de intervenções urgentes. As demais, em bom estado, precisariam de poucas despesas para “se harmonizarem”⁸⁸

Percebe-se nas sugestões dadas em relação às obras de restauração a serem feitas a intenção de se priorizar a recuperação de imóveis de uma mesma área, que compusessem um conjunto. Entendia-se que, deste modo, seria valorizada a ação institucional, pelo fato de uma intervenção em conjunto ter mais visibilidade do que a restauração de uma casa isolada.

O referido relatório de Sylvio de Vasconcellos acompanhado das fichas do Estudo foi concluído com um comentário que destacava a presteza com que este fora realizado, assim como a “pouca prática no assunto” que tinham os técnicos nele envolvidos.

Rodrigo Melo Franco de Andrade tão logo recebeu o Estudo – relatório, fichas dos imóveis e mapas –, respondeu por meio de um telegrama, em 3 de outubro de 1949, agradecendo “efusivamente o notável trabalho realizado”. E encaminhou o material para o arquiteto Lucio Costa, chefe da Divisão de Estudos e Tombamento, DET. Este expediu um parecer⁸⁹, com a sua avaliação sobre o caráter que a intervenção a ser feita na cidade deveria ter, datado de 6 de outubro de 1949⁹⁰.

O chefe da DET iniciou seu parecer reafirmando o objetivo das doações feitas à campanha, que seria contribuir para o socorro do casario de Ouro Preto que estivesse em estado de urgência, nos casos de risco iminente ou de estabilidade precária com tendência a agravar-se. E tomando isso como critério inicial, ele sugeriu que se procurassem os imóveis que apresentavam maior interesse do ponto de vista arquitetônico ou urbanístico. Entre eles, recomendava selecionar os mais centrais. E entre estes últimos, que fossem escolhidos os localizados nas proximidades dos monumentos mais importantes da cidade. Lembra, ainda, que tinham de ser excluídos os edifícios pertencentes a proprietários que tivessem recursos, os quais deveriam ser intimados pela Prefeitura, por solicitação da DPHAN, a procederem com os reparos necessários.

Na avaliação de Lucio Costa, os imóveis que fossem finalmente selecionados para as obras deveriam se afigurar como os mais valiosos quanto à qualidade da arquitetura e ao interesse urbanístico. O arquiteto ressalva que deveriam ser levados em consideração os pedidos anteriores de obras, fei-

⁸⁷ VASCONCELLOS, Sylvio de. Op. cit.: *Relatório que acompanha o Ofício nº 231-49*. 29/9/1949. Doc. 37..

⁸⁸ Idem.

⁸⁹ Veja, nesta publicação, a seção “Reprodução documental”.

⁹⁰ COSTA, Lucio. Op. cit.: Parecer, 6/10/1949.

tos pelos proprietários, quando esses imóveis, por seu estado de ruína, atendessem a todos os critérios já mencionados. E deixa as demais decisões a cargo da chefia do 3º Distrito, no caso, às ordens de Sylvio de Vasconcellos. Quanto à pintura das casas, recomendava que:

Não convirá pintar todas as casas sistematicamente de branco. Embora prevaleça logicamente esse critério de respeito ao gosto mais antigo, sempre que se encontrar colorido agradável nas caiações do século passado, deve-se reproduzir a mesma coloração. Também quanto aos beirais, esteios e enquadramento dos vãos⁹¹.

Lucio Costa elencou um conjunto de 23 edificações que mereciam, por seu valor arquitetônico, a atenção do chefe do 3º Distrito. Foram elas:

Pilar:rua Conselheiro Santana, 2, 4 e 6
.....rua Donato da Fonseca, 10, 12
Cabeças:rua Bernardo Guimarães, 82, 84
Centro:rua do Rosário, 30, 31
Carmo:rua do Pilar, 10
.....rua Paraná, 7, 11, 21
.....rua Costa Sena, 2, 4, 6
Dores:rua Coronel Serafim, 3
.....rua Santa Efigênia, 28, 62
São Francisco:rua Felipe dos Santos, 20
.....rua Carlos Tomás, 2
.....rua Antônio Martins, 6
.....rua Domingos de Abreu, 1



Rua Carlos Tomás, nº 2 (Zona de São Francisco). A edificação foi indicada para restauração por Lucio Costa.



Rua Domingos Abreu, nº 1 (Zona das Cabeças). A edificação foi indicada para restauração por Lucio Costa.

⁹¹ COSTA, Lucio. Op. cit.: Parecer, 6/10/1949.

Vê-se na Tabela 3 – Processo de definição dos imóveis para restauração, a seguir, organizada com base nas relações que constam dos documentos sobre o Estudo, que os imóveis destacados por Vasconcellos como merecedores de atenção não eram os mesmos selecionados pelo parecer de Lucio Costa. Das 31 casas selecionadas por Sylvio de Vasconcellos, apenas sete constavam entre as 23 da escolha de Lucio Costa.

Outro documento bastante importante elaborado em meio ao processo de decisão sobre quais edifícios seriam reformados às custas de contribuições particulares, arrecadadas na campanha, foi a Informação de Paulo Thedim Barreto, datada de 7 de outubro de 1949, e intitulada “Preservação dos conjuntos arquitetônicos de Ouro Preto”.⁹² Esse arquiteto foi categórico ao informar que, após ter realizado a inspeção nos prédios de Ouro Preto na companhia de Sylvio de Vasconcellos, o estado da cidade era de “ruína ou de quase ruína, dos prédios em geral”. Ele comenta sobre a “proporção geométrica” com que a cidade se degradou, tendo desaparecido cerca de 473 casas em 32 anos. Tal identificação, supomos, pode ser feita comparando os dados do Estudo com as plantas mais antigas, uma de 1888 e outra de 1903, citadas anteriormente. Interessante observar que esses dados oferecidos por Paulo Thedim Barreto são os dados de que a imprensa se apropriou para comentar sobre o estado da cidade, nos artigos feitos para divulgar a campanha⁹³.

Barreto afirmava que as condições da cidade pioravam e que nessa situação era difícil dizer qual casa seria mais conveniente socorrer. A medida que se impunha, dizia, era o socorro do conjunto, sendo recomendável, em sua opinião, tomar como ponto de partida o núcleo de maior densidade de construção. Nesse ponto, Paulo Thedim concordava com a sugestão de Sylvio de Vasconcellos, de começar as reformas pela rua Conde de Bobadela, “um ponto importante de irradiação, para se preservar conjuntos de maior interesse.”⁹⁴ Isso não impedia, contudo, que a Prefeitura obrigasse os proprietários de maiores recursos a conservarem seus imóveis. E havia casos de maior urgência, em que a DPHAN poderia executar serviços em colaboração com os proprietários⁹⁵. Barreto conclui acrescentando:

Com esse critério não poderá haver injustiças. O tempo dirá da sorte das casas que se situam à margem do núcleo de partida, centro de gravidade da cidade, onde se condensam as construções. No momento, o problema é salvar do conjunto o mais que puder⁹⁶.

Em consonância com os trâmites burocráticos vigentes na DPHAN, em 7 de outubro de 1949, o chefe da Divisão de Conservação e Restauração, arquiteto Renato Soeiro, encaminhou o seu “de acordo” em relação ao parecer de Lucio Costa, chefe da DET. Assim dizia a Informação encaminhada por Soeiro ao diretor geral:

⁹² Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro/ Série Obras. M. 040/ Cx. 195/ P. 861.2/ Doc. 111. Veja, nesta publicação, a seção Reprodução Documental.

⁹³ Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro/ Série Inventário. Ouro Preto. M. 024/ Cx. 213/ P. 001, 002, 003.

⁹⁴ Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro/ Série Obras. M. 040/ Cx. 195/ P. 861.2/ Doc. 111.

⁹⁵ Há registros de que entre 1945 e 1946 foram realizadas obras em casas na rua Antônio de Albuquerque, Fonte da Barra, entre outras, por uma equipe de serviços volantes, que incluía carpinteiros e pedreiros. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro/Série Obras. M. 040/ Cx. 199/ P. 875.

⁹⁶ Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro/ Série Obras. M. 040/ Cx. 195/ P. 861. 2/ Doc. 111.

Estou de acordo com o critério fixado pelo diretor da D.E.T, e bem assim, com as indicações das áreas para o início dos trabalhos mais urgentes, áreas essas apontadas também pelo Dr. Sílvio de Vasconcellos como das mais merecedoras de atenção, à vista do estado de ruína das edificações que as compõem. Em 7.10.1949. Renato de Azevedo Duarte Soeiro. Diretor da DCR⁹⁷.

O Plano de Obras

Em 12 de outubro de 1949, depois de receber um ofício de Renato Soeiro, diretor da DCR, aprovando as propostas contidas no estudo para as reformas de Ouro Preto, Sylvio de Vasconcellos enviou à Diretoria Geral do Patrimônio o relatório contendo o Plano de Obras e o orçamento para a reforma do casario de Ouro Preto, em conformidade com as exigências do DL 2.809, referente à aplicação de fundos particulares⁹⁸. Sylvio faz referência, ainda, à elaboração de dois futuros planos sobre os quais não foram encontrados registros documentais no Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro, desconhecendo-se se tais planos foram concluídos, entregues ou executados. Informa, ainda, que estava iniciando os estudos para o referido segundo plano, no qual privilegiaria as casas menos ameaçadas, mas com maior interesse arquitetônico, isoladamente e em relação ao conjunto. Neste futuro plano seria incluída parte dos imóveis assinalados por Lucio Costa, os trechos da rua Conde de Bobadela e os imóveis nas proximidades dos monumentos, além de casas isoladas que despertassem interesse⁹⁹.

Sobre os critérios utilizados na elaboração do Plano de Obras que foi entregue, Sylvio de Vasconcellos informava que:

Procuramos, de início, encontrar as casas com sua existência ameaçada, já com partes arruinadas e que, se não forem acudidas urgentemente correrão o risco de desaparecerem com a próxima estação chuvosa. Temo, ainda, que algumas me tenham escapado, em vista de muitas delas, com fachadas razoáveis, terem seus interiores comprometidos, mas de mais difícil verificação.

É interessante observar que a maioria das incluídas neste primeiro plano parecem ser das mais antigas da cidade, muitas com características evidentes do nosso primeiro século, o que faz ainda coincidir com o fator de urgência o histórico ou de antiguidade¹⁰⁰.

⁹⁷ Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro/Série Obras. M. 040/ Cx. 195/ P. 861.2/ Doc. 110.

⁹⁸ Veja, nesta publicação, a seção “Reprodução documental”.

⁹⁹ Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro/Série Obras. M. 040/ Cx. 195/ P.861.3/ Doc. 136-137.

¹⁰⁰ Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro/Série Obras. M. 040/ Cx. 195/ P. 861.3/ Doc. 135.

Quanto aos orçamentos previstos, ele repete informação do primeiro relatório de 29 de setembro, onde estavam incluídos apenas os gastos com as paredes perimetrais, com as coberturas e com as fachadas, inclusive esquadrias e beirais. É importante mencionar que, em seu relatório, o chefe do 3º Distrito demonstra a preocupação em utilizar o sistema construtivo mais próximo e adequado ao tipo de construção original de que tratava, no caso do casario de Ouro Preto, o pau-a-pique. Sua justificativa devia-se ao tipo de terreno, ao “primitivo” sistema construtivo adotado, e, de modo geral, à maior facilidade, adequação e economia do pau-a-pique. Advertia para o único inconveniente dessa nova experiência na prática de preservação, que seria a exigência da conservação permanente do revestimento e da pintura do pau a pique. Ele avalia como fundamental ao menos a pintura periódica desses imóveis, e presume que a falta dessa pintura poderia ser responsabilizada por 80% do arruinamento da cidade desde o início do século XX.

O Plano de Obras em favor do casario previa que 26 casas seriam reformadas com o dinheiro arrecadado na campanha em benefício de Ouro Preto, somando o custo de Cr\$ 216. 807,00. Segundo os dados fornecidos por Rodrigo Melo Franco ao Ministro da Educação, em 20 de outubro de 1949, a campanha já havia arrecadado Cr\$ 191.600,00, sem contar com a verba arrecadada no leilão, de Cr\$ 120.000,00.

No Plano de Obras constavam os seguintes 26 endereços:

- beco das Galinhas, s.nº.
- rua Alvarenga, nº 12 e 19.
- rua Conselheiro Santana, nº 2, 4 e 6.
- rua Domingos de Abreu, nº 2.
- rua Donato da Fonseca, nº 20.
- rua Felipe dos Santos, nº 20.
- rua Henri Gorceix, nº 15, 17, 19 e 21.
- rua Barão de Ouro Branco, nº 25.
- rua Padre Faria, nº 14.
- rua Paraná, nº 7 e 11.
- rua do Pilar, nº 9 e 11.
- rua Santa Efigênia, nº 8, 15, 28, 57, 62 e 67.
- rua S. José, nº 30.

As lacunas de informação no conjunto de documentos sobre o estudo do casario dificultam a compreensão de como se deu a seleção destas 26 casas do Plano de Obras.

Na Tabela 3 que segue, foram listados os endereços que constam dos relatórios de Sylvio de Vasconcellos e de Lucio Costa, do Plano de Obras, e do que foi efetivamente executado.

Tabela 3 – Processo de definição dos imóveis para restauração

Endereços	Indicados por SYLVIO DE VASCONCELLOS (29/09/1949)	Indicados por LUCIO COSTA (06/10/1949)	PLANO DE OBRAS (12/10/1949)	EXECUÇÃO (11/1949 a 09/1950)
Rua Alvarenga, nº 12			x	
Rua Alvarenga, nº 19			x	
Rua Antônio de Albuquerque, nº 4	x			
Rua Antônio de Albuquerque, nº 6	x			
Rua Antônio Martins, snº	x			
Rua Antônio Martins, nº 1	x			
Rua Antônio Martins, nº 6	x	x		
Rua Barão de Ouro Branco, nº 12				x
Rua Barão de Ouro Branco, nº 25			x	x
Rua Bernardo Guimarães, nº 64	x			
Rua Bernardo Guimarães, nº 66	x			
Rua Bernardo Guimarães, nº 68	x			
Rua Bernardo Guimarães, nº 82		x		
Rua Bernardo Guimarães, nº 84	x	x		
Rua Bernardo Guimarães, nº 90	x			
Rua Carlos Tomás, nº 2		x		
Rua Conde de Bobadela, nº 21	x			
Rua Conde de Bobadela, nº 23	x			
Rua Conde de Bobadela, nº 29	x			
Rua Conde de Bobadela, nº 30				x
Rua Conde de Bobadela, nº 34	x			
Rua Conde de Bobadela, nº 35	x			
Rua Conde de Bobadela, nº 36	x			
Rua Conselheiro Santana, nº 2	x	x	x	
Rua Conselheiro Santana, nº 4	x	x	x	
Rua Conselheiro Santana, nº 6	x	x	x	
Rua Conselheiro Santana, fundos	x			
Rua Coronel Serafim, nº 3		x		
Rua Costa Sena, nº 2		x		
Rua Costa Sena, nº 4		x		
Rua Costa Sena, nº 6		x		
Rua das Dores, nº 44				x
Rua Domingos de Abreu, nº 1		x		
Rua Domingos de Abreu, nº 2			x	
Rua Donato da Fonseca, nº 10		x		
Rua Donato da Fonseca, nº 12		x		
Rua Donato da Fonseca, nº 20			x	
Rua Felipe dos Santos, nº 20		x	x	
Largo Frei Vicente Botelho, nº 7	x			

Endereços	Indicados por SYLVIO DE VASCONCELLOS (29/09/1949)	Indicados por LUCIO COSTA (06/10/1949)	PLANO DE OBRAS (12/10/1949)	EXECUÇÃO (11/1949 a 09/1950)
Largo Frei Vicente Botelho, nº 9	x			
Beco das Galinhas, snº			x	x
Rua Henri Gorceix, nº 10				x
Rua Henri Gorceix, nº 15			x	x
Rua Henri Gorceix, nº 17			x	x
Rua Henri Gorceix, nº 19			x	x
Rua Henri Gorceix, nº 21			x	x
Rua Padre Faria, nº 14			x	
Rua Padre Faria, nº 32				x
Rua Paraná, nº 7		x	x	
Rua Paraná, nº 11		x	x	x
Rua Paraná, nº 21		x		
Rua do Pilar, nº 9			x	x
Rua do Pilar, nº 10		x		
Rua do Pilar, nº 11			x	
Rua do Pilar, nº 12				x
Rua Resende, nº 2	x			
Rua Resende, nº 4	x			
Rua Resende, nº 6	x			
Rua Resende, nº 7	x			
Rua do Rosário, nº 26				x
Rua do Rosário, nº 30*		x	x	x
Rua do Rosário, nº 31		x		
Rua Santa Efigênia, nº 8			x	x
Rua Santa Efigênia, nº 15			x	x
Rua Santa Efigênia, nº 28	x	x	x	x
Rua Santa Efigênia, nº 35	x			
Rua Santa Efigênia, nº 37	x			
Rua Santa Efigênia, nº 55				x
Rua Santa Efigênia, nº 57			x	x
Rua Santa Efigênia, nº 62	x	x	x	x
Rua Santa Efigênia, nº 67	x		x	x
Casa do Sr. Benedito José de Magalhães				x
	31 imóveis	23 imóveis	26 imóveis	24 imóveis*

*Consta do Plano de Obras, de 12/10/1949, como Rua São José, nº 30.

 Edificações em regular estado de conservação
 Edificações em estado de conservação urgente

 Edificações em pior estado de conservação
 Edificações não identificadas no mapa, desconhecendo-se seu estado de conservação

Dos 26 imóveis contidos no Plano de Obras, um foi indicado somente por Sylvio de Vasconcellos (o número 67 da rua Santa Efigênia), quatro foram indicados somente por Lucio Costa (os números 7 e 11 da rua Paraná, o número 20 da rua Felipe dos Santos, e o número 20 da rua do Rosário), cinco o foram por ambos os arquitetos, e dois tiveram obras solicitadas pelo então Prefeito de Ouro Preto (os números 57 e 8 da rua Santa Efigênia).

Os imóveis citados acima perfazem um total de doze edificações, desconhecendo-se os critérios de seleção aplicados aos quatorze imóveis restantes incluídos no Plano de Obras. Podemos, contudo, supor terem sido levados em consideração os recursos financeiros dos proprietários, assim como a deterioração dos compartimentos internos dos imóveis.

Observando-se a Tabela 3, se constata que foram poucos os imóveis de consenso, apenas cinco dos 26 imóveis haviam sido escolhidos por Sylvio de Vasconcellos e Lucio Costa: os números 28 e 62 da rua Santa Efigênia e os números 2, 4 e 6 da rua Conselheiro Santana, todos em estado urgente de conservação. Destes cinco, somente os dois imóveis da rua Santa Efigênia foram efetivamente restaurados.



Rua Santa Efigênia, nº 28 (Zona das Dores). Antes da restauração. Imóvel que constava dos relatórios de Sylvio de Vasconcellos e de Lucio Costa.



Rua Santa Efigênia, nº 28 (Zona das Dores). Após a restauração.



Rua Santa Efigênia, nº 62 (Zona das Dores). Em processo de restauração. Imóvel que constava dos relatórios de Sylvio de Vasconcellos e de Lucio Costa.



Rua Santa Efigênia, nº 62 (Zona das Dores). Após a restauração.



Rua Conselheiro Santana, nºs 2, 4 e 6 (Zona do Pilar). Apesar de terem sido indicados para restauração, tanto por Sylvio de Vasconcellos, quanto por Lucio Costa, os imóveis não foram restaurados.

Execução das obras

Assim que Rodrigo Melo Franco de Andrade recebeu o Plano de Obras enviado por Sylvio de Vasconcellos, submeteu-o à aprovação dos arquitetos da DET e da DCR, Lucio Costa, Paulo Thedim Barreto e Renato Soeiro. E com a devida aprovação desses técnicos, o Plano de Obras foi encaminhado ao Ministério da Educação e Saúde Pública – instância executiva à qual a DPHAN estava submetida – para que o Ministro o encaminhasse ao Presidente da República. O procedimento obedecia às imposições do Decreto Lei nº 2.809, de 23/11/1940, que regulava o recebimento e a aplicação de donativos particulares por parte da DPHAN, para a realização de trabalhos concernentes à defesa, conservação e restauração de monumentos. Com vistas à prestação de contas, Sylvio de Vasconcellos foi orientado por Rodrigo Melo Franco de Andrade a guardar todas as notas fiscais, contas e demais comprovantes das atividades realizadas na cidade, para ao final do ano enviá-las ao Rio de Janeiro.

Em 3 de novembro de 1949, Renato Soeiro (DCR) enviou o Ofício nº 1277 para a Chefia do 3º Distrito, que determinava:

Havendo o Senhor Presidente da República aprovado o plano de obras em benefício do conjunto arquitetônico de Ouro Preto a ser custeado com donativos particulares, comunico-vos, para os devidos fins, que o Senhor diretor geral [*Rodrigo Melo Franco de Andrade*] autorizou essa Chefia a providenciar imediatamente o início dos serviços constantes do mencionado plano.

Outrossim, deveis coligir desde o início, regularmente, os comprovantes das despesas realizadas com cada monumento, bem como a documentação fotográfica (antes, no decorrer e no final) a fim de que esta Diretoria possa apresentar ao Sr Ministro da Educação e Saúde a prestação de contas a que se refere o art. 2.809, de 23 de novembro de 1940¹⁰¹.

As obras foram executadas no período de novembro de 1949 a setembro de 1950, sendo efetivamente restauradas 24 casas. Observando-se a tabela mostrada anteriormente, constatamos ter havido alterações no Plano de Obras previamente aprovado enviado ao Presidente da República.

Dentre os 24 imóveis efetivamente recuperados¹⁰², somente quinze constavam originalmente do Plano de Obras. Entre os nove imóveis restantes, encontravam-se três edificações em estado urgente, três em estado regular e três com estado de conservação desconhecido. Podemos supor que as três edificações sem estado de conservação identificado encontravam-se em estado de conservação urgente, ao se analisarem as obras realizadas nas mesmas, que incluíam reconstrução total de fachadas, de paredes divisórias e de coberturas.

As três edificações em estado regular encontravam-se em zonas centrais da cidade, o número 10 da rua Henri Gorceix, na Zona do Palácio, o número 30 da rua Conde de Bobadela e o número 12

¹⁰¹ Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro/Série Obras. M. 040/ Cx. 195/ P. 861.2/ Doc. 113.

¹⁰² Veja Tabela 3 – Processo de definição dos imóveis para restauração.

da rua do Pilar, na Zona do Carmo. Nas duas últimas, foram realizados serviços menos urgentes, visando provavelmente a valorização do conjunto.

Na execução das obras, previu-se, ainda, que a pintura e pequenos reparos nas fachadas dos imóveis selecionados fossem estendidos para os seus vizinhos mais próximos, visando, também, a valorização dos conjuntos.

De novembro de 1949 a junho de 1950, a primeira fase de execução atendeu apenas a seis imóveis, localizados em:

- rua do Pilar, nº 9
- rua Paraná, nº 11
- rua Barão de Ouro Branco, nº 25 (19, 21, 23, 27 e 29)¹⁰³
- rua Santa Efigênia, nºs 15, 57 e 67



Rua do Pilar, nº 9 (Zona do Carmo), em restauração.



Rua do Pilar, nº 9 (Zona do Carmo), após a restauração.



Rua Barão de Ouro Branco, nº 25 (Zona das Dores).



Rua Santa Efigênia, nº 15 (Zona das Dores). Em processo de restauração.



Rua Santa Efigênia, nº 57 (Zona das Dores). Em processo de restauração.



Rua Santa Efigênia, nº 57 (Zona das Dores). Em processo de restauração.

¹⁰³ Segundo consta nas fotografias das obras, esses outros endereços tiveram suas fachadas pintadas à reboque da obra do número 25.



Rua Santa Efigênia, nº 67 (Zona das Dores). Em processo de restauração.



Rua Santa Efigênia, nº 67 (Zona das Dores). Em processo de restauração.

A segunda e a terceira fases de execução das obras ocorreram de junho a setembro de 1950, e incluíram um número bem maior de casas, 18 ao todo. Vale destacar que, destas, apenas oito estavam incluídas no Plano de Obras original e, entre essas oito, somente duas constavam nas listas iniciais definidas tanto por Sylvio de Vasconcellos quanto por Lucio Costa, os números 28 e 62 da rua Santa Efigênia.

Os dezoito imóveis restaurados foram:

- rua Barão de Ouro Branco, nº 12.
- Beco das Galinhas, s.nº.
- rua das Dores, nº 44.
- rua Direita, nº 30.
- rua Padre Faria, nº 32.
- rua Henri Gorceix, nºs 10, 15, 17, 19 e 21.
- rua do Pilar, nº 12.
- rua do Rosário, nºs 26 e 30.
- rua Santa Efigênia, nºs 8, 28, 55 e 62.
- Casa do Sr. Benedito José de Magalhães.



Rua Barão de Ouro Branco, nº 12 (Zona das Dores). Em processo de restauração. Esta casa não constava no Plano de Obras original.



Beco das Galinhas, s/n. Antes da restauração, com beiral com lambrequim rendilhado.



Beco das Galinhas, s/n. Em processo de restauração, já com lambrequim removido.



Rua do Padre Faria, nº 32 (Zona do Alto da Cruz). Em processo de restauração. Esta casa não constava no Plano de Obras original.



Rua do Padre Faria, nº 32 (Zona do Alto da Cruz). Após a restauração.

Após a realização das obras no casario de Ouro Preto, o diretor geral enviou ao chefe do 3º Distrito um ofício com uma série de esclarecimentos técnicos solicitados por Lucio Costa sobre reformas feitas em alguns imóveis específicos.¹⁰⁴ Esses esclarecimentos tratavam do esquema de cores adotado para certos elementos, como quadros, folhas, esteios, beirais de cachorro e cimalhas. No mais, Lucio Costa questionava pontualmente a intervenção em alguns dos imóveis, ao mesmo tempo em que elogiava a eficiência técnica e econômica da execução das obras.

Em resposta, Sylvio de Vasconcellos¹⁰⁵, informava que as cores variavam de casa a casa, sendo os beirais e cimalhas pintados de branco, em sua grande maioria, escurecendo posteriormente em função da umidade e da pátina. O escurecimento desses elementos, contudo, não satisfazia o gosto do chefe do 3º Distrito, por se tornar uma “nova cor que se liga pouco à dos esteios”.¹⁰⁶ Após justificar as escolhas feitas para cada um dos imóveis restaurados, ele frisa a importância dos reparos referentes à estabilidade e às partes gerais.

Alguns documentos identificados no Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro, acerca da continuidade da ação institucional da DPHAN em Ouro Preto ao longo da década de 1950¹⁰⁷, tratam das intervenções na gestão daquele conjunto arquitetônico. As informações não dizem mais respeito à arrecadação de verbas particulares em favor de Ouro Preto. Tampouco foram encontradas novas referências ao Leilão ou à campanha em benefício da cidade na documentação encontrada no Arquivo Central do IPHAN. Encontramos, sim, ao final da década de 1950, evidências¹⁰⁸ de uma sucessão de críticas à atuação da DPHAN na cidade, levada aos jornais com maior intensidade a par-

¹⁰⁴ Ofício nº 1405, de 13/12/1950. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro/Série Obras. M. 040/ Cx.196/ P. 862.1/ Doc. 40-41.

¹⁰⁵ Ofício nº 279/50, de 16/12/1950. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro/Série Obras. M. 040/ Cx.196/ P. 862.1/ Doc. 42-43.

¹⁰⁶ Ofício nº 279/50, de 16/12/1950. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro/ Série Obras. M. 040/ Cx.196/ Pasta 862.1/ Doc. 42.

¹⁰⁷ Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro/Série Obras. M. 040/ Cx. 196/ P. 862.3.

¹⁰⁸ Idem.

tir de uma entrevista concedida por Junqueira Ferreira, ex-prefeito de Ouro Preto¹⁰⁹, que afirmava que a instituição atuava autoritariamente na cidade. A questão se desenrolou em diversos artigos publicados na imprensa do Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, entre outros estados, com autoria de Rodrigo Melo Franco de Andrade, Sylvio de Vasconcellos, Carlos Drummond de Andrade e do ex-Prefeito de Ouro Preto¹¹⁰. Quanto ao teor das críticas, concentravam-se, ainda, na polêmica construção do Grande Hotel.

Nesse momento, entre 1959 e 1960, em função do 250º Aniversário da cidade, que seria comemorado em 1961, foi criado um plano de obras, o Plano Especial de Ouro Preto. A sua execução beneficiou os monumentos religiosos e civis de importância individualizada, como chafarizes, pontes, igrejas e capelas, e alguns conjuntos arquitetônicos civis. Ao que tudo indica, o estudo de Sylvio de Vasconcellos e Paulo T. Barreto, assim como as indicações para a restauração, foram levados em consideração, pois alguns dos imóveis inventariados e indicados para restauração em 1949 foram finalmente restaurados em 1961.¹¹¹

109 Tratava-se do advogado e ex-prefeito de Ouro Preto, Sr. A. Junqueira Ferreira. Artigo do *Diário da Tarde*, de 6/7/1959. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro/Série Obras. M. 040/ Cx. 197/ P. 866.4.

110 Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro/ Série Obras. M. 040/ Cx. 196/ P. 863.1.

111 Entre elas, as edificações na rua Carlos Tomaz, nº 2 (indicada por Lucio Costa) e as da rua Direita, 21 e 23 (indicadas por Sylvio de Vasconcellos). Veja mais informações sobre o *Plano Especial de Ouro Preto* no Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro/ Série Obras. M. 40/ Cx. 200, 201, 202, 203, 204 e M. 52/ Cx. 214, 215, 216.

Referências bibliográficas

AGUIAR, Leila Bianchi. *Turismo e preservação nos sítios urbanos brasileiros: o caso de Ouro Preto*. 2006. Tese (Doutorado em História) Universidade Federal Fluminense. Niterói.

ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de. Programa. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Rio de Janeiro: MES, 1937, n. 1.

_____. The conservation of urban sites. In: *The conservation of cultural property*. Paris: UNESCO, 1968. (Museums and Monuments. XI)

ABREU, Alzira Alves (Org.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro pós-30*. Ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

ABREU, Regina. *Sangue, nobreza e política no tempo dos imortais: um estudo antropológico da Coleção Miguel Calmon no Museu Histórico Nacional*. 1990. Dissertação (Mestrado em Antropologia) apresentada ao Departamento de Antropologia Social do Museu Nacional/ Universidade Federal do Rio de Janeiro.

ALMEIDA, Leandro Antonio de. *Dos sertões desconhecidos às cidades corrompidas: um estudo sobre a obra de João de Minas (1929-1936)*. 2008. Dissertação (Mestrado em História Social) apresentada ao Departamento de História da Universidade de São Paulo.

BAHIA. DIRETORIA DE CULTURA E DIVULGAÇÃO. *Sob os céus de Porto Seguro*. Salvador: Imprensa Oficial do Estado, 1940.

BORDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: EDUSP, 1982.

CAVALCANTI, Lauro. *As preocupações do belo*. Rio de Janeiro: Tauros, 1995.

_____. *Modernistas na repartição*. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: UFRJ; MinC; IPHAN, 2000.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas. O imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CHOAY, Françoise. *A alegoria do Patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade/ UNESP, 2001.

CHUVA, Márcia Regina Romeiro. *Os Arquitetos da Memória: a construção do patrimônio histórico e artístico nacional no Brasil (anos 30 e 40)*. 1998. Tese (Doutorado em História) Universidade Federal Fluminense. Niterói. (mimeo)

CZAJKOWSKI, Jorge (org). *Guia da arquitetura eclética no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Centro de Arquitetura e Urbanismo, 2000. (Guias da arquitetura do Rio de Janeiro)

DPHAN. *A lição de Rodrigo*. Recife: DPHAN, 1969.

FONSECA, Maria Cecília Londres. *O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil*. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: UFRJ/ MinC/ IPHAN, 2005.

_____. Referências Culturais: base para novas políticas de Patrimônio. In: *Boletim de Políticas Sociais do IPEA: Acompanhamento e Análise*, n. 2, 2001.

FUNDAÇÃO NACIONAL PRÓ-MEMÓRIA. *Rodrigo e seus tempos*. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura; Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Fundação Nacional Pró-Memória, 1986.

_____. *Rodrigo e o SPHAN. Coletânea de textos sobre o patrimônio cultural*. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura; Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Fundação Nacional Pró-Memória, 1987.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ; IPHAN, 2002.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2003.

LISSOVSKY, Maurício; SÁ, Paulo Sérgio Moraes de (Orgs.). *Colunas da Educação, A Construção do Ministério da Educação e Saúde (1935-1945)*. Rio de Janeiro: MinC; IPHAN; FGV, 1996.

MAGALHÃES, Aloísio. *E triunfo? A questão dos bens culturais no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

MAGALHÃES, Aline Montenegro. *Colecionando relíquias...Um estudo sobre a Inspetoria dos Monumentos Nacionais (1934-1937)*. 2004. Dissertação (Mestrado em História Social) Universidade Federal do Rio de Janeiro. (mimeo).

_____. A curta trajetória de uma política de preservação patrimonial. *Anais do Museu Histórico Nacional*. Rio de Janeiro, v. 36, p. 9-18, 2004.

MEC, DPHAN. *Legislação Brasileira de Proteção aos Bens Culturais*. Brasília: 1967.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: Difel, 1979.

MOTTA, Lia. A SPHAN em Ouro Preto: uma história de conceitos e critérios. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 22, p. 108-122, 1987.

_____. *Patrimônio urbano e memória social: práticas discursivas e seletivas de preservação cultural de 1975 a 1990*. 2000. Dissertação (Mestrado em História Cultural) Unirio. Rio de Janeiro.

MOTTA, Lia; SILVA, Maria Beatriz Setúbal Resende (Orgs.). *Inventários de identificação: um panorama da experiência brasileira*. Rio de Janeiro: IPHAN, 1998.

NOVAES, Fernando A.; SOUZA, L. M. (Orgs.). *História da vida privada no Brasil*. v. 1. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

NOGUEIRA, Antonio Gilberto Ramos. *Por um inventário dos sentidos: Mário de Andrade e a concepção de patrimônio e inventário*. São Paulo: Hucitec/ FAPESP, 2005.

PESSOA, José (Org.) *Lucio Costa: Documentos de trabalho*. Rio de Janeiro: IPHAN, 2004.

PLANO *de conservação, valorização e desenvolvimento de Ouro Preto e Mariana*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro; IPHAN; IEPHA; Prefeitura Municipal de Ouro Preto; Prefeitura Municipal de Mariana, 1975.

PROTEÇÃO *e revitalização do patrimônio cultural no Brasil: uma trajetória*. Brasília: MEC; SPHAN; FNPM, 1980.

SANT'ANNA, Márcia G. *Da cidade-monumento à cidade-documento: a trajetória da norma de preservação de áreas urbanas no Brasil (1937-1990)*. 1995. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) Universidade Federal da Bahia. Salvador.

SANTOS, Mariza Velloso Mota. *O tecido do tempo: a idéia de patrimônio cultural no Brasil (1920-1970)*. 1992. Tese (Doutorado em Antropologia) Universidade de Brasília.

SILVA, W. F. *Um Arco no Prelo: Notícias do Patrimônio durante o Estado Novo*. Trabalho Final apresentado ao Programa de Especialização em Patrimônio do IPHAN –PEP, em fevereiro de 2007. (mimeo)

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

VASCONCELLOS, Sylvio. Contribuição para o estudo da Arquitetura Civil em Minas Gerais (II). *Arquitetura e Engenharia*, Belo Horizonte, v. 1, n. 3, p. 42-49, jul-ago/ 1946. In: LEMOS, Celina Borges (Org.). *Sylvio de Vasconcellos: textos reunidos: arquitetura, arte e cidade*. Prefácio por Celina Borges Lemos. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 2004.

WISNIK, Guilherme. *Lucio Costa*. São Paulo: Cosac Naify, 2001.

Sites consultados

Empresa Lux Jornal.

Disponível em <<<http://www.luxjornal.com.br/empresa.asp>>>. Acessado em 14 de novembro de 2008.

II

Reprodução documental
fac-similar

Seleção de documentos relativos à
Campanha de Arrecadação de Fundos
em benefício dos imóveis de Ouro Preto

DECRETO-LEI Nº 2.809, DE 23 DE NOVEMBRO
DE 1940 (*)

Dispõe sobre a aceitação e aplicação de doações particulares pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

O Presidente da República, usando das atribuições que lhe confere o art. 180 da Constituição, decreta:

Art. 1º Fica o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional autorizado a aceitar e receber quaisquer quantias que, por iniciativa particular, sejam oferecidas a título de contribuição para a realização de trabalhos concernentes à defesa, conservação e restauração dos monumentos e obras de valor histórico e artístico existentes no País.

Art. 2º As quantias doadas para os fins referidos no artigo antecedente serão depositadas no Banco do Brasil, em conta corrente especial do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Art. 3º A aplicação das quantias recebidas e depositadas, com os respectivos juros, será feita segundo plano previamente aprovado pelo Presidente da República, salvo se o próprio doador houver determinado o destino da quantia doada.

Art. 4º O diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional submeterá, no primeiro trimestre de cada ano, à aprovação do Ministro da Educação e Saúde as contas referentes à aplicação de recursos provenientes de doação no ano anterior.

Art. 5º Revogam-se as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 23 de novembro de 1940; 119º da Independência e 52º da República.

GETÚLIO VARGAS

Gustavo Capanema

(*) Publicado no *Diário Oficial* de 26 de novembro de 1940.

LEILÃO EM BENEFÍCIO DE OURO PRETO

C A T Á L O G O

Leiloeiro Afonso Nunes
Rua Chile, 29

Rio de Janeiro
14.10.1949

- Lote nº 1 Theatre, Paul Claudél, 4 vols., doação de Odilo Costa Filho.
- " " 2 Litografia colorida, madona von Rosenkranz, doação da Senhora Verissimo de Melo.
- " " 2 a 10 exemplares do ensaio Terras e Homens, doação do Snr. Raul de Azevedo.
- " " 3 100 exemplares de Teus olhos, únicos no mundo, versos da lavra do ofertante, Snr. Stuart de Alencar.
- " " 4 Cartas de Vilhena, notícias soteropolitanas e brasílicas, anotadas pelo Professor Braz do Amaral, Bahia, 1922, doação do Snr. Gilberto Ferrez.
- " " 5 Volume em brochura: Brésil, terre d'amour et de beauté, com 3 mapas e 70 ilustrações, de Henry Vallotton, Lausanne, 1945, doação do Snr. Gilberto Ferrez.
- " " 6 Volume oitavo dos Anais do Terceiro Congresso de História Nacional, contendo as monografias: O ensino artístico, subsídio para sua história, de Morales de los Rios e Artistas do Rio Colonial, de Marques dos Santos. Imprensa Nacional, 1942, doação do Snr. Gilberto Ferrez.
- " " 7 A Princesa D. Isabel, a Redentora, conferência realizada a 8 de agosto de 1946, na Sociedade de Geografia - 6 opusculos, doação do Snr. Paulo Jose Pires Brandão.
- " " 8 Caxias Conselheiro de Estado, separata da Revista Militar Brasileira, nº 3, vol. XXXV, de 25 de agosto de 1936, Imprensa Nacional, 1938. Doação do Snr. Paulo Jose Pires Brandão.
- " " 9 Gravura em talho doce, Pregação de João Batista no Deserto, segundo pintura de L. Carrache e gravura de Tongman. Doação do Snr. Paulo Jose Pires Brandão.
- " " 10 Dita, idem, representando Santo André Avelino, quadro do cavaleiro Tomaso de Vivo, desenhado e gravado por Franc. Fagiolo. Doação do Snr. Paulo Jose Pires Brandão.
- " " 11 Dita, idem, Zacarias no Templo, segundo desenho de Picart e gravura de Gouven. Doação do Snr. Paulo Jose Pires Brandão.
- " " 12 Dita, idem, representando O Canto do Sapo, quadro do cavaleiro Giulio Bossi, desenhado por Narducci e gravado por Giac. Mitterpoch. Doação do Snr. Paulo Jose Pires Brandão.
- " " 13 1 Litografia de J. M. Eugendas, representando 4 tipos de índios coroados. Doação dos Snrs. Medina & Cia.
- " " 14 1 dita, idem, índios canache. Doação dos Snrs. Medina & Cia.

- Lote nº 14 a Litografia s/ indicação de autor n/ data. Parece ser um exemplar tirado avant la lettre, representando a Princesa D. Maria da Gloria, trazendo vestido de cerimônia, decotado e mangas bufantes. Doação de S.A. Príncipe D. Pedro Gastão de Orleans e Bragança.
- " " 15 Histórico e Análise esthetigraphica do quadro de um episodio da Batalha de Campo Grande... por Arseos. Rio, 1861. Doação do Snr. Marques dos Santos.
- " " 16 4 exemplares de Serra da Saudade, Belo Horizonte, 1948. Doação do Snr. C. Cunha Corrêa.
- " " 17, 18, 19 e 20 4 Águas Fortes francesas, em sanguinea, século XVIII. Doação do Snr. Paulo Sawen John.
- " " 21 Mesa de engostar, em jacarandá, época de D. José I. Doação do Snr. Demostenes Madureira de Pinho.
- " " 22 Gaspar Barléu, grande volume ilustrado, tradução e anotações de Claudio Brandão, Edição do Ministerio da Educação. Doação do Snr. Gilberto Ferréz.
- " " 23 Desenho a lapis, estudo de nú, de Eliseu Visconti. Doação da Snr^a Maria Augusta Machado da Silva.
- " " 24 Autógrafos:
Manuel Bandeira, Minha gente salvemos Ouro Preto.
Carlos Drummond de Andrade, Protejamos Ouro Preto.
Cecília Meirelles, Balada de Ouro Preto.
Murilo Mendes, Ouro Preto, com ilustração de Eros Gonçalves, no verso.
- " " 25 Lanterna de latão, de tríplice uso: para mesa, para conduzir na mão e para alçar em parede. Doação do Snr. Heitor Pragner Frois.
- " " 26 Gravura japonesa, colorida, fim do século XIX. Doação do Snr. Mario Barata.
- " " 27 Antiga moldura de jacarandá, em meio círculo, tendo um espesso cristal gravado com as armas do Império. Pertenceu a galeota imperial. Doação da Snr^a Erwin Esslinger.
- " " 28 Cadeira para salão de baile, de manufatura inglesa. Madeira branca, laca preta, douração e embutidos de madrepérola. Peça de uso no reinado de D. Pedro II. Em perfeita conservação. Doação do Snr. Eliseu A. dos Reis.
- " " 29 Pinha de cerâmica de Santo Antônio do Pôrto. Doação do Snr. Carlos Frederico da Silva.
- " " 30 Écran de lareira, em laca, com decoração policroma de passaro, flores e motivos dourados. Muito decorativo. Doação da Snr^a Ana Amelia e Snr. Marcos Carneiro de Mendonça.
- " " 31 2 quadros, aquarelas com pássaros feitos de penas naturais, em meados do século XIX. Doação do Snr. Miguel Sales.

- Lote nº 32 Prato fundo, de sopa, louça inglesa pó de pedra, branca com decoração azul, pintado a mão. Doação da Sñrª Paulo Barreto
- " " 33 Jarra de flores, em vidro cor de pistache. Doação da Sñrª Laura Margarida de Queiroz Costa.
- " " 34 Pequeno prato de louça portuguesa, da fábrica Sacavém. Doação da Galeria Antonio Carlos.
- " " 35 Grande leque em setim azul claro, com 2 figuras a gouache, armação em madeira dourada. Doação da Sñrª Jenny Dreyfus.
- " " 36 Centro de mesa, prato de vidro colorido e base de metal niquelado. Doação da Sñrª Sofia Bilmis.
- " " 37 Caixa para luvas, madeira e veludo, na tampa uma miniatura pintada sobre porcelana. Doação da Casa Ouro Preto.
- " " 38 Padre José de Anchieta, S.J., de Beata Virgine. Edição especial do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, 1940. Encadernado. Doação do Sñr. José Pires dos Santos.
- " " 39 Pequena bandeja de vidro leitoso, com orla rococó. Doação do Sñr. Wolf Einhorn.
- " " 40 e 41 2 medalhões de porcelana japonesa, casca de ovo. Doação do Sñr. Ministro Orozimbo Nonato.
- " " 42 1 porta joias de pedra sabão, de autoria de José Calixto. Doação da Sñrª Marcia de Moura Castro.
- " " 43 Pequeno toucador de mesa, em vinhático, com espelho redondo, dois porta-grampos e gaveta. Peça interessante, de meados do século XIX. Doação da Grande Casa de Objetos Usados.
- " " 44 Prato de porcelana francesa, bordo azul, pequenas guirlandas de flores e, ao centro, apagadas, as iniciais J.E.S.C. Doação anônima.
- " " 45 Natureza morta, pastel, representando uma cesta, toalha, nabos, couve, abóbora e garrafa de vinagre. Bela composição. Com a assinatura de Estevão Silva. Doação da Sñrª Fabio Carneiro de Mendonça.
- " " 46 2 Caixas de madeira rendada, de procedência germânica. Doação do Sñr. Miguel Sales.
- " " 47 1 castiçal de pedra sabão, de autoria do ofertante, Sñr. José Calixto.
- " " 48 Travessa em louça inglesa, decoração estampada em azul, lenda do salgueiro. Doação da Sñrª Paulo Barreto.
- " " 49 Prato de sobremesa, em louça azul, inglesa. Doação do Sñr. Pedro Nava.
- " " 50 História Sagrada, de Manoel Trens, versão espanhola de Cipriano Montserrat, Barcelona, 1933. Doação do Sñr. José Pires dos Santos.

- Lote nº 51 Floreira de bronze e cristal lilás, de fim do século XIX. Doação da Snr^a Branca de Melo Franco Alves.
- " " 52 Vaso de louça japonesa, com figuras e relevos variegadamente coloridos. Doação da Viuva Dr. Carlos Chagas.
- " " 53-54 2 aquarelas originais de Armando Pacheco, pássaros da Hileia Amazonica. Doação do Snr. Gastao Cruls.
- " " 55 Paisagem de Diamantina, Rua Direita. Óleo. Doação da Snr^a Hilda E. Campofiorito.
- " " 56 Aquarela de Ouro Preto. Doação do Snr. Quirino Campofiorito.
- " " 57 Exemplar encadernado do Guia de Ouro Preto, de Manuel Bandeira. Doação do Snr. Djalma Pinto Ribeiro Lessa.
- " " 58 Coador de chá, em prata, com cabo de marfim. Doação da Snr^a Fábio Carneiro de Mendonça.
- " " 59 Canivete francês, em madrepérola, com 2 lâminas. Fim do século XVIII. Doação da Snr^a Marcelle Proux.
- " " 60 Cáixinha de tartaruga escura, com incrustação em prata, antigo porta moedas. Meios do século passado. Doação da Casa das Antiguidades.
- " " 61 Peso de papel, em onix e bronze, representando o sarcófago de Napoleão I. Doação dos Snrs. O. Oliveira & Cia. Ltd^a
- " " 62, 63 e 64 Três moedas de prata, de duas patacas, da Casa da Moeda da Bahia, cunhadas, duas, em 1699 e uma em 1695. Todas, tecnicamente classificadas por seu doador, o numismata Solano de Barros.
- " " 65 Bombonière em prata, Luís XVI. Doação da Snr^a Waldemir Salem.
- " " 66 Colher e garfo de prata, ao gosto do fim do século XVIII. Doação do Snr. Rodolfo Gonçalves de Siqueira.
- " " 67 Um medalhão Império, em moldura retangular, em ouro baixo, e miniatura sobre marfim, retrato de militar. Cerca de 1830. Doação da Snr^a Beatriz Gastão da Cunha Penido.
- " " 68 Um dito, idem, retrato a paisana, mesma época. Doação da Snr^a Beatriz Gastão da Cunha Penido.
- " " 69 Um quadrinho de veludo, tendo ao centro pequeno galvano representando o Visconde do Rio Branco, a direita. Trabalho de grande finura. Doação da Snr^a Beatriz Gastão da Cunha Penido.
- " " 70 Um pequeno galvano dourado, mesmo assunto. Doação da Snr^a Beatriz Gastão da Cunha Penido.
- " " 71 Pintura a óleo sobre madeira, representando Cabeça de Velha. Doação da Snr^a Margarida C. Alves de Proença.

- Lote nº 72 Punhal árabe, cabo de chifre, bainha de prata, peça bem lavrada e decorativa. Doação da Sra^a Madeleine Ribeiro Colaço.
- " " 73 Aplausos natalícios com que a cidade da Bahia celebrou a notícia..., por João de Brito Lima (Bahiano). Contem um soneto de Sebastião da Rocha Pitta e a relação das festas que na famosa cidade da Bahia se fizeram... em 11 de Nov. de 1716 (Lisboa, 1718). Doação do Sr. Tancredo de Barros Paiva.
- " " 74 A Missão Artística de 1816, por Afonso d'E. Taunay, Rio, 1912. Doação do Sr. Marques dos Santos.
- " " 75 Xícara de chá, em prata. Doação da Galeria Max.
- " " 76 Cassoleta de ouro e esmalte. Doação da Casa Hugo.
- " " 77 Placa em bronze e cobre, selo grande, com as armas do Império, tendo na orla: Petrus II D.G. Brasiliae Imperator. Doação da Sra^a Teresa Gastão da Cunha.
- " " 78 Sinete em bronze, com cabo de madeira, que pertenceu à Academia Imperial de Medicina do Rio de Janeiro, com as armas imperiais e legenda. Doação da Sra^a Teresa Gastão da Cunha.
- " " 79 Tela representando vista parcial de Ouro Preto. Doação da Sra^a Karola Szilard Gabor.
- " " 80 Imagem de N. S^a da Glória, ricamente dourada e colorida. Peça de provável manufatura baiana, do meado do século XIX. Doação do Solar das Antiguidades.
- " " 81 A Arte Brasileira, pintura e escultura, por L. Gonzaga Duque, Rio, 1888. Doação do Sr. Marques dos Santos.
- " " 82 Placa de madeira com armas imperiais. Doação do Sr. Miguel Sales.
- " " 83 1 placa de prata, N. Sra^a do Rosário. Doação dos Srs. Zitrin & Irmãos.
- " " 84 Pintura a óleo sobre tela, Cabeça de Frade, trabalho do ofertante Sr. Evilasio Lopes
- " " 85 Imagem de Santa Rita, em madeira pintada. Doação da Sra^a Heloisa Graça Couto.
- " " 86 Imagem de São João Batista, em madeira pintada. Doação da Sra^a Heloisa Graça Couto.
- " " 87 Crucifixo em cedro pintado e dourado, com linha barroca. A imagem do cristo em belo e perfeito trabalho de pedra sabão. Fim do século XVIII. Doação do Sr. Luis La-Saigne.
- " " 88 Porta garrafas em jacarandá, de fins do século XVIII, com guarnições em bronze. Doação do Sr. Afonso Arinos de Melo Franco.
- " " 89 Estojo contendo uma relíquia. Doação do Sr. Miguel Sales.

- Lote nº 90 Placa de cobre com pintura a óleo, São Francisco de Assis na gruta de Montalverne, em miniatura, século XVIII. Peça de grande beleza e raridade. Doação da Sra^a Beatriz Magalhães de Chacel.
- " " 91 Espelho, chave e fechadura de princípios do século XIX, procedente de São Gonçalo do Rio Abaixo, Minas Gerais. Doação da Família Bensusan.
- " " 92 Artistas Bahianos, indicações biográficas, Rio, 1909. Doação do Snr. Marques dos Santos.
- " " 93 Relicário em cedro dourado, miniatura, século XVIII. Doação da Galeria D. José.
- " " 94 1 oratório de cedro pintado, de procedência mineira. Doação da Casa Anglo Americana.
- " " 95 Litografia colorida, da obra de Ferdinand Denis. Doação de Le Connoisseur.
- " " 96 Pequena carta da Guiana, do século XVII, gravura em talho doce. Doação de Le Connoisseur.
- " " 97 Vista da baía de Guanabara - Gouache de Joaquim Insley Pacheco, apreciado paisagista e um dos pioneiros da fotografia, no Rio. Doação do Snr. Aloisio de Paula.
- " " 98 Par de pequenas floreiras em porcelana francesa, decoração de flores e dourados. Doação da Sra. Austregesilo de Athayde.
- " " 99 1 galheteiro de cerâmica azul e branca, francesa. Doação do Snr. Edmundo da Luz Pinto.
- " " 100 Bule de chá e leitera, em porcelana francesa, decorados com guirlandas, meados do século XIX. Doação do Snr. F. Guerra Duval.
- " " 101 Copo de cristal, para água, com o retrato, em preto, do conselheiro Francisco Alves Maciel, chefe monarquista na Província do Rio Grande do Sul. Peça unica conhecida. Doação da Casa Ouro Preto.
- " " 102 Relation Générale de l'artillerie et de l'ammunition de Rio de Janeiro, 1769, em manuscrito, do engenheiro militar sueco Jacques Funck, que exerceu valiosa atividade no Brasil. O presente documento procede da Casa de Lavradio, a cujo ultimo representante o Dr. Augusto de Lima adquiriu, em Lisboa, 1940. Doação do Snr. Clado Ribeiro Lessa.
- " " 103 Xícara e pires de cristal, com frisos dourados. Coroa de conde e inicial P. Pertenceu a Francisco Inácio Carvalho Moreira, Ministro plenipotenciario e enviado extraordinario do Brasil na Inglaterra, no reinado de D. Pedro II. Doação da Sra^a Rosalina Coelho Lisboa de Larragoiti.
- " " 104 Autógrafo de Luís XIV, datado do ano de 1662. Ordem assinada no carater de Conde de Provença, dispondo que fossem restituídas a sua mãe, sectaria da Religião Reformada, duas meninas suas filhas, que haviam sido retiradas do poder materno por um dignatario da catedral de Marselha sob o pretexto de educa-las na verdadeira religião catolica. Doação da Sra^a Ana Amélia Carneiro de Mendonça.

- Lote nº 105 1 Xícara de cristal c/ corôa de Visconde. Doação do Sr. Leone Ossovigi.
- " " 106 1 Xícara de chá e pires, em porcelana branca, com bordas douradas e iniciais F.J.P., de Francisco Jose Pacheco, depois Visconde de S. Francisco. Doação do Sr. Antônio de Avelar Fernandes.
- " " 107 1 Xícara e pires em porcelana inglesa, século XIX. Exemplar raro, por se tratar de uma xícara de bigode, isto é, com anteparo protetor dos bigodes, que tiveram sua época. Doação da Sra Graciema M. F. de Andrade.
- " " 108 2 copos de opalina branca e dourado. Doação do Sr. Edmundo da Luz Pinto.
- " " 109 1 cálice de cristal, para vinho, com coroa de Marquês e inicial T. Doação do Sr. Leone Ossovigi.
- " " 110 1 Xícara em porcelana francesa, branca, com decoração em ouro. Doação do Sr. Silvio de Abreu Fialho.
- " " 111 1 Xícara de chocolate e pires, porcelana francesa, bordo azul e iniciais M.G.S. Doação do Sr. Antonio de Avelar Fernandes.
- " " 112 Folheto, La Status de l'Empereur Don Pedro I, por Luis Augusto Burgain, Rio, 1862. Doação do Sr. Marques dos Santos.
- " " 113 Caneca de porcelana inglesa de Worcester, com decoração de flores, frisos azuis e braço frances. Doação da Sra Jorge Vasconcelos.
- " " 114 Dita, *idem*. Doação da Sra Jorge Vasconcelos
- " " 115 1 frasco de louça francesa. Doação do Sr. Alberto Daniel.
- " " 116 1 Xícara e pires em porcelana de Sèvres, azul e ouro. Doação da Sra Ana Amelia Carneiro de Mendonça.
- " " 117 1 copo de pé c/ coroa de Visconde. Doação do Sr. Leone Ossovigi.
- " " 118 1 travessa de porcelana chinesa c/ decoração azul, fim do século XVIII. Doação do Sr. Antonio de Mesquita Bonfim.
- " " 119 Bela estátua em legítimo bronze, de Rousseau, representando Dante. Doação de Tadeusz Kobylanski.
- " " 120 Óleo sobre táboa - Paisagem holandesa, rio, barcos, casas e moinhos. Doação da Galeria Debret.
- " " 121 Prato de porcelana japonesa, antigo, Doação da Sra Carmen Martinez Thedy de Bernardes.
- " " 122 Prato raso, em porcelana chinesa, com o braço do Conde da Ribeira Grande. Doação do Sr. Pedro Brando.
- " " 123 Prato de sobremesa, porcelana francesa, da baixela do Barão de Teffe. Doação do Sr. Pedro Brando.

- Lote nº 124 Artístico porta retratos, de prata, tamanho postal.
Doação da Snr^a Hanny Stauch.
- " " 125 Pequeno quadro a óleo sobre tábua de cedro, Pensativa
de Rodolfo Amoedo, com dedicatória e data, 1914.
Doação do Snr. Sebastião Ribeiro Loures.
- " " 126 1 aquarela, Pão de Açúcar, de autoria de Libindo Fer-
raz. Doação do Snr. Afonso Nunes.
- " " 127 Prato de mesa, com bordo verde e frisos dourados. Os-
tenta as armas da Casa Imperial e as iniciais
P. II em letras grandes, varias vezes repetidas.
De um aparelho oferecido por D. Luis I a D. Pe-
dro II. Doação da Snr^a Mariana de Andrade Lanari.
- " " 128 Prato de sobremesa, dito, idem. Doação da Snr^a Maria-
na de Andrade Lanari.
- " " 129 Xícara de chá, idem. Doação da Snr^a Mariana de Andra-
de Lanari.
- " " 130 Litografia de Debret, Os serradores, colorida. Doa-
ção da Snr^a Leonídio Ribeiro.
- " " 131 Litografia colorida de Debret, vista do mercado de es-
cravos do Valongo. Doação da Snr^a Paulo Santos.
- " " 132 Prato em porcelana francesa, borda vermelha com friso
dourado, coroa de conde e inicial P. Pertenceu
a baixela do Visconde de Pelotas. Doação da
Snr^a Paulo Santos.
- " " 133 Prato de louça inglesa, com borda verde e friso dou-
rado. Ao centro um timbre com a divisa: Per
ardua ad alta. Doação da Snr^a Paulo Santos.
- " " 134 Prato fundo, louça inglesa, branca, borda com friso
dourado e ao fundo, em roxo, o braço imperial.
Da baixela de uso diario no Paço da Boa Vista,
no Segundo Reinado. Doação da Snr^a Galeno Mar-
tins.
- " " 135 L'Univers. Histoire et description de tous les peuples
Com a descrição da Colombia e Guiana, por C.
Famin e a parte do Brasil, por Ferdinand Denis.
Brochura original, com a primitiva capa, ornada
com dois mapas e gravuras, em preto. Doação
do Snr. Pedro Nava.
- " " 136 Hippolite Pujol, Anthologie des Poètes Brésiliens,
prefacio de Oliveira Lima, Sao Paulo, 1912.
Encadernado. Doação do Snr. Jose Pires dos
Santos.
- " " 137 Prato em porcelana francesa, Ch. Pillivuit & Cia.,
com borda azul e friso dourado, com coroa de
visconde, iniciais R.B. e listel com a legenda:
28 de setembro de 1871. Pertenceu a baixela
de Jose Maria da Silva Paranhos, Visconde do
Rio Branco. Doação de Ana Amelia Carneiro de
Mendonça.
- " " 138 Azeitoneira de porcelana francesa em forma de folha
de parra, branca, com bordo rosa. Em ouro, ao
centro, A.C. Da baixela do Visconde de Ouro
Preto. Doação da Snr^a Maria Luiza San Juan de
Ouro Preto.

- Lote nº 139 Xícara de chá e pires, em porcelana francesa, borda verde pistache, com as iniciais R.I., douradas. Doação do Snr. Clovis Bornay
- " " 140 Terrina de porcelana francesa, de Ch. Pillivyt & Cia., decorada com frisos azuis e ouro e iniciais A. I.F., Doação do Snr. Luis de Almeida Josephson.
- " " 141 Prato em porcelana francesa, de Shoelcher, fábrica do Conde de Artois, branco, com frisos verdes e dourados. Ao centro, douradas as iniciais B.I. e uma coroa de barão. Pertenceu ao diplomata Manoel Rodrigues Gameiro Pessoa, barão de Itabaiana, nosso primeiro ministro plenipotenciário em França, em 1824. Doação do Snr. António Wanderley de Araujo Pinho.
- " " 142 Cremeira de porcelana francesa, que pertenceu à bailheira de Carlos Pereira Nunes, Barão de São Carlos. Nota-se nesta peça um carimbo elítico com os dizeres: Viz-cava Irmãos - Rio de Janeiro, Paris e as iniciais H. & C., indicativas da fabricação francesa, Haviland & Cia. Doação da Snrª Afonso Alves Pereira.
- " " 143 1 prato de porcelana c/ braço do Barão do Rio Branco. Doação do Snr. Edmundo da Luz Pinto.
- " " 144 Litografia colorida, de João Maurício Rugendas, representando paisagem da Fazenda da Mandioca, do Barão de Langsdorff, na Estrela, a subida da Serra, caminho de Petropolis. Doação da Snrª Maria do Carmo Melo Franco Nabuco.
- " " 145 História Geral do Brasil, 2 volumes, 1ª edição, de Francisco Adolfo de Varnhagen. Com dedicatória autografada do autor a D. Laura da Silva. Doação do Snr. Rodrigo M. F. de Andrade.
- " " 146 Cremeira em porcelana branca, com frisos dourados e azuis, coroa de conde sobre as iniciais M.P. Doação da Galeria D. Jose.
- " " 147 1 azeitoneira de porcelana branca c/ frisos dourados. Doação do Snr. Leone Ossovigi.
- " " 148 1 prato de porcelana c/ as armas imperiais, feito modernamente, em Paris, pela Casa Brasileira, do Sr. Roberto Heymann. Doação do Snr. Edmundo da Luz Pinto.
- " " 149 Prato de porcelana francesa, branco com barra azul, frisos dourados, iniciais B.T., coroa de conde. Pertenceu ao almirante Barão de Teffe, Antonio Luis von Hoonholtz. Doação do Snr. Paulo Tavares da Silva.
- " " 150 Travessa em porcelana chinesa, fim do século XVIII, decoração em azul, tendo ao centro um ramo de flores. Peça de sobria beleza, procedente da coleção Gastão Penalva. Doação da Snrª Paulo Santos.
- " " 151 Leque chinês, em tartaruga ricamente gravada, de 1830, com seu estojo de sandalo. Pertenceu a D. Irene de Sousa, filha do Visconde de Maua. Doação da Snrª Luízinha Lopes de Oliveira.

- Lote nº 153 Prato de sobremesa, porcelana chinesa, fim do século XVIII. Doação da Sra^a Cesario Pereira.
- " " 152 Casal de xícara e pires, para chá, em porcelana de Cantão. Doação da Sra^a Cesario Pereira.
- " " 154-155 2 pratos de porcelana chinesa, com cenas de marim. Doação do Sr. Wolf Einhorn.
- " " 156-157 2 casais de xícaras para chá, chinesas, decoração de mandarim, fundo celadon. Doação do Sr. Wolf Einhorn.
- " " 158 Xícara de chocolate e pires, em porcelana chinesa, de fins do século XVIII. Doação da Sra^a Fabio Carneiro de Mendonça.
- " " 159 Travessa em porcelana chinesa, Companhia das Índias, século XVIII. Doação do Sr. Henrique de Moraes.
- " " 160 1 prato de sobremesa, em porcelana chinesa, fim do século XVIII. Doação da Sra^a Fernando Caldas.
- " " 161 Tulipa de vidro azul claro, base verde, murano, para flores. Doação do Sr. Wolf Einhorn.
- " " 162 Retrato. Doação do autor, Cândido Portinari.
- " " 163 Volume encadernado em pergaminho: I Paradossi overo dell'amore, de Gio Batista Manso, impresso em Milão, 1608. Primorosa conservação. Doação do Sr. Carlos Drummon de Andrade.
- " " 164 Pequeno espelho veneziano, para cima de mesa. Doação do Sr. Carlos Frederico da Silva.
- " " 165 Xícara de fina louça inglesa, com rica decoração em grenat e ouro. Doação do Sr. Silvio de Abreu Fialho.
- " " 166 Duas garrafas de cristal lapidado, Baccarat, para vinho. Doação da Sra^a Betriz Magalhães de Chacel.
- " " 167 Tocheiro de cedro pintado, D. João V. Doação do Sr. Langier.
- " " 168 Tabaqueira de latão pintada a esmalte. Doação do Sr. Miguel Sales.
- " " 169 Estojo de metal para joias, com aplicações de madreperola. Doação do Sr. Miguel Sales.
- " " 169 a Cabeça de Cristo, antiga pintura sobre madeira, de procedência baiana. Doação do Sr. Carlos Cyrillo.
- " " 170 Prato oitavado, de porcelana da China, decorado com flores e pavões, século XVIII. Doação da Sra^a Marina Leivas Bastian Pinto.
- " " 171 Dito, idem. Doação da Sra^a Marina Leivas Bastian Pinto.
- " " 172 Antigo estojo de bolso, para cartões de visita, de madreperola. Doação da Sra^a Marina Leivas Bastian Pinto.

- Lote nº 173 Prato antigo, em porcelana francesa, decorado com flores, tendo no bordo uma pequena coroa de Marques e no centro, monograma. Doação do Snr. Leo Popper.
- " " 174 Prato em porcelana chinesa, ricamente decorado, tendo ao centro o braço do Conde da Ribeira Grande, a cuja baixela pertenceu. Doação do Snr. Azarias de Andrade.
- " " 175 Prato em porcelana francesa, com vinheta de Ed. Honoré & Cia., Paris. Decorado com frisos de ouro e ramagem no bordo; ao centro, braço sobre manto de arminhos, encimado de coroa ducal. Doação da Snrª Og de Almeida e Silva.
- " " 176 Canequinha de café, em porcelana francesa, ricamente decorada. Doação da Snrª Og de Almeida e Silva.
- " " 177 Moringue de vidro coalhado, branco com listas salmon e dizeres em letras douradas: Lembrança de Petropolis. Doação do Snr. Desiderio Strauss.
- " " 178 Prato em porcelana francesa, com a vinheta de J. Klotz 22 Rue de Paradis, Paris. Decorado com cinco pequenos ramos de flores e ao centro, em verde, Dr. M. M., em monograma. Pertenceu a baixela do medico Claudio Velho da Mota Maia, anteriormente ao seu titulo nobiliarquico. Doação do Snr. Paulo da Mota Maia.
- " " 179 Prato em porcelana francesa, com borda recortada, sem indicação de fabricante, decorado com flores, monograma M.M. encimado pela coroa de conde. Pertenceu a baixela do Conde de Mota Maia. Doação do Snr. Paulo da Mota Maia.
- " " 180 Prato de pé, para doce, porcelana francesa da fábrica de Jean Pouygt, Limoges, decorado com ramo de rosas e passro. Com a indicação de haver pertencido a baixela de Manoel Vieira Machado da Cunha, Barão de Aliança. Doação do Snr. Joaquim A. Lopes.
- " " 181 Pires em porcelana chinesa, de Cantão, com cenas de mandarins, século XIX. Doação da Snrª Maria Cecilia da Mota Maia.
- " " 182 O Conde da Motta Maia, de Manoel Velho da Motta Maia, biografia do illustre titular e medico de D. Pedro II. Doação do Snr. Paulo da Mota Maia.
- " " 183 Gravura sobre cobre, do século XVIII, Le vieillard en reflexion. Doação da Snrª Maria Cecilia da Mota Maia.
- " " 184 Bilhete de D. Pedro II ao mordomo Paulo Barbosa da Silva: "Snr. Paulo / O Ministro aprova a idea de serem forras as mulheres dos escravos que liberta a minha casa para servirem no Exercito / D. Pedro 2º / 11 de Setembro de 1866".
- " " 186 Coleccion de Memorias y documentos para la historia y la geografia de los pueblos del Rio de la Plata, por Andres Lams. Tomo primeiro, Montevideo, 1849. Doação do Snr. Oscar Bastian Pinto.

- Lote nº 186 Cartas do Brasil, de Max Leclerc, trad., prefácio e notas de Sérgio Milliet, edição Brasiliana, Cia. Editora Nacional, São Paulo. Doação do Sr. Oscar Bastian Pinto.
- " " 187 Formação do Brasil Contemporâneo, Colônia, 2ª edição, Editora Brasiliense Ltdª, São Paulo. Doação do Sr. Oscar Bastian Pinto.
- " " 188 Historia topográfica e bélica da nova Colônia do Sacramento do Rio de Prata, editada pela primeira vez pelo Liceu Literario Portuguez do Rio de Janeiro e copiada do original de Simão Pereira de Sa. Tipografia Louzinger, Rio, 1900. Doação do Sr. Oscar Bastian Pinto.
- " " 189 Inscrições e Tradições da América Preistórica, especialmente do Brasil, por B. A. da Silva Ramos, 12 volume, Imprensa Nacional - Rio, 1930. Doação do Sr. Oscar Bastian Pinto.
- " " 190 Luminaria de vidro, com guarnição de metal. Doação do Sr. Jaime Bergman.
- " " 191 Caixa de metal prateado, para os santos óleos. Doação do Sr. Jaime Bergman.
- " " 192 Pequena taça de metal prateado. Doação do Sr. Jaime Bergman.
- " " 193 Imagem de São Francisco de Assis, em madeira. Doação da A Sinfonia.
- " " 194 Braço de armas do Reino Unido, de Portugal, Brasil e Algarves, em bronze. Doação da A Sinfonia.
- " " 195 Um par de cantoneiras de laca preta, com guirlanda de flores variegadamente coloridas e reflexos de madreperola. Doação da Srª Hubert Winans.
- " " 196 Duas cadeiras de dobrar, com assento de tapeçaria. Doação da Srª Hubert Winans.
- " " 197 Mantegueira antiga, de porcelana chinesa, azul. Doação da Srª Raul Braga de Azevedo.
- " " 198 10 Histórias de Bichos, Edições Condé. Doação do Sr. Joao Conde.
- " " 199 10 Romancistas falam de seus Personagens, Edições Condé. Doação do Sr. Joao Conde.
- " " 200 Riquíssimo leque com armação de madreperola creme e renda em ponta de Inglaterra. Doação da Srª E. G. Fontes.
- " " 201 Placa de Marfim, representando o busto de Dante, enquadrado em moldura preta e passé partout com embutidos de cobre, em desenhos a la Renaissance. Doação do Sr. e Srª Rudolf Karter.
- " " 202 Gravura a buril sobre cobre, L'Hymen et l'amour, gravé d'après le tableau original de M. Boucher, tire du Cabinet de M. Pujol. Doação do Sr. e Srª. Rodulf Karter.

- Lota nº 203 Duas gravuras a buril, sobre cobre, de Francisco Pedro, segundo quadro de Francisco Maggioto. A primeira com a legenda: "Libres sans deshonneur, et sages sans contrainte. Et ne devant jamais leur vertu a la crainte, etc. etc." A segunda, "Vous ne les tournez plus vers ces hereux climats, ou ce brave François devoit guider nos pas." Doação do Snr. e Snr^a Rudolf Karter.
- " " 204 1 volume, Les maitres dans les arts du dessin, par Lejus. Edition illustrees de 25 portraits graves sur acier d'apres les tableaux originaux du Louvre et des galeries de Florence... Paris, 1868. Doação do Snr. e Snr^a Rodolf Karter.
- " " 205 3 xícaras de porcelana francesa, cor de canário, com grega dourada e rosas, Pertenceram a Jose Ribeiro de Rezende, Barão de Juiz de Fora, segundo informação de sua família. Doação da Snr^a Anah de Melo Franco Chagas.
- " " 206 1 vol. O milhagre de Cybelle, episódio da história das competições sobre o mediterraneo, entre Roma e Carthago, no III século A.C., de L. Teixeira Leite Filho. Livraria Jose Olimpio, Rio de Janeiro. Oferta do autor.
- " " 207 1 vol. Sununga, a pedra que chora, lenda brasileira, de Annals Guisard, Imprensa Nacional, 1944. Oferta da autora.
- " " 208 Prato em porcelana da China, século XVIII, Kien Lung; ao centro paisagem de rio; pinturas da familia verde, com tres rosas; bordas, familia rosa (transição). Doação do Snr. Jaime Leal Costa.
- " " 209 Pintura a óleo, sobre papelão, representando Santo Antonio. Oferta da Snr^a Carlos Chagas Filho.
- " " 210 Miniatura oval, sobre marfim, representando uma senhora. Moldura em metal. Doação do Snr. Wolf Einhorn.
- " " 211 Dita, representando fidalgo do século XVIII. Doação do Snr. Wolf Einhorn.
- " " 212 Miniatura sobre marfim, oval, representando o Rei Luis Felipe. Moldura em cobre dourado. Doação do Snr. Waldemar Einhorn.
- " " 213 Coroa de prata, cinzelada, pesando 375 gramas, estilo D. Jose I. Doação do Snr. Waldemar Einhorn.
- " " 214 Dois pratos de sobremesa, em porcelanda da China, azul. Doação do Snr. Waldemar Einhorn.
- " " 215 Pequena travessa, idem, idem. Doação do Snr. Waldemar Einhorn.
- " " 216 Gravura em cobre, a buril, representando a Arquitetura e os dizeres: "A madame de Pompadour, dame du palais de la reine. Tire du salon de Compagnie de Chateau de Bellevue. Doação do Snr. Waldemar Einhorn.

- Lote nº 217 Bela litografia colorida, representando a fuga para o Egito. Doação do Snr. Waldemar Einhorn.
- " " 218 Quadro a óleo, representando Madona, autor desconhecido. Doação do Snr. Waldemar Einhorn.
- " " 219 Vista de Olinda, colorida, existente na obra antiga de Gaspar Barleu. Doação do Snr. Waldemar Einhorn.
- " " 220 Charuteira de bolso, em prata, peça de origem alemão, 1º quartel do século XIX. Doação do Snr. Ariovaldo Vulcano.
- " " 221 Miniatura sobre marfim, retrato da época do romantismo, personagem não identificado. Moldura dourada, em madeira. Doação do Snr. Waldemar Einhorn.
- " " 222 Antiga xícara de porcelana francesa, Luís Felipe, com frisos dourados, flores, borboletas, conchas e caramujos coloridos. Doação do Snr. Alfredo de Sequeira Filho.
- " " 223 Uma garrafa para vinho, em espesso cristal Baccarat. Doação do Snr. Alfredo de Sequeira Filho.
- " " 224 Uma antiga imagem em cedro, decorada. Doação do Snr. Alfredo de Sequeira Filho.
- " " 225 Uma gravura sobre aço, representando o capitão Thomas Coran, gravada por B. Hall, de um original de Hogarth. Doação da Snr^a Arlete Correa Neto.
- " " 226 Estampa do século XVIII, sobre cobre, L'Amour piqué par une abeille... Gravura de Claud. Duflos, segundo pintura de Ant. Coybel. Doação de Mr. Mme. J. Huntziger.
- " " 227 Paisagem de Ouro Preto, a óleo, pintura sobre tela, com moldura branca. Doação do autor, Snr. Roberto José Pecequeiro Quinto Alves.
- " " 228 Litografia de Rugendas, colorida, vista de Barbacena. Doação da Snr^a Clara Machado.
- " " 229 Miniatura sobre marfim, representando D. Pedro I, datada de 1826, assinada, tendo no seu estojo de pelica vermelha a seguinte dedicatória: "A S. Alteza Real e sma. Senhora Infanta D. Izabel Maria, Regente, offerece o seu mais fiel criado. F. A. J. Santos" Peça de coleção e de museu. Doação da Snr^a Embaixatriz Araujo Jorge.
- " " 230 Três gravuras a talho doce, ou buril, de Michel Dossier, Paris, 1749, representando jogos para uso do sereníssimo Príncipe do Brasil (o futuro Rei D. José I), a saber: Novo Jogo da Marinha, O descanço e alívio dos discípulos de Marte, ou o novo jogo militar e o Jogo da esfera do Universo, segundo Tico Brahe. Contem cada jogo a sua descrição minuciosa. São essas gravuras a mais absoluta raridade. Doação da Snr^a Embaixatriz Araujo Jorge.

Nos quatorze dias do mês de outubro de mil novecentos e
 quarenta e nove, nesta cidade do Rio de Janeiro, à sua Cidade, vinte
 nove, às vinte e uma horas, com a presença do Príncipe Dom Pedro de
 Orleans e Bragança, da Comissão Organizadora, Henrique do Rio, Henrique de
 Sá e grande assistência de interessados, o Sr. Affonso Benício
 Telles, iniciou o leilão de obras de arte, objetos históricos, e com
 seus criados, livros e outras peças doadas em benefício da restaura-
 ção do conjunto arquitetônico de Ouro Preto, declarando pre-
 liminariamente que a presente quem lhe devia saber, como
 leiloeiro, deveria, por sua iniciativa, em favor da que-
 sidade histórica, declaração essa que foi aplaudida com uma
 calorosa salva de palmas por todos os presentes. Em seguida,
 com o auxílio do Sr. Celso de Carvalho Costa, Alberto Pa-
 terno Martins e Orlando Barzetti, o Sr. Affonso Benício Te-
 lles apresentou e adjudicou, a quem competiu de direito,
 pelo maior lance feito, todo o lote, constantes da relação so-
 peficada no presente livro, em número de agosto e quinze,
 decorrendo muito animadas as licitações. Adjudicado o último
 lote, pelo maior lance, o Sr. Affonso Benício Telles declarou
 terminada a leilão em benefício do conjunto arquitetônico de
 Ouro Preto, recebendo nova e efusiva salva de palmas, a que, por
 causa a todo o tempo e fez ouvir esta ata, que foi autenticada
 por mim, Celso de Carvalho Costa, que a escrevi e as-
 sinada pelo Sr. Affonso Benício Telles pelo palanque do lei-
 lão, S. A. o Príncipe Dom Pedro de Orleans e Bragança, a Comissão
 Organizadora, pessoas grades presentes e o diretor do Patrimônio
 Histórico e Artístico Nacional.

1.º do Janeiro,

Dom Pedro de Orleans e Bragança

Affonso Benício Telles

Celso de Carvalho Costa

Roberto de Sá e Sá

Pio de Jacuís, 14
 Brasilão de Luíças,
 pedras, imagens, livros,
 acham e posto no
 do Brasilão Hoffmann

- lote n.º 1 Theatre, de Paul Claudel, 4 vols.
 2 Litografia colorida - Madona
 2a Jervas e Homens, 10 exemplares
 3 Seus olhos, únicos no mundo, 100 exemplares
 4 Cantos de Villena, notícias soteropolitanas e brasileiras.
 5 Brasil, terre d'amour et de beauté, vol. em brochura
 6 Anais do Terceiro Congresso de História Nacional, Volume Octavo
 7 A Princesa D.ª Isabel, a Redentora, 6 opísculos
 8 Caxias Conselheiro de Estado, esposta da Revista Militar Brasileira.
 9 Gravura: Pregação de João Batista no deserto.
 10 Dita: Santo André Anelino.
 11 Dita, Zacarias no Templo
 12 Dita, representando O Canto de Safo
 13 Litografia, de J. M. Rugendas
 14 Dita - índios canacharis
 14a Dita sem autor, nem data. Parece exemplar antes da letra represen-
 tando a Princesa D. Maria da Glória
 15 Histórico e Análise esthetográfica do quadro de um episódio da
 Batalha de Campo Grande, por Ararós
 16 Serra da Saudade, Belo Horizonte, 4 exemplares
 17-20 Aguas Fortes francesas, em sanguinea, 4
 21 Mesa de encostar, em jacarandá
 22 Gaspar Barleu, grande volume ilustrado
 23 Desenho a lapis - nu - de E. Visconti
 24 Autógrafos: Manuel Bandeira
 Carlos Drummond de Andrade
 Cecília Meireles

de Outubro de 1949.
 parcelas, quadro, gla-
 au fotografos etc. que se
 salão de Feudas (Galeria)
 reunies.

✓ O. Edgar de Pinho	100.	5	105.00
✓ Magalhães	100.	5	105.00
✓ "	100.	5	105.00
✓ " (1)	15.	1	16.00
✓ " 120. ✓ Costa Ribeiro	120. 140.	6 7	278.00
✓ Costa Ribeiro	200.	10	210.00
✓ Joaquim do Santos	100.	5	105.00
✓ Costa Ribeiro	50.	3	53.00
	-	-	-
✓ Paulo Tibúcio	150.	8	158.00
✓ "	50	3	53.00
✓ Ed Wunfield Parki.	50.	3	53.00
✓ " " "	130.	7	137.00
✓ Magalhães	150.	8	158.00
✓ "	120	6	126.00
✓ Carlos. Wolf.	400.	20	420.00
	-	-	-
	-	-	-
✓ Anna Amelia	120.	6	126.00
✓ Carlos Ribeiro	80.	4	84.00
✓ Magalhães	100.	5	105.00
✓ "	✓ 300.	65	✓ 365.00
✓ Carlos Ribeiro	500.	25.00	525.00
✓ Magalhães	50.	3	53.00
	-	-	-
	-	-	-
	-	-	-
	4.125.00	210.00	4.335.00

- Lote 24 Auto'grafos: Truvilo Mendes
 25 Lanterna de Latão
 26 Gravura japonesa
 27 Antiga moldura de facaanda
 28 Cadeira para salão de baile
 29 Pinha de cerâmica de Santo António do Porto
 30 Ecrã de Parede, em laca
 31 2 quadros, aquarelas com pássaros feitos de penas naturais
 32 Prato fundo, de sopa, louça inglesa.
 33 Jarra de flores, em vidro, cor de pistache.
 34 Pequeno prato de louça portuguesa, fabrica Sacavém.
 35 Leque em setim azul claro, figuras a gouache.
 36 Centro de mesa, prato de vidro colorido.
 37 Caixa para luvas, com miniatura sobre porcelana
 38 Padre José de Anchieta S.J. de Beata Virgine
 39 Bandeira de vidro leitoso com orla rococó.
 40 1 medalha de porcelana japonesa
 41 " " " "
 42 1 porta folias de pedra sabão de autoria de José Calisto
 43 Pequeno loucador de mesa, em vinílico
 44 Prato de porcelana francesa.
 45 Natureza morta, com assinatura de Estevan Silva
 46 2 caixas de madeira rendada.
 47 1 castiçal de pedra sabão, autoria do Sr. José Calisto
 48 Bravessa em louça inglesa
 49 Prato em louça azul, inglesa.
 50 Historia Sagrada, de Manoel Press.
 51 Floreira de bronze e cristal lilás
 52 Vaso de louça japonesa
 53 1 aquarela original. passaro de Hileia Amazonica
 54 " " " " " " "
 55 Paisagem de Diamantina de Hilda Campofiorito
 56 Aquarela de Ouro Preto de R. Campofiorito

	4.125,00	210,00	4.335,00
✓ Sr Guimarães	300	15	315,00
✓ Sr Fantes (Lauze Margarida)	300	15	315,00
✓ Ed. Winfield Parks	50	2	52,00
✓ Sr Edgard Rinho	400	20	420,00
✓ Alfredo Sequeira	650	35	685,00
✓ Ana Amelia	350	18	368,00
✓ Edgard Rinho	1.100	55	1.155,00
✓ Alceu Fralho	80	4	84,00
✓ Magalhães	50	3	53,00
✓ Lauze Margarida	220	11	231,00
✓ Magalhães	50	3	53,00
✓ "	60	3	63,00
✓ "	70	4	74,00
✓ "	140	7	147,00
✓ Camille Louisa	80	4	84,00
✓ Magalhães	100	5	105,00
✓ Sena	100	5	105,00
-	-	-	-
✓ Ed Winfield Parks	200	10	210,00
✓ Magalhães	550	28	578,00
✓ Evlario Lopes	30	2	32,00
✓ Magalhães	300	15	315,00
✓ "	20	1	21,00
✓ Ed Winfield Parks	100	5	105,00
✓ Alceu Fralho	180	9	189,00
✓ Evlario Lopes	50	3	53,00
✓ José Pires	30	2	32,00
✓ Waldemar (Sena 100)	250	13	263,00
✓ Ed Winfield Parks	100	5	105,00
-	-	-	-
✓ Auto de Ló	680	35	715,00
✓ Carlos Rodrigues	600	30	630,00
✓ Sena	200	10	210,00
	11.625,00	592,00	12.217,00

- lote 57 Exemplo encadernado do "Guia de Ouro Preto"
 58 Coador de chá, em prata, com cabo de marfim.
 59 Cavinete francês, em madreperola. fim sec XVIII
 60 Caixinha de tartaruga escura com incrustações de prata
 61 Peso de papel em opita e bronze
 62 Moeda de prata de duas palcas cunhada em 1699
 63 " " " " " " " " "
 64 " " " " " " " " 1695
 65 Bomboniere em prata, Luis XV
 66 Colher e garfo de prata, fim sec XVIII
 67 Um medalhão imperio, miniatura sobre marfim. 1830
 68 " dito, idem, retrato a paisagem.
 69 Um quadrinho de veludo, sendo ao centro pequeno galvano V. Rio Branco
 70 Um pequeno galvano dourado, mesmo assunto.
 71 Pintura a oleo sobre madeira. Cabeça de Velha.
 72 Punhal arabe em chifre e prata
 73 Aplausos natalicio com que a cidade da Bahia celebrou a noticia
 74 A missaõ Artistica de 1816 por Afonso d' B. Caunay
 75 Xicara de chá em prata
 76 Cassoleta de ouro e esmalte
 77 Placa em bronze e cobre, com as armas do Imperio
 78 Linete em bronze que pertenceu à Academia Imperial de Medicina RJ
 79 Bela representando vista parcial de Ouro Preto
 80 Imagem de N. S. da Gloria, sec XIX
 81 A Arte Brasileira, pintura e escultura, por L. Gonzaga Duque.
 82 Placa de madeira com armas imperiaes
 83 1 placa de prata, N. S. do Rosario
 84 Pintura a oleo sobre tela, Cabeça de Trade.
 85 Imagem de Santa Rita em madeira pintada
 86 Imagem de São João Batista " "
 87 Crucifixo em cedro pintado e dourado. Imagem de Cristo em pedrascas
 88 Porta garrafas em jacaranda, fins sec XVIII
 89 Relojo contendo uma reliquia

	11.625,00	592,00	12.217,00
✓ Luiza Ribeiro	400	20	420,00
✓ Alfredo Loucal	450	22	472,00
✓ Blaga Azevedo	60	3	63,00
✓ Josephson	220	15	235,00
✓ Magalhães	100	5	105,00
-	-	-	-
-	-	-	-
✓ O. Lapein	340	15	355,00
✓ Allen Fiatho	340	17	357,00
✓ Alves de Souza	50	5	55,00
✓ Edemundo de Luz Pinto	1.000	50	1.050,00
✓ " " "	1.500	75	1.575,00
✓ " " "	200	25 25	215,00
✓ José Rios	90	5	95,00
✓ Ed. Winfield Parks	160	8	168,00
✓ Luis Bustamagui Netto	1.000	50	1.050,00
✓ Edgard Pinto	600	30	630,00
✓ Marques de Santos	100	5	105,00
✓ Luiza Ribeiro	300	15	315,00
✓ Srta Gloria Costa	500	25	525,00
✓ Allen Fiatho	200	10	210,00
✓ " "	300	15	315,00
✓ Odorica Travassos	300	15	315,00
✓ José Rios	3.600	180	3.780,00
✓ Marques de Santos	80	4	84,00
✓ Leamos	100	5	105,00
✓ Josephson	100	5	105,00
✓ C. Davis Bolway	200	10	210,00
✓ João Cândido	650	35	685,00
✓ " "	650	35	685,00
✓ Guimarães ?	600	-	-
✓ Edgard Pinto	1.000	50	1.050,00
✓ José Rios	20	1	21,00
	26.835,00	1.337,00	28.172,00

- Lote 90 Placa de cobre com pintura a óleo, S. Francisco de Assis.
- 91 Lápels, chave e fechadura. Principio see XVIII
- 92 Artistas Bahianos, indicações biográficas - 1909
- 93 Relicário em cedro dourado, miniatura, see XVIII
- 94 1 oratório de cedro pintado, de procedência mineira
- 95 Litografia colorida, de obra de Ferdinand Veris
- . 96 Pequena carta da Guiana, see XVIII
- x 97 Vista da fazenda de Guanabara - Gouache de Joaquim Indley Pacheco
- 98 Bar de pequenas flores em porcelana francesa
- 99 1 galheteiro de cerâmica azul e branca, francesa
- 100 Bule de chá e leiteira em porcelana francesa
- 101 Copo de cristal com o retrato do Cons. Francisco Alves Inácio
- 102 Relation Generale de l'artillerie et de l'armement de Rio de Janeiro. 1759
- 103 Xícara e pires de cristal, em finis dourados
- 104 Autógrafo de Luís XIV, datado de 1662
- 105 Xícara de cristal, c/ coroa de visconde
- 106 Xícara de chá e pires em porcelana branca
- 107 Xícara e pires em porcelana inglesa, séc XIX
- 108 2 copos de opalina branca e dourada
- 109 Cálices de cristal, para vinho, c/ coroa de marquês
- 110 Xícara em porcelana francesa, branca, decorações ouro
- 111 Xícara de chocolate e pires, porcelana francesa, bordo azul
- 112 La Statue de l'Empereur Don Pedro I, folheto por Luiz A. Buggem
- 113 Caneca de porcelana inglesa de Worcester
- 114 Dita, idem
- 115 Franço de louça francesa
- 116 Xícara e pires em porcelana de Sèvres, azul e ouro
- 117 Copo de pé c/ coroa de visconde
- 118 Travessa de porcelana chinesa
- 119 Estátua em legítimo bronze, de Rousseau, representando Dante
- 120 Paisagem holandesa - óleo si tábuas
- 121 Prato de porcelana japonesa
- 122 Prato raro, porcelana chinesa com laçadas

		26.825,00	1.337,00	27.572,00
✓	Edum de as Luz Pinto	1.150.	60	1.210,00
✓	Josephson	300.	15.	315,00
✓	Margues do Santos	250.	13.	263,00
✓	Magalhães	260.	13.	273,00
✓	frão Cando	950.	63.	1.013,00
✓	Edum de as Luz Pinto	160.	10.	170,00
✓	Luiz Bustamaqui	160.	7.	167,00
✓	C. Costa.	280.	15.	295,00
✓	Magalhães	550.	28.	578,00
✓	"	400.	20.	420,00
✓	Dr. Manoel Leão	250.	12.	262,00
✓	Edum de as Luz Pinto	200.	15.	215,00
✓	Anna Augusta	300.	15.	315,00
✓	Allen Fralho.	650.	30.	680,00
✓	Edgard Pinto	220.	11.	231,00
✓	Magalhães	180.	9.	189,00
✓	Clóvis Boumay.	200.	10.	210,00
✓	Loeio	550.	27.	577,00
✓	Allen Fralho	400.	20.	420,00
✓	Loeio	350.	18.	368,00
✓	Allen Fralho	250.	13.	263,00
✓	Clóvis Boumay	50.	2.	52,00
✓	Anna Augusta	70.	4.	74,00
✓	Loeio	650.	33.	683,00
✓	Loeio	600.	30.	630,00
✓	Leusa	350.	18.	368,00
✓	Ania Ribeiro	800.	40.	840,00
✓	Loeio	200.	10.	210,00
✓	Alberto Lopes.	750.	40.	790,00
✓	Luiz Bustamaqui	450.	23.	473,00
✓	D. Salim	1.000.	50.	1.050,00
✓	Magalhães	200.	10.	210,00
✓	Joaquim Lopes	900.	45.	945,00
		<u>40.865,00</u>	<u>2.066,00</u>	<u>42.337,00</u>

- Lote 123 Prato de porcelana francesa, faience Baras do Beffe
 124 Sorta retrato de prata
 125 Pequeno quadro a oleo Sensitiva de Rodolfo Amoedo.
 126 Aquarela Tão de Açúcar de Lilindo Ferraz.
 127 Prato de mesa com as armas de Casa Imperial e iniciais B.I.
 128 " " Sobremesa dito, idem
 129 Xicara de chá, idem.
 130 Litografia de Debret - Os Ferradores, colorida.
 131 Litografia colorida de Debret - vista do mercado do escravo do Valongo
 132 Prato em porcelana francesa, corôa de conde e iniciais B.
 133 Prato de louça inglesa
 134 Prato fundo, louça inglesa e braga imperial róeo.
 135 L'Univers. Histoire et description de tous les peuples.
 136 Anthologie des Poètes Brésiliens, Hippolyte Puyot
 137 Prato em porcelana francesa, com corôa de visconde e iniciais R. B.
 138 Azeitoneira de porcelana francesa, com iniciais A. C.
 139 Xicara de chá e pires com iniciais R. I.
 140 Terrina de porcelana francesa com iniciais A. I. F.
 141 Prato em porcelana francesa. Pertenceu ao Barão de Itabaiana.
 142 Cremeira de porcelana francesa, pertenceu à baronesa do Barão de S. Carlos
 143 1 prato de porcelana com braga do Barão de Rio Branco
 144 Litografia colorida de João Mauricio Rugendas
 145 Historia Geral do Brasil, 2 vol. 1.ª ed. de J. A. Varnhagen.
 146 Cremeira em porcelana branca, corôa de conde sobre iniciais M. P.
 147 Uma azeitoneira de porcelana branca com frusos dourados
 148 1 prato de porcelana c/ armas imperiais, cópia.
 149 1 prato de porcelana francesa, iniciais B. T. corôa de conde
 x 150 Travessa em porcelana chinesa
 151 Legue chinês, em tartaruga, de 1830.
 152 Casal de xicaras e pires, porcelana Cantão
 153 Prato de sobremesa, porcelana chinesa
 154 Prato porcelana chinesa
 155 1 idem.

		40.865,00	2.066,00	42.931,00
✓	Alberto Lopes	300.	15.	315,00
✓	he ^a Theresia	300.	15.	315,00
✓	Enri Odorico Tavares	200.	150.	3.150,00
✓	Bernardino Gonçalves Ferraz	1.100	55.	1.155,00
✓	Im ^o Floris	4.300.	215.	4.515,00
✓	P Jacinete	4.500.	225.	4.725,00
✓	Loaues	4.200.	210.	4.410,00
✓	Leusa	350.	18.	368,00
✓	Louis Bustamagui	400.	20.	420,00
✓	Humilde Alves	850.	45.	895,00
✓	Magalhães	100.	5.	105,00
✓	Humilde Alves	3.400	170.	3.570,00
✓	Cesarino Levi Camargo	150.	8.	158,00
✓	Ana Augusta	40	2.	42,00
✓	Humilde Alves	500.	25.	525,00
✓	Loaues	600.	30.	630,00
✓	Franklin Van Estre Paulo Bettato	150.	8.	158,00
✓	P Salein	700	35.	735,00
✓	Humilde Alves	2.400.	105.	2.505,00
✓	Cesaris Levi Camargo	400.	20.	420,00
✓	Edum de Leuz Rinto	800.	40.	840,00
✓	Isidoro Flauos	650.	35.	685,00
✓	Margus de Santos	(1.000)	PATRIANONIO	
✓	Cesaris Levi Camargo	250	12.	262,00
✓	Evilasio Lopes	350.	18.	368,00
✓	Magalhães	250.	12.	262,00
✓	Humilde Alves	300.	15.	315,00
✓	C. Costa	1.500.	75.	1.575,00
✓	Carlos Rodrigues	1.900	95.	1.995,00
✓	Clóvis Bernay	360	18.	378,00
✓	Joaquim Lopes	600.	30.	630,00
✓	Alberto Lopes	-	-	-
✓	"	900.	45.	945,00
		77.165,00	3.838,00	79.403,00

- Lote 156 1 casal xicara para cha' chinesa, porcelana Cantai
 157 1 dito, idem
 158 Xicara de chocolate e pires em porcelana chinesa
 159 Gravessa em porcelana chinesa, C.^{da} das Indias.
 160 1 prato porcelana chinesa, fem. sec. XVIII
 161 Butilpa vidro azul claro, murano.
 162 Retrato - Candido Tortinari
 163 9 Paradossi o vero dell'amore de Gio Batista Manso - 1608
 164 Pequeno espelho veneziano
 165 Xicara de louca inglesa grenat e ouro
 166 Duas garrafas de cristal Lapidado, Baccarat
 167 1 locheiro de cedro pentado D. João V
 168 1 tabaqueira de latas pentada a esmalte
 169 Estopo de metal para foias
 169a Cabeça de Cristo, pintura antiga sobre madeira
 170 Prato vitreado de porcelana da China
 171 Dito, idem
 172 Antigo estopo de bolso, para cartões de visitas
 173 Prato antigo, com coroa de marquês e monograma
 174 Prato em porcelana chinesa com fraza do Conde da P. Grande
 175 Prato em porcelana francesa. Brazas ao centro com coroa ducal
 176 Canequinha de cafe' em porcelana francesa
 177 Moringue de vidro coalhado
 178 Prato em porcelana francesa. Monograma M.M. ao centro
 179 Prato em porcelana francesa monograma M.M. coroa de conde
 180 Prato de pe', para doce, porcelana francesa
 181 Pires em porcelana chinesa de Cantai
 182 O Conde da Motta Maia, de Manoel Velho de Motta Maia
 183 Le vieillard en reflexion, gravura sobre cobre
 184 Bilhete de D. Pedro II ao mordomo Paulo Barbosa da Silva
 185 Coleccion de memorias.... Montevideo, 1849.
 186 Cartas do Brasil de Max Leclerc, edi. Brasileira
 187 Formações do Brasil Contemporâneas, Colônia

77.165,00 3.832,00 79.403,00

✓ Clotis Bouay.	500.	25.	525,00
✓ Luiza Ribeiro	800.	140.	840,00
✓ Manoel Soares	1000.	50.	1050,00
✓ Dom Pedro.	300.	15.	315,00
✓ In ^{ma} Pedreira	100.	5.	105,00
✓ Odrico Tavares.	5.000.	250.	5.250,00
✓ Socio	250.	13.	263,00
✓ Isolo Franco Cabral.	500.	25.	525,00
✓ St. Salim	650.	35.	685,00
✓ Loures	1000.	50.	1050,00
✓ Silvio Travençolo	300.	15.	315,00
✓ Repetido	300.	15.	315,00
✓ In ^{ma} Pedreira.	320.	16.	336,00
✓ Joaquim Lopes.	400.	20.	420,00
✓ Alves de Souza Pedreira	1.600.	80.	1.680,00
✓ Maria Ribeiro	1.600.	80.	1.680,00
✓ Glória Costa	90.	5.	95,00
✓ Luis Bustamagui	100.	5.	105,00
✓ St. Claudio	1.400.	70.	1.470,00
✓ Isaacques as Santos.	180.	9.	189,00
✓ Benedito Edgard Costa.	200.	10.	210,00
✓ Alceu Fralho.	400.	20.	420,00
✓ Evilasio Lopes.	350.	18.	368,00
✓ Humilde Alves.	1.400.	70.	1.470,00
✓ Clotis Bouay.	150.	8.	158,00
✓ Joaquim Lopes.	220.	9.	229,00
✓ José Pires	30.	2.	32,00
✓ Luis Bustamagui	100.	5.	105,00
✓ Edgard. Pires	280.	14.	294,00
✓ Anna Anália	180.	9.	189,00
✓ Luis Bustamagui	40.	2.	42,00
✓ José Pires	20.	1.	21,00
	96.925,00	4.829,00	100154,00

- lote 188 Historia topografica e belica.... Ed. Brasileira
 189 Inscricões e tradiçōes.... 1.º vol. por B.A da Silva Ramos
 190 Luminária de vidro com quarniçōes de metal
 191 Caixa de metal prateado, par Santos Blos
 192 Pequena laça de metal prateado
 193 Imagem de S. Francisco de Assis
 194 Braçã de armas do Reino Unido, Boll. Brasil e Algarves
 195 Um par de cantoneiras de laca preta com flōes.
 196 Duas cadeiras de dobrar com assento de tapeçaria
 197 Mantigueira antiga de porcelana chinesa, azul
 198 10 Historias de Richos Ed. Condi
 199 Romancistas falam de seus personagens Ed. Condi
 200 Riquissimo leque com armaçã madreperola renda pl. Ingl.
 201 Placa de marfim, representando o busto de Dante
 202 Gravura a furil sobre cobre, L'Idyrien et l'amour
 203 Duas gravuras a furil sobre cobre, de francisco Pedro
 204 Les maîtres dans les arts du dessin, par Lelius
 205 3 xicaras de porcelana chinesa, cor de canario
 206 O milagre de Cybelle sec III d.C. de L. Lusaura Leite
 207 Lununga, a pedra que chora, de Annais Guisard
 208 Plató de porcelana da China, sec. XVIII, Keen-hong
 209 Oleo sobre tela, Santo Antõnio e o menino Jesus
 210 Miniatura oval, s/ marfim, representando uma
 subeta. baldusa em metal
 211 Lita, representando fidalgo do seculo XVIII
 212 Miniatura s/ marfim, oval, representando
 personagem francez, militar. baldusa em
 cobre dourado.
 213 Curoa de prata, cingelada, pes. 375 grs.
 estilo B. José I.
 214. Dois platos de porcelana chinesa, azul
 215. Pequena travessa idem idem
 216. Gravura em cobre, a furil, representando

	✓	Louis Buitamaqui	96.925,00	4.829,00	100.154,00
	✓	José Pires	70.	4.	74,00
	✓	Edumado de Luz Pinto	10.	1.	11,00
	✓	José Pires	500.	25	525,00
	✓	José Pires	30.	2.	32,00
	✓	Gezatas Pitaguari	40.	2.	42,00
	✓	Machado	200.	10.	210,00
	✓	José Pires	120.	5.	125,00
	✓	Magalhães	300.	15.	315,00
	✓	Moço Flanco	400.	20.	420,00
	✓	João	370	17	387,00
	✓	Marques to Santos	(300.)		PATRIMONIO
	✓	"	(300.)	"	"
	✓	Carlos Rodrigues	450.	22.	472,00
	✓	Pedreira	420	21	441,00
	✓	Alten Fiatho	80.	4.	84,00
	✓	Magalhães	20	1.	21,00
	✓	Louis Buitamaqui	700.	35	735,00
	✓	"	130.	7	137,00
	✓	João José Pires	10.	1.	11,00
	✓	Alberto Martins	10.	1.	11,00
	✓	Manoel Leão	500.	25.	525,00
	✓	Josephson	100.	5.	105,00
210	✓	Alten Fiatho	140.	7.	147,00
211	✓	Carlos Brito	180.	10.	190,00
212	✓	Alfredo Lequena	600.	30.	630,00
		Josephson	500 -	-	-
			-	-	-
			-	-	-
213.	✓	Josephson	500	15	515,00
	✓	Alberto Martins	80.	4.	84,00
	✓	Marques to Santos	130.	7,00	137,00
			-	-	-
			103.595,00	5.125,00	106.520,00

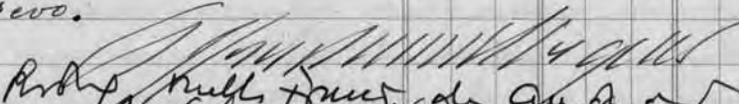
- a Arquitetura e os edifícios... etc etc.
217. Bela litografia colorida, septa.
representando a fuga para o Egito.
218. Quadro a óleo, representando quadrum.
219. Vista de Olinda, colorida...
220. L'haute de bolso, em prata...
221. Miniatura s' enamel fin, sobrado da
epoca do romantismo...
222. Pintura fixada de porcelana francesa
223. Uma gaveta, em cristal Baccarat
224. Pintura emagem, cedro, decada da
225. Gravura s' cobre aço, representando
o cap^m Thomas Cole
226. Estampa do século XVIII y cobre
227. Pintura a óleo y tela. Paisagem com Pictu
228. Litografia de Regenda Vista de Curitiba
229. Miniatura s' enamel fin, representando D. Pedro I.
- 230 -3 gravuras a talho doce ou buil

	103.595,00	5.125,00	108.720,00
✓ Bealuy Magalhães Chaost Marques → Lamb.	100.	5.	105,00
✓ " " "	240.	12.	252,00
✓ Magalhães.	970.	47,00	997,00
✓ H. Latim	440.	25.	445,00
✓ Anna Amelia.	120.	6.	126,00
✓ Magalhães.	200.	10.	210,00
✓ " " "	-	-	-
✓ Juana Ribeiro	800.	40.	840,00
✓ Alben Fratto	220.	11.	231,00
✓ Manoel João.	410.	23.	473,00
✓ " " "	-	-	-
✓ Magalhães	10.	1.	11,00
✓ Leusa.	50.	4.	54,00
✓ Carla Rodrigues.	50.	3.	53,00
✓ Machado.	440.	25.	445,00
✓ Edmundo de Im. Pinto	6.000,00	300.	6.300,00
✓ João Pedro.	550.	30.	580,00
	114.235,00	5.667,00	119.902,00

Ata de liquidação e encerramento.

Hos trinta dias do mês de Dezembro de mil novecentos e quarenta e nove, nesta cidade do Rio de Janeiro, à rua Chile número vinte e nove, procedeu-se à apuração final do produto do leilão realizado em benefício do conjunto arquitetônico de Ouro Preto, verificando-se ter sido efetuado pelos respectivos arrematantes o pagamento de cento e quatorze mil duzentos e trinta e cinco cruzados, correspondentes a duzentos e trinta lotes relacionados no presente livro. Verificou-se, outrossim, que deixaram de ser retirados os lo-

totos números oitenta e sete, cento e quarenta e
 cinco, cento e noventa e oito e cento e noventa
 e nove, arremata dus pela importância total de
 dois mil e duzentos cruzados, quantia essa a ser
 deduzida do produto do leilão. A este, porém,
 foi acrescida a importância de cinco mil
 seiscentos e sessenta e sete cruzados, correspon-
 dentes à comissão a que tinha direito o feilo-
 eiro Sr. Affonso Nunes, mas da qual o mesmo
 fez generosa doação para os fins a que se des-
 tinou o empreendimento, apurando-se, conse-
 quentemente, o total líquido de cento e dez e
 sete mil setecentos e dois cruzados, quantia
 essa que, contada e achada conforme, foi
 entregue ao Sr. Rodrigo Mello Franco de
 Andrade, Diretor do Patrimônio Histórico e
 Artístico Nacional, a fim de ser aplicada,
 na separação e restauração de edifícios inte-
 graes no conjunto arquitetônico de Ouro
 Preto. Do que para constar lavrei a presen-
 te ata que vai assinada pelo feiloeiro Sr.
 Affonso Nunes, pelo Diretor do Patrimônio His-
 tórico e Artístico Nacional e por mim, que a
 subscrevo.


 Rodrigo Mello Franco de Andrade
 Diretor do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

199

Jogo no Copacabana	13.850,00
João de Melo Franco -	2.000,00
Paulo Salatos -	3.000,00
Americo Faco	200,00
Auto Sa	200,00
Arnaldo Sa	200,00
Adelmar Melo Franco -	100,00
Lourelco Filho	500,00
Marrey Junior	500,00
Francisco Mesquita	500,00
Cassio Daruasio	1.000,00
Franzback	1.000,00
Marina G. de Andrade	400,00
Bereza Verda	300,00
Atilia Savares	200,00
Walter Moreira Sales	1.000,00
Manoel Vieira	1.000,00
Christiano Machado	500,00
Also Coelho de Souza	1.000,00

27.450,00

Ja foram expedidos agradecimentos
18-10-49

J. Cavalcanti

194

	27.450,00
Saturnino de Brito	500,00
João Leiva Figueiredo	100,00
Norman Hillé	2.000,00
Julio Monteiro	2.000,00
Bthou Barcellos	1.000,00
Assis Figueiredo	1.000,00
Jorge Jabour	10.000,00
Leitzelibecker, Breiro e C ^{ia}	5.000,00
José Rodrigues Fontes	1.000,00
Santiago Santos	1.000,00
Mario Machado	1.000,00
Frank Hillé	500,00
Antonio José Alves de Souza	500,00
Rodolfo Siqueira	5.000,00
Emmanuel Bardeira	300,00
Selos	1.001,00
Jogo no Sate Club	14.356,00
Joaquim Mattos	1.000,00
Baroneza de Saabedra	1.000,00
Augusto Frederico Schmidt	1.000,00
	<hr/>
	76.707,00

190

	76.707,00
Irnaack Carvalho do Amaral	500,00
Esquieta da Sorte	200,00
Usina Esperança	5.000,00
C ^{ia} Comercio e Construção (setos)	5.000,00
Roberto Lafet	2.000,00
Henrique Clemente Rodrigues	1.000,00
Setos	1.100,00
Uelson de Souza	1.000,00
Regina Telva Piloto	1.000,00
Setos	3.000,00
Jockey Club	30.000,00
João Ribeiro	1.000,00
Quiz de Dr. Magalhães	2.000,00
José Moreira Soares	1.000,00
Setos	1.000,00
Cel Horacio da Mata	
pela C ^{ia} Usina Metalurgica	3.000,00
Octavio Vidal Gomes (setos)	500,00
Setos	877,00
	<hr/>
	135.884,00
Setos	4.200,00
	<hr/>
	140.084,00

Documentos relativos ao estudo da Cidade de Ouro Preto e às obras de recuperação do casario*

* Para uma melhor compreensão do estudo da cidade de Ouro Preto, a reprodução das fichas do inventário cadastral está sendo aqui apresentada separadamente por zonas, cada qual precedida por uma folha de rosto contendo a localização da zona em relação ao mapa geral da cidade.

Ruas de Ouro Preto.

Zona do Pilar

Rua Conselheiro Santana
Rua Donato da Fonseca
" Antônio de Albuquerque
" Randolpho Bretas
Praça Américo Lopes

Zona das Cabeças

Rua Bernardo Guimarães

Zona do Rosário

Rua Domingos Vidal
" Donato da Fonseca
" Domingos Vidal
" Bernardo Guimarães
Largo do Rosário
Rua Gabriel Santos

Zona do Centro

Largo da Alegria
Ruas São José e do Rosário
Rua São José
" do Rosário
" Tiradentes
" Teixeira Amaral

Zona do Carmo

Rua das Flores
Praça Reinaldo de Brito
Rua do Pilar
Rua do Paraná
" Manoel Cabral
" Costa Sena

(2)

Rua Coronel Alves
" Brigadeiro Musqueira
" Conde de Bobadela
Praça Tiradentes

Zona do Palácio

Rua Gorcex
Beco da Ferraria
Rua Camilo Brito
" Barão de Camargos

Zona das Dores

Largo de Marília
Rua de Santa Efigênia
Rua Coronel Serafim
" Barão de Ouro Branco

Zona das Lages

Rua Conselheiro Quintiliano

Zona de Antônio Dias

Rua dos Paulistas
Rua do Aleijadinho
" Bernardo de Vasconcelos
Praça Antônio Dias

Zona de São Francisco

Rua do Ouvidor
" São Francisco
" Amélia Benhauss
" do Ouvidor
" Felipe dos Santos
" Carlos Tomaz

(3)

Rua Antônio Martins
" Domingos de Abreu
" das Mercês
Largo Frei Vicente
Rua Frei Vicente
" Xavier da Veiga

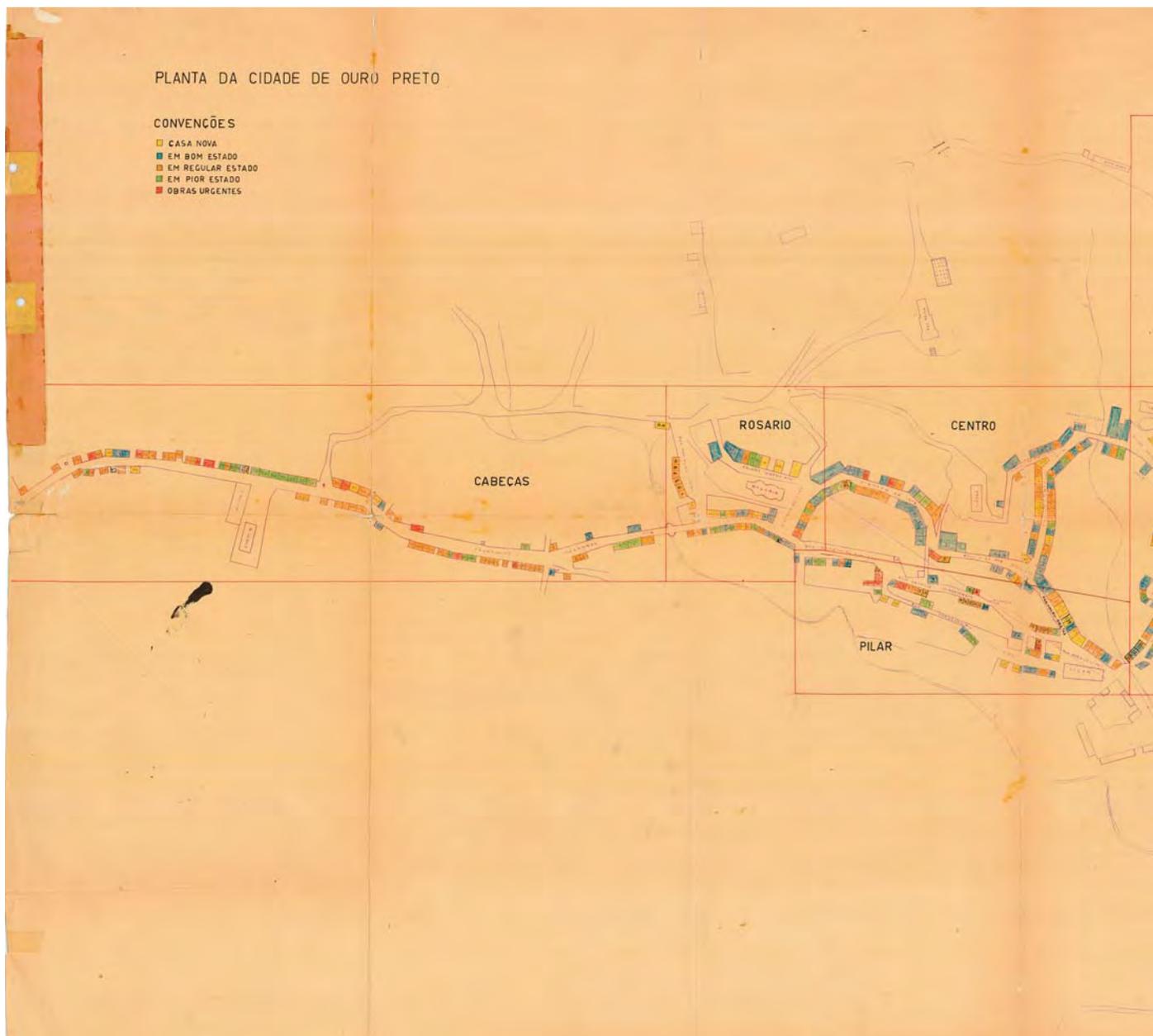
Zona do Alto da Cruz

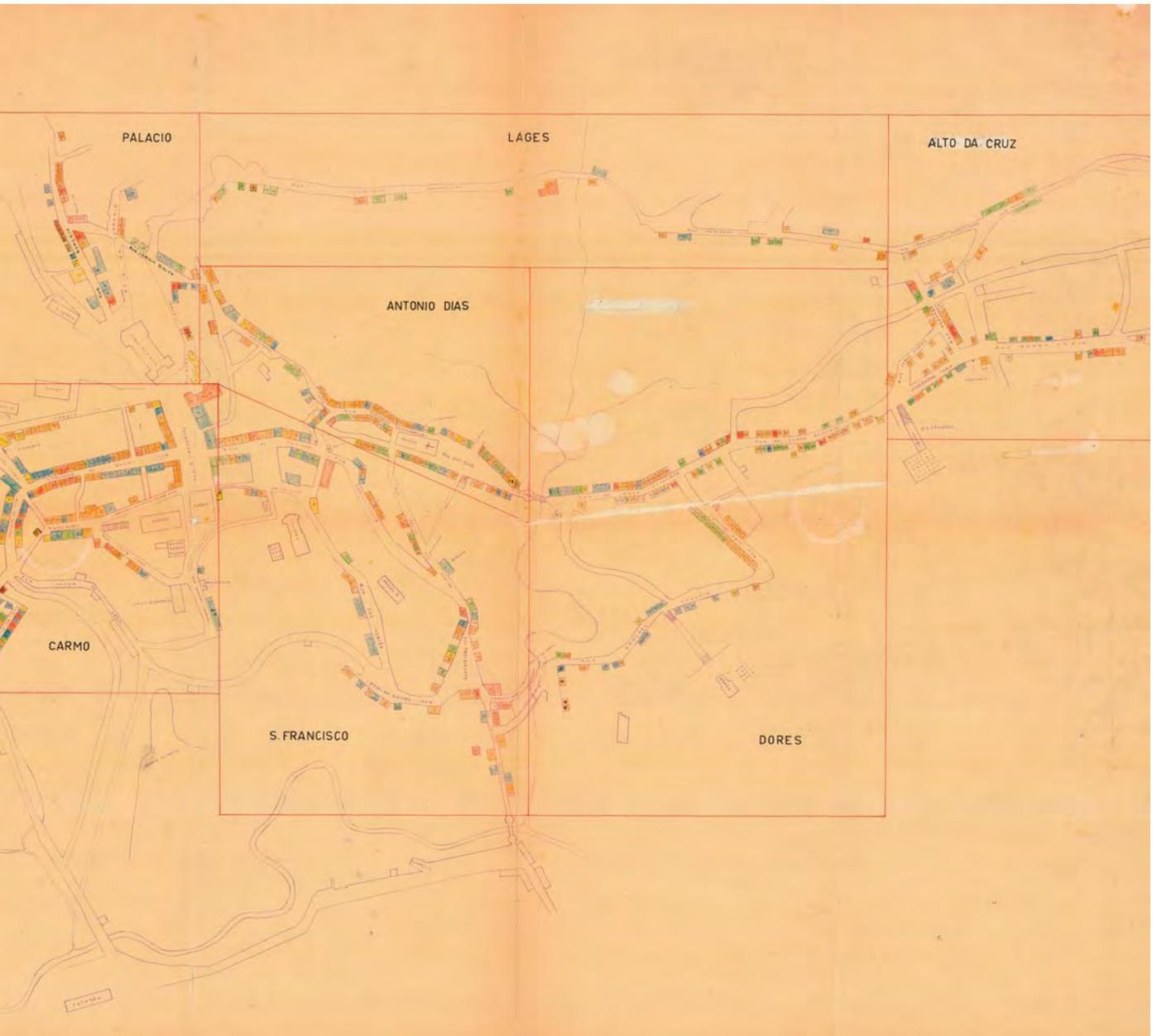
Rua Padre Faria
Rua Rezende
" Padre Viegas
" Conselheiro Quintiliano
" Maciel
Ruas Maciel e Quintiliano Silva

PLANTA DA CIDADE DE OURO PRETO

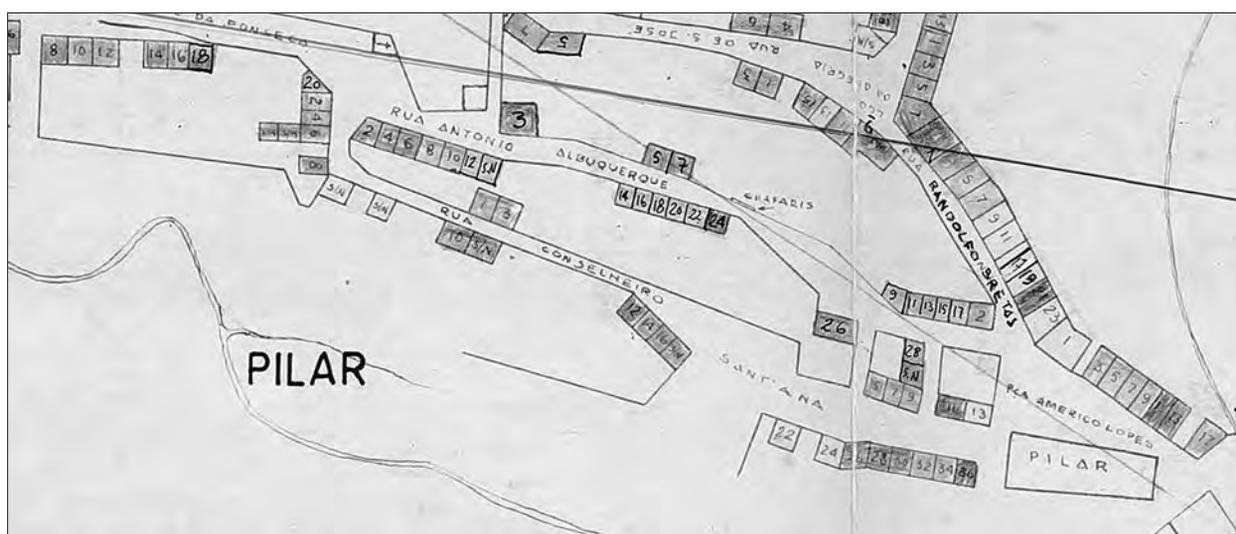
CONVENÇÕES

- CASA NOVA
- EM BOM ESTADO
- EM REGULAR ESTADO
- EM PIOR ESTADO
- OBRAS URGENTES





Zona do Pilar



Rua	Nº	Pav.	Nova	Bom	Reg.	Pior	Urg.	
Consª Santana	2	T					U	2 casas nos fundos urgente.
	4	T					U	
	6	T					U	
	8	T				P		
	sn	T	C.N.					
	sn	T	C.N.					
	10	S		B				
	sn	T		B				
	12	T		B				
	14	T				P		
	16	T				P		
	sn	T				P		
	22	S	C.N.					
	24	S	C.N.					
	26	S		B				
	28	S		B				
	30	S		B				
	32	T			R			
	34	T			R			
	36	S		B				
1	T					P		
3	S					P		
5	S					P		
7	S				R			
9	S				R			
11	S			B				
13	S	C.N.						
Beco das Galinhas	sn.	S					U	
	28	S-14 T-14	5	8	4	7	4	

M. E. S. Estado..... LIMA, GRANDE
D. P. H. A. N. Município..... OURO PRETO
3º Distrito Distrito..... FLAR
Data.....
Designação..... RUA CONSULHEIRO SANTANA
Fls.....
Inventário n.º.....

M. E. S. Estado MINAS GERAIS Inventário n.º 1
 D. P. H. A. N. Município OURO PRETO
 3.º Distrito PIAR
 Designação RUA CONSELHEIRO SANTANA
 Data
 Fis.



36-34-32-30-28-26-24



18-16-14-12-sn.-sn.-



sn. 10



4 (fundos) sn.



6 4 2



5-7-9-11-13



Beco das Galinhas



Fundos Antº Albuquerque



3 1

M. E. S.

D. P. H. A. N.

Estadística Geral

Município: ORO PRETO

Distrito: ORO PRETO

Designação: RUA DONATO DA FONSECA

Data:

Inventário n.º

Fls.

Rua	Nº	Par.	Nova	Bom	Reg.	Pior	Urg.
Donato da Fonseca-----	6	T		B			
	8	T		B			
	10	T				P	
	12	T				P	
	14	T		B			
	16	S				R	
	18	S		B			
	20	T				R	
	1	T			B		
	9	T- 7 S- 2		5	2	2	

2

Inventário n.º

Designação RUA DONATO FONSECA

Estado MINAS GERAIS

M. E. S.

Fls.

Data

Município OURO PRETO

D. P. H. A. N.

Distrito PILAR

3.º Distrito



12-10-8-6



18 16-14



18

13



20 e fundos Consó Santana



1

Rua	Nº	Pav.	Nova	Bom.	Reg.	Pior	Urg.	
Antonio de Albuquerque-----	2	T		B				Restaurar
	4	T					U	
	6	T					U	
	8	T			R			
	10	S			R			
	12	T			R			
	sn.	T			R			
	14	S			R			
	16	S			R			
	18	S			R			
	20	T			R			
	22	T			R			
	24	S		B				
	26	S		B				
	28	T			R			
	1	T		B				
	3	T		B				
	5	S				P		
	7	S					U	
	9	S				R		
11	S				R			
13	S				R			
15	S				R			
17	S				R			
	34	S-13 T-11		5	15	1	3	

M. E. S. Inventário n.º
D. P. H. A. N. Município OURO PRETO
3.º Distrito Distrito PIRAJÁ
Designação RUA ANTONIO DE ALBUQUERQUE
Data
Fls.

M. E. S. Estado.....MILHES, GERALDO.....
D. P. H. A. N. Município OURO PRETO.....
3.º Distrito Distrito PILAR.....

Designação.....RUA ANTÔNIO ALBUQUERQUE.....
Data.....
Fis.....

Inventário n.º.....
3



M. E. S. Estado MINAS GERAIS Inventário n.º
 D. P. H. A. N. Município CURIO Fls.
 3.º Distrito PILAR Designação RUA ANTONIO DE ALBUQUERQUE
 Data



36



27 22-24-18-16-14



10-8-6-4 2

M. E. S. Estado.....
 D. P. H. A. N. Município.....
 3.º Distrito Distrito.....

MUNICÍPIO DE PIAR

OURO PRETO

PIAR

Designação.....

Data.....

Inventário n.º.....

Fls.....

Rua	Nº	Pay.	Nova	Bom	Reg.	Pior	Urg.
Randolfo Bretas	1	S		B			
	3	S		B			
	5	S			R		
	7	S			R		
	9	S	C.N.				
	11	S	C.N.				
	17	S	C.N.				
	19	S	C.N.				
	21	F		B			
	23	F	C.N.				
	2	F				P	
	11	S 8 F 3	5	3	2	1	

M. E. S.

Estado.....MINAS GERAIS.....

D. P. H. A. N.

Município.....OURO PRETO.....

3.º Distrito

Distrito.....PILAR.....

Designação.....RUA RAIMUNDO BRISTAS.....

Data.....

Inventário n.º

5

Fls.....



Rua	Nº	Pav.	Nova	Bom	Reg.	Pior	Urg.
Praça Americo Lopes-----	1	S	C.N.				
	3	T			R		
	5	T			R		
	7	T			R		
	9	T			R		
	11	S				B	
13	S				B		
	17	S				R	
	8-	T- 4 S-4	1	2	5		

M. E. S.
D. P. H. A. N.
3º Distrito

Estado MINAS GERAIS
Município CURU ITIHO
Distrito TIARÁ

Designação PAVIA AMERICA LOPES
Data.....

Inventário n.º
Fls.....

Inventário n.º 6
Fls.

Designação PRACA ANTONIO LOPES
Data

M. E. S. Estado MATIAS GOMES
D. P. H. A. N. Município OURO PRETO
3.º Distrito Distrito PILAR

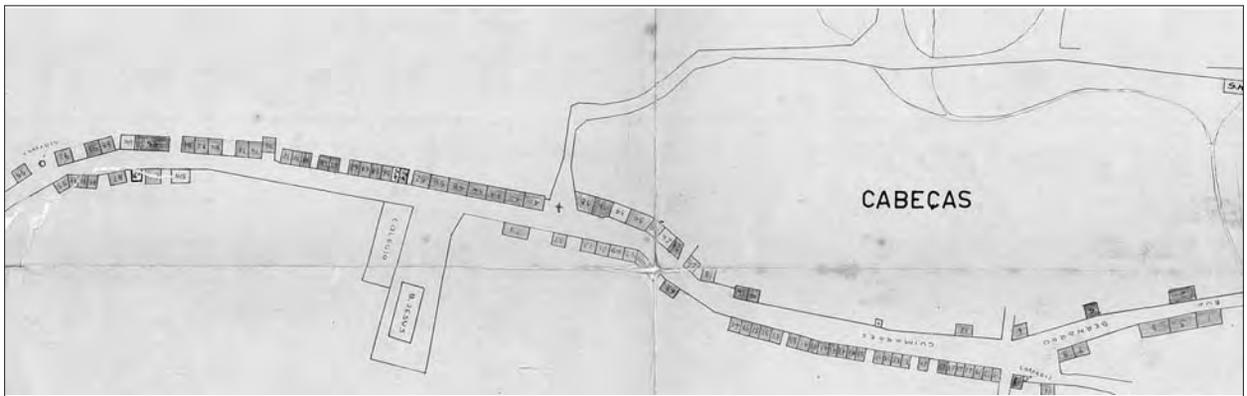


1-3-5-7-9-11-13-17

M. E. S.
 D. P. H. A. N.
 3.º Distrito
 Estado
 Municipio
 Distrito
 Designação
 Data
 Fls.
 Inventário n.º

TOTAL		80
Sobrados	41	
Terreos	<u>39</u>	80
Casas Novas	11	
Em bom estado	23	
Em regular estado	28	
Em pior estado	11	
Obras urgentes	<u>7</u>	80

Zona das Cabeças



Rua	Nº	Pav.	Nova	Bom	Res.	Pior	Urg.	
Bernardo Guimarães-----	2	S		B				
	4	S		B				
	6	T			R			
	12	S				P		
	14	T					U	
	16	T					U	
	18	T				R		
	22	T				R		
	24	T			B			
	26	T	C.N.					
	28	T				R		
	30	T				R		
	34	T	C.N.					U
	36	T						
	38	T				R		
	1	T				R		
	3	S					P	
	5	S					P	
	7	T				R		
	9	T				R		
	11	T				R		
	13	T			B			
	15	T				R		
	17	T				R		
	19	T				R		
	21	T				R		
	23	T				R		
	25	T				R		
	27	S						U
	29	T				R		
	31	T				R		
	33	T				R		
	35	T				R		
	37	T				R		
	39	T					P	
	41	T					P	
	43	T					P	
	45	T						U
	47	T						U
	49	T					P	
	51	T				R		
	53	T				R		
	55	T				R		
	57	T				R		
		45	T-39 S- 6	2	4	26	7	6

M. E. S. Estado MINAS GERAIS Designação RUA BERNARDO GUTMARTES Inventário n.º
D. P. H. A. N. Município OURO PRETO Data
3.º Distrito Distrito GABECAS FLS.

Rua	Nº	Pav.	Nova	Bom	Reg.	Pior	Urg.	
Transperte	45		2	4	26	7	6	
	59	T			R			
	61	T			R			
	65	T		B				
	sn	T			R			
	sn	T			R			
	67	T			R			
	69	T			R			
	71	T			R			
	73	T			R			
	77	T			R			
	79	T			R			
	40	T				P		
	42	T				P		
	44	T				P		
	46	T				P		
	48	T				P		
	50	T				P		
	52	T				P		
	54	T			R			
	sn	T				P		
	56	T				P		
	58	T				P		
	60	S			R			
	62	T				P		
	64	T					U	
	66	T					U	
	68	T					U	
	70	T			R			
	72	S			R			
	74	T			R			
	76	T			R			
	78	T			R			
	80	T			R			
	82	T			R			
	84	T					U	
	86	T		B				
	sn	T	C.N.					
	88	S			R		U	
	90	T						
	92	T			R			
	94	T			R			
	96	S			R			
	sn	T	C.N.					Casa Bernar- de Guimarães
	88	T-78 8-10	4	6	49	18	11	

M. E. S. Estado MINAS GERAIS
D. P. H. A. N. Município OURO PRETO
3º Distrito Distrito CABEÇAS
Designação RUA BERNARDO GUIMARÃES
Data
Inventário n.º
Fls. 2

M. E. S. Estado MINAS GERAIS
 D. P. H. A. N. Município OURO PRETO
 3.º Distrito Distrito GABOÇAS
 Designação RUA BERNARDO GUILMARÊS
 Data
 Fls. Inventário n.º

Rua	Nº	Fav.	Nova	Bom	Reg.	Pior	Urg.
Transperte	88		4	6	49	18	11
	85	T			R		
	sn	T	C.N.				
	87	T			R		
	89	T			R	P	
	91	T			R		
	93	T			R		
	95	T			R		
	95	T-85 8-10	5	6	54	19	11

M. E. S. Estado MINAS GERAIS Designação RUA BERNARDO GUILLERMINAS Inventário n.º
 D. P. H. A. N. Município OURO PRETO Data
 8.º Distrito Distrito ZONA DAS CABEÇAS Fls.



52 a 4-2

4-2

38-36-34-30-28-26-24

40

a

15-17-19-21-23-25-27-29



13-9-7



5-3-1



M. E. S. Estado MINAS GERAIS Designação RUA BERNARDO GUTMARAES Inventário n.º
 D. P. H. A. N. Município OURO PRETO Data Fls. 2
 3.º Distrito Distrito ZONA DAS CABECAS



72-70-68-66-64 62-60-58-SN-54



84-82



SN-86-84-82-80-78-76-74



92 - 90 - 88

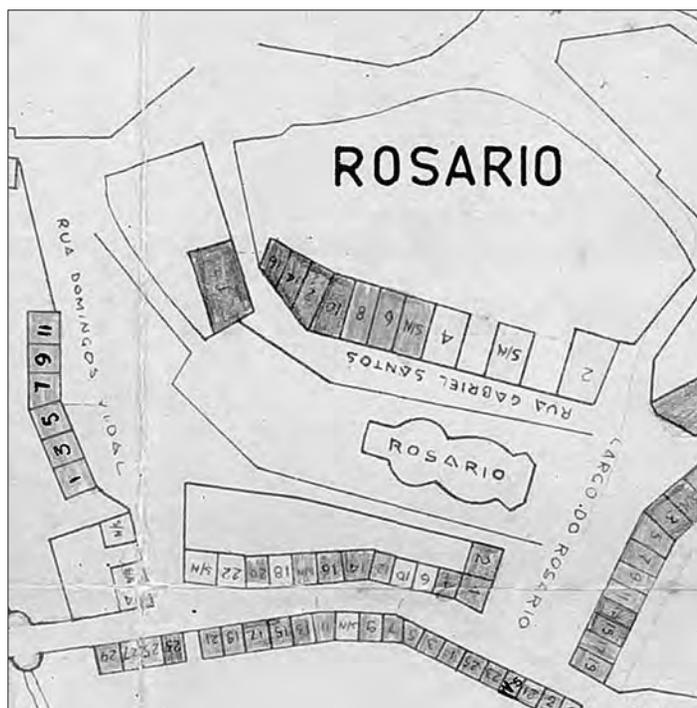


31-33-35-37-39-41-43-45-47

M. E. S. Estado MINAS GERAIS
 D. P. H. A. N. Município OURO PRETO
 3º Distrito Distrito CABOÇAS
 Designação ZONA DAS CABOÇAS
 Data
 Inventário n.º
 Fls.

TOTAL		95	
Sebrades	10		
Terreos	<u>85</u>	95	
Casas Novas	5		
Em bom estado	6		
Em regular estado	54		
Em pior estado	19		
Obras urgentes	<u>11</u>	95	

Zona do Rosário



Rua	Nº	Pay.	Nova	Bem	Reg.	Pier	Urg.
Rua Domingos Vi-	sn	T	C.N.				
Hal-----	sn	T	C.N.				
	1	T			R		
	3	T			R		
	5	T			R		
	7	T			R		
	9	T			R		
	11	T			R		
	sn	S	C.N.				
	9	T-8 S-1	3		6		

M. E. S.
D. P. H. A. N.
3.º Distrito

Estado MINAS GERAIS
Município OURO PRETO
Distrito ROSÁRIO

Designação RUA DOMINGOS VITAL
Data

Inventário n.º
Fls.

M. E. S.

Estado MINAS GERAIS

Designação RUA DOMINGOS VIDAL

Inventário n.º 7

D. P. H. A. N.

Município OURO PRETO

Data

Fis.

3.º Distrito

Distrito ZONA DO ROSÁRIO



B. 1 - 24-s.n.



1-3-5-7



9 11 s.n.

M. E. S.

D. P. H. A. N.

3º Distrito

Estado MINAS GERAIS

Município OURO PRETO

Distrito NOSSINHO

Designação TUA DONATO DA FONSECA

Data

Inventário n.º

Fls.

Rua	Nº	Pav.	Nova	Bom	Reg.	Pior	Urg.	
Donato da Fon- seca-----	2 4	S S		B B				Restaurar
	2	2		2				

Rua	Nº	Pav.	Nova	Bom	Reg.	Pier	Urg.
	1	S		B			
	3	S			R		
	5	S				P	
	7	S				P	
	9	S			R		Restaurar
	sn.	T	C.N.				
	11	T		B			
	13	T				P	
	15	T		B			
	17	T		B			
	19	T				P	
	21	T				P	
	23	S		B			
	25	H			R		
	27	H			R		
	29	H			R		
	4	S		B			
	6	S	C.N.				
	10	S	C.N.				
	12	S			R		
	14	S		B			
	16	S		B			
	sn	S			R		
	18	S	C.N.				
	20	S				P	
	22	S	C.N.				
	sn.	S	C.N.				
	24	T	C.N.				
	28	S- 17 T- 11	7	8	7	6	

M. E. S.
D. P. H. A. N.
3.º Distrito

Estado: MINAS GERAIS
Município: OURO PRETO
Distrito: ROSARIO

Designação.....
Data.....

Inventário n.º.....
Fls.....

M. E. S. Estado MINAS GERAIS. Designação RUA BERNARDO GUILMARÃES. Inventário n.º 8
 D. P. H. A. N. Município OURO PRETO. Data Fls.
 3.º Distrito ZONA DO ROSÁRIO



Rua	Nº	Pav.	Nova	Bom	Reg.	Pier	Urg.	
Largo Rosário	1	T				P		
	sn	S		B				
	3	S		B				
	5	S			R			
	7	T				P		
	9	S			R			
	11	S			R			
	13	S		B				
	15	S		B				
	17	S			R			
	19	S					U	
	21	S		B				
	sn	S		B		P		
	23	T		B				
25	S		B					
4	S		B				Restaurar	
2	T		B				Restaurar mu ro	

M. E. S. Estado MINAS GERAIS
D. P. H. A. N. Município OUTRO PRATO
3.º Distrito Distrito ROSÁRIO

Designação: LARGO DO ROSÁRIO

Data:

Inventário n.º

Fls.

17 S- 13
T- 4 9 4 3 1

M. E. S. Estado MINAS GERAIS Designação LARGO DO ROSÁRIO Inventário n.º 9
 D. P. H. A. N. Município OURO PRETO Data Fls.
 8.º Distrito Distrito ZONA DO ROSÁRIO



1 sn. 3



5-7-9-11-13-15



17 19



21-s.n.-23-25



4 2

M. E. S.
 D. P. H. A. N.
 3.º Distrito

Estado: MINAS GERAIS
 Município: OURO PRETO
 Distrito: ROSÁRIO

Designação: RUA GABRIEL SANTOS
 Data:

Inventário n.º

Rua	Nº	Par.	Novo	Rem	Reg.	Pier	Urg.
Gabriel Santos	1	S		B			
	2	T	C.N.				
	sn.	T	C.N.				
	4	T	C.N.				
	sn.	T				P	
	6	S			R	P	
	8	T					
	10	S		B			
	12	S		B			
	14	S		B			
	16	S		B			
	11	S-7 T-4	3	5	1	2	

24

M. E. S. Estado MINAS GERAIS Designação RUA GABRIEL SANTOS Inventário n.º
 D. P. H. A. N. Município OURO PRETO Fls.
 3.º Distrito ZONA DO ROSÁRIO Data



16



12-10-8-6- s.n.

C. N. I.
 N - S. N. I - 2



1

280

M. E. S.
D. P. H. A. N.
3º Distrito

Estado MTMA'S GERALS
Município OURO PRETO
Distrito ROSÁRIO

Designação ZONA DO ROSÁRIO
Data

Inventário n.º
Fls.

TOTAL		67
Sobrados	40	
Terreos	<u>27</u>	67
Casas Novas	13	
Em bom estado	24	
Em regular estado	18	
Em pior estado	11	
Obras urgentes	<u>1</u>	67

NCA	Nº	PAY.	NOVA	BOM	REG.	FIOR	URG.	OBSERVAÇÕES
Largo da Alegria	1	S		B				
	3	S		B				
	5	S		B				
	7	S		B				
	sn	S	C.N.					
	9	S		B	R			
	11	S						
	13	T	C.N.					
	15	S		B				
		9	S-8 T-1	2	6	1		

M. E. S.
D. P. H. A. N.
3.º Distrito

Estado VITÓRIA GERALIS
Município OURO PRETO
Distrito CAMARÁ

Designação LARGO DA ALEGRIA
Data

Inventário n.º
Fls.

M. E. S. Estado.....**MINAS GERAIS**.....
 D. P. H. A. N. Município.....**OURO PRETO**.....
 3.º Distrito Distrito.....**CENTRO**.....

Designação.....**LARGO ALBERTO R. S. JOSÉ S. R. DO ROSÁRIO**.....
 Inventário n.º.....
 Fls.....



31-33-35-37-39-41-43 1 3



5 7



16 - 14



5 12 10

M. E. S.

Estado MINAS GERAIS

D. P. H. A. N.

Município OURO PRETO

3.º Distrito

Distrito CENTRO

Designação LARGO DA ALEGRIA, RUA S. JOSÉ

E ROSÁRIO

Data

Inventário n.º

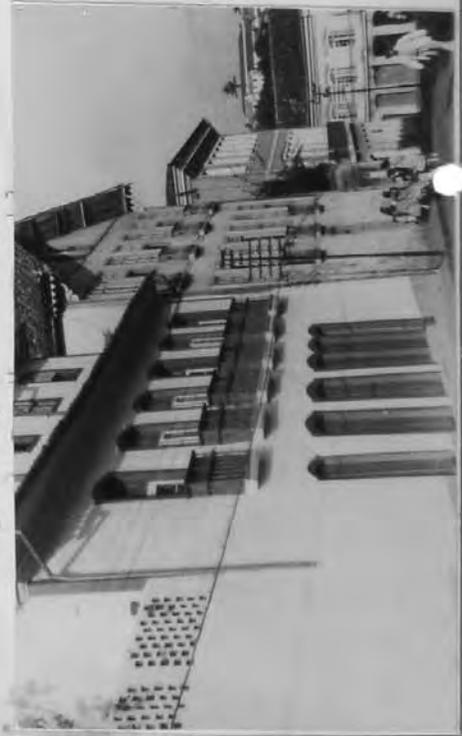
Fis.



9-11-13 - 15



- 1 -



6 (4 4 S/II



36-34-33-30

8 -

41

Rua	Nº	Pav.	Nova	Bom	Reg.	Pior	Urg.
Rua S. José	1	S		B			
	3	S		B			
	5	T			R		U
	7	T					
	4	S		B			
	6	S		B			
Rua Rosário	10	S		B			
	12	S		B			
	9	T		B			
	11	T		B			
	13	T		B			
	15	T		B			
	sn	T		B			
	17	T		B			
	14	S			R		
	16	S			R		
	18	T				P	
	20	T				P	
	22	S		B			
	24	S			R		
	26	S					U
	28	S		B			U
	30	T					
	32	S		B			
	34	S		B			
	36	S		B			
38	S		B				
40	S		B				
19	T				R		
21	S				R		
23	S				R		
25	S				R		
27	S					P	
sn	S		C.N.				
sn	T				R		
31	T					P	
33	T					P	
35	S			B			

M. E. S.
D. P. H. A. N.
3º Distrito

Estado MINAS GERAIS
Município OURO PRETO
Distrito CENTRO

Designação Rua S. JOSÉ
Data.....

Inventário n.º
Fls.....

RUA	Nº	PAV.	NOV.	BCM	REG.	PIOR	URG.	OBSERVAÇÕES
Rua Tiradentes	5	S			R			
	7	T						
	9	S		B				
	8	S		B				C. dos Contos
	sn.	T		B	R			
	sn.	S		B	R			
	11	S						
	13	S				P		
	15	S		B				
	17	S		B				
	19	S			R			
	21	S				P		
	23	S		B				
	25	S			R			
	27	S			R			
	29	S			R			
	31	S			R			
	33	S			R			
	35	S				P		
	37	S		B				
	39	S	C.N.					
	41	S			R			
	43	S			R			
	10	S		B				
	12	S		B				
	14	S			R			
	sn	S	C.N.		R			
	16	S						
	18	S	C.N.					
	20	S			R			
	22	S			R			
	24	S	C.N.					
	28	S	C.N.					
	30	S			R			
	32	S		B				
	34	S			R			
	36	S		B				
	38	S		B				
	39	S-36 T-3	5	13	17	4		

M. E. S. Estado MINAS GERAIS
D. P. H. A. N. Município OURO PRETO
3.º Distrito CENTRO
Designação RUA TIRADENTES
Data
Inventário n.º
Fls.

M. E. S. Estado MINAS GERAIS Designação RUA DE S. JOSÉ Inventário n.º
 D. P. H. A. N. Município OURO PRETO Data
 3.º Distrito CENTRO Fls.



7 S/N



22 19-21-23-25-27 S/N



24 S/N 22 - 20 - 16 - 16 - 3/N

M. E. S. Estado..... MINAS GERAIS..... Designação..... RUA DO ROSÁRIO..... Inventário n.º.....
 D. P. H. A. N. Município..... OURA PRETO..... Data..... Fls.....
 3.º Distrito..... CENTRO.....



19-21-23-25-27

40



31

33

35

M. E. S. Estado MINAS GERAIS Designação RUA S. JOSÉ E ROSÁRIO Inventário n.º
 D. P. H. A. N. Município OURO PRETO Data
 S.º Distrito CENTRO Fls.



7-9-11-13-15-17-19-21



23 25 27 29



30 32 34 36 38



20 18

Rua	Nº	Pav.	Nova	Bom	Reg.	Pior	Urg.
Teixeira Amaral	2	S		B			
	4	S		B			
	6	S		B			
	8	S		B			
	10	S		B			
	1	T			R		
	6	S-5 T-1		5	1		

M. E. S.
D. P. H. A. N.
3.º Distrito

Estado Minas Gerais
Município Belo Horizonte
Distrito Centro

Designação Rua Teixeira Amaral
Data

Inventário n.º
Fls.

M. E. S. Estado Minas Gerais
D. P. H. A. N. Município Ouro Preto
3.º Distrito Distrito Centro

Designação Rua Teixeira do Amaral
Data
Fls.

Inventário n.º



M. E. S.
D. P. H. A. N.
3.º Distrito

Estado MINAS GERAIS
Município OURO PRETO
Distrito CENTRO

Designação ZONA DO CENTRO
Data

Inventário n.º
Fls.

TOTAL		92
Sobrados	72	
Terreos	<u>20</u>	92
Casas Novas	8	
Em bom estado	44	
Em regular estado	28	
Em pior estado	9	
Obras urgentes	<u>3</u>	92

Zona do Carmo



RUA	Nº	PAV.	NOVA	BOM.	REG.	PIOR	URG.	OBSERVAÇÕES
Rua das Flores	1	T			R			
	3	T			R			
	5	S			R			
	7	S			R			
	9	S			R			
	11	S			R			
13			C.N.					
	sn	T			R			
	8	T-5 S-3	1		7			

M. E. S. Estado MINAS GERAIS
 D. P. H. A. N. Município URB. ITAIO
 3º Distrito Distrito COCAÍTO
Designação RUA DAS FLORES
Data
Inventário n.º
Fls.

RUA	Nº	PAV.	NOVA	BOM	REG.	PIOR	URG.	OBSERVAÇÕES
Praça Reinaldo de Brito-----	1	S		B				
	3	T		B				
	2	S		B				
	4	S		B				
	sn	S	C.N.					
	5	S- 4 T- 1	1	4				

M. E. S.
D. P. H. A. N.
3.º Distrito

Estado MINAS GERAIS
Município OURO PRETO
Distrito DO CARMO

Designação PRACA REINALDO DE BRITO
Data

Inventário n.º
Fls.

M. E. S.

Estado MINAS

Designação RUA DAS FLORES - Estado REINADO

Inventário n.º 10

D. P. H. A. N.

Município OURO PRETO

Data

Fls.

3.º Distrito

Distrito CAMPO



1- 3



5- 7-9- 8



S/N 4-2



3-5-7-9-11- S/N

RUA	Nº	PAV.	NOVA	BOM	REG.	PIOR	URG.	OBSERVAÇÕES
Rua do Pilar	2	T		B				
	6	T		B				
	8	S		B				
	10	T				P		
	12	S			R			
	14	T		B				
	16	T			R			
	1	S	C.N.					
	3	S		B			U	
	5	S		B			U	
	7	S		B			U	
	9	S						
	11	S						
	13	S		B				
	15	S		B				
	17	S				P		
	19	S			R			
	21	T				P		
	23	T		B				
	25	T		B				
	29	S		B				
	31	S		B				
	18	S			R			
	20	S		B				
	22	S		B				
	24	S		B				
	26	S			R			
	27	S-18 T-9	1	15	5	3	3	

M. E. S. Estado MINAS GERAIS Designação RUA DO PILAR Inventário n.º
D. P. H. A. N. Município CURTO-PIRETO
3.º Distrito DO CARMO Data Fls.

M. E. S. Estado MINAS GERAIS Designação RUA DO PILAR Inventário n.º
 D. P. H. A. N. Município OURO PRETO Data Fls.
 3.º Distrito Distrito CAJANO



26 24



22 20 18



16-14-12- 19



8 6 2



RUA	Nº	PAV	NOVA	BOM	REG	PIOR	URG	OBSERVAÇÕES
Paraná	1	S		B				
	3	S		B				
	5	S		B				
	7	S					U	
	9	S		B				
	11	S					U	
	13	S				P		
	sn.	S	C.N.					
	21	S					U	C. Bastilha
	2	S		B				
	4	S	C.N.		B			
	6	S			B			
	8	S		C.N.	B			
	10	S			B			
	12	S			B			
	14	S			B			
16	S				R		Restaurar	
sn.	T	C.N.						
18	T			B				
20	T			B				
22	T				R			
24	T					P		
	22	S- 14 T- 8	4	11	2	2	3	

M. E. S. S. Estado: MINAS GERAIS
D. P. H. A. N. Município: OURO PRETO
3.º Distrito Distrito: DO C'AMO
Designação: RUA DO PARANÁ
Data:
Inventário n.º:
Fls.

M. E. S. Estado MINAS GERAIS Designação RUA DO PARANÁ Inventário n.º
 D. P. H. A. N. Município OURO PRETO Data
 3.º Distrito CARMO Fls.



13-SR- SM-16-14



3-5-7-9-11-13



14-J- 16-14-12-10



21



10-8-6-4-2



24-22-20-18

91

M. E. S. Estado MINA GERAIS
 D. P. H. A. N. Município OURA PRETO
 3.º Distrito Distrito DO C.º RMO
 Designação RUA MANOEL CABRAL
 Data
 Inventário n.º
 Fls.

RUA	Nº	PAV	NOVA	BCM	REG	PIOR	URG	OBSERVAÇÕES
Manoel Cabral	22	T		B				
	24	T		B				
	2	2		2				

M. E. S. Estado MINAS GERAIS A
 D. P. H. A. N. Município OURO PRETO
 3º Distrito DO CARMO
 Designação RUA COSTA SENNA
 Data
 Inventário n.º
 Fls.

RUA	Nº	PAV	NOVA	BOM	REG	PIOR	URG	OBSERVAÇÕES
Costa Sena	2	T					U	
	4	T					U	
	6	T			R		U	
	8	T			R			
	12	T			R			
	14	T			R			
	16	T		B	R			
	18	T			R			
	20	T						
	9	9		1	5		3	

M. E. S. Estado..... MINAS GERAIS..... Designação RUA S. COSTA SENI E MANOEL CABRAL..... Inventário n.º.....
 D. P. H. A. N. Município..... OURO PRETO..... Data..... Fls.....
 3.º Distrito Distrito..... CA. RMC.....



22



20-18-16-14-12



12-8-6-4



2

12

RUA	Nº	PAV	NOVA	BOM	REG	PIOR	URG	OBSERVAÇÕES
Cel. Alves	2	S			R			
	2	T			R			
	4	T			R			
	6	S		B	R			
	10	S			R			
	12	S			R			
	14	T			R			
	1	S			R			
	3	S		B		P		
	5	S						
9	S							
11	T		C.N.	B				
18	T				R			
	13	S- 7 T- 6	1	3	8	1		

M. E. S.
D. P. H. A. N.
3.º Distrito

Estado: MATIAS GERALTES
Município: CORO. PRATO
Distrito: 30. CARMO

Designação: RUA CORONEL ALVES
Data:

Inventário n.º
Fls.

Rua	Nº	Pav.	Nova	Bem	Reg.	Pier	Urg.
Brig. MUSQUEIRA	2	S			R		
	4	T			R		
	6	S		B	R		
	8 10	T T			R R		
							Teatro
	5	T- 3 S- 2		1	4		

M. E. S.
D. P. H. A. N.
3.º Distrito

Estado MINAS GERAIS
Município CURA-TEHTO
Distrito NO. CIRMO

Designação Nº 4 BRIG. DE TIPO MUS. QUEIRA
Data

Inventário n.º
Fls.

M. E. S. Estado MINAS GERAIS Designação RUA BRIG. MUSQUEIRA E CEL. ALVES Inventário n.º
 D. P. H. A. N. Município OURO PRETO Data
 3.º Distrito Distrito CARMO Fls.



2



8-6-



14-12-10-6-4-2-



1-3-5-9-11

M. E. S. Estado MINAS GERAIS Designação RUA CONDE DE BOBADÉLA Inventário n.º
 D. P. H. A. N. Município OURO PRETO Data
 3.º Distrito Distrito CARMO Fls.

Rua	Nº	Pav.	Nova	Bom	Reg.	Pier	Urg.	
Conde Bobadela	1	S			R			
	3	S		B				
	5	S		B				
	7	S		B				
	9	T		B				
	11	S		B				
	13	S		B				
	15	S		B				
	17	T		B		R		
	19	S				R		
	SN		S			R		
	21		S					U
	23		S					U
	25		S			R		
	27		S			R		
	29		S			R		U
	31		S			R		
	33		S			R		
	35		S			R		U
	37		S		B	R		
	SN		S		B			
	2		S			R		
	4		S			R		
	6		S			R		
	8		S			R		
	10		S					U
	SN		S			R		
	12		S			R		
	14		S			R		
	16		S		B			
	18		S		B			
	20		S		B			
	22		S		B			
	24		S		B			
	26		S				P	
	28		S			R		
	30		S			R		
	32		T			R		
	34		S					M
	36		S					D
	38		S			R		
	40		S		B			
	42		S		B			
	44		S		B			
	46		S		B			
	48		S	N				
	46	S 43 T 3	1	18	19	1	7	

M. E. S. Estado..... MINAS GERAIS..... Inventário n.º.....
 D. P. H. A. N. Município CURO PRETO..... Fls.....
 3.º Distrito Distrito CAMAÇÓ..... Data..... Designação RUA CONDE DE BOBADELA.....



sn. - 1-3-5-7-9



11- 13-15-17-19



sn -21-23-25-27-29-31



37- sn.



48-46-44-42-40-38-
34-32



30-28-26- 24-22



18-16-14-12- sn.



10-8-6-4-sn - 2

01

Rua	Nº	Pay.	Neve	Bom	Reg.	Pier	Urg.	
Praça TIRADENTES	SN	T	N					Força e Luz
	2	T				P		
	4	S		B				
	6	S		B				Prefeitura
	8	S		B				DPHAN
	10	S					U	FORUM
	1	S				R		
	3	S				R		
	5	S				R		
	7	S				R		
	9	S				R		
	11	T				R		Restaurar
	13	S				R		
	15	S				R		
	17	S				R		
	19	S			B	R		
	21	S				R		
	SN	S		N				
	18	T S	3 15	2	4	10	1	1

M. E. S. S.
D. P. H. A. N.
3º Distrito

Estado: MINAS GERAIS
Município: OURO PRETO
Distrito: CARMO

Designação: PRAÇA TIRADENTES
Data:

Inventário n.º
Fls.:

M. E. S.

Estado

MINAS GERAIS

D. P. H. A. N.

Município

OURO FREIO

3.º Distrito

Distrito

C.º MO

Designação

PLAÇA TIRADENTES

Inventário n.º

Data

Fls.



8 - 6 - 4



2-0-7



11-15-17-19-21-sn.



sn-1-3- 6- 7- 9

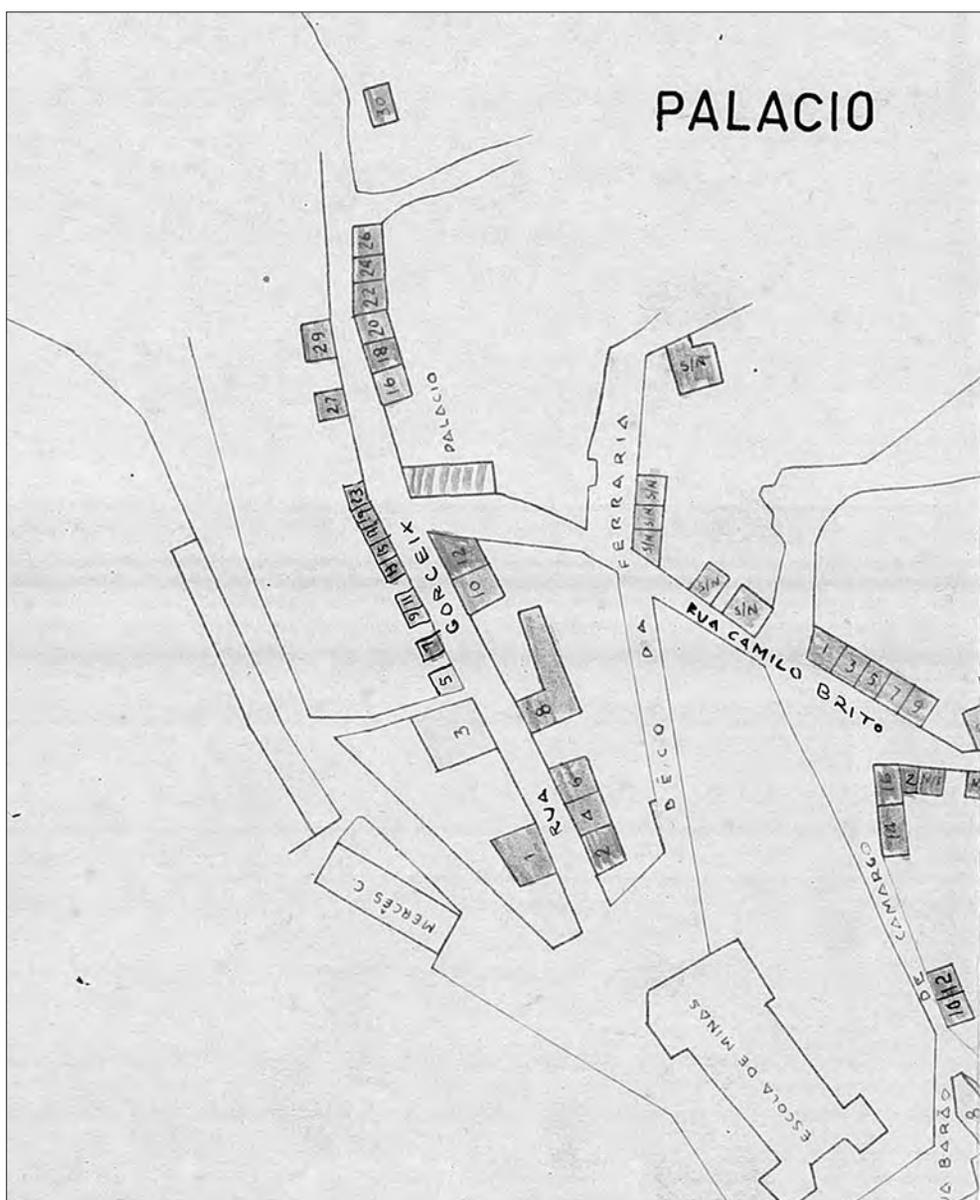
M. E. S. Estado MINAS GERAIS
 D. P. H. A. N. Município CURTO PRATO
 3.º Distrito Distrito CARMO
 Designação ZONA DO CARMO
 Data
 Inventário n.º
 Fls.

TOTAL 155

Sobrados 106
 Terreos 49 155

Casas Novas 11
 Em bom estado 59
 Em regular estado 60
 Em pior estado 8
 Obras urgentes 17 155

Zona do Palácio



Rua	Nº	Pav.	Nova	Bom	Reg.	Pier	Urg.
Rua Gercex	2	T					U
	4	T		B			
	6	T		B			
	8	S		B			
	10	T			R		
	12	T					U
	16	S			R		
	18	T			R		U
	20	T			R		
	22	T			R		
	24	T			R		
	26	T			R		
	30	T			R		
	1	T			B		
	3	T	C.N.				
	5	T	C.N.				
	7	T			B		
	9	T				R	
	11	T				R	
	13	T				R	
15	T					U	
17	T					U	
19	T					U	
23	T					U	
27	S			B			
29	T			B			
	26	T-23 S- 3	2	7	10		7

M. E. S. Estado MINAS GERAIS
 D. P. H. A. N. Município OURO PRETO
 3.º Distrito Distrito PALACIO
 Designação RUA GERCIX
 Data
 Inventário n.º
 Fls.

M. E. S. Estado MINAS GERAIS Designação RUA GORCEIX Inventário n.º
 D. P. H. A. N. Município OURO PRETO Data Fls.
 3.º Distrito Distrito ZONA DO PALACIO



28-24-22-20-18-16



10 8



8-6-4-2-



13



13-15-17-19-23



27-29

M. E. S.
D. P. H. A. N.
3º Distrito

Estado.....MINAS GERAIS.....
Município.....OURO PRETO.....
Distrito.....PALMÁCIO.....

Designação.....RUA DA FERRARIA.....
Data.....

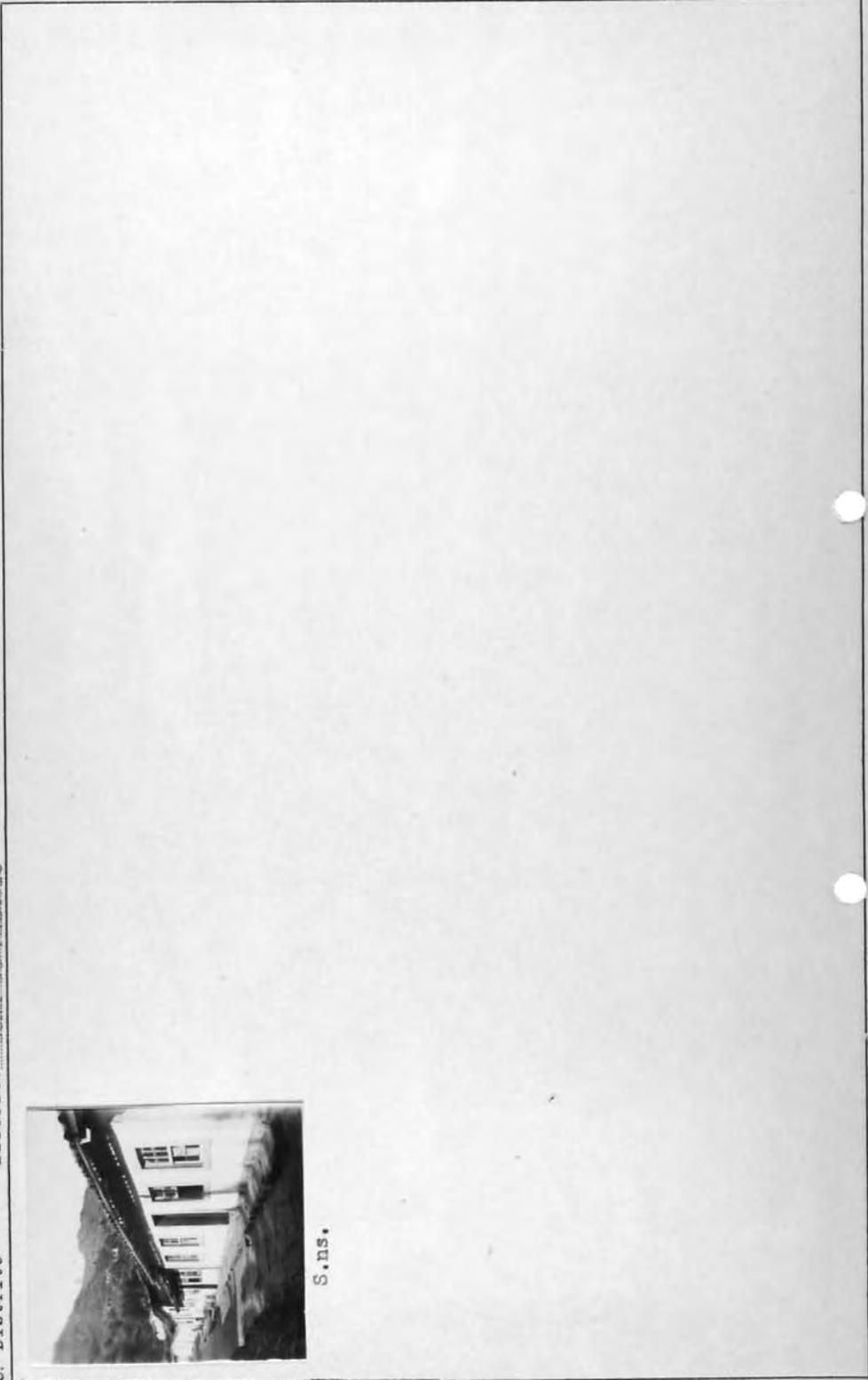
Inventário n.º.....
Fls.....

Rua	Nº	Pav.	Nova	Bom	Reg.	Pier	Urg.
Bece da Ferraria	sn	T			R		
	sn	T			R		
	sn	T			R		
	sn	T		B			
	4	4	1	3			

M. E. S. Estado MINAS GERAIS Inventário n.º
D. P. H. A. N. Município OURO PRETO Fls.
S.º Distrito Distrito ZONA DO PALACIO Data



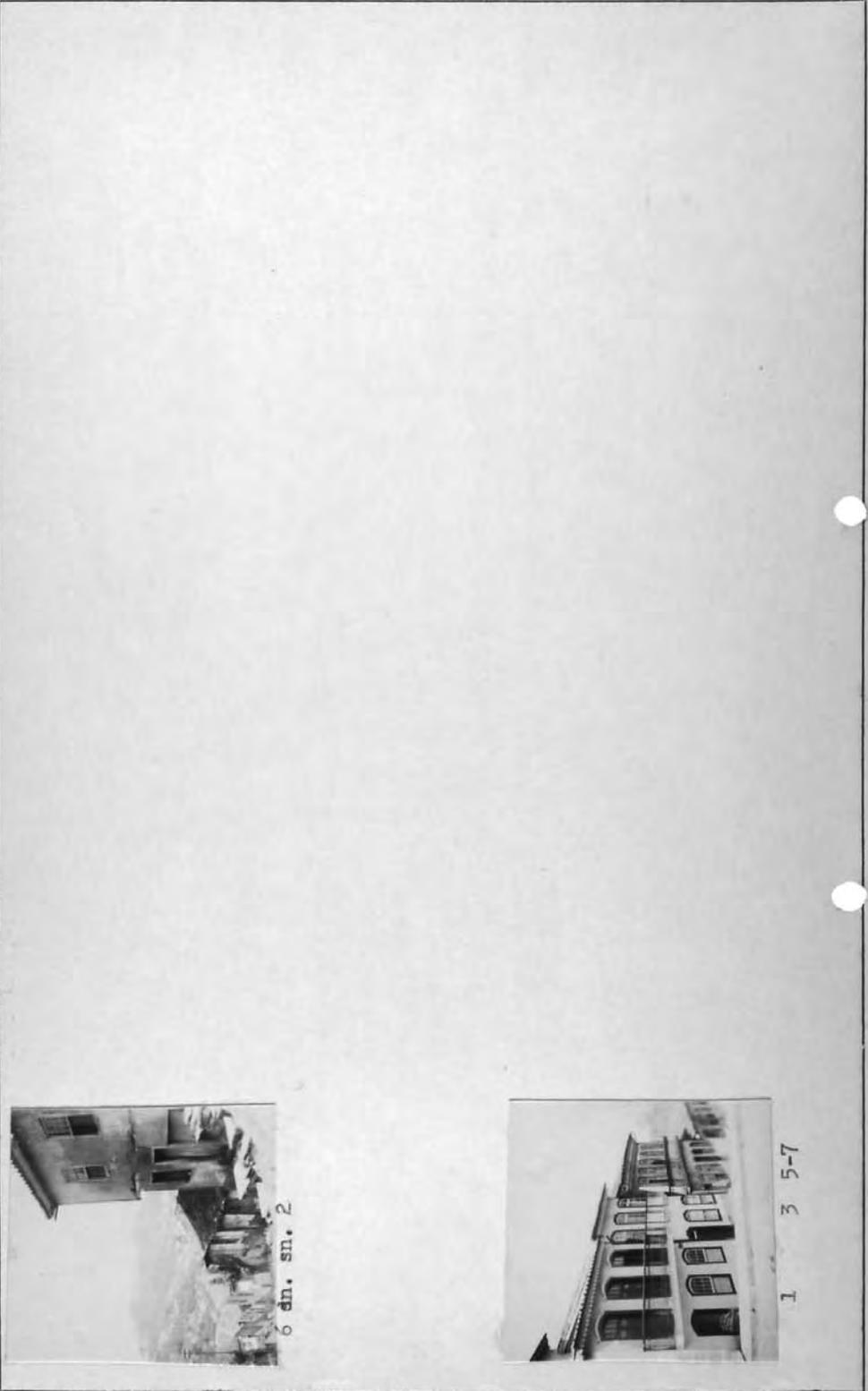
S. ns.



M. E. S. Estado MINAS GERAIS
 D. P. H. A. N. Município OURO PRETO
 3.º Distrito Distrito PALACIO
 Designação RUA CAMILO BRITO
 Data
 Pls. Inventário n.º

Rua	Nº	Pav.	Nova	Bom	Reg.	Pier	Urg.
Rua Camilo de Brito -----	sn	T				P	
	sn	T				P	
	1	S		B			
	3	S		B			
	5	S		B			
	7	T				P	
	9	T				P	
	sn	T			R		U
	2	T		B			
	sn	T		B			
sn	6	T			R		
	12	T-9 S-3		5	2	4	1

M. E. S. Estado MINAS GERAIS Inventário n.º
D. P. H. A. N. Município OURO PRETO Fls.
3.º Distrito Distrito ZONA DO PALACIO Data



6 dn. sn. 2



1 3 5-7

M. E. S.
D. P. H. A. N.
3.º Distrito

Estado MINAS GERAIS
Município OURO PRETO
Distrito PALAÇIO

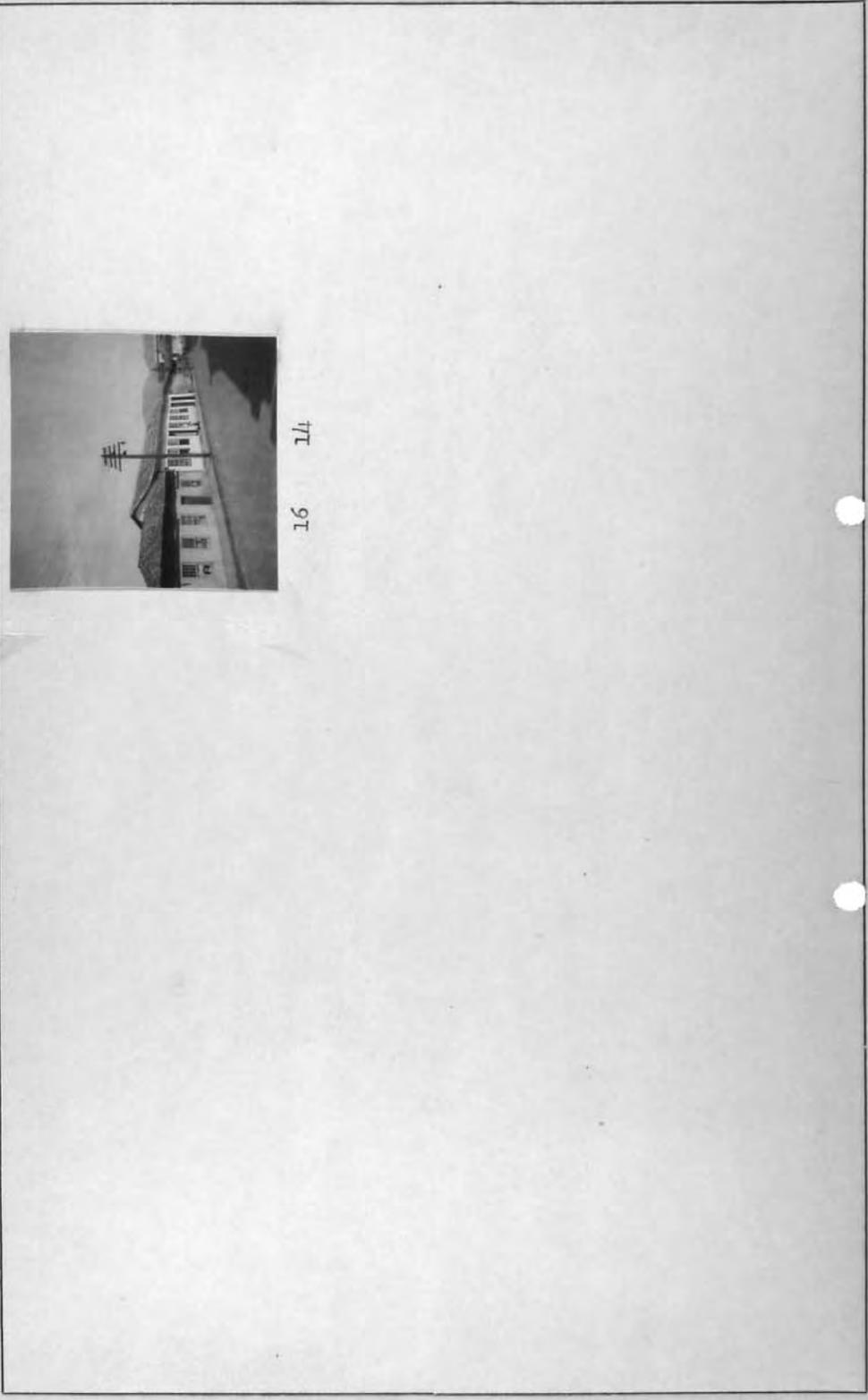
Designação RUA BARÃO DE CAMARGOS
Data

Inventário n.º
Fls.

Rua	Nº	Pay.	Neva	Bom	Reg.	Pier	Urg.	
Barão de Camar- gos -----	2	T	C.N.					
	4	T	C.N.					
	8	T	C.N.					
	10	T			R			
	12	T					U	
	14	T		B				
	16	T					U	
	7	7	3	1	1		2	

M. E. S. Estado MINAS GERAIS Inventário n.º
D. P. H. A. N. Município CURÓ FRATÃO Fls.
3.º Distrito Distrito ZONA DO PALACIO. Data

Designação RUA BARÃO DE CAMARGOS



16 14

M. E. S.
D. P. H. A. N.
3º Distrito

Estado MINAS GERAIS
Município OURO PRETO
Distrito PALACIO

Designação ZONA DO PALACIO
Data

Inventário n.º
Fls.

TOTAL		49
Sebrades	6	
Terreas	<u>43</u>	49
Casas novas	5	
Em bom estado	14	
Em regular estado	16	
Em pior estado	4	
Obras urgentes	<u>10</u>	49

M. E. S.
D. P. H. A. N.

3.º Distrito

Estado MINAS GERAIS
Município OURO PRETO
Distrito DAS DORES

Designação LARGO DE MARILIA
Data

Inventário n.º
Fls.

Rua	Nº	Pav	Nova	Bom	Reg.	Pier	Urg.
Largo Marília	1	S		B			
	3	S				P	
	5	P		B			
	7	S		B			
	9	S		B			
	11	S		B			
	12	T		B			
	7	S-4 T-3		6		1	

M. E. S. Estado MINAS GERAIS Designação LARGO DE MARILIA E RUA STA-ERIGENIA Inventário n.º
 D. P. H. A. N. Município OURO PRETO Data Fls.
 3.º Distrito Distrito



1 3-5-7-9-11



19 21 23 25 27-29-31-33-35-37-39



45-47-49-51-53-55



24-22-20-18-16



14-12-10-8



8-6-4-2



56-52-50-48-46-44

Rua	Nº	Pav.	Nova	Bom	Reg.	Pier	Urg.
Sta. Efigenia	1	T				P	
	3	T				P	
	5	T	C.N.				
	7	T		B			
	9	T		B			
	11	T		B			
	13	T		B			
	15	T					U
	17	S		C.N.			
	19	S				R	
	21	T				R	
	23	T				R	
	25	T			B		
	27	T				R	
	29	T				R	
	31	T				R	
	33	T				R	
	35	T				R	
	37	T				R	
	39	T				R	
	41	S					P
	45	T			B		
	47	T				R	
	49	T				R	
	51	T				R	
	53	T					P
	55	S					U
	2	T				R	
	4	T			B		
	6	T			B		
	8	S					P
	10	T				R	
	12	T				R	
	14	T				R	
	16	T					P
	18	T					P
	20	T				R	
	22	T			B		
	24	T		C.N.			
	26	T					U
	30	T				R	
	32	T					P
	38	T		C.N.			
	40	T					P
	42	T				R	
	44	T					P
46	T			B			
	47	T-42 S-5	4	10	20	10	3

Club 15

M. E. S.
D. P. H. A. N.
3º Distrito
Estado MINAS GERAIS
Município OURO PRETO
Distrito DAS DORRIS
Designação RUA DE SANTA EFIGENIA
Data
Inventário n.º
Fls. 1

M. E. S.
D. P. H. A. N.
3º Distrito

Estado MINAS GERAIS
Município OURO PRETO
Distrito DAS DORES

Designação RUA SANTA ERIGENIA
Data

Inventário n.º
Fls.

Rua	Nº	Pay.	Nova	Bom	Reg.	Pier	Urg.	
Transperte	47	T-42 S- 5	4	10	20	10	3	
	48	T				P		
	50	T				P		
	52	T				P		
	54	T	C.N.					
	56	T			R			
	58	T				P		
	60	T				P		
	62	T					U	
	64	T			R			
	66	T			R			
	68	T			R			
	70	T			R			
	72	T			R			
	74	T			R			
	sn	T	C.N.					
	57	S						U
	59	S			R			
	61	T			R			
	63	T			R			
	65	T			R			U
	67	T						
	69	T			R			
71	S			R				
73	T			R				
75	T					P		
77	T					P		
79	T			R				
	74	T-66 S- 8	6	10	35	17	6	

M. E. S. Estado MINAS GERAIS Inventário n.º
 D. P. H. A. N. Município CURA PRETO Fls.
 3.º Distrito DORES Designação RUA DE SANTA EFIGENIA
 Data



60 58 56



S.n. 74-72-70-68- 66-64



75- 77-79



57-59-61-63-65-67-69

M. E. S.
D. P. H. A. N.
3º Distrito

Estado MINAS GERAIS
Município OURO PRETO
Distrito DORES

Designação RUA CEL. SERAFIM
Data

Inventário nº
Fls.

Rua	Nº	Pav.	Nova	Bem	Reg.	Pier	Urg.
Cel. Serafim	4	T			R		
	6	T			R		
	8	T			R		
	10	T		B			
	12	T			R		
	14	T		B			
	16	T		B			
	18	T			R		
	24	T		B			
	26	T		B			
	28	T		B			
	3	T					P
	sn	T			R		
	5	T		C.N.			
	7	T			B		
	9	T			B		
	11	T			B		
	30	T			B		
	32	S			B		
	34	T			B		
36	T			B			
38	T		C.N.				
40	T				R		
	23	T-22 S- 1	2	13	7	1	

M. E. S. Estado.....MINAS GERAIS.....
 D. P. H. A. N. Município.....OURO PRETO.....
 3.º Distrito Distrito.....DORES.....

Designação.....RUA CELA...SERAFIM.....
 Data.....

Inventário n.º.....
 Fls.....



40-38-36



28-26-24



18- 16-14



8- 6- 4



3 - sn.



7- 9- 11



for. O. O. O.

12-10

Rua	Nº	Pav.	Nova	Bom	Reg.	Pier	Urg.
Barão Ouro Branco	1	T			R		
	3	T			R		
	5	T			R		
	7	T			R		
	9	T			R		
	11	T			R		
	13	T			R		
	15	T				P	
	17	T				P	
	19	T				P	
	21	T				P	
	23	T				P	
	25	T				P	
	27	T				P	
	29	T				P	
	2	T			R		
	4	T			R		
	6	T			R		
	8	T			R		
10	T			R			
12	S					U	
	21	T-20 S- 1			12	8	1

M. E. S. Estado MINAS GERAIS
 D. P. H. A. N. Município OURO PRETO
 3º Distrito Distrito DAS DORAS
 Designação RUA BARÃO DE OURO BRANCO
 Data
 Fls.
 Inventário n.º

M. E. S.

D. P. H. A. N.

3.º Distrito

Estado.....MINAS GERAIS.....

Município.....OURO PRETO.....

Distrito.....JORES.....

Designação.....RUA OURO BRANCO.....

Data.....

Inventário n.º.....

Fls.....



12

12

5



M. E. S.
 D. P. H. A. N.
 3º Distrito

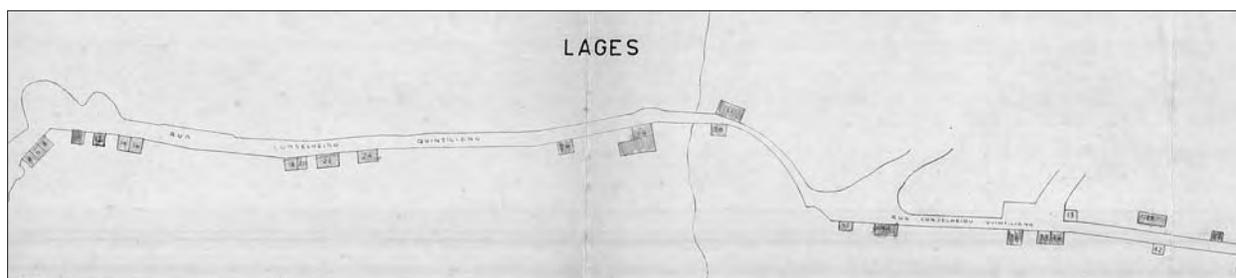
Estado.....MINAS GERAIS.....
 Municipio.....OURO PRETO.....
 Distrito.....DORES.....

Designação.....ZONA DAS DORES.....
 Data.....

Inventário n.º.....
 Fls.....

TOTAL		125
Sebrados	14	
Terreos	<u>111</u>	125
Casas Novas	8	
Em bom estado	29	
Em regular estado	54	
Em pior estado	27	
Obras urgentes	<u>7</u>	125

Zona das Lages



Rua	Nº	Pav.	Nova	Bom	Reg.	Pior	Urs.
Consº Quintili- ano	4	T			R		
	6	T				P	
	8	T				P	
	10	T				P	
	12	T			R		
	14	T				P	
	16	T				P	
	18	T			R		
	20	T			R		
	22	T				P	
	24	T				P	
	26	T				P	
	28	T					U
	30	T				R	
	32	T				R	
	34	T			B		
	36	T				P	
	38	T				P	
	40	T				P	
	42	T		C.N.			
44	T				R		
46	T				R		
11	S			B			
13	T		C.N.				
15	T			B			
17	S					U	
	26	T-24 S- 2	2	3	8	11	2

M. E. S.
D. P. H. A. N.
3º Distrito
Estado MINAS GERAIS
Município OURO PRETO
Distrito DAS LAGES
Designação RUA CONSULHEIRO QUINTILIANO
Data
Inventário n.º
Fls.

Inventário n.º.....
Fis.

Designação.....RUA CONSULTEIRO QUINTILIANO.....
Data.....

M. E. S. Estado MINAS GERAIS.....
D. P. H. A. N. Município OURO PRETO.....
3.º Distrito Distrito DAS TAGES.....



8 6 4



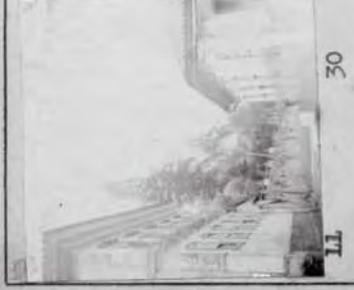
16-14-12 10



24-22-20 18



28 26



30 11



11

M. E. S. Estado MINAS GERAIS Designação RUA CONSELHEIRO QUINTILIANO Inventário n.º
 D. P. H. A. N. Município OURO PRETO Data Fls.
 3.º Distrito Distrito DAS LAGES



416-444 442

44



40-58

41



34

32



42

17

15-13

94

M. E. S. Estado
 D. P. H. A. N. Município
 3º Distrito Distrito IAGES

Designação
 Data

Inventário n.º
 Fls.

TOTAL		26
Sobrados	2	
Terreos	<u>24</u>	26
Casas Novas	2	
Em Bom estado	3	
Em regular estado	8	
Em pior estado	11	
Obras urgentes	<u>2</u>	26

Zona de Antônio Dias



Rua	Nº	Pav.	Nova	Bom	Reg.	Pior	Urg.
R. dos Paulistas	2	S			R		
	4	T			R		
	6	T			R		
	8	T			R		
	10	T		B			
	12	S			R		
	14	T				P	
	16	T				P	
	18	T			R		
	sn	T	C.N.				
	20	T		B			
	22	T		B			
	24	T			R		
	26	T	C.N.				
	28	T			R		
	1	S		B			
	3	S		B			
	5	T				P	
7	T				P		
9	T				P		
11	T				P		
13	T			R			
15	T			R		U	
17	T			R			
19	S			R			
	25	T-20 S-5	2	5	11	6	1

M. E. S. Estado MINAS GERAIS Designação RUA DOS PAULISTAS Inventário n.º
D. P. H. A. N. Município OURO PRETO
3º Distrito Distrito ANTONIO DIAS Data Fls.

M. E. S. Estado...MINAS GERAIS..... Designação...RUA DOS PAULISTAS..... Inventario n.º.....
 D. P. H. A. N. Município...OURÓ...PRATO..... Data..... Fls.....
 3.º Distrito Zona ANT.º DIAS.....



28-26-24



20-s.n.-18-16-14-12



8

1-3-

6-4



5-7-9-11



19

Ca. 10-6-5/N-

Rua	Nº	Pav.	Nova	Bom	Reg.	Pior	Urg.	
R. do Aleijadinho	sn.	T	C.N.		R			
	2	T			R			
	4	S			R			
	6	T			R			
	8	T			R			
	10	T				P		
	12	T				P		
	14	S				P		
	sn.	S		B	R			
	16	S				P		
	18	S						
	20	S			R			
	22	T			R			
	24	T			R			
	26	T				P		
	28	S		B				2 casas
	1	T					U	
	17	T-10 S-7	1	2	8	5	1	

M. E. S.
D. P. H. A. N.
8.º Distrito

Estado..... MINAS GERAIS
Município..... OURO PRETO
Distrito..... ANTONIO DIAS

Designação..... RUA DO ALEIJADINHO
Data.....

Inventário n.º.....
Fls.....

64

M. E. S. Estado MINAS GERAIS..... Inventário n.º.....
 D. P. H. A. N. Município OURO PRETO..... Fls.....
 3.º Distrito Distrito ZONA ANTS. DIAS.....

Designação RUA DO ALFARJADINHO.....

Data.....



28



22-20-18-16



14-12-10-8-6



6- 4-2-sn.



Fundos Bernardo
 Vasconcellos



16-2-11

27

10-1-11

Rua	Nº	Pav.	Nova	Bom	Reg.	Pior	Urg.	
Bernardo Vasconcellos-----	3	S		B				Oratório 3 sinos
	5	S			R			
	7	T		B				
	9	S					U	
	11	S			R			Só fachada
	13	T	C.N.					
	15	S			R			
	17	S			R			
	19	S			R			
	21	S		B				
	23	S			R			
	25	S			R			
	27	S			R			
	29	S			R			
	31	S			R			
	33	T			R			
	35	S			R			
	37	S			R			
	39	S		B				
	41			B				
	43	T			R			
	45	T				P		
	2	T			R			
	4	S				P		
	6	S				P		
	8	S				P		
	10	S		B				
	12	S			R			
	14	S			R			
	16	S			R			
	18	S			R			
	20	S			R			
	22	T			R			
	24	T			R			
	26	T	C.N.					
	28	T				P		
	30	S			R			
	37	3-27 T-10	2	6	23	5	1	

M. E. S. Estado.....
D. P. H. A. N. Município.....
3.º Distrito Distrito.....

ANTONIO DIAS

Designação.....
Data.....
Inventário n.º.....
Fls.....

Rua	Nº	Fav.	Nova	Bom	Reg.	Pior	Urg.	
Praça Antº Dias	1	S	C.N.	B				
	3	S			R			
	5	S			R			
	7	S						
	9	S			R			
	11	S					P	
	sn.					R		
	13	S					P	
	15	S					P	
	17	S				R		
	19	S					P	
	21	S				P		
	23	S				P		
	25	S			R			
	sn	T	C.N.					U
	27	T						
	2	T						P
	4	T			B			
	6	S			B			
	8	S				R		
	10	S				R		
	14	T				R		
	16	S				R		
	18	S				R		
	20	S				R		
	22	T			R			
	24	T			B			
	26	S				R		
28	T			B				
							Retirar ladrilho hidráulico fachada.	
	29	S-22 T- 7	2	5	14	7	1	

M. E. S. Estado..... MINAS GERAIS.....
D. P. H. A. N. Município..... OURO PRETO.....
3º Distrito Distrito..... ANTONIO DIAS.....
Designação..... PRAÇA ANTONIO DIAS.....
Data.....
Inventário n.º.....
Fls.....

M. E. S. Estado.....MINAS GERAIS.....
 D. P. H. A. N. Município.....OURO PRETO.....
 3.º Distrito Distrito.....ZONA 'NTO. DIAS.....

Designação.....RUA BERNARDO VASCONCELOS.....
 Data.....

Inventário n.º.....
 Fls.....



3- 5- 7- 9 11 13-15-17-19 13-15-17-19-21-23 25-27-29-31 -33 35- 37-39- 41



30-28-26-24



12- 10- 6



4 2

M. E. S. Estado MINAS GERAIS Designação R. R. VASCONCELLOS e PRAÇA ANTO DIAS Inventário n.º
 D. P. H. A. N. Município OURO PRETO Data
 3.º Distrito Distrito ZONA ANTO DIAS Fls.



43-45 1-3-5- 7-9-11- sn. sn. 13-15 17-19- 21-23- 25 sn. 27



28 26-24



24-22-20-18-16



14-12-10-8-6-4-2-

M. E. S.
D. P. H. A. N.
3º Distrito

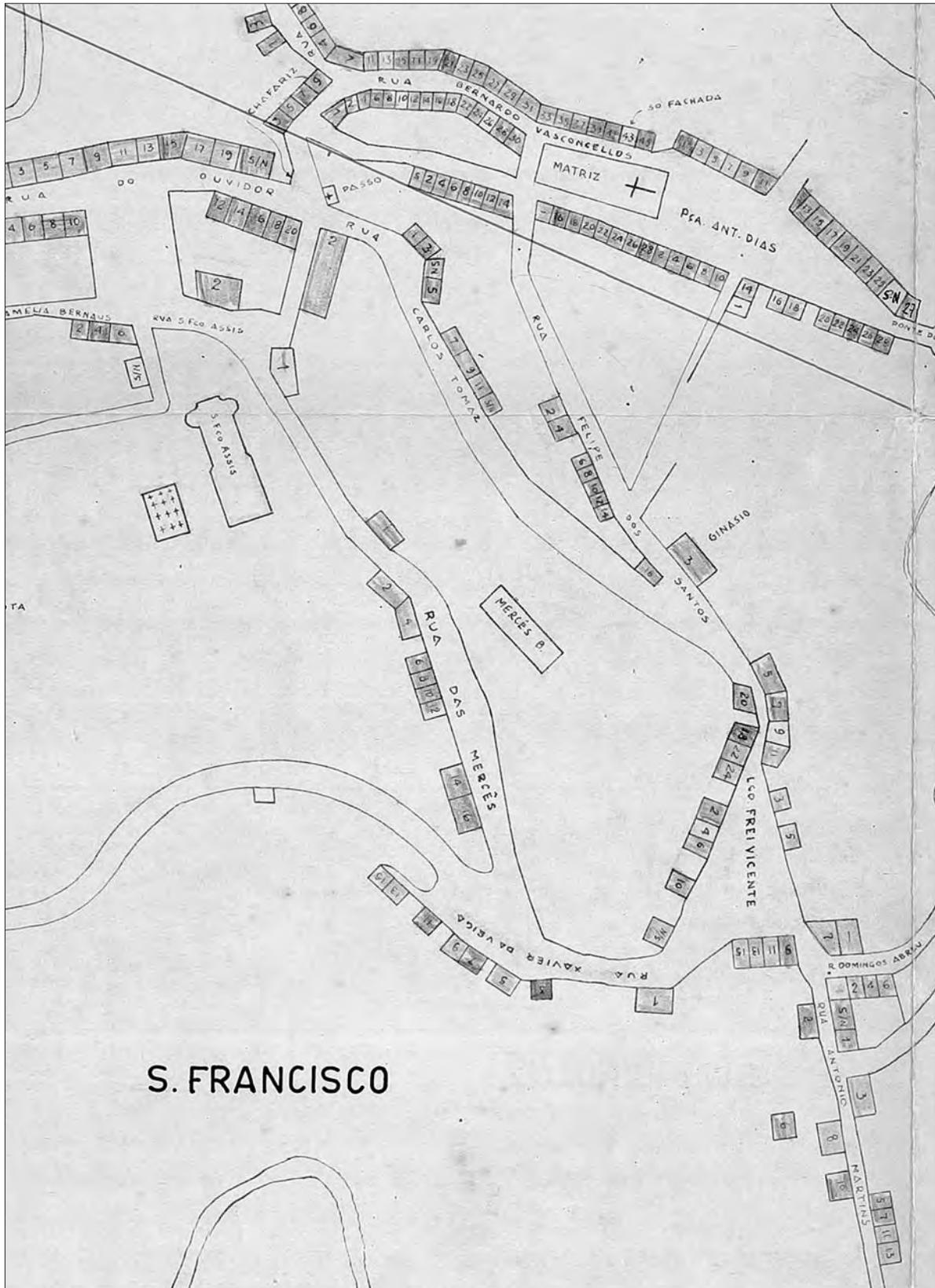
Estado MINAS GERAIS
Município OURO PRETO
Distrito ANTONIO DIAS

Designação ZONA DE ANTONIO DIAS
Data

Inventário n.º
Fls.

TOTAL		108
Sobrados	61	
Terreos	<u>47</u>	108
Casas Novas	7	
Em bom estado	18	
Em regular estado	56	
Em pior estado	23	
Obras urgentes	<u>4</u>	108

Zona de São Francisco



Rua	Nº	Pav.	Nova	Bom	Reg.	Pior	Urg.
Rua do Ouvidor	sn.	S			R		
	3	S			R		
	5	S			R		
	7	S			R		
	9	S					U
	11	S			R		
	13	S			R		
	15	S		B			
	17	T			R		
	19.	S		B	R		
	sn.	S				P	
	2	S				P	
	4	S			R		
	6	S					
	8	S		B			
	10	S		B			
	12	S		B			
	14	S				P	
	16	S		B			
	18	S		B			
	20	T				P	
	21	S-19 T-2		7	9	4	1

M. E. S. Estado MINAS GERAIS Designação RUA DO OUVIDOR Inventário n.º
D. P. H. A. N. Município CURA PETRO
3.º Distrito Distrito S. FRANCISCO Data

M. E. S. Estado MINAS GERAIS Inventário n.º
 D. P. H. A. N. Município OURO PRETO Fls.
 3.º Distrito Distrito ZONA S. FRANCISCO Data



3-5-7 9



Amélia Bernahuss



Praça S. Francisco



11-13-15-17-19



10-8-6-4-2- s.n.



20-18-16-14-12

Foto enviada
 em 08/11/1925
 às 08h 00m

M. E. S.
 D. P. H. A. N.
 3º Distrito

Estado MINAS GERAIS
 Município OURA PRETO
 Distrito S. FRANCISCO

Designação RUA S. FRANCISCO
 Data

Inventário nº
 Fls.

Rua	Nº	Pav.	Nova	Bom	Reg.	Pior	Urg.
S. Francisco	1	S	C.N.				
	2	T		B			
	2	S- 1 T- 1	1	1			

48

M. E. S.
D. P. H. A. N.
3.º Distrito

Estado MINAS GERAIS
Município OURO PRETO
Distrito S. FRANCISCO

Designação RUA AMÉLIA BENHAUSS
Data

Inventário n.º
Fls.

Rua	Nº	Fav.	Nova	Bom	Reg.	Pior	Urg.
Amelia Benhauss	2 4 6 sn.	T S S S		B	R R	P	
	4	S-3 T-1		1	2	1	

59

Rua	Nº	Pav.	Nova	Bom	Reg.	Pior	Urg.
Felipe dos Santos-----	2	T			R		
	4	S					U
	6	T				P	
	8	S				P	
	10	T			R		
	12	T			R		
	14	S			R		
	16	S			R		
	20	S					U
	18	T		B			
	22	T			R		
	24	T			R		
	3	T		B			
	5	T				P	
	7	T		B			
	9	T					
	11	T	C.N.			R	
	17	T- 12 S- 5	1	3	7	4	2

M. E. S.
D. P. H. A. N.
3º Distrito

Estado MINAS GERAIS
Município OURO PRETO
Distrito S. FRANCISCO

Designação RUA FELIPE DOS SANTOS
Data

Inventário n.º
Fls.

54

M. E. S. Estado MINAS GERAIS Inventário n.º
 D. P. H. A. N. Município OURO PRETO Fls.
 3.º Distrito Distrito ZONA S. FRANCISCO Data

Designação RUA FELIPE DOS SANTOS



24-22



20



16-14-12-10-8-6



4-2



5-7-9



3

M. E. S. Estado MINAS GERAIS Designação RUA CARLOS TOMAZ Inventário n.º _____
 D. P. H. A. N. Município OURO PRETO Data _____ Pls. _____
 3.º Distrito Distrito ZONA S. FRANCISCO



1-3



s/n. - 5



7-9-11



2

M. E. S.
 D. P. H. A. N.
 3.º Distrito

Estado.....
 Município.....
 Distrito.....

Designação.....
 Data.....

Inventário n.º.....
 Fls.....

Rua	Nº	Pav.	Nova	Bom	Rez.	Pior	Urg.
Antonio Martins	sn	T					
	1	S					U
	3	T			R		
	5	T		B			
	7	T		B			
	11	T			R		
	13	T			R		
	2	T		B			
	6	T					U
	8	T				R	
10	T			B			
	11	T-10 S- 1		4	4		3

43

M. E. S. Estado MINAS GERAIS Inventário n.º
 D. P. H. A. N. Município OURÓ PRETO Fls.
 3.º Distrito Distrito ZONA S. FRANCISCO Data

Inventário n.º

Fls.

Designação RUA ANTONIO MARTINS

Data



9*

M. E. S.
 D. P. H. A. N.
 3.º Distrito

Estado MINAS GERAIS
 Município CURIO PRATO
 Distrito S. BRANCA

Designação RUA DOMINGOS DE ABREU
 Data

Inventário n.º
 Pls.

RUA	Nº	Pav.	Nova	Bom	Reg.	Pior	Urg.
Domingos Abreu	1	S					U
	2	T					U
	4	T					U
	6	T					U
	4	T- 3 S- 1					4

54

M. E. S. Estado MINAS GERAIS Inventário n.º
D. P. H. A. N. Município OURÓ PRETO Fls.
3.º Distrito Distrito ZONA S. FRANCISCO

Designação RUA DOMINGOS DE ALREU

Data



6-4-2



1

35

53

Rua	Nº	Pav.	Nova	Bom	Reg.	Pior	Urg.
Rua das Mercês	1	S				P	
	2	T			R		
	4	T			R		
	6	T		B			
	8	T		B			
	10	T		B			
	12	T		B			
	14	T		B			
	16	T		B			
	9	T-8 S-1		6	2	1	

M. E. S. Estado MINAS GERAIS
 D. P. H. A. N. Município CURTO PRATO
 3.º Distrito Distrito S. FRANCISCO
Designação RUA DAS MERCÊS
Data
Inventário n.º
Fls.

53

M. E. S. Estado MINAS GERAIS Designação RUA DAS MERCÊS Inventário n.º
 D. P. H. A. N. Município OURO PRETO Data
 3.º Distrito ZONA S. FRANCISCO



16- 14



12- 10



8- 6



4- 2



1- 5

fe

Rua	Nº	Pav.	Nova	Bom	Reg.	Pior	Urg.
Largo de Frei Vicente-----	2	S	C.N.			P	
	4	T				R	
	6	S					P
	10	S				R	
	sn.	S				R	
	3	T				R	
	5	T				R	
	7	T					U
	9	S				R	U
	11	T				R	
	13	T				R	
	15	T				R	
	12	T- 7 S- 5	1		7	2	2

M. E. S.
D. P. H. A. N.
3.º Distrito

Estado MINAS GERAIS
Município OURO PRETO
Distrito S. FRANCISCO

Designação LARGO FREI VICENTE
Data

Inventário n.º
Fls.

M. E. S.

Estado MINAS GERAIS

Designação RUA FREI VICENTE

Inventário n.º

D. P. H. A. N.

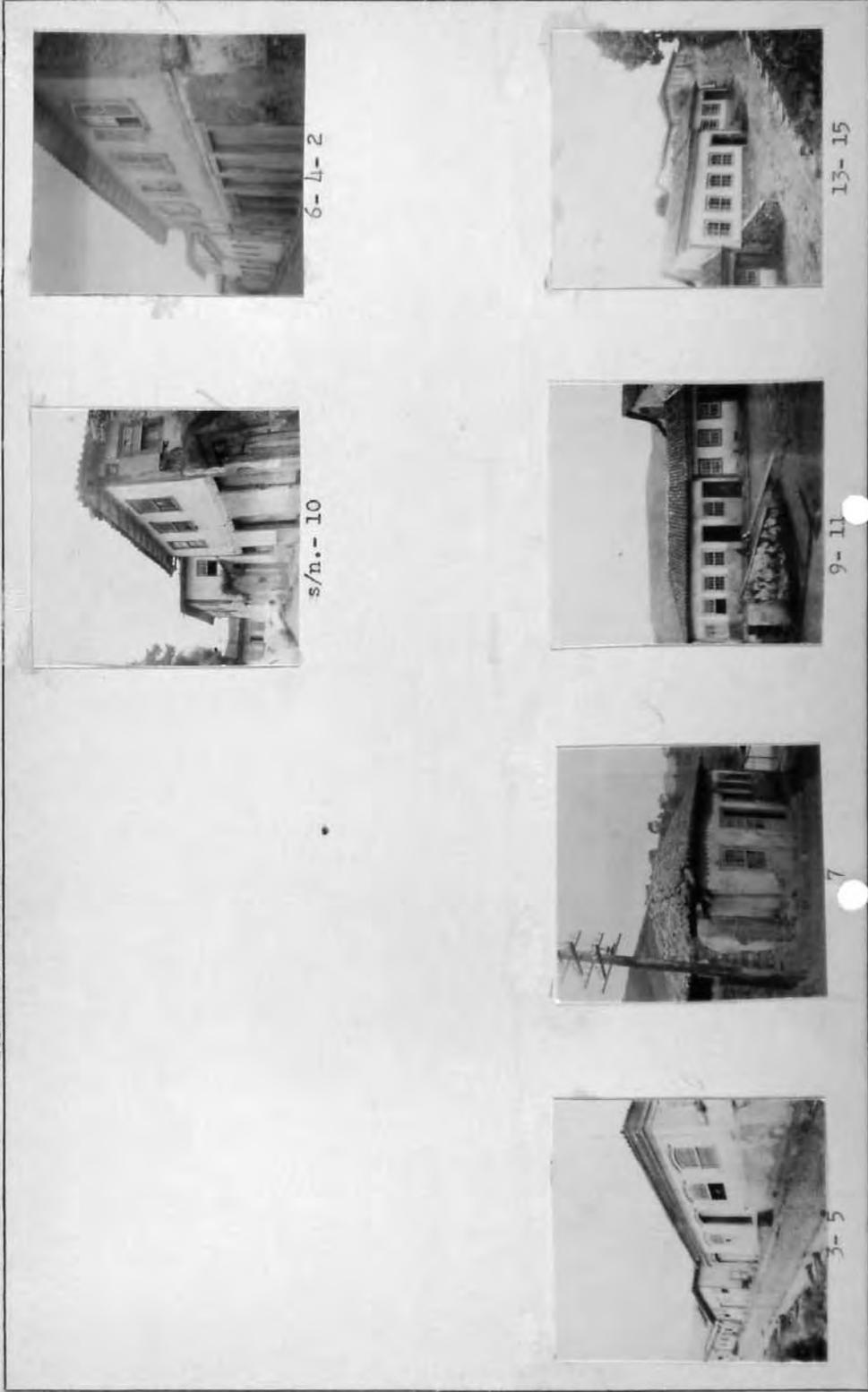
Município CURIO PRATO

Data

Fls.

3.º Distrito

Distrito ZONA S. FRANCISCO



22

M. E. S.
D. P. H. A. N.
3.º Distrito

Estado: MINAS GERAIS
Município: CURA FERREIRA
Distrito: S. FRANCISCO

Designação: RUA XAVIER DA VEIGA
Data:

Inventário n.º
Fls.

Rua	Nº	Pav.	Nova	Bom	Reg.	Pior	Urg.
Xavier da Veiga	1	T			R		
	3	T		B			
	5	T			R		
	7	T		B			
	9	T			R		
	11	T		B			
	13	T			R		
	15	T			R		
	8	8		3	5		

52

M. E. S. Estado MINAS GERAIS Inventário n.º
 D. P. H. A. N. Município CURA PRÉTO Fls.
 3.º Distrito Distrito ZONA S. FRANCISCO

Designação RUA XAVIER DA VEIGA

Data



1- 3- 5-



7 9 13-15

M. E. S.
D. P. H. A. N.
3.º Distrito

Estado MINAS GERAIS
Município OURÓ PRATO
Distrito S. FRANCISCO

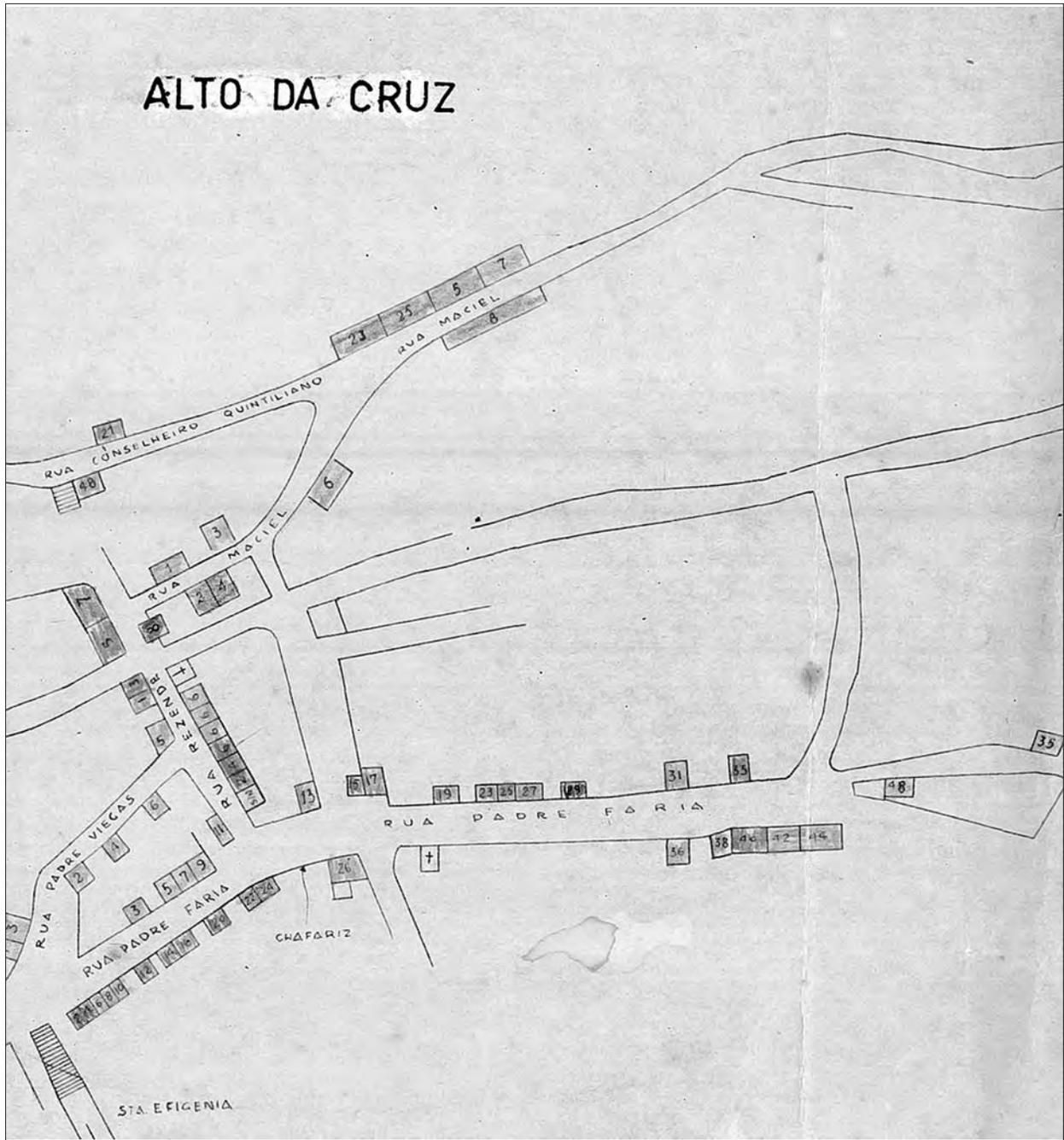
Designação ZONA DE S. FRANCISCO
Data

Inventário n.º

TOTAL		97
Sobrados	39	
Terreos	<u>58</u>	97
Casas Novas	3	
Em bom estado	28	
Em regular estado	40	
Em pior estado	12	
Obras urgentes	<u>14</u>	97

29

Zona do Alto da Cruz



Rua	Nº	Par.	Nova	Bom	Reg.	Pier	Urg.	
R. Pe. Faria	2	T				P		
	4	T		B				
	6	T			R			
	8	T			R			
	10	T			R			
	12	T				P		
	14	T				P		
	16	T			R			
	20	T				P		
	22	T			B			
	24	T			B			
	26	T				R		2 casas
	3	T				R		
	5	T				R		
	7	T				R		
	9	T				R		
	11	T				R		
	13	T				R		
	15	T					P	
	17	T					P	
	19	T					P	
	23	T				R	P	
	25	T				R	P	
	27	T					P	
	29	T			B			
	31	T				R		
	33	T					P	
	36	T				R		
	38	T					P	
	40	S						U
	42	T				R		Em ruínas
	44	T				R		
	48	T				R		
	55	T				R		
	37	T			B			
	56	T			B			
	58	T					P	
	60	T		C.N.				U
	62	T						
	39	T-38 8-1	1	6	18	12	2	

M. E. S.
D. P. H. A. N.
3º Distrito

Estado MINAS GERAIS
Município OURO PRETO
Distrito ZONA ALTO DA CRUZ

Designação RUA PADRE FARIA
Data

Inventário n.º
Fls.

M. E. S. Estado MINAS GERAIS Designação RUA DO PADRE FARIÁ Inventário n.º
 D. P. H. A. N. Município OURO PRETO Fls.
 3.º Distrito ZONA DO ALTO DA CRUZ Data



44-42-40-38



36-34-32-28



6.7



24-22-20



20-16-14-12-10-8-6-4-2



3-5-7-9-11



13 15-17



19 - 21-23-25 - 27
 29, 31, 33, 10



7E

M. E. S. Estado MINAS GERAIS Designação RUA DO PADRO FARRA Inventário n.º
D. P. H. A. N. Município OURO PRETO Data Fls.
3.º Distrito Distrito ZONA DO ALTO DA CRUZ



62-60-58-56

48

37-

31

Rua	Nº	Pav.	Nova	Bom.	Reg.	Pier	Urg.	
Rua Rezende	sn. 2 4 6 6 6 8 1 3 5 7	T T T T S T T S T T	C.N.	B	R R R R	P P	U U	Restaurar
	12	T-10 S-2	1	1	4	2	4	

M. E. S. D. P. H. A. N. 3º Distrito

Estado: MATIAS GERALES
Município: OURO PRETO
Distrito: ALTO DA CRUZ

Designação: RUA REZENDE

Data:

Inventário n.º

Fls.:

48

M. E. S.

Estado MINAS GERAIS

Designação RUAS BEZENDE E PADRE VIEGAS

Inventário n.º

D. P. H. A. N.

Município CUIÇÁ PRATO

Data

Fls.

3.º Distrito

Distrito TOMÁ DO 1.º TO DO CRUZ



8

6 6 6

6 4 2

511



2 1 - 3

1 3

1 - 7

50

M. E. S.
 D. P. H. A. N.
 3.º Distrito

Estado MINAS GERAIS
 Município OURO PRETO
 Distrito ZONA ALTO DA CRUZ

Designação RUA PADRE VIEGAS
 Data

Inventário n.º
 Fls.

Rua	Nº	Pav.	Nova	Bom	Reg.	Pier	Urg.
R. Pe. Viegas	1	T			R		
	3	T			R		
	2	T			R		
	4	T			R		
	6	T			R		
	6	T			R		
	6	6			6		

24

M. E. S.
D. P. H. A. N.
3.º Distrito

Estado MINAS GERAIS
Município OURO PRETO
Distrito ZONA ALTO DA CRUZ

Designação: RUA CONSELHEIRO QUINTILIANO
Data:

Inventário n.º
Fls.

Rua	Nº	Pav.	Nova	Bom	Reg.	Pier	Urg.
R. Quintiliano	21	T			R		
	23	T				P	
	25	T				P	
	48	T			R		
	4	4			2	2	

M. E. S.
 D. P. H. A. N.
 3.º Distrito

Estado MINAS GERAIS
 Município OURO PRETO
 Distrito ZONA ALTO DA CRUZ

Designação RUA MACIEL
 Data

Inventário n.º
 Fls.

Rua	Nº	Pav.	Nova	Bom	Reg.	Pior	Urg.	Observações
Rua Maciel	1	T			R			
	3	S			R			
	2	T		B				
	4	T		B				
	6	T			R			
	8	T				P		
	5	S			R			
	7	T				P		
	8	T						
		8			2	4	2	

145

M. E. S. Estado MINAS GERAIS Designação RUAS MACIEL E. QUINTILLIANO SILVA. Inventário n.º
 D. P. H. A. N. Município OURO PRETO Data Fls.
 3.º Distrito Distrito ZONA DO ALTO DA CRUZ



6-4-2 3



21



23 25 5-7

M. E. S.
D. P. H. A. N.
3.º Distrito

Estado MINAS GERAIS
Município OURO PRETO
Distrito ALTO DA CRUZ

Designação ZONA DO ALTO DA CRUZ
Data

Inventário n.º
Fls.

TOTAL		69
Sebrados	64	
Terreas	<u>5</u>	69
Casas novas	2	
Em bom estado	9	
Em regular estado	34	
Em pior estado	18	
Obras urgentes	<u>6</u>	69

Seleção de documentos
técnico-administrativos relativos
à priorização dos investimentos arrecadados
em benefício dos imóveis de Ouro Preto



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

SERVIÇO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

1049/89
1049/89

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

231-49

Belo Horizonte,
29-Setembro-1949

Presado Dr. Rodrigo M. F. de Andrade

à D.C.R. e à D.E.T.
3.10.1949

Cumprindo as determinações recebidas, e em companhia do arquiteto Paulo Barreto, iniciamos o estudo da situação atual da cidade de Ouro Preto, cujas conclusões iniciais tenho, agora, a oportunidade de apresentar.

1- Com base nas instruções recebidas, procuramos, com uma inspeção geral na cidade, encontrar apoio para o estabelecimento dos planos de reconstrução a serem executados.

2- Verificamos, porém, pela relativa uniformidade do conjunto, que não seria possível a obtenção de conclusões exatas sem um prévio estudo mais detalhado dele.

3- Por outro lado, o trabalho não sistemático, si bem pudesse oferecer, com rapidez, conclusões iniciais, demandaria, logo após, outras pesquisas para o prosseguimento dos planos e que, descosidas e sem obediência a um traçado geral, além de se tornarem mais trabalhosas, não nos dariam boa visão do problema em sua totalidade.

4- Estabelecemos, assim, o estudo prévio e detalhado de toda a cidade para, com os dados obtidos, apurar-se das condições e necessidades das várias partes componentes.

5- Para este efeito, dividimos a cidade em vários conjuntos de interesse e procedemos ao inventário cadastral esquemático das casas de cada logradouro, excluídas, naturalmente, algumas poucas que, por muito desligadas da cidade propriamente dita podem ser consideradas como marginais e sem maior importância.

6- Foram estabelecidas 11 zonas a começar das Cabeças até o Padre Faria, assim distribuídas:

- 1- Cabeças- da casa de Bernardo Guimarães até a ponte do Rosário;
- 2- Rosário- da ponte do Rosário até o início da rua do Rosário;
- 3- Centro- da rua do Rosário até a Casa dos Centos
- 4- Pilar- da largo do Rosário até a ponte do Pilar;
- 5- Carmo- da ponte do Rosário até a Praça Tiradentes;
- 6- Palacio- da Praça Tiradentes até a caixa d'água;

231- fls. 2

- 7- Antonio Dias- da Praça Tiradentes até a ponte dos suspiros;
- 8- S. França- da Praça Tiradentes até a ponte da Barra;
- 9- Lages- rua Conselheiro Quintiliano;
- 10- Dores- da ponte dos Suspiros até a igreja de Santa Efigenia;
- 11- Alto Cruz- da igreja de Santa Efigenia até a capela do Padre Faria;

Deixamos de parte a zona das Aguas Ferreas, da Estação, da Barra, consideradas, como já dissemos, marginais.

7- É curioso assinalar, de passagem, que os conjuntos arquitetônicos se harmonizam, em planta, em quadriláteros, em plano geométrico quasi regular, salvo pequenas bolsas, com as pontes marcando claramente as delimitações das áreas. Mais notável se torna esta particularidade quando advertimos que os conjuntos foram escolhidos no local, sem esta preocupação, só notada depois ao se procurar inscreve-los em planta. As linhas divisórias das zonas estão, ainda, nas direções cardiais, isto é norte-sul, leste-oeste.

8- As primeiras conclusões gerais mais importantes, decorrentes do estudo feito, em comparação com planta levantada mais ou menos em 1900, são:

- a- o grande numero de ruas e principalmente bôcos desaparecidos, fechados, com construções novas ou incorporados a casas imediatas;
- b- o numero de casas que, neste pequeno intervalo de tempo- 1900-1949- desapareceram ou foram, em certos casos, demolidas para os terrenos receberem ou não novas construções;
- c- o numero de casas novas em terreno antes vazio é diminuto. Para 75 casas novas constatadas, apenas 40% no máximo, serão de casas construidas em terrenos que não possuíam casas anteriormente.

9- Verifica-se ainda que a cidade, como é natural, vem desaparecendo dos extremos, onde as casas existentes estão relativamente espaçadas umas das outras, para o centro. Divididos em grupos de zonas, teriamos:

- a- Externo- mais ruinoso, mais espaço disponível, casas mais instáveis;
- b- meios- casas melhor conservadas nas fachadas, ruinosas nas partes posteriores;
- c- centro- casas mais estáveis, porém mais desfiguradas.

Evidentemente, do ponto de vista social, correspondem estes grupos respectivamente, às classes mais pobres, as remediadas e as burguesas. Esta constatação envolve até mesmo as casas novas; nos extremos elas acompanham o aspecto e se valem dos sistemas construtivos tradicionais; nos meios procuram salvar as aparências e no centro adotam inovações.

10- Foram constatadas na área cadastrada 471 sobrados e 492 terreos, num total de 963 casas. Fora da área delimitada, poderemos encontrar mais 100 casas, o que nos dá, para toda a cidade, um total de cerca de 1.000 edificações. O numero relativamente igual entre sobrados e terreos já indica, por si mesmo, o grande desaparecimento de casas nos bairros residenciais, já que deviam ser compostos em sua maioria

231- fls. 3

de casas terras.

11- Especificando os edificios pelo seu estado atual, teremos:

Casas novas	75	
Casas em bom estado	257	
Casas em regular estado	396	
Casas em pior estado	153	
Casas de reconstrução urgente	82	963

12- Quanto á classificação dos predios, convem esclarecer que foram consideradas como novas tanto aquelas de construção recente como também as reformadas, de aspecto arquitetônico não condizente com o conjunto da cidade. Algumas poucas poderiam ser recuperadas desde que fossem refeitos os seus elementos antigos, como por exemplo beirais, esquadrias, etc.

Em bom estado foram consideradas aquelas estaveis e de boa feição. Em sua maior parte necessitam, porém, pelo menos, de limpeza e pintura.

Como regulares foram consideradas aquelas mais ou menos estaveis em seu conjunto, porém com elementos ou partes a exigir reparos, como por exemplo os oitões, muitas vezes de madeira, beirais, paredes de fachada, além, é claro, de pintura geral.

Em pior estado estão aquelas que reclamam, além de outras, obras de estabilização, principalmente nas coberturas e estruturas.

Foram consideradas como urgentes aquelas que ameaçam ruina iminente ou já estão com partes arruinadas.

13- Em relação aos fundos de casas, mormente aquelas visíveis de outros logradouros, como fundos da rua Tiradentes, Bernardo Vasconcellos, Praça Antonio Dias, Antonio Albuquerque e Ladeira do Rosario, convem assinalar que a maioria dos em estado precário é composta de puchados ou acrescentamentos aos corpos primitivos das construções, edificações provisórias, de emergencia, precárias, comumente de madeira e resta verificar se deverão ou não ser considerados para efeito de reconstrução.

14- Foram assinaladas a cores, na planta da cidade que juntamos ao presente, as casas e os seus estados de conservação:

Amarelo-	Casas novas;
Azul-	Casas em bom estado.
Sepia-	Casas em regular estado.
Verde-	Casas em pior estado.
Vermelho-	Urgentes.

Por este colorido, facilmente serão constatados os estados, não só das casas como dos conjuntos e das zonas.

Levam, ainda, as casas, em planta, numeração que, pelas listas e fotografias juntas serão facilmente localizadas.

15- Dentro das áreas em que subdividimos a cidade, podemos encontrar sub-areas ou conjuntos que poderão ser tratadas em separado. Alguns destes estão a exigir, de fato, atenção espe-

231- fls. 4

especial, em virtude do numero de casas em estado de ruina que os compõe.

Na área do Carmo - Rua Bobadela- N^{os} 21, 23, 29, 34, 35, 36.

Na área de S. Francisco- Rua Antonio Martins- s.n., 1 e 6.
Largo Frei Vicente n^{os} 7 e 9.

Na área das Dores- Rua Santa Efigenia- n^{os} 28, 35, 37, 62, 67.

Na área do Alto da Cruz- Rua Rezende- n^{os} 2, 4, 6, 7.

Na área do Pilar- Rua Conselheiro Santana- n^{os} 2, 4, 6 e fundos.
Rua Antonio de Albuquerque- n^{os} 4 e 6.

Na área das Cabeças- Rua Bernardo Guimarães- 64, 66, 68, 84, 90.

16- Quanto ás despesas, podemos prever as seguintes medidas:

Para as casas em regular estado, por unidade, Cr\$ 5.000,00
Para as casas em pior estado, idem, Cr\$10.000,00
Para as casas urgentes, idem, Cr\$20.000,00

A avaliação não compreende reconstruções internas, referindo-se apenas a estabilidade, as paredes e elementos perimetrais, coberturas e pinturas externas.

17- Quanto ao problema do inicio das obras, varios são os aspectos a considerar:

- a- aspecto legal- obras requeridas com base em lei, isoladas;
idem, idem, em conjuntos apreciaveis;
- b- aspecto geral- estetico- fachadas principais
tecnico- fachadas secundarias;
- c- aspecto psicologico- logradouros mais importantes ou mais transitaveis e proximidades dos monumentos;
logradouros afastados;
restaurações que perturbam os conjuntos;
- d- aspecto economico- zonas de moradores mais pobres- casas mais instaveis;
zonas de moradores de maior recurso- casas mais inesteticas.

Quanto ao aspecto economico, convem advertir que, mesmo nas zonas mais pobres ha grande numero de casas de proprietários de recurso; por exemplo, no Alto da Cruz, na rua Rezende, em mau estado, de 11 casas existentes, 8 pertencem a um mesmo dono e duas a outro, ambos altos comerciantes na cidade, apesar do que, as casas ameaçam ruina.

18- Dos aspectos acima enumerados, surgem ainda conflitos a solucionar, v.g., casas em ruinas, porem afastadas, conjuntos interessantes, porem apenas inesteticos, etc, etc.

231- fls. 5

19- Uma das soluções a serem aceitas e que desejaria sugerir, consistiria em:

- a- tratar primeiro as casas em ruínas, isoladas ou não;
- b- prosseguir na reconstrução das imediatas ou de algumas delas, formando conjuntos;
- c- tratar independentemente um trecho importante mais no centro da cidade.

20- Baseados na sugestão acima, concluímos que, como conjunto, o primeiro trecho a ser atendido, por reunir maior soma de interesse, a começar pelo estado ruinoso de algumas de suas casas, seria o da rua Conde de Bobadela, não se descuidando ao mesmo tempo, das casas isoladas em ruína. Na rua citada temos 19 casas em regular estado, 1 em pior estado e 7 urgentes, e as demais em bom estado, capazes de, com pouca despesa, se harmonisarem com as a serem restauradas, de modo a formarem um conjunto esplendido.

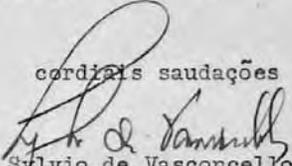
Salvo esta hipótese, deveríamos atender às casas isoladas em ruínas, sujeitos os conjuntos onde se situam às possibilidades economicas disponiveis.

21- Terminando, desejaria solicitar a sua benevolencia para os erros e omissões existentes no trabalho que ora apresentamos, fruto da pouca pratica no assunto e da urgencia com que foi executado, nao permitindo a revisao geral aconselhavel no caso.

Ficamos aguardando as instruções necessarias dessa Diretoria quanto aos trabalhos mais urgentes, afim de providenciarmos o estudo ja em detalhe dos mesmos, inclusive previsão orçamentaria.

Esperando ter atendido, no possivel, a sua solicitação, aproveitamos a oportunidade para apresentar-lhe as nossas mais

cordiais saudações


Sylvio de Vasconcellos
Chefe do Distrito



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

DIRETORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

CÓPIA PARA ARQUIVAMENTO POR ASSUNTO

Dr. Sílvio de Vasconcelos
Rua Espírito Santo, 2.294 BELO HORIZONTE (Minas)

265 3 10 49

Só agora tendo recebido vosso ofício relatório situação Ouro Preto acompanhado mapa elucidativo profusa documentação fotográfica agradeço efusivamente notável trabalho realizado (pt) Atenciosa saudações

Rodrigo M. F. de Andrade
Diretor do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
V I S T O:

Diretor

REDACTED

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE
Divisão de Estudos e Tombamento

OURO PRETO

O objetivo das doações foi contribuir para o socorro de urgência nos casos de risco iminente ou de estabilidade precária com tendência a agravar-se.

Fixado esse critério inicial deve-se procurar dentre as casas incluídas nessa classificação as que apresentem maior interesse do ponto de vista arquitetônico ou urbanístico; destas, então, selecionar as mais centrais, ou que se achem localizadas nas proximidades dos monumentos mais importantes; excluir, porém, dessa seleção aquelas que se apure pertencer a proprietários de recursos - os quais deverão ser intimados pela municipalidade, por solicitação expressa da D.P.H.A.N. a proceder aos reparos de urgência requeridos; feita a exclusão, escolher finalmente de novo, dentre as casas remanescentes, as que se afigurem mais valiosas quanto à arquitetura ou ao interesse urbanístico.

Não convirá pintar todas as casas sistematicamente de branco. Embora prevaleça logicamente esse critério de respeito ao gosto mais antigo, sempre que se encontrar colorido agradável nas calações do século passado, deve-se reproduzir a mesma coloração. Também quanto aos beirais, esteios e enquadramento dos vãos.

Levar ainda em consideração os pedidos anteriores de obras, quando apresentem, por seu estado ruinoso ou precário, as condições requeridas acima.

No mais, deixar a iniciativa ao critério do Dr. Sílvio de Vasconcelos.

Não obstante, poderão ser assinaladas ao Chefe do 3º Distrito as seguintes edificações que, pelo seu interesse arquitetônico, merecem maior atenção:

Pilar

Rua Conselheiro Santana, 2 - 4 - 6

" Donato da Fonseca, 10 - 12

(2)

Cabeças

Rua Bernardo Guimarães, 84 - 82

Centro

Rua do Rosário, 30 - 31

Carmo

Rua do Pilar, 10

Rua Paraná, 7 - 11 - 21 .

Rua Costa Sena, 2 - 4 - 6

Dôres

Rua Coronel Serafim, 3

Rua Santa Efigênia, 28 - 62

São Francisco

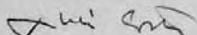
Rua Felipe dos Santos, 20

Rua Carlos Tomás, 2

Rua Antônio Martins, 6

Rua Domingos de Abreu, 1

Rio de Janeiro, 6 de outubro de 1949.



Lúcio Costa

Diretor da D.E.T.



Informação

Senhor Diretor.

Estou de acôrdo com o critério fixado pelo Diretor da D.E.T. e, bem assim, com as indicações das áreas para o início dos trabalhos mais urgentes, áreas essas apontadas também pelo Dr. Sílvio de Vasconcelos como das mais merecedoras de atenção, à vista do estado de ruína das edificações que as compõem.

Em 7.10.1949.

Renato de Azevedo Duarte Soeiro

Renato de Azevedo Duarte Soeiro
Diretor da D.C.R.

Informação

Preservação dos conjuntos arquitetônicos de Ouro Preto.

Após a inspeção que fizemos nos prédios da cidade de Ouro Preto, em companhia do Dr. Silvio de Vasconcelos, teremos, infelizmente, de resumir nestes termos nossas conclusões: estado de ruína ou de quase ruína, dos prédios em geral.

Em 1917 o número de casas na sede do município era de 1.436 (ver P. Frade, Dicionário Corográfico e Estatística Corográfica de distâncias do Estado de Minas Gerais, 2ª ed., Belo Horizonte, Imp. Of., 1917, p. 191).

Presentemente existem apenas 963 prédios. Em 32 anos, portanto, desapareceram 473 casas, ou sejam, aproximadamente, 15 casas por ano.

Essa média não corresponde, porém, à realidade, porque, se entrarmos com o fator tempo, verificaremos que tais perdas obedeceram a uma proporção geométrica.

No momento, tudo se agrava. Para a defesa da cidade serão precisos largos recursos e tempo para realizar a estabilização dos imóveis.

Não se pode assegurar que esta ou aquela casa, entre as mais arruinadas, seja exatamente a que mais convirá evitarmos de ruir, ou mesmo, de desaparecer.

A medida, pois, que se impõe é a de socorro do conjunto. E, a nosso ver, os trabalhos deverão ter por ponto de partida o núcleo de maior densidade de construção.

Em tais circunstâncias, aceitamos como ponto de partida a rua Conde de Bobadela, como sugere o Dr. Silvio de Vasconcelos. Trata-se de um ponto importante de irradiação, para se preservar conjuntos de maior interesse. Paulatinamente, os socorros atingirão os limites da cidade. Essa orientação não impedirá que, em casos especiais, possa a Prefeitura obrigar os proprietários de maiores recursos a conservarem seus imóveis, nos termos da lei. Casos há em que a D.P.H.A.N. poderá executar em colaboração com os proprietários obras de maior urgência. Com esse critério não poderá haver injustiças. O tempo dirá da sorte das casas que se situam à margem do núcleo de partida, centro de gravidade da cidade, onde se condensam as construções. No momento, o problema é salvar do conjunto o mais que se puder.

Em 7 de outubro de 1949

Paulo Thedim Barreto

Paulo Thedim Barreto.

Ouro Preto
12-outubro-1949

1696/49

Presado Dr. Rodrigo M.F. de Andrade

à D.C.R.

14.10.49

Apezar do meu maior empenho no sentido de apressar o estudo que agora tenho o prazer de enviar-lhe, só hoje pude ser o mesmo concluído em virtude da cuidadosa pesquisa a que nos dedicamos aos levantamentos, fotografias e cálculos que se tornaram indispensáveis à sua conclusão.

Procuramos, de início, encontrar as casas com sua existência ameaçada, já com partes arruinadas e que, se não forem acudidas urgentemente correrão o risco de desaparecerem com a próxima estação chuvosa. Temo, ainda, que algumas me tenham escapado em vista de muitas delas, com fachadas razoáveis, terem seus interiores comprometidos, mas de mais difícil verificação.

É interessante observar que a maioria das incluídas neste primeiro plano parecem ser das mais antigas da cidade, muitas com características evidentes do nosso primeiro século o que faz ainda coincidir com o fator de urgência o histórico ou de antiguidade.

Nos orçamentos estimativos cuidou-se apenas das paredes perimetrais e a cobertura, isto é a parte estática das construções. É claro que, também as fachadas serão beneficiadas, não só com os necessários beneficiamentos nas esquadrias e beirais, que se incluem no telhado como também com a pintura.

Para as paredes esperamos usar apenas o sistema de pau a pique. Temos verificado que, em Ouro Preto, não só devido ao terreno como também ao primitivo sistema construtivo adotado, de estrutura independente e alicerces precários, a adoção do tijolo traz, em breve tempo, mau resultado. Esta consideração ainda se reforça quando ocorre a necessidade de novas reformas após o uso do tijolo, por aprofundamento de baldrame, ~~maiores~~, etc. O peso da nova parede, e sua não amarração torna, senão difícil, pelo menos muito cara a nova reforma que exige quase a demolição total da referida parede. Com o pau a pique é fácil a substituição das peças estruturais já que a amarração natural do sistema facilmente o mantém suspenso durante o período das obras, sendo também de fácil escoramento. Será, contudo uma experiência, tanto como técnica como do ponto de vista econômico que espero, todavia, nos dará bons resultados. O único inconveniente a advir desta solução é que o pau a pique exige conservação permanente, de revestimento e pintura, tão logo ocorram fen-

das, rachaduras, etc., a que, infelizmente, não dá valor a população. Pelo menos a pintura periodica seria medida das mais aconselháveis para a preservação das construções antigas, protegendo, por dilatado tempo, não só as paredes como as madeiras expostas ás intemperies. A falta desta pintura pode quase ser responsabilizada por 80 % do arruinamento da cidade; os restantes 20 % se devem ás coberturas que, de certo modo, são mais cuidadas já que incomodam mais a sua deficiência.

Foram incluídas neste primeiro plano 26 casas; as seguintes:

S. Efigenia	62	8.729,20
	15	10.096,20
	8	18.118,00
	67	4.562,70
	57	17.798,50
	28	7.421,90
Ouro Branco	25	6.740,60
Felipe dos Santos	20	11.279,60
Domingos de Abreu	2	5.311,40
Paraná	11	13.189,10
Pilar	9	13.715,20
	11	8.205,30
Parana	7	3.450,00
Donato Fonseca	20	8.200,00
Cons. Santana	2	
	4	
	6	18.147,10
Beco Galinhas	S/N	12.670,20
Alvarenga	19	5.046,40
	12	14.977,60
S. José	30	4.585,20
Gorceix	15	
	17	
	19	
	21	17.055,40
Padre Faria	14	<u>7.507,40</u>
		216.807,00

Devo solicitar atenção especial para o sobrado da R. S. Efigenia, nº 57, de ferro pintado e nº 8 com obras solicitadas pelo Sr. Prefeito de Ouro Preto.

Ocorre ainda esclarecer que os orçamentos são estimativos, afim de se ganhar tempo, ponde de parte obras em detalhes. São também calculados para obras conjuntas, facilitando tanto a aquisição mais economica do material, em maior escala, como um melhor aproveitamento da mão de obra.

Num segundo plano cujo estudo agora iniciamos, serão incluídas as casas menos ameaçadas, porem de maior interesse tanto isolada-

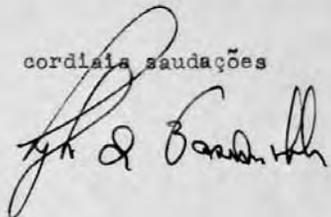
mente consideradas como em relação ao conjunto que possam proporcionar. Assim, incluiremos aquelas assinaladas pelo arquiteto Lucio Costa e os trechos da rua Bobadela, proximidades de monumentos, etc. além de casas isoladas interessantes.

Caso as nossas previsões não sejam desmentidas, creio que, já no primeiro plano, poderemos estender a pintura e pequenos reparos nas fachadas das casas vizinhas das consideradas, afim de melhorar também os conjuntos onde se situam. Dependerá esta medida, porém, das possibilidades financeiras que se oferecerem tendo em vista o possível aproveitamento de material usado das casas a serem reconstruídas, seja nas próprias, sejam em outras.

A terminar desejaria reforçar, com a devida venia, ou melhor encarecer a necessidade de serem atacados com urgência as obras programadas, não só para evitar perdas irreparáveis como também para impossibilitar aumentos de despesas consequentes ao agravamento da situação atual dos imóveis.

Esperando ter proporcionado os dados necessários a uma melhor apreciação do assunto e com minhas desculpas pelas falhas ou omissões porventura cometidas, nas quais se incluem, lamentavelmente, a má redação do presente que desejo fazer seguir ainda hoje, aproveito a oportunidade para apresentar-lhe as minhas mais

cordiais saudações



P.S. Desejaria solicitar-lhe ainda me devolvesse as fichas junto, do plano, das quais não tenho cópias, nem dos levantamentos nem dos orçamentos e, em tempo, caso se tornasse necessário, lhe seriam devolvidas.
Os levantamentos, em croquis estão na escala de 1 : 100.

COMPOSIÇÃO DE PREÇOS

<u>TELHADO</u>	Ripas	3,00	1,00	3,00	
	Caibros	2,00	1,50	3,00	
	Telhas	10	1,00	10,00	
	Argamassa	0,01	120,00	1,20	
	Pedreiro	2	4,00	8,00	
	Carpinteiro	2,5	4,00	10,00	
	Servente	4	2,00	8,00	
	Leis			<u>1,80</u>	45,00

Tesoura ou estrutura

	Linha	7,00	20,00	140,00	
	Pernas	8,00	20,00	160,00	
	Pendural	2,00	20,00	40,00	
	Maãos	8,00	12,00	96,00	
	Carpintei	10	4,00	40,00	
	Servente	10	2,00	20,00	
	Leis			<u>4,00</u>	500,00

PAREDES

	Paus	5,00	1,50	7,50	
	Varas	15,00	60	9,00	
	Pedreir.	1,00	4,00	4,00	
	Carp.	1,00	4,00	4,00	
	Serv,	2,00	2,00	4,00	
	Pregos	0,10	15,00	<u>1,50</u>	30,00

REVESTIMENTO

	Argamassa	0,03	120,00	3,60	
	Pedr.	0,80	4,00	<u>3,20</u>	
	Serv.	0,60	2,00	1,20	
	Leis			<u>1,00</u>	9,00

CAIAÇÃO

	Cal	0,002	200,00	0,40	
	Sal	0,004	2,00	0,08	
	Pintor	0,25	4,00	1,00	
	Leis			<u>22</u>	1,70

Oleo

	Massa	1,00	2,23	2,23	
	Aparel.	1,00	1,97	1,97	
	Tintar	1,00		10,40	
	Leis			<u>40</u>	15,00

Para o oleo considerar-se-a cada vão, uns pelos outros, com 5,00 mt2.
Nas paredes e estruturas incluem-se esteios, madres, etc. devido ao
possivel aproveitamento de peças da propria construção.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

Of. 1.186

Em 14 de outubro de 1949.

Do Diretor do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Ao Senhor Ministro da Educação e Saúde

Assunto: Plano de obras em benefício de Ouro Preto.

Senhor Ministro:

Tenho a honra de solicitar a V. Excia. queira submeter à alta aprovação do Senhor Presidente da República, para os fins estabelecidos no artº 3º do Decreto-lei nº 2.809, de 23 de novembro de 1940, o incluso plano de serviços em benefício das edificações antigas de Ouro Preto, a ser custeado com o produto de doações particulares concedidas para essa finalidade.

A urgência e a extensão dos serviços que são reclamados para evitar a ruína de grande numero de casas integradas no conjunto arquitetônico daquela cidade histórica, induziram esta Diretoria a pleitear contribuições financeiras particulares, afim de atender as despesas com aqueles serviços, uma vez que a dotação consignada a D.P.H.A.N. no orçamento vigente, para obras de reparação, conservação e restauração, já se encontra totalmente empenhada para outros trabalhos da mesma natureza e não se conseguiria crédito especial a tempo de socorrer as construções ameaçadas antes da ocorrência das proximas chuvas.

De acôrdo com o que lhe foi autorizado pelo Decreto-lei nº 2.809, de 23 de novembro de 1940 e graças a uma campanha patriótica empreendida por distintas Senhoras da sociedade brasileira, esta repartição já recebeu donativos que correspondem a quantia de Cr\$ 160.600,00, compreendidas nessa importancia Cr\$ 23.507,00 provenientes da venda de vinhetas postais impressas especialmente para a campanha. A serem acrescidas ainda as contribuições recolhidas, ha mais Cr\$ 31.000,00, relativos a doações ja feitas por 3 bancos do Rio de Janeiro e uma pessoa natural, mas cujos montantes não foram até o momento, entregues efetivamente. A soma, portanto, das contribuições, no momento, eleva-se a Cr\$ 191.600,00 (cento e noventa e um mil e seiscentos cruzeiros), quantia essa que, em breve, será bastante aumentada com o produto de um leilão de obras de arte organizado por iniciativa do mesmo grupo de Senhoras, assim como em virtude de outras iniciativas.

Segundo o relatório inicial, elaborado pelo Chefe do 3º Distrito, após exame cuidadoso, feito com o concurso do Chefe da Secção de Obras da Divisão de Conservação e Restauração (desta Diretoria, de todas as edificações localizadas na área urbana de Ouro Preto, existem ali 82 casas antigas a reclamar obras urgentes de estabilização, além de 152 outras em pessimo estado, embora em situação me

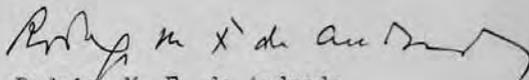
(2)

nos crítica. O plano de trabalhos ora submetido à censura prévia de V. Excia. e a ulterior aprovação do Senhor Presidente da Republica) visa a aplicação dos recursos financeiros golidos em proveito das construções que exigem obras de proteção mais imediata, dando-se precedência, naturalmente, as que dentre elas se achem mais arruinadas e se recomendem ao mesmo tempo pelo interesse arquitetônico.

Tal como V. Excia. verificará, à vista do último relatório do Chefe do 3º Distrito, datado de 12 do corrente, são 26 as casas a serem beneficiadas primeiramente com obras de estabilização e restauração, montando a respectiva despesa a Cr\$ 216.807,00 (duzentos e dezesseis mil oitocentos e sete cruzeiros).

Os serviços posteriores deverão ser executados de acordo com o critério proposto pelo Chefe do 3º Distrito, no ofício-relatório nº 231, de 29 de setembro próximo findo, atendendo-se as ponderações e indicações constantes do parecer da Divisão de Estudos e Tombamento datado de 6 de outubro corrente, correndo a despesa correspondente a conta do produto dos donativos particulares que forem recebidos de ora em diante.

Aproveito o ensejo para reiterar a V. Excia. os protestos do meu alto apreço.


Rodrigo M. F. de Andrade
Diretor

A S. Excia.

Dr. Clemente Mariani Bittencourt
Ministro da Educação e Saúde



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

RIO DE JANEIRO

E.M.n. 863

Em 20 de outubro de 1949

Excelentíssimo Senhor Presidente da República:

Apror. 20. 10. 49
E. Dutra

Tenho a honra de submeter à elevada consideração de Vossa Excelência, para os efeitos do disposto no art. 3º do Decreto-lei nº 2 809, de 23 de novembro de 1940, o incluso plano de serviços, elaborado pela Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em benefício das edificações antigas de Ouro Preto, em Minas Gerais, a ser custeado com o produto de doações particulares concedidas para essa finalidade.

2. A urgência e a extensão dos serviços que são reclamados para evitar a ruína de grande número de casas integradas no conjunto arquitetônico daquela cidade histórica, induziram a referida Diretoria a pleitear contribuições financeiras particulares, a fim de atender às despesas com aqueles serviços, uma vez que a dotação consignada, em favor da mesma, no orçamento vigente, para obras de reparação, conservação e restauração, já se encontra totalmente empenhada para outros trabalhos da mesma natureza, não existindo possibilidade de obter-se crédito especial a tempo de socorrer as construções ameaçadas, antes da ocorrência das próximas chuvas.

3. De acordo com o que lhe foi autorizado pelo Decreto-lei n. 2 809, de 23 de novembro de 1940 e graças a uma campanha patriótica empreendida por distintas Senhoras da sociedade brasileira, a Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional já recebeu donativos que correspondem à quantia de Cr\$ 160 600,00, compreendidos nessa importância Cr\$ 23 507,00 provindos da venda de vinhetas postais impressas especialmente para a campanha. A serem acrescidos ainda às contribuições recolhidas, há mais Cr\$ 31 000,00, relativos a doações já feitas por 3 bancos do Rio de Janeiro e uma pessoa natural, mas cujos montantes não foram, até o momento, entre-

gues efetivamente. A soma, portanto, das contribuições, no momento, eleva-se a Cr\$ 191 600,00 (cento e noventa e um mil e seiscentos cruzeiros), quantia essa que, em breve, será bastante aumentada com o produto de um leilão de obras de arte, organizado por iniciativa do mesmo grupo de Senhoras, assim como em virtude de outras iniciativas.

4. De acordo com o relatório elaborado pelo 3º Distrito e pela Seção de Obras da Divisão de Conservação e Restauração, da cidade da Diretoria, de todas as edificações localizadas na área urbana de Ouro Preto, existem ali 82 casas antigas a reclamar obras urgentes de estabilização, além de 152 outras em péssimo estado, embora em situação menos crítica.

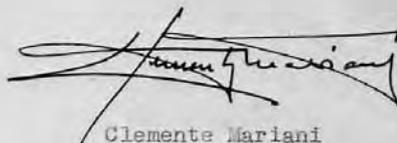
5. O presente plano de trabalhos visa a aplicação dos recursos financeiros coligidos em proveito daquelas construções, que exigem obras de proteção mais imediata, dando-se precedência, naturalmente, às que dentre elas se achem mais arruinadas e se recomendem ao mesmo tempo pelo interesse arquitetônico.

6. Como verificará Vossa Excelência pelas peças constantes do presente processo, são 26 as casas a serem beneficiadas primeiramente com obras de estabilização e restauração, montando a respectiva despesa a Cr\$ 216 807,00 (duzentos e dezesseis mil oitocentos e sete cruzeiros).

7. Os serviços posteriores deverão ser executados de acordo com o critério já estabelecido pelos órgãos especializados da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, correndo a despesa respectiva à conta do produto dos donativos particulares que forem recebidos de ora em diante.

8. À vista do exposto, julgo que o plano em causa está em condições de merecer a aprovação de Vossa Excelência, a fim de ser imediatamente executado pela forma delineada por aquela Diretoria.

Renovo a Vossa Excelência, neste ensejo, os protestos do meu profundo respeito.



Clemente Mariani

D.P.H.A.N.

C. 648

Rio de Janeiro, 21 de outubro de 1949.

Eminente patricio Deputado Horácio Lafer.

Por sugestão de nosso comum amigo Alfredo Siqueira Filho, peço permissão para apelar para V. Excia. no sentido de, com a autoridade merecida que exerce na Comissão de Finanças da Câmara, patrocinar uma dotação adequada para a conservação do conjunto arquitetônico de Ouro Preto.

Justifica-se plenamente a medida, pelas razões que procurei aduzir, desde 1947, no pequeno artigo que tome a liberdade de remeter incluso a V. Excia., publicado no Estado de São Paulo. Torna-se, porem, mais premente a necessidade da aludida dotação, no momento atual, por motivo dos danos gravíssimos que as últimas chuvas causaram as edificações daquela cidade histórica. Recorremos ao concurso dos particulares, pela impossibilidade de pleitear crédito especial, mas não logramos obter senão cerca de Cr\$ 300.000,00, ao cabo de enormes esforços.

Em tais circunstâncias espero que V. Excia., juntamente com seus ilustres colegas da Comissão de Finanças e de toda a Câmara, não deixe de atender, no que estiver ao seu alcance, a aspiração nacional de preservar Ouro Preto.

Antecipando-lhe os melhores agradecimentos pela atenção que tiver a bondade de prestar a esta iniciativa, tenho a honra de subscrever-me, atenciosamente,

Rodrigo M. F. de Andrade
Diretor

à Divisão de Conservação e Restauração?

À vista de ter sido aprovado pelo Senhor Provedor da República o plano de obras em benefício de conjuntos arquitetônicos de nosso País a ser executado com dotações particulares, fica autorizado o Chefe do 3º Distrito a providenciar imediatamente para a execução dos serviços nele incluídos.

Solicita outrossim a esta Divisão transmitir instruções à referida Divisão para coligir desde o início, regularmente, os comprovantes das despesas realizadas, para efeitos de prestação de contas a que se refere o art. 4º da Lei nº 2.809, de 23 de novembro de 1940, a qual deverá ser apresentada ao Sr. Ministro da Educação e Saúde no primeiro trimestre de cada próximo futuro, a acompanhar de documentação fotográfica e lucidativa.

Em 26.10.1949

Prody, M. X. de Souza

Ofº 1277

3 de novembro de 1949

Diretor da D.C.R. da D.P.H.A.M.

Sr. Chefe do 3º Distrito.

:

Senhor Chefe do 3º Distrito:

Havendo o Snr. Presidente da República aprovado o plano de obras em benefício do conjunto arquitetônico de Ouro Preto a ser custeado com donativos particulares, comunico-vos, para os devidos fins, que o Sr. Diretor Geral, autorizou essa Chefia a providenciar imediatamente o início dos serviços constantes do mencionado plano.

Outrossim, deveis coligir desde o início, regularmente, os comprovantes das despesas realizadas com cada monumento, bem como documentação fotográfica (antes, no decorrer e no final) da obra, afim de, que esta Diretoria possa apresentar ao Snr. Ministro da Educação e Saúde a prestação de Contas a que se refere o artº 4º do Decreto-lei nº 2.809, de 23 de novembro de 1940.

Atenciosas saudações

Renato de Azevedo Duarte Soares
Diretor da D.C.R.

Anexo: cópia do Decreto-lei nº 2.809 de 23 de novembro de 1940 e cópia do parecer do Dr. Lucio Costa datado de 6 de outubro de 1949.

JMS/TMO.

647/50



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE
D. P. H. A. N. - 3.º DISTRITO

111-50

Em Belo Horizonte,
14-Junho-1950

Do Chefe do 3º Distrito da D.P.H.A.N.

Ao Sr. Dr. Diretor Geral

Assunto Plano de restauração de Ouro Preto

Senhor Diretor Geral

A D.C.R.
20.6.1950

Tendo sido terminada a primeira etapa do plano de obras de Ouro Preto, constituída em um grupo de 6 casas, apresso-me a transmitir-lhe os informes respectivos.

CASA DA RUA DO PILAR Nº 9

Reconstrução total da cobertura e das fachadas principal e posterior com o abandono do puchado. Estabilização das paredes laterais, interessando a maior a direita, divisória com a casa nº 7, refeita mesmo nas partes não ligadas diretamente a em obras. Revestimento geral das paredes restauradas, consertos gerais nas esquadrias e pintura geral.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE
D. P. H. A. N. - 3.º DISTRITO

Of. 111- fls. 2

CASA DA RUA DO PARANÁ Nº 11

Reconstrução geral de quasi toda a casa, salvo seu acabamento interior. Cobertura, paredes periféricas, esquadrias, estruturas, completamente refeitas. Revestimento novo em todas as paredes restauradas, consertos nas esquadrias e pintura geral.



CASAS DA RUA BARÃO DE OURO BRANCO NºS 25 (19- 21- 23-27 e 29)

Reconstrução total da cobertura e paredes das fachada principal e posterior. Conserto no soalho e esquadrias. Revestimento, pintura geral. Esta obra foi ampliada, interessando as proximas, consertadas em suas frentes e fundos, entelhamentos e pintadas externamente.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE
D. P. H. A. N. - 3.º DISTRITO
Of. 111- fls. 3



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

D. P. H. A. N. - 3.º DISTRITO

Of. 111- fls. 4

CASA DA RUA SANTA EFIGENIA Nº 57

Foi totalmente reconstruída a cobertura e parcialmente as estruturas e paredes periféricas. Restauração das janelas rasgadas das fachadas, esquadrias, revestimentos e pintura geral. A obra devia prosseguir, no interior, em virtude de sua importância e forro pintado. Dada a intenção de se entregar a mesma a pessoas não proprietárias, foi a obra paralisada temporariamente.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

D. P. H. A. N. - 3.º DISTRITO

Of. 111- fls. 5

CASA DA RUA SANTA EFIGENIA Nº 15

Quasi totalmente reconstruída, quanto à estrutura, paredes periféricas e cobertura. Consertos em esquadrias, revestimento, pintura geral.



CASA DA RUA SANTA EFIGENIA Nº 67

Reconstrução total da cobertura, paredes da fachada e fundos. Consertos em esquadrias, revestimento e pintura geral.

15

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE
D. P. H. A. N. - 3.º DISTRITO

Of. 111- fls. 6



importancias:

Gastou-se neste primeiro grupo as seguintes

Novembro	1949	12.355,40
Dezembro	"	32.338,10
Janeiro	1950	11.088,10
Fevereiro	"	13.723,60
Março	"	23.570,60
Abril	"	437,00
		<u>96.512,80</u>

Haviam sido previstas as seguintes quantias para as obras programadas:

Pilar 9	13.715,70
Paraná 11	13.189,10
Barão 25	6.740,60
Sta. Efigenia 57	17.798,50
Sta. Efigenia 15	10.096,20
Santa Efigenia 67	4.562,70
	<u>66.102,30</u>

O excesso de 30.410,50 sobre o previsto pode ser atribuído a estimativas falhas, decorrentes da pouca experiencia relativa a trabalhos desta natureza, a necessida-

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

D. P. H. A. N. - 3.º DISTRITO

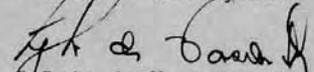
Of. 111- fls. 7

de de maiores trabalhos com menor aproveitamento das partes das casas existentes, conforme as previsões e a extensão dos serviços às residências vizinhas, principalmente na rua do Barão, onde foram beneficiadas as casas de nºs 19, 21, 23, 27 e 29, em todas suas fachadas, parte das coberturas e fundos.

Por outro lado, é provável que, parte do material adquirido- madeira- tenha se estendido para o segundo grupo que, esperamos ficar mais contido dentro do orçamento proposto.

Sem mais, apresento-lhe as minhas mais

cordiais saudações.


Sylvio de Vasconcellos
Chefe do Distrito

Sr.
Dr. Rodrigo M. F. de Andrade
Diretor Geral do P.H.A.N.
Ministério da Educação
RIO DE JANEIRO

SV/NF.

D. Lacerda

MINISTERIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE
Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
(Divisão de Conservação e Restauração)

Ao Senhor Dr. Paulo Medina Barreto
Em 21/6/50

Informação nº 78
Assunto: fotografias de obras
Referências: Of. 111, de 14/6/50 do 3º Distrito.

Monumento: Plano de obras
Cidade: Ouro Preto
Estado: Minas Gerais
Distrito: 3º

Opinamos pela aprovação das
providências e realizações do chefe do 3º Distrito.
Rio, 3-7-50
Paulo Medina Barreto.

Arquiteto Lucio Costa
3.7.50
P. Lacerda

De acordo ^{inclusive} com a
devidor. do Diretor
do DEI
Lucio Costa
P. Lacerda

De acordo, e se
se apresentar ao
Sistema a serem
empurradas.

10

Of.nº 894

10.3.50

Diretor da D.C.R. da D.P.H. A.N.

Sr. Chefe do 3º Distrito

Transmite informações sobre plano de obras de O.Prêto.

Senhor Dr. Sílvio de Vasconcelos

Tenho o prazer de comunicar-lhe que, à vista do relatório n. 111/50, com informações e fotografias elucidativas das obras -- que constituiram a primeira etapa do plano de restauração de Ouro Preto, o Dr. Paulo Barreto opinou pela aprovação das providências e realizações levadas a efeito por essa Chefia.

Outrossim, informo-o de que, consultado o arquiteto Lúcio Costa a respeito, solicitou êle lhe transmitíssemos também a boa impressão da D.E.T., com o que esta D.C.R. está de pleno acôrdo.

Sem mais, apresento-lhe

Atenciosas saudações

Renato de Azevedo Duarte Soeiro
Diretor da D. C. R.

mem.ala

N.º 1088/50
SPSAR



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE
D. P. H. A. N. - 3.º DISTRITO

223-50

Em Belo Horizonte,
16- Setembro-1950

Do Chefe do 3º Distrito da D.P.H.A.N.

Ao Sr. Dr. Diretor Geral

Assunto Envia relatório

Senhor Diretor Geral

ã D.C.R. e à D.E.T.
29.9.50

Terminadas as obras do segundo e terceiro grupos de casas particulares atendidas por esta Repartição, tenho o prazer de informar a respeito dos serviços nelas executados.

2º GRUPO-

Casas da rua Gorceix nºs 15-17-19-21
Reconstruída totalmente a de nºs 19 e 21 e as fachadas das restantes, inclusive a parte da cobertura que a elas interessava, principalmente quanto aos beirais. Pintura geral a cal nas paredes e a óleo nas madeiras à vista. A de nº 21 sofreu a pedido do proprietário alteração em seus vãos, transformando-se as 2 moradias em uma só e uma das portas em janela. A pintura nas fachadas foi estendida pelas casas 9-11-13. O orçamento previa uma despesa de Cr\$ 17.055,40.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE
D. P. H. A. N. - 3.º DISTRITO
of. 223- fls. 2



BECO DAS GALINHAS- As duas casas gêmeas que se achavam em ruínas totais foram completamente reconstruídas no seu perímetro e cobertura, não se atacando, porém, o interior, sinão ligeiramente. Foi restaurado o beiral de cachorros que se achava com forro de lambrequim e as esquadrias da fachada. Pintura geral a cal nas paredes e óleo nas madeiras.

Previam-se despesas num total de Cr\$ 12.670,20



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

D. P. H. A. N. - 3.º DISTRITO

Of. 223- fls. 3



SANTA EFIGENIA 28

Refeitas todas as paredes perimetrais, inclusive as do puchado posterior que não tinham sido incluídas na previsão. Consolidada a cobertura, feitos novos revestimentos, beirais e pintura geral nas paredes a cal e a óleo nas madeiras. Previa o orçamento a importância de Cr\$ 7.421,90.



SANTA EFIGENIA 8

Grande sobrado atualmente entregue à Prefeitura Municipal que solicitou sua reforma. Foram refeitas todas as 4 paredes perimetrais e a cobertura, inclusive as esquadrias. Por dentro está em bom estado. Trata-se de um belo exemplar do século XVIII, modificado apenas na parte dos fundos onde a va-

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE
D. P. H. A. N. - 3.º DISTRITO

Of. 223- fls. 4

randa foi transformada em sala. Previa o orçamento uma despesa de Cr\$ 18.118,00.



PILAR Nº 12
Refeita a fachada, consolidada a cobertura e
duas paredes laterais. Pintura geral.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

D. P. H. A. N. - 3.º DISTRITO

Of. 233- fls. 5

RUA GORCEIX Nº 10

Foi estabelecida a cobertura e restaurada a fachada com substituição do revestimento e nova pintura a caiação nas paredes e óleo nas madeiras. Restauradas as esquadrias, muro e portão lateral.



RUA PADRE FARIA Nº 32

Reconstrução total de toda a casa em suas fachadas, paredes divisorias, soalhos e forros. Esquadrias e cobertura novas. Pintura geral a cal e óleo.



RUA DO ROSÁRIO Nº 26

A casa, de grande importância, se achava em grande ruína, tendo sido necessária a reconstrução quasi total das paredes perimetrais, consolidação da cobertura e restauração das esquadrias. As portas de baixo que interessavam a toda a frente em alargamento mal realizado foram restauradas segundo as indicações obtidas e os balcões de cima refeitos em madeira, segundo os esclarecimentos obtidos. Refeita a beirada e pintadas todas as fachadas.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE
D. P. H. A. N. - 3.º DISTRITO
Of. 233- fls. 6



RUA DO ROSÁRIO Nº 30
Pequena casa, antigo sobrado, com a cobertura e fachada em mau estado, numa das principais ruas da cidade. Foi reconstruído o telhado, inclusive beiral de cachorros e as esquadrrias em pintura geral a cal e óleo.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

D. P. H. A. N. - 3.º DISTRITO

Of. 223- fls. 7



RUA DO PILAR

Tendo-se em conta a importancia da rua e sua quasi integral conservação, salvo duas ou tres casas inovadas, foram refeitas e pintadas todas as fachadas de suas çasas menos duas ou tres, cujos proprietarios obstaram a necessaria restauração. Necessitaria a rua restauração em algumas esquadrias (venezianas, etc.) que não poude ser feita por falta de recursos e da licença dos donos.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

D. P. H. A. N. - 3.º DISTRITO

Of. 223- fls. 8



RUA DAS DORES 44

Pequena casa nos fundos da rua Barão de Ouro Branco com proporções indicativas de ancianidade e que se encontrava ameaçando ruir. Foi reconstruída a cobertura, as paredes perimetrais e as esquadrias e, finalmente, pintura geral.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE
D. P. H. A. N. - 3.º DISTRITO

Of. 223- fls. 9



RUA BARÃO DE OURO BRANCO Nº 12

Único sobrado da rua, em lado já quasi sem casas.
Ameaçava ruir. Foi reconstruída a cobertura, todas as paredes pe-
rimetraes, consolidados os esteios, consertadas as esquadrias e
pintura geral.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE
D. P. H. A. N. - 3.º DISTRITO
Of. 223- fls. 10

CASA DO SR. BENEDITO JOSÉ DE MAGALHÃES
Reconstrução total da cobertura e da parede posterior
cujo baldrame se achava arruinado. 16



RUA DIREITA Nº 30
Retirada das sacadas de ferro e restauração das de
madeira. A casa está sendo reconstruída pelo proprietário Dr.
Pinheiro. 17



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE
D. P. H. A. N. - 3.º DISTRITO

Of. 223- fls. 11

SANTA EFIGENIA Nº 55

18
Ao lado do sobrado nº 57 já restaurado e também de relativo interesse pela sua antiguidade, sofreu reconstrução total em sua cobertura, beiral, fachada principal e laterais. Consertos nas esquadrias e pintura geral.



SANTA EFIGENIA Nº 62

19
Reconstruído todo o telhado, fachadas, portais e esquadrias, concluindo-se por uma pintura geral.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE
 D. P. H. A. N. - 3.º DISTRITO
 Of. 223- fls. 12



OBSERVAÇÕES- Nesta etapa da recuperação da cidade, procurou-se salvar as casas em pior estado de conservação, cujos proprietários não dispunham de recursos para a iniciativa. Apenas na rua do Pilar e nas sacaças da rua Direita nº 30 foi feito serviço de menor urgência, porém de muito bom resultado estético e exemplificador.

Foram beneficiadas, fóra a rua do Pilar, 20 casas, nas quais dispendeu-se a importância de Cr\$ 218.742,20, de acordo com os boletins mensais dos grupos enviados de Janeiro a Agosto p. passado, de acordo com a relação abaixo:

Janeiro 2º grupo	9.097,10
Fevereiro 2º grupo	17.458,10
Março 2º grupo	24.178,20
Abril 2º grupo	24.834,20
A transportar.....	75.567,60

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE
D. P. H. A. N. - 3.º DISTRITO

Of. 223- fls. 13

Transporte fls. 12	75.567,60
Abril- 3º Grupo	11.066,40
Maió- 2º Grupo	13.165,70
Maió- 3º Grupo	13.813,30
Junho-2º Grupo	22.823,50
Junho-3º Grupo	23.031,40
Julho- 2º Grupo	14.981,50
Julho- 3º Grupo	20.891,20
Agosto- 2º Grupo	9.249,70
Agosto- 3º Grupo	14.151,90
	<u>218.742,20</u>

Assim sendo e, considerando-se a despesa de 742,20 para a rua do Pilar em conjunto, temos 218.000,00 para 20 casas reconstruídas quasi totalmente, algumas assobradadas, o que nos dará a média de 10.900,00 por casa recuperada.

Parece estar, assim, cumprida nossa promessa de reduzir ao mínimo as despesas para que o benefício aos conjuntos se faça máximo e queremos crer que com esta média podemos prosseguir em nossa iniciativa daqui por diante si, contrariamente ao suposto, não haja encarecimento violento dos materiais e mão de obra.

Por outro lado, grande já é o número de casas arruinadas salvas, facilitando os trabalhos futuros, de certo modo menos graves e urgentes, a não ser casos esporádicos que não chegaram ao nosso conhecimento ou que vieram a se verificar pelo dano das intempéries e do tempo.

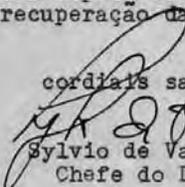
Com a primeira etapa de nossos trabalhos, dispendemos a quantia de Cr\$ 96.512,80 que, com a segunda, perfaz o total de Cr\$ 315.255,00. Deste total nos foram entregues Cr\$.... 295.840,00, dos quais 10.640,00 de D. Dea Campos e 5.200,00 do Banco Comercio e Indústria de Minas Gerais e do Sr. Hermelindo Paixão. Da conta do Rio foram enviados, assim, apenas Cr\$..... 280.000,00 que parece ter ultrapassado já a metade da importância disponível.

Em relação às despesas feitas, ha um deficit a nosso favor de Cr\$ 19.415,00 que peço a fineza de enviar a este Distrito.

Terminando, desejaria nos fossem enviadas apreciações sobre os trabalhos executados e instruções sobre os futuros, inclusive quanto ao montante a ser ainda gasto.

Esperando ter correspondido às esperanças com que se justificou a campanha de recuperação da cidade de Ouro Preto, envio-lhe as minhas mais

cordiais saudações


Sylvio de Vasconcellos
Chefe do Distrito

Sr.
Dr. Rodrigo M. F. de Andrade
Diretor Geral do P.H.A.N.
RIO DE JANEIRO

Of.nº 1405

13 de dezembro de 1950

Diretor do P.H.A.N.

Chefe do 3º Distrito

Senhor Chefe de Distrito:

Tendo em vista as informações e a documentação constantes do relatório dessa Chefia sobre os serviços executados em proveito do -- conjunto arquitetônico de Ouro Preto a conta de doações particulares (Ofício nº 223, de 16 de setembro último), o arquiteto Lúcio Costa, pela Divisão de Estudos e Tombamento, solicita a V.Sa. esclarecer o seguinte:

1º) - "se o esquema de cores adotado para os quadros, folhas e esteios é sempre o mesmo ou varia como seria desejável;

2º) - se os beirais de cachorro ou cimalha não eram as mais das vezes pintados de cor ligeiramente acinzentada ou pardacenta, embora claros, fazendo assim algum contraste com a calçada das paredes/ e harmonizando melhor com a cor diferente dos esteios".

A esse propósito pondera que, "quando o beiral e as paredes são inteiramente brancos, o esteio de cor fica meio desamparado". Acrescenta que "os baldrame de pedra, quando afloram acima do piso das calçadas, não devem ser calados".

Examinando particularizadamente os serviços executados, observou o arquiteto Lúcio Costa o seguinte:

"Pilar 12 - A bacia da sacada corrida não deveria ser branca mas de cor acinzentada.

Rosário 26 - Fez mal em desfazer a sequência de portas geminadas, inovação engenhosa e franca de sentido moderno e que valia como curiosidade quebrando a monotonia das portas e janelas. Também não se justificava a remoção dos caixilhos sobrepostos. O fundo das sacadas deve ser da mesma cor da táboa de testa.

Pilar 18 - Os cordões dos caixilhos foram reticulado de proporção sobre o alto, fora da bitola usual. Por que?

Pilar 26 (?) - Nesta casa de esquina o esteio-cunhal que corresponde apenas ao sobrado devia ser branco para não contar (segundo o critério que prevaleceu no caso, pois todos os demais elementos estruturais - salvo o quadro dos vãos - foram anulados).

Barão de Ouro Branco 12 - Por que retirou as vidraças?

Rua Direita 30 - Quando prevalece nas fachadas o estilo do século XIX não se deve forçar a refação isolada de um determinado elemento visando lhe restituir a feição setecentista, porquanto assim destoaria do conjunto e a contrafação se evidencia. Há muitos casos em que a remoção da serralheria oitocentista se recomenda; mas no caso em apreço a moderatura da cimalha, a proporção alta dos vãos do sobrado, as bandeiras, tudo se harmonizava com as grades do século XIX, não cabia, pois, a intervenção. As restaurações parciais são desejáveis quando se encaminham no sentido da unidade, ou seja, da harmonia, não quando contribuem para acentuar contradições.

Santa Efigênia 55 - Teria sido melhor deixar a alvenaria rústica do térreo a mostra também na frente, ou calar de escuro, ou então, se as paredes do cômodo não são de pedra, anular os esteios de canto, Por que suprimiu as ombreiras de uma das portas?"

"Estas restrições constituem uma gota d'água no conjunto da obra realizada, digna de louvor não só pelo critério e bom gosto revelados como pela eficiência técnica e econômica da respectiva execução.

Atenciosas saudações.

Rodrigo M.F. Andrade
Diretor

Ao Senhor
Dr. Sílvio de Vasconcelos
Chefe do 3º Distrito

1379/50



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE
D. P. H. A. N. - 3.º DISTRITO

279-50

Em Belo Horizonte,
16-dezembro-1950.

Do Chefe do 3º Distrito da D.P.H.A.N.

Ao Sr. Dr. Diretor Geral

Assunto

Senhor Diretor

*A D.C.R. e à D.E.T. No.
Re com o conteúdo da informação A
Chefe do 3º Distrito a respeito do
objeto em questão de arquitetura desta
obra e a execução de obras no conjunto
de Ouro Preto. 18.XII.1950*

Atendendo ao seu ofício nº 1405 sobre o conjunto arquitetônico de Ouro Preto, devo esclarecer:

1- As cores escolhidas foram sempre variáveis de casa a casa.

2- Os beirais de Ouro Preto assim como as cimalthas são em sua maioria quasi absoluta, pintados de branco se bem em razão da humidade e da pátina escureça com o tempo. Talvez seja esta cor branca, inovação mais recente, mas nas experiências que já tentei, o escurecimento deles por mais neutro que seja (cinza) não satisfiz ao meu gosto em virtude de contar sempre como nova cor que se liga pouca a dos esteios em geral forte. O branco pelo menos conta menos como cor e em geral depois escurece naturalmente. No caso dos beirais, quando aparece o frechal ha o recurso que com ele fechar o quadro dos esteios. Em todo o caso, confesso que tenho de fato dúvidas sobre a pintura destas terminações verticais e ainda não achei o bom caminho. Em Caeté, por exemplo, atendendo a sugestão dada, repintamos a cimaltha em cor de ferrugem os esteios sendo vermelhos. Ficou porém, muito ruim e tentamos dar a mesma cor dos esteios que nos pareceu melhor que a tentativa anterior, se bem não tenha resolvido o caso. Pediria, a vinda de um arquiteto capaz de, no local, nos fornecer indicações mais seguras.

Quanto aos baldrames, só são caiadas quando sempre estiveram rebocados e a alvenaria deles não aconselha grande trabalho de reconstrução o seu afloramento. São em geral muito mal feitos, poucas pedras, mas assentadas e preenchidas com muito barro, um verdadeiro enchimento do vasio que parece ser deixado á mostra exigiria recomposição grande.

Pilar 12 - As razões das cores das bacias são as mesmas das cimalthas. Tentaremos porém recompor a citada.

(Of. 279, cont. fls. 1)

Rosário 26- A sequencia de portas do térreo era solução recentíssima e muito mal acabada, feita sem nenhum cuidado, os pinásios ou marcos fóra dos prumos do segundo andar etc. Por outro lado o acabamento do andar superior é dos mais ricos da cidade e por conseguinte não se harmonisava em absoluto com a precária e pobre solução dada ao térreo que tinha sido, ha pouco, transformado em garage, e oficinas. Além do mais o concerto aludido foi feito a pedido do proprietário de acordo, creio, com o Sr. Diretor.

Pilar 18- A maioria das casas, com exceção da 2, da rua do Pilar foram apenas pintadas, e ligeiramente refeitas em reboque, etc., não havendo recursos para o tratamento dos elementos em bom estado já existentes.

Pilar 26- A solução dada foi de fato má, por ter deixado em branco o frechal que aflora na fachada principal. Noutra casa é digna de nota o partido, na fachada da madre trippla entre o térreo e o 2º andar, uma das quais funciona também como verga, ligada ás demais por pontalotes. (Ver fotografia anterior no levantamento cadastral). Penso que poderia ser estudada uma solução relativa ao partido ao envez de andar o elemento que ficou de fato sosinho. Peço instruções a respeito.

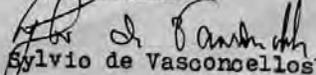
Rosário 12- Foram retirados os forros ainda aproveitáveis, por razão de economia. Logo possível serão recolocados.

Diretia 30- A solução visou a caracterização de solução mais antiga e não nos pareceu destoasse da fachada porquanto na mesma rua ha outras da mesma modalidade ainda sem balcão de madeira (42 do Washinton Dias por exemplo). Sendo já raros na cidade estes elementos mais antigos julguei de interesse, quando possível a sua restauração. tomo nota porém das instruções enviadas.

Sta. Efigênda 55- A porta sem ombreiras tinha sido aberta recentemente e não tinha ombreiras externas, inserindo-se no paramento interno da parede. Valerá a pena colocar as ombreiras o que providenciarei. São também pintados na cor do esteio do cunhal o frechal e os demais esteios que aparecem na fachada lateral. Serão tentadas as soluções sugeridas para a alvenaria do térreo.

Agradeço com a maior sinceridade as orientações enviadas que não só contribuem para evitar engonos futuros, como também nos sugerem uma maior atenção a estas pequenas obras que aparentemente são sem importância mas que de fato pelo conjunto, exigem cuidados. A única desculpa que posso oferecer, é a decorrente dos poucos recursos disponíveis para atender a tantos reparos, quasi todos urgentes, o que nos leva a atender mais á estabilidade e a parte geral, descuidando dos detalhes que ao bom juiza crítico posterior aparecerão com a importância que merecem.

Cardialmente


Sylvio de Vasconcellos

30/51
SPHAR



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE
D. P. H. A. N. - 3.º DISTRITO

47-51

Em Belo Horizonte,
9-março-1951.

Do Chefe do 3º Distrito da D.P.H.A.N.

Ao Sr. Dr. Diretor Geral

Assunto

D.G.

Senhor Diretor

à D. C. R., urgente
30.3.51

Afim de cobrir o adiantamento que vimos fazendo de verbas desta repartição para atender as obras com o plano de restauração de Ouro Preto, peço-lhe a fineza de remeter a este Distrito, se possível, a importância de 39.869,70, quantia a quanto monta o deficit em janeiro daquela conta.

Sem mais, apresento-lhe as minhas mais

cordiais saudações

Sylvio de Vasconcellos
Chefe do Distrito

Sr.
Dr. Rodrigo M. F. de Andrade
Diretor Geral do P.H.A.N.
Ministério da Educação e Saúde
RIO DE JANEIRO



Senhor D. Diretor

De acordo com os comprovantes existentes nesta DCP. foi aplicada no plano de restituição de Curo Peto, a importância de Rps 367.280,20.

Rio de Janeiro, 30 de março de 1951
José Balduino dos Santos
Rua Adam. 26.

Perifoneo - 4 a situação A
contá corrente especial.

30.3.51

367.280,20

27.272,50

394.552,70

36

394.465,20

369.465,20

25.000,00

45

Plano de Ouro Preto

Importancia depositada no B. Brasil -	366.795,00	366.817,00
Junos -	612,00	
Importancia retirada of cheques		195.445,00
Saldo a data		534.372,00 171.372,00

Importancia aplicada pelo Dr. Silvio Vasconcelos até março de 1950, conforme comprovantes emitidos — Cr. 143.809,20

Para a parte de plano de obras em proveito de Ouro Preto

Índice da reprodução documental fac-similar

Seleção de documentos relativos à campanha de arrecadação de fundos em benefício de Ouro Preto **p. 70**

Decreto-Lei 2.809, de 23/11/1940, que dispõe sobre a aceitação e aplicação de donativos particulares pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. MEC/ DPHAN. Legislação Brasileira de Proteção aos Bens Culturais. 1967. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Legislação. Cx. L3/P. 06/E. 05. **p. 71**

Catálogo do Leilão de Ouro Preto.

Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Obras. M040/Cx. 197/ P.867.1/ Docs.1-15. **p. 72-86**

Originais da ata de abertura, descrição dos lotes e ata de fechamento do Leilão.

Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Personalidades. Rodrigo Melo Franco de Andrade. Subsérie Trajetória Profissional/Cx. 11B/P.14/Docs. 1-18. **p. 87-104**

Manuscritos com os valores da arrecadação e nomes dos doadores do Leilão.

Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Obras. Cx. 195/P.861.4/Docs. 193-195. **p. 105-107**

Documentação relativa ao estudo da cidade de Ouro Preto e às obras de recuperação do casario **p. 108**

Lista das ruas de Ouro Preto

Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Obras. M040/Cx.197/P. 867.2 e P. 867.3. **p. 109-111**

Mapa de Ouro Preto representando o estado de conservação das edificações.

Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Obras. M040/Cx. 197/ P.867.3/Doc.76. **p. 112-113**

Fichas cadastrais da Zona do Pilar

Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Obras. M040/Cx.197/ P.867.2. **p. 114-126**

Fichas cadastrais da Zona das Cabeças

Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Obras. M040/Cx.197/P. 867.2 e P.868.2.
p. 127-133

Fichas cadastrais da Zona do Rosário

Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Obras. M040/Cx.198/P. 868.2 e P.869.2.
p. 134-144

Fichas cadastrais da Zona do Centro

Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Obras. M040/Cx.198/P.868.2 e P.869.1.
p. 145-156

Fichas cadastrais da Zona do Carmo

Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Obras. M040/Cx.198/P.868.2 e P.869.1.
p. 157-175

Fichas cadastrais da Zona do Palácio

Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Obras.M040/Cx.198/P.868.1 e P.869.2.
p. 176-185

Fichas cadastrais da Zona das Dores

Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Obras.M040/Cx.198/P.868.1 e P. 869.2.
p. 186-196

Fichas cadastrais da Zona das Lages

Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Obras. M040/Cx.198/P.868.3, P.868.4/
e P.869.2. **p. 197-201**

Fichas cadastrais da Zona de Antônio Dias

Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Obras. M040/Cx.198/P.868.3 e P.868.4.
p. 202-211

Fichas cadastrais da Zona de São Francisco

Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Obras. M040/Cx.198/P. 868.3 e P.868.4.
p. 212-231

Fichas cadastrais da Zona do Alto da Cruz

Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Obras. M040/Cx.198/P.868.3 e P.868.4.
p. 232-242

Seleção de documentos técnico-administrativos relativos à priorização dos investimentos arrecadados em benefício do casarão de Ouro Preto **p. 243**

Ofício 231/49 de Sylvio de Vasconcellos à Diretoria-Geral do Patrimônio, encaminhando as conclusões iniciais do estudo da situação da cidade de Ouro Preto, em 29/09/1949.

Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Obras. M040/Cx.196/P.862.1/ Docs. 033-37.
p. 244-248

Cópia do Telegrama de Rodrigo Melo Franco de Andrade a Sylvio de Vasconcellos, informando o recebimento do relatório sobre a situação de Ouro Preto, em 03/10/49.

Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Obras. M040/Cx.195/P.861.2/Doc.72.
p. 249

Parecer de Lucio Costa, apontando as prioridades para a realização das obras em Ouro Preto, em 06/10/1949.

Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Obras. M040/Cx.195/P.861.2/
Docs.108,109. cópia. **p. 250-251**

Informação de Renato Soeiro à Diretoria-Geral do Patrimônio, dando seu “de acordo” em relação aos critérios fixados pelo diretor da DET para a realização das obras em Ouro Preto, em 7/10/1949.

Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Obras. M040/Cx.195/P.861.2/ Doc. 110.
p. 252

Parecer de Paulo Thedim Barreto sobre o estado de preservação do conjunto arquitetônico de Ouro Preto, em 7/10/1949.

Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Obras. M040/Cx.195/P.861.2/ Doc.111.
p. 253

Relatório de Sylvio de Vasconcellos à Diretoria-Geral do Patrimônio, acerca do estado do casarão de Ouro Preto, recomendando as prioridades para as obras emergenciais. em 12/10/1949.

Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Obras. M040/Cx.195/P.861.3/Docs. 135-138.
p. 254-257

Ofício nº 1186, de Rodrigo Melo Franco de Andrade ao Ministério da Educação e Saúde solicitando autorização para a realização das obras em OP e encaminhando o relatório de Sylvio de Vasconcellos, contendo plano de obras de Ouro Preto, em 14/10/1949.

Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Obras. M040/Cx.195/P.861.3/ Docs. 139,140.
p. 258-259

Correspondência Oficial de número 863, do Ministério da Educação e Saúde à Presidência da República, submetendo o plano de obras em benefício de Ouro Preto à aprovação, com de acordo do Presidente Eurico Gaspar Dutra, em 20/10/1949.

Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Obras. M040/Cx.195/P.861.4/ Docs. 197,198. **p. 260-261**

Cópia de correspondência de Rodrigo Melo Franco de Andrade ao Deputado Horácio Lafer, membro da Comissão de Finanças da Câmara Federal, em 21/10/194, solicitando dotações orçamentárias para a conservação do conjunto arquitetônico de Ouro Preto.

Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Obras. M040/Cx.195/P.861.4/ Doc. 199. **p. 262**

Manuscrito de Rodrigo Melo Franco de Andrade à Diretoria de Conservação e Restauração, instruindo-os para que autorizassem o 3º Distrito a iniciar as obras em Ouro Preto, em 26/10/1949.

Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Obras. M040/Cx.195/P.861.4/Doc. 202. **p. 263**

Cópia do Ofício nº1277, da Diretoria de Conservação e Restauração ao chefe do 3º Distrito, comunicando a autorização do Diretor-Geral para que fosse dado início às obras. em 03/11/1949

Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Obras. M040/Cx.195/P.861.2/ Doc. 113. **p. 264**

Relatório de Obras (Ofício Nº 111/50) endereçado à Diretoria Geral do Patrimônio, com as fotografias das obras realizadas em Ouro Preto. em 14/06/1950.

Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Obras. M040/Cx.196/P.862.1/ Docs.11-17. **p. 265-271**

Informação nº 98 de Sylvio de Vasconcellos endereçada à Divisão de Conservação e Restauração, relativa às providências e realizações procedidas em Ouro Preto (encaminhando o Relatório de Obras nº 111/50, com o de acordo de Paulo Thedim Barreto, Renato Soeiro e Lucio Costa), em 21/06/1950,

Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Obras. M040/Cx.196/P.862.1/ Doc. 10. **p. 272**

Cópia do Ofício de Nº 894 de Renato Soeiro a Sylvio de Vasconcellos, comunicando a aprovação da DCR e da DET às realizações procedidas em Ouro Preto, em 10/08/1950.

Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Obras. M040/Cx.196/P.862.1/ Doc. 19. **p. 273**

Relatório de Obras de Sylvio de Vasconcellos (Ofício N° 223/50), endereçado à Diretoria Geral do Patrimônio, com as fotografias das obras realizadas no segundo e terceiro grupos de casa particulares em Ouro Preto, em 16/09/1950.

Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Obras. M040/Cx.196/P.862.1/ Docs. 20-32.
p. 274-286

Cópia do Ofício n° 1405 da Diretoria-Geral do Patrimônio à Chefia do 3° Distrito, solicitando esclarecimentos sobre os serviços executados em Ouro Preto, custeados com donativos particulares, em 13/12/1950.

Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Obras. M040/Cx.196/P.862.1/ Docs. 40,41.
p. 287-288

Ofício 279/50, de Sylvio de Vasconcellos à Diretoria-Geral do Patrimônio atendendo à solicitação por esclarecimentos, em 16/12/1950.

Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Obras. M040/Cx.196/P.862.1/ Docs. 42,43.
p. 289-290

Ofício 47/51 de Sylvio de Vasconcellos à Diretoria Geral do Patrimônio, solicitando verbas para “atender as obras com o plano de reconstrução de Ouro Preto”, em 09/03/1951.

Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Obras. M040/Cx.196/P.862.2/ Doc. 44.
p. 291

Manuscrito de João Malheiros dos Santos à Diretoria –Geral do Patrimônio, declarando o gasto total com a “restauração de Ouro Preto”.

Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Obras. M040/Cx.196/P.862.2/ Doc. 45.
p. 292

Manuscrito de autor não identificado, contendo cálculos dos gastos parciais com o Plano de Ouro Preto” declarando à Diretoria o gasto total com a “restauração de Ouro Preto”.

Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro. Série Obras. M040/Cx.196/P.862.2/ Doc. 47.
p. 293

Relação e localização dos documentos arquivísticos pesquisados

“Pede esmolas o Ministro da Educação’: carta esclarecedora do Diretor do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Sr. Rodrigo Melo Franco de Andrade, a propósito de Ouro Preto”, *Jornal O Mundo*, Rio de Janeiro, 13/09/1949. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Inventário. M024/Cx. 0213/P. 001,002,003.

“A conservação do conjunto arquitetônico de Ouro Preto”. *Jornal O Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 14/09/1949. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Inventário. M024/Cx. 0213/P. 001,002,003.

“Cidade-mendiga”. *Jornal A Notícia*. Rio de Janeiro, 27/09/1949, intitulada. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Inventário. AA01/M024/Cx. 0213/P. 001,002,003/Env. 1 a 6.

“Para salvar Ouro Preto da ruína. Escreve-nos sobre a notícia por nós publicada o nosso correspondente naquela cidade”. *Jornal O Diário*. Belo Horizonte, 13/09/1949. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Obras. M024/Cx. 195/P.861.1/Doc. 34.

ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de. *Cópia da carta ao diretor do Correio da Manhã*. 12/09/1949. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Obras. AA01/M024/Cx. 195/P.861.1/Docs. 26 ao 28.

ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de. *Cópia da carta ao diretor do jornal O Mundo*. 12/09/1949. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Obras. AA01/M024/Cx. 195/P.861.1/Docs. 29 ao 32.

ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de. *Cópia da carta ao diretor do jornal A Notícia*. 28/09/1949. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Obras. M024/Cx. 195/P.861.1/Docs. 65 a 67.

ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de. *Carta ao deputado Horácio Lafer*. 21/10/1949. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Obras. AA01/M040 /Cx. 195/Pasta 861.4/Doc.199.

ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de. *Cópia da carta à gerência da Agência Central do Banco do Brasil*. 11/10/1949. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Obras. M024/Cx. 195/P.861.2/Doc.146.

ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de. *Cópia da carta ao diretor de teatro Abílio Pereira de Almeida*. 9/11/1949. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Obras. M040/ P04/Cx.195/P.861.2/ Doc.121.

ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de. *Cópia da carta encaminhada ao periódico O Jornal*. 01/09/1939. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/ Série Inventário. AA01/M024/Cx.0210/P.01

ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de. *Entrevista concedida ao Correio da Manhã*. 12/10/1940. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro/Série Inventário. M. 024/ Cx.210/ P.01.

ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de. *Entrevista concedida ao Correio da Manhã*. Rio de Janeiro.12/10/1940. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/ Série Inventário. AA01/M024/Cx.0210/P.01.

ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de. *Entrevista concedida ao Diário de Notícias*.Rio de Janeiro. 12/10/40. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/ Série Inventário. AA01/M024/Cx.0210/ P.01.

ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de. *Ofício nº 1405*. 13/12/1950. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro/Série Obras. M. 040/ Cx.196/ P. 862.1/ Doc. 40-41.

ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de. *Entrevista concedida ao Estado de São Paulo*. 06/11/1940. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/ Série Inventário. AA01/M024/Cx.0210/P.01.

Atas do Leilão de Ouro Preto. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Personalidade. Rodrigo Melo Franco de Andrade. Subsérie:Trajectoria Profissional. Cx. 12/P.14/Docs. 1-18.

BAKER, R.B. *Carta a Rodrigo Melo Franco de Andrade*. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Obras. AA01/M024/ Cx. 195/P.861.2/Doc. 117.

BANDEIRA, Manuel. “Minha gente, Salvemos Ouro Preto!”. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 11/09/1949. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Inventário. AA01/M024/Cx. 0213/P. 001,002,003.

BARRETO, Paulo Thedim. *Preservação dos conjuntos arquitetônicos de Ouro Preto*. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro/Série Obras. M. 040/ Cx. 195/ P. 861.2/ doc. 111.

BATISTA, Miguel. *Carta a Rodrigo Melo Franco de Andrade*. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Obras. AA01/M040/Cx. 195/P. 861.1/Doc.8.

BERNARDES Filho, Arthur. *Carta a Rodrigo Melo Franco de Andrade*. 12/07/1949. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Obras. AA01/M040/Cx. 195/P. 861.1/Doc.5.

CARTA de remetente desconhecido a Rodrigo Melo Franco de Andrade. 10/12/1949. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Obras. Ouro Preto. AA01/M024/Cx. 195/P.861.2/Doc. 129.

CATÁLOGO do Leilão de Ouro Preto. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Obras. M040/Caixa 197/Pasta 867.1/Docs.1-15.

COSTA, Lucio. *Parecer*. 06/10/1949. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro/Série obras. M. 040/ Cx. 195/ P. 861.2/ Docs. 108-109.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 4/08/1949. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Inventário. M024/Cx. 0213/P. 001,002,003/Env. 1 a 6.

JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro. 16/09/1949. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Inventário. AA01/M024/Cx. 0213/P. 001,002,003.

FOLHA DO NORTE. Belém do Pará, 23/10/1949. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Inventário. M024/Cx. 0213/P. 001,002,003/Env. 1 a 6.

O MUNDO. Rio de Janeiro, 10/08/1949. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Inventário. M024/P04/Cx. 0213/P. 001,002,003/Env. 1 a 6.

LIMA, A.E. Viana de. *Brésil-Renovation et mise en valeur d'Ouro Preto*. Paris: UNESCO,1970. Original em francês. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Assuntos Internacionais. AA01/M066/Cx.076/P.246.

MACHADO, Edith Guimarães. *Carta a Ana de Melo Franco*. 4/11/1949. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Obras. AA01/M040/Cx. 195/P. 861.2/Doc. 119.

MENDES, Murilo. "OP ameaçada". s.n., s.d. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Inventário. AA01/M024/Cx. 0213/P. 001,002,003/Env. 1 a 6.

MINAS, João. *Carta a Graciema Melo Franco de Andrade*, s.d. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Obras. AA01/M024/Cx. 195/P. 861.2/Doc.125.

MUTZENBECKER. *Carta a Rodrigo Melo Franco de Andrade*. 11/08/1949. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Obras. AA01/M040/Cx. 195/P. 861.1/Doc.7.

PEIXOTO, Gutemberg. *Carta a Ana de Melo Franco*. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Obras. M024/Cx. 195/P.861.4/Docs. 203 e 204.

PLANO Especial de Ouro Preto. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Obras. M.040/ Cx. 200, 201, 202, 203, 204 e Série Obras. M.52/Cxs. 214, 215, 216.

QUEIROZ, Rachel. "Aqui Del Rey por OP". *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 4/08/1949. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Inventário. AA01/M024/Cx. 0213/P. 001,002,003.

REGO, José Lins. "Os ricos e OP". *O Globo*. Rio de Janeiro, 14/10/1949. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Inventário.Ouro Preto. AA01/M024/P04/Cx. 0213/P. 001,002,003/Env. 1 a 6.

REVISTA DA SEMANA. Rio de Janeiro, 1/10/1949. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Inventário. AA01/M024/Cx. 0213/P. 001,002,003/Env. 1 a 6.

SALLES, Landry. *Carta a Rodrigo Melo Franco de Andrade*. 10/08/1949. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Obras. AA01/M024/Cx. 195/P.861.1/Doc.6 frente e verso.

SANTOS, Paulo. *Carta a Rodrigo Melo Franco de Andrade*. 5/5/1949. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Obras. M.040.Cx. 195/.Pasta 861.1/Doc.1.

SERVIÇOS volantes. 1946. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Obras. M. 040/ Cx. 199/ P. 875.

SOEIRO, Renato. Informação. 07/10/1949. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro/Série Obras. M. 040/ Cx. 195/ P. 861.2/ Doc. 110.

SOEIRO, Renato. *Ofício nº 1277*. 03/11/1949. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro/Série Obras. M. 040/ Cx. 195/ P. 861.2/ Docs. 113.

VASCONCELLOS, Sylvio de. 12/10/1949. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Obras. M. 040/ Cx. 195/ P.861.3/ Docs. 135-137.

VASCONCELLOS, Sylvio de. *Ofício nº 111-50*, encaminhando o Plano de Restauração de Ouro Preto. 14/06/1950. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro/Série Obras. M. 040/ Cx. 196/ P. 862.1/ Docs. 11-17.

VASCONCELLOS, Sylvio de. *Ofício nº 223-50*, encaminhando Relatório, de 16/09/1950. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro/Série Obras. M. 040/ Cx. 196/ P. 862.1/ Docs. 20-32.

VASCONCELLOS, Sylvio de. *Relatório a Rodrigo Melo Franco de Andrade*. 12/10/1949. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Obras. M040/Cx.195/P.861.3/Doc.135-138.

VASCONCELLOS, Sylvio de. *Relatório que acompanha o Ofício nº 231-49*. 29/9/1949. Arquivo Central do IPHAN/ Seção Rio de Janeiro/Série Obras. M. 040/ Cx. 196/ P. 862.1/ Doc. 33-37.

VIANNA, Fernando de Mello. *Carta a Rodrigo Melo Franco de Andrade*. 12/5/1949. Arquivo Central do IPHAN/Seção Rio de Janeiro/Série Obras. AA01/M040/Cx. 195/P. 861.1/Doc.4.

Anexo – Dados biográficos

Apresentamos a seguir duas listagens com dados biográficos referentes aos participantes das ações de preservação de Ouro Preto empreendidas nos anos de 1949-1950, cujos nomes foram identificados na documentação reproduzida nesta publicação fac-símile.

A primeira listagem trata dos doadores do Leilão em benefício de Ouro Preto, realizado no Rio de Janeiro em 14 de setembro de 1949 como parte da campanha de arrecadação de fundos em favor da preservação da cidade de Ouro Preto. Organizamos a listagem dos doadores reunindo-os em quatro grupos: doadores particulares; empresas doadoras; negociantes de arte e antiguidades e profissionais do Patrimônio. Acompanha seus nomes a descrição dos objetos por ele doados. Os asteriscos em alguns dos verbetes indicam que não foram encontradas informações biográficas sobre os mesmos ou sobre a contribuição que fizeram ao Leilão.

A segunda listagem contempla os profissionais envolvidos com o processo de elaboração do Estudo da cidade de Ouro Preto, assim como com os trabalhos de aplicação dos recursos levantados pela campanha de 1949.

Dados biográficos dos doadores do leilão de Ouro Preto

Doadores particulares

Abílio Pereira de Almeida*

Abílio Pereira de Almeida nasceu na cidade de São Paulo, em 1906. Foi autor, produtor, ator e diretor teatral. Formado em Direito pela Universidade de São Paulo, iniciou sua carreira como ator em montagens beneficentes de Alfredo Mesquita. Juntos criaram o Grupo de Teatro Experimental, o GTE.

Foi um dos fundadores do Teatro Brasileiro de Comédia (TBC), sendo de sua autoria a peça *A Mulher do Próximo* (1948), estrelada por Cacilda Becker. No TBC encenou, também de sua autoria, *Paiol Velho*, *Santa Marta Fabril* e *Rua São Luís, 27*. Na Companhia Vera Cruz, participou como ator nos filmes *Caiçara* (1950), *Terra é sempre terra* (1951), *Ângela* (1950), *Tico-Tico no fubá*, *Apassionata* e *Sai da frente* (1951). Produziu filmes importantes pela Brasil Filmes no final da década de 1950, como *Moral em concordata* (1959), *O Sobrado* (1956) e *Estranho Encontro* (1958). Escreveu várias peças para outras companhias como *Dona Violante Miranda*, que virou filme com Dercy Gonçalves, *O Comício*, *Os Marginalizados*, *O Bezerro de Ouro*, *Círculo de Champagne* e *Licor de Maracujá*.

Faleceu em São Paulo, em 1977.

Adelmar de Melo Franco*

* Não foram encontradas informações biográficas sobre os doadores ou sobre a contribuição que fizeram à Campanha.

Adolfo Sá*

Sra. Afonso Alves Pereira*

A Sra. Afonso Alves Pereira ofereceu ao Leilão de Ouro Preto uma cremeira de porcelana francesa, que pertenceu à baixela de Carlos Pereira Nunes, barão de São Carlos. A peça apresentava um carimbo elíptico com os dizeres *Viz caya Irmãos – Rio de Janeiro, Paris* e as iniciais *H. & C.*, indicativas da fabricação francesa, *Haviland & Cia.*.

Afonso Arinos de Melo Franco

Afonso Arinos de Melo Franco nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais, em 1905.

Advogado, parlamentar, jurista, escritor e professor. Diplomou-se, em 1927, pela Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, atual Faculdade de Direito da UFRJ, da qual foi professor catedrático de Direito Constitucional.

Foi promotor público em Belo Horizonte (1928-1929), delegado representando o Brasil na Conferência de Desarmamento em Genebra (1932), diretor dos jornais *Estado de Minas* e *Diário da Tarde* (1933), além de fundador do jornal *Folha de Minas* (1934).

Exerceu o magistério na Universidade do Distrito Federal (1936), na Universidade Federal do Rio de Janeiro (1949 a 1950) e recebeu o título de Professor Emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro (1976). Diretor do Instituto de Direito Público e Ciência Política da Fundação Getúlio Vargas (1980).

Como político, participou da fundação da União Democrática Nacional (UDN), em 1945, tendo sido eleito como deputado federal por Minas Gerais (1947 a 1958). Autor do projeto que se transformou na Lei nº 1390 (03/06/1951), dita Lei Afonso Arinos, que proíbe a discriminação racial. Exerceu o mandato de senador por três vezes. Foi ministro das Relações Exteriores, em 1961. Apoiou o Movimento de 1964 e foi um dos fundadores da Arena, da qual acabou se afastando. Representou o Brasil como embaixador no Concílio do Vaticano II e foi presidente da Comissão Provisória de Estudos Constitucionais (1985).

Na área da cultura, foi membro da Academia Brasileira de Letras, ocupando a Cadeira nº 25 (1958), do Conselho de Cultura (1967) e da Academia Mineira de Letras (1977). Integrou os quadros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), do Instituto Histórico de Ouro Preto e da Real Academia de História de Madri. Fez parte do Conselho Consultivo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Faleceu no Rio de Janeiro, em 1990.

Ofereceu ao Leilão de Ouro Preto um porta-garrafa em jacarandá, de fins do século XVIII, com guarnições em bronze.

Afonso Nunes*

Afonso Nunes foi o leiloeiro que organizou o “leilão em benefício a Ouro Preto”. Seu estabelecimento funcionava na Rua Chile, 29, Centro, Rio de Janeiro.

Alberto Daniel*

Alberto Daniel ofereceu ao Leilão de Ouro Preto um frasco de faiança francesa, “ao gosto do fim do século 18”.

Dr. Aloísio de Paula

Aloísio de Paula nasceu em Vargem Alegre, Rio de Janeiro, em 1907.

Médico-pneumologista e professor de fisiologia, trabalhou na Policlínica Geral do Rio de Janeiro. Incentivador de artes, foi diretor do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e colecionador de notável acervo referente a Portinari, Guignard, Pancetti e Di Cavalcanti.

Ofereceu ao Leilão de Ouro Preto uma *Vista da baía de Guanabara*, guache de Joaquim Insley Pacheco, apreciado paisagista e um dos pioneiros da fotografia no Rio.

Ana Amélia Queiroz Carneiro de Mendonça

Ana Amélia Queiroz Carneiro de Mendonça nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1896.

Poetisa, escritora, tradutora e feminista, teve poemas e crônicas publicados pelos mais importantes jornais do país. Atuou em defesa dos direitos das mulheres e nas iniciativas promovidas pela Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF), da qual foi vice-presidente. Participou da associação Damas da Cruz Verde que criou a Pró-Matre.

Filha do industrial José Joaquim de Queiroz Júnior e de Laura Machado. Casou-se em 1917 com o historiador Marcos Cláudio Philipe Carneiro de Mendonça (nascido em Cataguases, Minas Gerais, em 1894 e falecido no Rio de Janeiro, em 1988), teve três filhos, entre eles, a crítica teatral Bárbara Heliodora.

Eleita Rainha dos Estudantes em 1929, ajudou a criar a Casa do Estudante do Brasil, da qual foi presidente vitalícia, e a Associação Brasileira de Estudantes em 1939.

Foi delegada do Brasil, durante três anos, na Comissão Interamericana de Mulheres e presidente da Associação Brasileira de Educação. Recebeu as Medalhas da Inconfidência, Cruz Vermelha de Cuba e da Casa do Estudante Americano do Chile. Participou do Congresso Internacional de Mulheres, em Istambul em 1935.

Na década de 1960, traduziu *Hamlet*, de William Shakespeare, e foi colaboradora da *Revista Cruzeiro* e do jornal *O Globo*.

Faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1971.

Ofereceu ao Leilão de Ouro Preto uma xícara e pires em porcelana de Sèvres, azul e ouro; autógrafo de Luís XIV, datado do ano de 1662; écran de lareira, em laca, com decoração policroma de pássaro, flores e motivos dourados; um prato em porcelana francesa, Ch. Pillivuit & Cia., com borda azul e friso dourado, com coroa de visconde, iniciais R. B. e listel com a legenda “28 de setembro de 1871”. Pertenceu à baixela de José Maria da Silva Paranhos, Visconde do Rio Branco.

Dr. Antônio de Avelar Fernandes*

O Dr. Antônio de Avelar Fernandes ofereceu ao Leilão de Ouro Preto: uma xícara de chá e pires, em porcelana branca, com bordas douradas e iniciais F. J.B., de Francisco José Pacheco, depois Visconde de S. Francisco; uma xícara de chocolate e pires, em porcelana francesa, com borda azul e iniciais M.G.S.

Antônio José Alves de Sousa*

Antônio José Alves de Sousa nasceu na cidade do Rio de Janeiro.

Foi presidente da Companhia Hidroelétrica do São Francisco (Chesf) de 1948 até 1962, e autor do livro *Paulo Afonso* (1955).

Faleceu em 1962.

Augusto Frederico Schmidt*

Augusto Frederico Schmidt nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1906.

De família de posses, seus estudos primários foram feitos em Lausanne, Suíça, e os secundários (incompletos) no Rio de Janeiro. Viveu em São Paulo entre 1923 e 1925, onde participou do movimento modernista, como poeta.

Teve uma editora na década de 1930, onde lançou os primeiros romancistas do Nordeste da segunda fase do Modernismo, publicando os livros *Casa grande e senzala*, de Gilberto Freyre, e *Caetés*, de Graciliano Ramos. Entre suas principais obras de sua autoria estão *Canto do brasileiro* (1928), *Canto do liberto* (1930), *Pássaro cego* (1930), *O galo branco* (1948), *Estrela solitária* (1940) e *Prelúdio à revolução*.

Amigo do presidente Juscelino Kubitschek (1956-1960) criou o slogan de sua campanha, “50 anos em 5”. Escreveu inúmeros discursos para o presidente e várias de suas idéias vieram a ser realizadas, como a criação da Operação Pan-Americana (OPA), uma iniciativa que inspiraria a Aliança para o Progresso, criada pelos Estados Unidos na administração Kennedy. Foi delegado do Brasil na ONU e Embaixador na Comunidade Econômica Européia.

Faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1965.

Sra. Austregésilo de Athayde (Maria José Queiroz)

Maria José Queiroz Athayde era filha do industrial Queiroz Júnior, proprietário da usina de mesmo nome. Irmã de Ana Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça e Laura Margarida de Queiroz Costa. Foi casada com o escritor e jornalista Belarmino Austregésilo de Athayde, ex-presidente da Academia Brasileira de Letras, com quem teve três filhos, entre eles, a jornalista, ensaísta e crítica de literatura infantil e infanto-juvenil Laura Sandroni.

Ofereceu ao Leilão de Ouro Preto um par de pequenas floreiras porcelana francesa, com decoração de flores e dourados.

Auto de Sá*

Baronesa de Saavedra*

D. Carmen Proença, Baronesa de Saavedra, filha de Dr. João Proença e de sua mulher D. Luísa Bancelos, nasceu em 1904.

Casou-se em 1919 com Tomás Oscar Pinto da Cunha Saavedra, 3º Barão de Saavedra, e teve dois filhos. Nascido em Lisboa, o barão foi diretor do Banco Boavista, do Rio de Janeiro, da Companhia dos Hotéis Palace e da Câmara de Comércio do Rio.

A baronesa fez parte do grupo carioca que estimulou o movimento modernista. Interessava-se por arte, especialmente por Cândido Portinari, que pintou o seu retrato em 1936.

Faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1959.

Beatriz Gastão da Cunha Penido

Beatriz Gastão da Cunha Penido foi casada com o médico bacteriologista João Carlos Nogueira Penido.

Ofereceu ao Leilão de Ouro Preto: um medalhão do Império, em moldura retangular, em ouro baixo e miniatura sobre marfim, retrato de militar, datado em cerca de 1830; retrato à paisana, de mesma época; um quadrinho de veludo, tendo ao centro pequeno galvano representando o Visconde do Rio Branco, à direita.

Bensusan (Família)

Família de origem judaica, proveniente do Marrocos, estabelecida em fins do século XIX no estado do Pará.

Ofereceu ao Leilão de Ouro Preto espelho, chave e fechadura de princípios do século XIX, procedente de São Gonçalo do Rio Abaixo, Minas Gerais.

Branca de Melo Franco Alves

Branca de Melo Franco, cujo nome de solteira era Branca Azevedo Moreira, era descendente de políticos do Vale do Paraíba radicados em Petrópolis. Era filha de Leopoldo Nóbrega Moreira, oficial de marinha, adido naval em Londres e Paris, e ajudante de ordens do presidente Epitácio Pessoa durante todo seu governo. Seu avô paterno, Joaquim Moreira, médico de profissão, foi prefeito de Petrópolis e senador pelo Rio de Janeiro, e seu avô materno foi o Comendador Azevedo Júnior.

Casou-se com Márcio Honorato de Melo Franco Alves, prefeito de Petrópolis e secretário de Finanças do Estado da Guanabara no governo de Negrão de Lima (1965-1971). Teve três filhos, entre eles o jornalista e político Márcio Moreira Alves.

Influente personalidade entre os católicos, Branca foi membro da Pontifícia Comissão do Apostolado Leigo do Vaticano e coordenadora do Movimento de Ação Católica dos Meios Independentes.

Faleceu em um acidente de carro na estrada para Valença em 1978.

Ofereceu ao Leilão de Ouro Preto uma floreira de bronze e cristal, de final do século XIX.

Candido Portinari

Candido Portinari nasceu em Brodósqui, São Paulo, em 1903.

Filho de imigrantes italianos, de origem humilde, recebeu apenas a instrução primária. Aos quinze anos de idade foi para o Rio de Janeiro e matriculou-se na Escola Nacional de Belas-Artes (ENBA).

Entre as décadas de 1930 e 1950, Portinari participou de exposições e mostras no Brasil e no exterior, incluindo as cidades de Pittsburgh, Nova York, Washington, Buenos Aires e Paris.

Foi o único artista brasileiro a participar da exposição *50 Anos de Arte Moderna*, no Palais des Beaux Arts, em Bruxelas, em 1958, e expôs, como convidado de honra, em sala especial, na 'I Bienal de Artes Plásticas' da Cidade do México.

Recebeu prêmios e menções honrosas, entre elas: a Menção Honrosa na exposição internacional do Instituto Carnegie de Pittsburgh, Estados Unidos, com a tela *Café*, em 1935; a Legião de Honra, concedida pelo governo francês em 1946, após realizar sua primeira exposição em solo europeu, na Galeria Charpentier, em Paris; a Medalha de Ouro concedida pelo júri do Prêmio Internacional da Paz, reunido em Varsóvia, em 1950, com o painel *Tiradentes*; o Prêmio Guggenheim do Brasil em 1953.

Executou os painéis do Monumento Rodoviário, na Via Presidente Dutra (1936), os afrescos do edifício do Ministério da Educação e Saúde, no Rio de Janeiro (1936-1944), os painéis para o Pavilhão do Brasil na Feira Mundial de Nova York (1939), quatro grandes murais na Fundação Hispânica da Biblioteca do Congresso, em Washington, com temas referentes à história latino-americana (1941), as obras de decoração do conjunto arquitetônico da Pampulha em Belo Horizonte, Minas Gerais, a convite do arquiteto Oscar Niemeyer (1944), e os painéis *Guerra e Paz*, que se encontram no hall de entrada dos delegados do edifício-sede da ONU, em Nova York (1952-1956).

A escalada do nazi-fascismo e os horrores da guerra reforçaram o caráter social e trágico de sua obra, levando-o à produção das séries *Retirantes* (1944) e *Meninos de Brodósqui* (1946), assim como à militância política, com sua filiação ao Partido Comunista Brasileiro e a candidatura a deputado, em 1945, e a senador, em 1947.

Em 1948, Portinari se auto-exilou no Uruguai, por motivos políticos, onde pintou o painel *A Primeira Missa no Brasil*, encomendado pelo Banco Boavista do Rio de Janeiro.

Candido Portinari faleceu vítima de intoxicação pelas tintas que utilizava, na cidade do Rio de Janeiro, em 1962.

Ofereceu ao Leilão de Ouro Preto um retrato.

Viúva Dr. Carlos Chagas

Íris Lobo, filha do senador mineiro Fernando Lobo Leite Pereira, casou-se em 1904, com o médico sanitariano, cientista e bacteriologista Carlos Chagas, com quem teve dois filhos, Evandro e Carlos Filho. Foi paciente de Pedro Nava, que escreve sobre ela no conto *A fabulosa cozinha de Dona Íris*, do livro *Cozinha do Arco da Velha*.

Faleceu em 1950.

Ofereceu ao Leilão de Ouro Preto um vaso de louça japonesa, com figuras e relevos variadamente coloridos.

Dr. C. Cunha Correa (Carlos da)

Carlos da Cunha Corrêa era historiador e autor do livro *Serra da Saudade*.

Ofereceu ao Leilão de Ouro Preto dois exemplares de *Serra da Saudade*, Belo Horizonte, 1948.

Carlos Cyrillo Júnior

Carlos Cyrillo Júnior nasceu em Curitiba, Paraná, em 1886.

Advogado, foi eleito Deputado Estadual por São Paulo em 1925 e em 1933, e Deputado Federal, também por São Paulo, em 1930. Participou na Assembléia Constituinte de São Paulo, em 1935, como líder da oposição, e posteriormente, como membro da Assembléia Constituinte Nacional em 1945. Foi, ainda, líder do PSD.

Faleceu em 1965.

Ofereceu ao Leilão de Ouro Preto uma cabeça de Cristo, pintura sobre madeira, de procedência baiana.

Carlos Frederico da Silva*

Carlos Frederico da Silva ofereceu ao Leilão de Ouro Preto um pequeno espelho veneziano, “para cima de mesa” e uma pinha de cerâmica de Santo Antônio do Porto.

Celso Coelho de Sousa*

Celso Coelho de Sousa fundou a Empresa Brasileira de Engenharia, em 1939, dedicada desde o início às grandes obras nas áreas de usinas hidrelétricas, como Itaipu, rodovias, ferrovias, entre outros.

Christiano Monteiro Machado*

Christiano Monteiro Machado nasceu em Sabará, Minas Gerais, em 1894.

Formou-se em Farmácia pela Escola de Minas de Ouro Preto, em 1910, e em Direito pela Faculdade de Direito no Rio de Janeiro, em 1918.

No cenário político, foi oficial de gabinete do governo do estado de Minas Gerais (1922-1924), deputado estadual pelo Partido Republicano Mineiro (1924-1925), prefeito de Belo Horizonte (1926-1929) e deputado federal pelo Partido Republicano Mineiro, em 1930. Participou da Revolução de 1930.

Foi Diretor do Banco de Crédito Real de Minas Gerais, em Juiz de Fora (1925-1926); membro do conselho consultivo do Clube 3 de Outubro (1932); membro do conselho de administração do Banco Itaú (1944); diretor da Companhia de Cimento Portland Itaú (1946). Em 1950 se lançou candidato às eleições presidenciais pelo Partido Social Democrático (PSD). Assumiu a Embaixada do Brasil no Vaticano, em 1953.

Faleceu em Roma, Itália, em 1953.

Dr. Clado Ribeiro de Lessa

Clado Ribeiro de Lessa nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1906.

Ensaísta, biógrafo, médico e membro do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (IHG-PB), Lessa foi considerado o maior estudioso da vida e obra de Francisco Adolfo Varnhagen. Autor das obras *Salvador Correia de Sá e Benevides: vida e feitos, principalmente no Brasil* (1940), *Vocabulário de caça* (1944), *Formação de Varnhagen 1816: 1841* (1945), *Conferência sobre as índias ocidentais, Viagem da África em o Reino de Dahomé* (1957) e do artigo *Vida e obra de Varnhagen* (1954) na Revista do IHGB. Traduziu, ainda, as obras *Viagem às nascentes do rio São Francisco pela província de Goyaz* (1937) e *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Geraes*, ambas de Auguste Saint-Hilaire.

Faleceu em 1960.

Ofereceu ao Leilão de Ouro Preto: *Relation generale de l'artillerie et de l'ammunition de Rio de Janeiro, 1769*, em manuscrito, do engenheiro militar sueco Jacques Funck, que exerceu valiosa atividade no Brasil. O presente documento procede da Casa do Lavradio, a cujo último representante o Dr. Augusto de Lima adquiriu em Lisboa, em 1940.

Clóvis Bornay

Clóvis Bornay nasceu em Nova Friburgo, estado do Rio de Janeiro, em 1916.

Museólogo e carnavalesco, começou sua carreira em 1937, quando convenceu o diretor do Teatro Municipal do Rio de Janeiro a instituir bailes de carnaval de gala com concurso de fantasias, inspirados no modelo dos bailes de Veneza. Tornou-se um dos mestres em fantasias de Carnaval. Vencedor de quase todos os concursos que disputava, foi declarado *hors concours* (concorrente de honra, não sujeito à premiação).

Trabalhou como museólogo no Museu Histórico Nacional.

Foi carnavalesco das Escolas de Samba Salgueiro, em 1966, Portela, em 1969 e 1970, e Mocidade Independente, em 1972 e 1973. Introduziu inovações como a figura do destaque, conduzida do alto de um carro alegórico, participando inúmeras vezes nesta função.

Participou como ator nos filmes *Terra em Transe* (1967) e *Independência ou Morte* (1972) e como jurado em programas de televisão de Chacrinha e Silvio Santos.

Suas fantasias foram expostas no Brasil e fazem parte do acervo de outros museus no exterior. Foi laureado com o título de cidadão honorário de Louisiana em 1964, e recebeu a Medalha de Tiradentes da Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ).

Faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 2005.

Ofereceu ao Leilão de Ouro Preto uma xícara de chá e pires, em porcelana francesa, borda verde pistache, com as iniciais R. I., douradas.

Demóstenes Madureira de Pinho

Demóstenes Madureira de Pinho nasceu em Salvador, Bahia, em 1911.

Memorialista, bacharel em Direito, advogado, jurista, professor universitário, empresário, orador, Cavaleiro da Legião da Honra da França, Comendador da Ordem do Mérito Militar do Brasil. Fez parte da Congregação da Faculdade Nacional de Direito.

Recebeu medalhas comemorativas do Centenário de Rui Barbosa, do Atlântico Sul, do Pacificador, de Maria Quitéria, entre outras condecorações.

Autor dos livros *Conferências* (1958), junto com Edith Abreu e outros, e *Carrossel da Vida (Páginas de Memórias)* (in memoriam 1974).

Faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1973.

Ofereceu ao Leilão de Ouro Preto uma mesa de encostar, da época de Dom José I.

Djalma Pinto Ribeiro Lessa

Djalma Pinto Ribeiro Lessa nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1899.

Diplomata. Admitido na carreira, em 1920, como secretário de legação, por concurso, dirigiu interinamente as missões de Caracas (1921), Praga (1927) e Stockholmo (1932).

Ofereceu ao Leilão de Ouro Preto um exemplar encadernado do *Guia de Ouro Preto*, de Manoel Bandeira.

Edmundo da Luz Pinto

Edmundo da Luz Pinto nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1898.

Primo segundo do governador de Santa Catarina, Hercílio Luz, Edmundo foi um colaborador representativo da política hercilianiana. Denominava-se catarinense, ainda que o fosse apenas por afinidade.

Diplomado em Direito, foi eleito deputado estadual (1918-1926), e depois deputado federal (1926-1930). Tornou-se diplomata, representando o Brasil nas festas dos oito séculos de Portugal. Foi professor universitário e membro da Academia Catarinense de Letras e da Sociedade Felipe d'Oliveira.

Entre suas obras encontram-se *O Papa como pessoa de direito internacional*, *Discursos de minha terra* (1919), e *Os principais estadistas do segundo império*.

Faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1963.

Ofereceu ao Leilão de Ouro Preto: um prato em porcelana francesa, com o brasão do Barão do Rio Branco, a cuja baixela pertenceu; dois copos de opalina branca, com friso e guirlanda dourados, com a palavra Souvenir; um par de galhetas e respectivo suporte, em cerâmica azul, francesa; um prato em porcelana francesa, decorado e com as armas imperiais, nº 6 de uma série de 60, oferecida pelo antiquário Roberto Heymann, de Paris.

Evilásio Lopes*

Evilásio Lopes ofereceu ao Leilão de Ouro Preto uma pintura a óleo sobre tela, *Cabeça de Frade*, trabalho do ofertante.

F. Guerra Duval*

F. Guerra Duval ofereceu ao Leilão de Ouro Preto um bule de chá e leiteira, em porcelana francesa, decorados com guirlandas, de meados do século XIX.

Sra. Fábio Carneiro de Mendonça*

Fábio Carneiro de Mendonça.

Fábio Carneiro de Mendonça nasceu em Cataguases, Minas Gerais, em 1896.

Médico diplomado pela Faculdade de Medicina da antiga Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, em 1919. Ocupou diversos cargos na Faculdade Nacional de Medicina, na Faculdade de Farmácia e no Departamento de Saúde Pública, entre 1924 e 1938. Atuou como redator da *Revista Brasileira de Medicina* e como delegado da Conferência Sanitária Panamericana em Washington, em 1944.

A família Carneiro de Mendonça foi uma família influente no Fluminense Futebol Clube desde a sua fundação, sendo Fábio presidente do clube de 1949 a 1953. Seu irmão era o historiador Marcos Cláudio Philipe Carneiro de Mendonça.

Ofereceu ao Leilão de Ouro Preto uma xícara de chocolate e pires, em porcelana chinesa, de fins do século XVIII; um coador de chá, em prata, com cabo de marfim; natureza morta, pastel representando uma cesta, toalha, nabos, couve, abóbora e garrafa de vinagre, com assinatura de Estevão Silva.

Sra. Fernando Caldas*

A Sra. Fernando Caldas ofereceu ao Leilão de Ouro Preto um prato de sobremesa, em porcelana chinesa, de fins do século XVIII.

Framback*

Francisco Assis Figueiredo*

Francisco Assis Figueiredo foi prefeito de Poços de Caldas, Minas Gerais, na década de 1930.

Francisco Marques dos Santos.

Francisco Marques dos Santos nasceu em São Gonçalo, Rio de Janeiro, em 1899.

Além de historiador e museólogo, foi também um reconhecido colecionador e negociante de antiguidades. Sua loja, na Rua Chile, no centro do Rio de Janeiro, servia como ponto de encontro da intelectualidade carioca até ser demolida, junto com o prédio que a abrigava, na década de 1950.

Ocupou a direção do Museu Imperial de Petrópolis por treze anos, de 1954 a 1967, período em que estimulou a publicação de estudos por parte daquela instituição – como o livro sobre *Iconografia Petropolitana*, de Gilberto Ferrez – e contribuiu para o melhor conhecimento de seu acervo. Foi também membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e da Academia Nacional de Belas Artes, de Lisboa. Presidiu o Instituto Brasileiro de História da Arte, criado em 1940 por Mário Barata, Maria Barreto e Carlos Cavalcanti.

A partir de 1938, quando foi nomeado membro do Conselho Consultivo do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – atual IPHAN – pelo presidente Getúlio Vargas, nutriu uma relação muito próxima com o patrimônio cultural brasileiro. Ocupou o cargo até sua morte. Por indicação de Rodrigo Melo Franco de Andrade, foi professor de pós-graduação da Universidade de São Paulo.

Publicou, entre outros estudos de numismática e de arte brasileira, *A Guerra do Paraguai na medalhística brasileira* (1937), *Louça e porcelana, D. Pedro II e a preparação da maioridade* (1941), *Artistas do Rio Colonial* (1948) e *Anais do Museu Imperial* (1946). Além disso, assinou vários artigos na *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* e na revista *Estudos Brasileiros*.

Ofereceu ao Leilão de Ouro Preto: um folheto, *La statue de L'Empereur Don Pedro I*, por Luís Augusto Burgain, Rio, 1862; *Histórico e análise esthetigraphica do quadro de um episódio da Batalha de Campo Grande*, por Arseos, Rio, 1861; *A Arte Brasileira, pintura e escultura*, por L. Gonzaga Duque, Rio, 1888; *A Missão Artística de 1816*, por Afonso d'E. Taunay, Rio, 1912; *Artistas Bahianos*, indicações biográficas, Rio, 1909.

Frank (Francis Walter) Hime*

Francis Walter Hime Junior era filho de Francis Walter Hime (1885-1948), fundador das Indústrias Hime, e Verônica Hime.

A Companhia Brasileira de Usinas Metalúrgicas (CBUM), fundada por seu pai Francis Walter Hime e Júlio de Moura Monteiro, instala-se no município de São Gonçalo em 1925. Esta usina foi incorporada ao grupo Hime, que além da fundição e da cerâmica, desenvolvia a produção de fósforo da marca “Sol”. Posteriormente, o grupo foi adquirido pelo Grupo Gerdau.

Sra. Galeno Martins (Viúva)*

A Sra. Galeno Martins ofereceu ao Leilão de Ouro Preto um prato fundo, louça inglesa, branca com friso dourado e ao fundo, em roxo, o brasão imperial. Proveniente da baixela de uso diário no Paço da Boa vista, no Segundo Reinado.

Gastão Cruls

Gastão Cruls nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1888.

Formado em Medicina, em 1910, com especialização em medicina sanitária, dedicou-se apenas à literatura, a partir de 1926. Dirigiu a revista literária *Boletim de Ariel*, de 1931 a 1938.

Entre suas obras encontram-se *Ao Embalo da Rede* (1923), *A Amazônia Misteriosa* (1925), que foi transformada no filme *Um Lobisomem na Amazônia* (2005), com direção de Ivan Cardoso, *Amazônia que Eu Vi* (1930), *Vertigem* (1934), *História Puxa História* (1938), e *Aparência do Rio de Janeiro – notícia histórica e descritiva da Cidade* (1949). Esta última obra recebeu o prêmio Vieira Fazenda, outorgado pela Prefeitura do Distrito Federal, em 1947, sob o título *História da Cidade do Rio de Janeiro*.

Faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1959.

Ofereceu ao Leilão de Ouro Preto uma aquarela original de Armando Pacheco, pássaro da Hiléia Amazônica.

Gilberto Ferrez

Gilberto Ferrez nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1908.

Historiador, filho de Julio Marc Ferrez, um dos precursores do cinema nacional, neto do fotógrafo Marc Ferrez e bisneto do pioneiro da numismática brasileira, Zéphyrin Ferrez, casou-se em 1932 com Mary Jessop da Fonseca Cotching Dodd, com quem teve sete filhas.

Inaugurou, em 1946, os estudos sobre a história da fotografia brasileira, com seu ensaio *A Fotografia no Brasil, 1840-1900*.

De 1961 a 1963 participou da Comissão organizadora do bicentenário da transferência da sede do governo do Estado do Brasil de Salvador para o Rio de Janeiro, publicando o álbum *As cidades de Salvador e Rio de Janeiro no século XVIII*, em 1963. Participou, também, da comissão do IV Centenário da Cidade do Rio de Janeiro.

Além de sócio de vários institutos de pesquisa foi conselheiro do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, onde desempenhou papel fundamental no tombamento e na restauração de bens culturais, citando-se dois exemplos de sua intervenção pessoal: o Paço Imperial e o Pão de Açúcar, ícone da paisagem carioca.

Sua coleção de fotografia brasileira do século XIX, composta por cerca de 15.000 itens, tendo como núcleo central a obra completa do fotógrafo Marc Ferrez com 5.500 imagens, foi adquirida pelo Instituto Moreira Salles (IMS) em 1998. A coleção Gilberto Ferrez reúne, ainda, conjuntos de fotografias originais dos principais autores do período como Augusto Stahl, Revert Henry Klumb, Georges Leuzinger e Benjamin Mulock.

Entre sua extensa obra encontram-se: *Um passeio a Petrópolis em companhia do fotógrafo Marc Ferrez* (1951); *A fotografia no Brasil* (1954) na Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n. 10; *O velho Rio de Janeiro através das gravuras de Thomas Ender* (1955); *O Álbum de Pedro Godofredo Bertichem* (1965); *A Muito Leal e Heróica Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro* (1965); *O Álbum da Avenida Central de Marc Ferrez* (1982); *O sketchbook de Carlos Guilherme Theremin* (1982); *O Rio Antigo do fotógrafo Marc Ferrez – paisagens e tipos humanos do Rio de Janeiro – 1865-1918* (1984); *Raras e preciosas vistas e panoramas do Recife* (1984); *O Recife de Emil Bauch* (1984); *O Paço da cidade do Rio de Janeiro* (1984); *A fotografia no Brasil 1840-1900* (1985).

Faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 2000.

Ofereceu ao Leilão de Ouro Preto: um volume em brochura de *Brésil, terre d'amour et de beauté*, com três mapas e 70 ilustrações, de Henry Valloton, Lausanne, 1945; o volume oitavo dos *Anais do Terceiro Congresso de História Nacional*, contendo as monografias *O ensino artístico, subsídio para sua história*, de Morales dos Rios e *Artistas do Rio Colonial*, de Marques dos Santos (Imprensa Nacional, 1942); o volume ilustrado *Gaspar Barléu*, com tradução e anotações de Cláudio Brandão (Edição do Ministério da Educação); e *Cartas de Vilhena, notícias soteropolitanas e brasílicas*, anotadas pelo professor Braz do Amaral, Bahia, 1922.

Graciema Melo Franco de Andrade

Graciema Melo Franco de Andrade foi casada com Rodrigo Melo Franco de Andrade.

Ofereceu ao Leilão de Ouro Preto uma xícara e pires em porcelana inglesa, do século XIX. “Exemplar raro, por se tratar de uma *xícara de bigode*, isto é, com anteparo protetor dos bigodes ilustrados a cósmico, de uso na época”.

Hanny Stauch*

Hanny Stauch ofereceu ao Leilão de Ouro Preto um porta-retratos, de tamanho postal.

Heitor Prager Froes

Heitor Prager Froes nasceu em Salvador, em 1900.

Formou-se em 1922 pela Faculdade de Medicina da Bahia e fez curso de aperfeiçoamento no Tropeninstitut (Instituto dos Trópicos) de Hamburgo, Alemanha.

Professor catedrático de clínica de doenças tropicais e infecciosas na Faculdade de Medicina da Bahia, foi docente da cadeira de mesmo nome na Faculdade Nacional de Medicina, no Rio de Janeiro, professor contratado de Medicina Legal na Faculdade de Direito da Bahia e professor catedrático de Língua e Literatura francesa na Faculdade de Filosofia da Bahia.

Foi membro efetivo da Sociedade Médica dos Hospitais da Bahia, da Sociedade de Medicina da Bahia, da Academia de Letras da Bahia, da Ala das Artes e Letras e do Centro de Estudos Baianos.

Publicou numerosos trabalhos destacando-se *Notas de filosofia geral* (1921), *Lições de clínica tropical*, *Abelhas e vespas* (1951), *As portas da Academia* (1965).

Ofereceu ao Leilão de Ouro Preto uma lanterna de latão, de tríplice uso, para mesa, para conduzir na mão e para alçar em parede.

Heloísa Graça Couto

Heloísa Graça Couto foi casada com o engenheiro Haroldo Lisboa da Graça Couto (nascido no Rio de Janeiro em 1903 e falecido em 1989), presidente do SINDUSCON-RIO (Sindicato da Indústria da Construção Civil no Estado do Rio de Janeiro) de 1956 a 1958.

Ofereceu ao Leilão de Ouro Preto uma imagem de Santa Rita e uma de São João Batista, ambas em madeira pintada.

Henrique Clemente Rodrigues*

Henrique de Morais*

Henrique de Morais ofereceu ao Leilão de Ouro Preto uma travessa de porcelana chinesa, Companhia das Índias, do século XVIII.

Hilda E. Campofiorito

Hilda Campiorito nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 1901.

Pintora, desenhista, tapeceira, ceramista, gravadora e designer de jóias. Ingressou, em 1924, como aluna livre, na Escola Nacional de Belas Artes (ENBA), no Rio de Janeiro. Em 1926 participou pela primeira vez das exposições oficiais, no Salão Nacional de Belas Artes, recebendo Menção Honrosa.

Casou-se em 1929 com o pintor e crítico de arte Quirino Campofiorito, com quem teve um filho, o arquiteto Ítalo Campofiorito. Na década de 1930 morou por cinco anos na Europa na companhia de seu marido, freqüentando salões de arte em Roma e Paris.

Entre os anos 1930 e 1980, participou de exposições coletivas e individuais no Rio de Janeiro, São Paulo, Buenos Aires, Santiago do Chile, Califórnia, entre outras localidades. Em 1951 expôs na I Bienal de São Paulo.

Em 1945, recebeu o prêmio “Viagem ao Brasil”, que a levou às cidades de Diamantina, Ouro Preto, Sabará, Belo Horizonte, Itu, Parati, entre outras. Inspirada nessas visitas realizou exposição no Ministério da Educação patrocinada pelo SPHAN, em 1947.

Recebeu numerosos prêmios e menções honrosas, entre eles as Medalhas de Ouro na Seção de Artes Aplicadas da Divisão Moderna do LI Salão Nacional de Belas Artes (1945) e na Seção de Artes Decorativas do Salão Nacional de Arte Moderna (1949).

Em 1991 recebeu da Câmara Municipal de Niterói o título de cidadã niteroiense.

Faleceu em Niterói, estado do Rio de Janeiro, em 1997.

Ofereceu ao Leilão de Ouro Preto uma paisagem em óleo de Diamantina, Rua Direita.

Irnick Carvalho do Amaral*

Irnick Carvalho do Amaral nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1905. Formado em engenharia pela Escola de Minas de Ouro Preto, em 1931, trabalhou no Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, entre 1932 e 1934, e foi engenheiro-chefe da Equipe de Prospecção Geofísica da Divisão de Fomento da Produção Mineral nos anos de 1935 a 1938. Exerceu por duas vezes o cargo de diretor da Petrobrás, de 1954 a 1957 e de 1961 a 1963. Entre 1958 e 1960, foi consultor para petróleo e mineração do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico. Em 1963 foi nomeado diretor-geral do Departamento Nacional da Produção Mineral, permanecendo no cargo até 1966.

Faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1983.

Jenny Dreyfus

A museóloga Jenny Dreyfus iniciou sua vida profissional nos anos 1940/50. Foi funcionária do Museu Histórico Nacional (MHN) e, também, professora do Curso de Museus oferecido nesta instituição. Autora das obras *Artes Menores* (1959), *Noções de sigilografia* (1969) e *Louça da Aristocracia no Brasil* (1982).

Ofereceu ao Leilão de Ouro Preto um grande leque em cetim azul claro, com duas figuras a guache e armação em madeira dourada.

João de Melo Franco*

João de Melo Franco era tio de Rodrigo Melo Franco de Andrade. Possuía um escritório de advocacia junto com seu irmão Afrânio de Melo Franco.

Joaquim Matos*

Sra. Jorge Vasconcellos*

A Sra. Jorge Vasconcellos ofereceu ao Leilão de Ouro Preto duas canecas de porcelana inglesa de Worcester, com decoração de flores, frisos azuis e brasão francês.

José Calixto

José Calixto foi um artista especializado no trabalho com pedra sabão. Exerceu a profissão em Itabirito, Minas Gerais.

Ofereceu ao Leilão de Ouro Preto um castiçal em pedra sabão, executado por ele mesmo.

José Lins C. do Rego*

José Lins Cavalcanti do Rego nasceu em Pilar, Paraíba, em 1901.

O escritor, que passou sua infância no interior, fez o curso secundário em João Pessoa e a Faculdade de Direito no Recife, onde se formou em 1923. Durante o curso de Direito, colaborou periodicamente com o *Jornal do Recife*, fundou o semanário *Dom Casmurro*, em 1922, e ampliou seus contatos com o meio literário pernambucano.

Casou-se, em 1924, com D. Filomena (Naná) Masa Lins do Rego.

Promotor público em Manhuaçu, Minas Gerais, de 1925 a 1926, transferiu-se, para Maceió, Alagoas, onde passou a exercer as funções de fiscal de bancos até 1930, e fiscal de consumo, de 1931 até 1935, quando se mudou para o Rio de Janeiro. Tornou-se colaborador do *Jornal de Alagoas* fazendo parte do grupo de Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, Aurélio Buarque de Holanda, Jorge de Lima, Valdemar Cavalcanti, Aloísio Branco, Carlos Paurílio e outros.

Seus livros foram adaptados para o cinema e traduzidos em diversos países. Em meados dos anos 1950, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras.

Entre suas obras encontram-se os romances *Menino de engenho* (1932), que recebeu o Prêmio da Fundação Graça Aranha, *Doidinho* (1933), *Riacho Doce* (1939) e *Cangaceiros* (1953), um volume de memórias, livros de viagem, de conferências e de crônicas.

O escritor faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1957.

Dr. José Moreira*

José Pires dos Santos*

José Pires dos Santos ofereceu ao Leilão de Ouro Preto: *História Sagrada*, de Manoel Trens, versão

espanhola de Cipriano Montserrat, Barcelona, 1933; *Padre José de Anchieta*, 5 J., de Beata Virgine. Edição especial do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, 1490. Encadernado; Hippolita Pujol, *Anthologie des Poetes Brésiliens*, prefácio de Oliveira Lima, São Paulo, 1912. Encadernado.

José Rodrigues Fontes*

José Wanderley de Araújo Pinho

José Wanderley de Araújo Pinho nasceu em Santo Amaro, Bahia, em 1890.

Neto do Barão de Cotegipe, diplomou-se em Direito em 1910, atuando como historiador, conferencista, pesquisador, professor catedrático de História do Brasil, funcionário público, advogado e político. Foi membro da Academia de Letras da Bahia, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), do qual foi vice-presidente, e do Instituto Histórico Geográfico da Bahia (IHG-BA). Exerceu por duas vezes o cargo de prefeito de Salvador.

Entre suas obras encontram-se: *Cartas do Imperador D. Pedro I* (1933), *Cartas do Imperador D. Pedro II ao Barão de Cotegipe* (1935) e *Salões e damas do Segundo Reinado* (1942).

O historiador faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1967.

Ofereceu ao Leilão de Ouro Preto um prato em porcelana francesa, de Schoelcher, fábrica do Conde de Artois, branco, com frisos verdes e dourados, tendo ao centro, douradas, as iniciais B.I. e uma coroa de barão, que pertenceu ao diplomata Manoel Rodrigues Gameiro Pessoa, barão de Itabaiana, primeiro ministro plenipotenciário na França, em 1824.

Karola Szilard Gabor*

Karola Szilard Gabor ofereceu ao Leilão de Ouro Preto uma tela representando vista parcial de Ouro Preto.

Laura Margarida de Queiroz Costa

Laura Margarida de Queiroz Costa era poeta. Filha do industrial Queiroz Júnior, proprietário da usina de mesmo nome. Irmã de Ana Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça e Maria José Queiroz Austregésilo de Athayde. Foi casada com o comandante Joaquim Costa.

Autora do livro *Canta, meu coração* (1929).

Ofereceu ao Leilão de Ouro Preto uma jarra de flores em vidro ar de pistache.

Leone Ossoviggi

Leone Ossoviggi era antiquário. Em 1948 doou documentos referentes a Antônio Soares Pinto, oficial da Imperial Guarda de Honra, ao Museu Imperial, em Petrópolis, constituindo a Coleção Soares Pinto.

Ofereceu ao Leilão de Ouro Preto: uma xícara de cristal lavrado, com asa dourada, coroa de conde e inicial W.; um copo em cristal gravado, de pé, com coroa de conde e inicial W.; um cálice para vinho do Porto, cristal fosco, gravuras, coroa de marquês e inicial T.; uma azeitoneira de porcelana francesa, com as iniciais M.C.S.

Sra. Leonídio Ribeiro*

A Sra. Leonídio Ribeiro ofereceu ao Leilão de Ouro Preto uma litografia colorida de Debret, *Os serradores*.

Luís La Saigné

O francês Luis La Saigné foi enviado em 1916 pela firma francesa Mestre & Blatgé para gerenciar a filial instalada no Rio de Janeiro em 1912. Esta firma com sede em Paris e filial em Buenos Aires, era especializada no comércio de máquinas e equipamentos.

Em 1924, La Saigné transformou o estabelecimento carioca em uma firma autônoma, com o nome de Sociedade Anônima Brasileira Estabelecimentos Mestre et Blatgé, que em 1939 passou a denominar-se Mesbla S.A. A nova denominação era uma combinação das primeiras sílabas do nome original. A empresa, que tinha lojas instaladas nas principais capitais do país e em algumas cidades do interior, teve a sua falência decretada em 1999.

Ofereceu ao Leilão de Ouro Preto um crucifixo em cedro pintado e dourado, com linha barroca e imagem de Cristo em trabalho de pedra sabão, de fins do século XVIII.

Luiz de Almeida Josephson*

Luiz Almeida Josephson ofereceu ao Leilão de Ouro Preto uma terrina de porcelana francesa, de Ch. Philliwryt & Cia., decorada com frisos azuis e ouro e iniciais A.I.F.

Luizinha Lopes de Oliveira Alves*

A Sra. Luizinha Lopes de Oliveira Alves ofereceu ao Leilão de Ouro Preto um leque de manufatura chinesa, em tartaruga ricamente gravada, de 1830, com seu estojo de sândalo. Pertenceu a Dona Irene de Souza, filha do Visconde de Mauá.

Madeleine Ribeiro Colaço

Madeleine Ribeiro Colaço nasceu em Tânger, no Marrocos, em 1907.

Recebeu aulas de tapeçaria na Escola do Palácio da Kasbah. Posteriormente viajou à França, estudando no Musée de Bayeux, que guarda a tapeçaria da rainha Matilda do século XI, à Inglaterra e a Portugal para aprimorar seus conhecimentos das técnicas de tapeçaria.

Casou-se com Tomás Ribeiro Colaço, escritor português, no ano de 1928, com quem teve dois filhos.

Fugindo da ditadura que se instalou em Portugal em 1940, se mudou para o Brasil que, segundo a própria artista, influenciou muito seu trabalho e possibilitou-lhe a invenção de uma nova técnica, batizada por Marie Cutolie de “ponto brasileiro”. Madeleine afirmou deixar para o Brasil uma técnica nacional de tapeçaria original, que faz a agulha “sambar”. Seu ponto está arquivado no Centre International de la Tapisserie Ancienne et Moderne (CITAM), de Lausanne na Suíça.

Madeleine comandou o *Atelier do Vale do Espreado*, que fica na estrada de Cabo Frio entre Maricá e Saquarema no litoral do Rio de Janeiro, juntamente com a escola Tomás Ribeiro Colaço, que integrava o conteúdo formal de educação com atividades artísticas dentre as quais, logicamente, a tapeçaria com a utilização do “ponto brasileiro”.

Suas obras foram expostas, dentre outros, no Festival de Artes Brasileiras da Filadélfia em 1964, na Galeria Debret de Paris, em 1967, e na Feira Internacional do Canadá, em 1969, além de figurarem entre coleções particulares pelo mundo.

A tapeceira faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 2001.

Ofereceu ao Leilão de Ouro Preto um punhal árabe, com cabo de chifre, bainha de prata, peça bem lavrada e decorativa.

Manoel Bandeira*

Manoel Bandeira nasceu no Recife, em 1886.

Estudou no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, para onde viajou com a família, em função da profissão do pai, engenheiro civil do Ministério da Viação. Terminou o curso de Humanidades, no Rio, em 1904, e foi para São Paulo, onde iniciou o curso de arquitetura na Escola Politécnica de São Paulo, interrompido por causa da tuberculose. Com a ajuda do pai, que reuniu todas as economias da família, foi para Suíça, onde esteve no Sanatório de Clavadel.

Colaborador das seções literárias de jornais e revistas cariocas e paulistas obteve grande repercussão na Semana de Arte Moderna de 1922, em São Paulo, com o poema *Os sapos*, publicado em *Carnaval* (1919).

Em 1938, tornou-se professor catedrático de literatura universal do Colégio Pedro II e membro consultivo da diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Ingressou em 1940 na Academia Brasileira de Letras. Deixou o Pedro II e o Patrimônio Histórico, em 1943, para ocupar a cátedra de literatura hispano-americana da Faculdade de Filosofia do Rio de Janeiro, onde permaneceria até 1956.

Recebeu o prêmio Felipe de Oliveira pelo conjunto de sua obra literária (1937) e o Prêmio Nacional de Literatura, do Instituto Brasileiro de Educação e Cultura (1946).

Entre suas obras encontram-se *A Cinza das Horas* (1917), *Carnaval* (1919), *O Ritmo Dissoluto* (1924), *Libertinagem* (1930), *Estrela da Manhã* (1936), *Crônicas da Província do Brasil* (1936), *Guia de Ouro Preto* (1938), *Mafuá do Malungo* (1948), *Itinerário de Pasárgada* (1954) e *Andorinha, andorinha* (1966).

Faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1968.

Manoel Issler Vieira*

Márcia de Moura Castro

Márcia de Moura Castro, nascida em Minas Gerais, era colecionadora. Autora da obra *Ex-votos mineiros: as tábuas votivas no ciclo do ouro* (1994).

Ofereceu ao Leilão de Ouro Preto uma caixa de pedra sabão, executada por José Calixto, em Itabirito.

Margarida C. Alves de Proença*

A Sra. Margarida C. Alves de Proença ofereceu ao Leilão de Ouro Preto uma pintura a óleo sobre madeira, representando *Cabeça de velha*.

Maria Augusta Machado da Silva

Maria Augusta Machado da Silva era museóloga, graduada pelo curso de museus do Museu Histórico Nacional, e arquivologista. Especialista na vida e obra de Heitor Villa-Lobos atuou como pesquisadora do Museu Villa-Lobos.

Membro do Instituto Histórico Geográfico do Rio de Janeiro (IHGB) e integrante do corpo docente da Escola Teológica da Congregação Beneditina do Brasil é detentora de diversas condecorações e títulos honoríficos de natureza cultural.

Autora de numerosos trabalhos na área do folclore, museologia e história, entre suas publicações encontram-se *Ex-votos e orantes no Brasil: leitura museológica* (1981) e *Estação Rio* (1992).

Ofereceu ao Leilão de Ouro Preto um desenho a lápis, estudo de nu, de Eliseu Visconti.

Maria Beatriz Ribeiro de Magalhães de Chacel

Maria Beatriz de Magalhães de Chacel nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1902.

Filha do Dr. Fernandes Augusto Ribeiro de Magalhães, foi casada com o industrial e militar espanhol Julian Chacel y Nora. Autora da obra *El español del Colégio* (1948).

Ofereceu ao Leilão de Ouro Preto: duas garrafas de cristal lapidado, Baccarat, para vinho; uma placa de cobre, com pintura a óleo, *São Francisco de Assis na gruta de Monlatverve*, em miniatura, do século XVIII.

Maria do Carmo Melo Franco Nabuco de Araújo

Maria do Carmo Melo Franco nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1907.

Filha de Sílvia Cesário Alvim e Afrânio de Melo Franco, irmã de Afonso Arinos. Casou-se com José Nabuco, um dos filhos de Joaquim Nabuco.

Viveu nos bastidores da política nacional, promovendo encontros entre as personalidades da política, dos negócios e da intelectualidade nos salões de sua casa. No campo da cultura destacou-se, ao lado de seu primo Rodrigo Melo Franco, na defesa das tradições e arte mineiras, tendo participado da fundação do Serviço do Patrimônio Histórico. Maria do Carmo assumiu a tarefa de cuidar da cidade de Tiradentes, usando sua influência junto às pessoas de poder para a restauração da cidade.

Ofereceu ao Leilão de Ouro Preto uma litografia colorida de João Maurício Rugendas, representando paisagem da Fazenda da Mandioca, do Barão de Langdorff, na Estrela, à subida da Serra, caminho de Petrópolis.

Maria Luísa San Juan de Ouro Preto

Maria Luisa de Ouro Preto nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1922.

Neta de Afonso Celso de Assis Figueiredo, Visconde de Ouro Preto, a jornalista e escritora assinava-se Maluh de Ouro Preto. Foi agraciada com o Prêmio Carlos Laet da Academia Brasileira de Letras, em 1948.

O acervo de arte brasileira que pertenceu a Maluh foi doado, em 1978, ao Museu de Arte URCAMP/ ASPES, da Universidade da Região da Campanha, Campus Sant'ana do Livramento, no Rio Grande do Sul. A coleção inclui quadros de Portinari, Tarsila do Amaral e Pancetti.

Autora das obras *Crônicas de Paris* (1949), *Siri na noite sem lua* (1959), *Vozes da cidade* (1965) em colaboração com Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira e Rachel de Queiroz, e *Ardentia* (1975).

Ofereceu ao Leilão de Ouro Preto uma azeitoneira de porcelana francesa em forma de folha de parreira, branca, com borda rosa. Em ouro, ao centro, A. C. da Baixela do Visconde de Ouro Preto.

Mariana de Andrade Lanari

Mariana de Andrade Lanari nasceu em Itaverava, Minas Gerais, em 1889.

Seu nome de solteira era Andrade Bretas, descendente do Capitão Domingos José Ferreira, patriarca da família Bretas. Casada com o engenheiro e industrial Amaro Lanari, fundador e diretor da Companhia Siderúrgica Mineira, transformada em Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira, e fundador da Siderúrgica Lanari S.A. Indústria e Comércio no Rio de Janeiro, em 1945.

Ofereceu ao Leilão de Ouro Preto um prato de mesa, um prato de sobremesa e uma xícara de chá, com borda verde e frisos dourados, ostentando as armas da Casa Imperial e as iniciais P.II em letras grandes, várias vezes repetidas. Essas peças provêm de um aparelho oferecido por D. Luís I a D. Pedro II.

Mário Antônio Barata

Mário Antônio Barata nasceu em Leysin, Suíça, em 1921.

Crítico, historiador da arte, professor, jornalista e escritor. Formou-se em 1940 no Curso de Museus do Museu Histórico Nacional (MHN), e no decorrer do curso, durante o ano de 1939, ministrou aulas de Artes Menores. Em 1941 formou-se Bacharel em Ciências Sociais pela Faculdade Nacional de Filosofia (FNFi) da antiga Universidade do Brasil, e deu aulas como professor registrado de História da Filosofia e Economia Política no Ministério de Educação e Saúde. Estudou em Paris, agraciado com uma bolsa de estudo do governo francês, freqüentando a École du Louvre e o Institut d'Ethnologie do Musée de l'Homme.

Envolveu-se ativamente no campo da preservação do Patrimônio, tendo participado das primeiras reuniões da UNESCO e do Conselho Internacional de Museus (ICOM), de cuja fundação participou, em 1946.

Trabalhou no Museu Nacional de Belas Artes, de 1942 a 1947, e na Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, de 1947 a 1954.

Em 1955, tornou-se professor catedrático da Escola Nacional de Belas Artes (ENBA), na disciplina de História da Arte-Estética, sendo afastado da cátedra pelo AI-5, durante o governo militar, em 1969. Foi também professor do Curso de Museologia da Universidade do Rio de Janeiro (UNIRIO).

Ocupou diversos cargos de vulto em associações culturais brasileiras e internacionais, tais como o Conselho do Museu de Arte de São Paulo (MASP) e a Seção Brasileira do International Council of Monuments (ICOMOS). Foi, também, sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e seu vice-presidente, membro do Conselho Deliberativo da Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e do Conselho Consultivo do Patrimônio.

Autor de numerosos ensaios, monografias, artigos e textos de apresentação, entre eles: *A arquitetura brasileira dos séculos XIX e XX* (1954), *Azulejos no Brasil: séculos XVII, XVIII e XIX* (1955) e

Ensaio de numismática e ourivesaria. Foi até 1962 o redator responsável pela coluna *Artes Plásticas do Diário de Notícias do Rio*.

Recebeu diversas homenagens e honrarias, como o Título de Professor Emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 1992, e a Medalha Pedro Ernesto concedida pela Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro, em 1996.

Casou-se, em 1948, com a artista italiana Tiziana Bonazzola.

Faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 2007.

Ofereceu ao Leilão de Ouro Preto uma gravura japonesa, colorida, de final do século XIX.

Mário Monteiro Machado*

Mário Monteiro Machado foi um engenheiro formado pela Escola de Minas de Ouro Preto. Participou da comissão encarregada de escolher o local de instalação da Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV), em Viçosa, Minas Gerais, e apresentar ao Governo os planos de construção do edifício e os programas de ensino, na década de 1920.

Monteiro Machado foi responsável pela construção do edifício principal, junto com os engenheiros Honório Hermeto Corrêa da Costa e João Carlos Bello Lisboa, entre 1922 e 1926, quando o prédio foi inaugurado.

Foi, ainda, Secretário Geral de Viação, Trabalho e Obras Públicas, do então Distrito Federal, na década de 1930.

Miguel Sales*

Miguel Sales ofereceu ao Leilão de Ouro Preto: uma placa de madeira com armas imperiais; duas caixas de madeira rendada, de procedência germânica; um estojo contendo uma relíquia; um estojo de metal para jóias, com aplicações de madrepérola; uma tabaqueira de latão pintada a esmalte; dois quadros, aquarelas com pássaros feitos de penas naturais. Peças de meados do século XIX.

Murilo Mendes*

Murilo Mendes nasceu em Juiz de Fora, Minas Gerais, em 1901.

Poeta, expoente do modernismo brasileiro, dentista, telegrafista, auxiliar de guarda-livros, notário e Inspetor do Ensino Secundário do Distrito Federal. Foi escrivão da quarta Vara de Família do Distrito Federal, em 1946. De 1953 a 1955 percorreu a Europa, divulgando, em conferências, a cultura brasileira. Em 1957 se estabeleceu em Roma, onde lecionou Literatura Brasileira.

Iniciou-se na literatura escrevendo nas revistas modernistas *Terra Roxa*, *Outras Terras* e *Antropofagia*. Recebeu o Prêmio Graça Aranha, pelo livro *Poemas* e o Prêmio Internacional de Poesia Etna-Taormina, 1972.

Entre suas obras encontram-se *Poemas* (1930), *História do Brasil* (1932), *Tempo e Eternidade* (1935), *Poesias* (1925-1955), e *Bumba-Meu-Poeta* (1930, mas publicado em 1959), *Contemplação de Ouro Preto* (1954), *Parábola* (1946-1952) e *Siciliana* (1954-1955), *Tempo Espanhol* (1959), *Convergência* (1970). Publicou, também, livros de prosa, como *O Discípulo de Emaús* (1944), *A Idade do Serrote* (1968), livro de memórias, e *Poliedro* (1972).

Faleceu em Lisboa, Portugal, em 1975, deixando inéditas várias obras.

Min. Orozimbo Nonato

Orozimbo Nonato da Silva nasceu em Sabará, Minas Gerais, em 1891.

Bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de Minas Gerais, em Belo Horizonte, em 1911.

Nomeado advogado-geral do Estado, em 1933, e desembargador do Tribunal de Apelação de Minas Gerais, em 1934, exerceu as respectivas funções até 1940. Em seguida, foi nomeado para o cargo de Consultor-Geral da República, que ocupou de 1940 a 1941.

No magistério, foi professor das cadeiras de Economia e Estatística Rural da extinta Escola Mineira de Agricultura e Veterinária (1923) e, posteriormente, de Direito Civil da Faculdade de Direito de Minas Gerais e na Faculdade de Direito da Pontifícia Universidade Católica do antigo Distrito Federal.

Nomeado ministro do Supremo Tribunal Federal, em 1941, pelo presidente Getúlio Vargas, e eleito presidente do Supremo Tribunal Federal, na vaga decorrente da aposentadoria de José Linhares, em 1956, sendo reeleito em 1958. Aposentou-se em 1960.

Possuía numerosas condecorações, entre elas, a Ordem do Santo Sepulcro, a Grã-Cruz da Ordem Nacional do Mérito (Itália e Portugal), a Medalha do Centenário do Instituto dos Advogados Brasileiros, a Medalha Rui Barbosa, a Medalha Rio Branco e a Medalha do Mérito Judiciário.

Recebeu o Prêmio Teixeira de Freitas, outorgado pelo Instituto dos Advogados Brasileiros, pelas obras *Da Coação como Defeito do Ato Jurídico* e *Estudos sobre Sucessão Testamentária*, em três volumes, ambos de 1957.

Faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1974.

Ofereceu ao Leilão de Ouro Preto dois medalhões de porcelana japonesa, casca de ovo, estando um “com fio de cabelo”, ou seja, ligeiramente trincado.

Osvaldo Sá*

Othon Barcelos*

Sra. Paulo Barreto*

A Sra. Paulo Barreto ofereceu ao Leilão de Ouro Preto: uma travessa em louça inglesa, com decoração em azul, “Lenda do Salgueiro”, peça estampada; um prato fundo, de sopa, em louça inglesa pó de pedra, branca com decoração azul, pintado à mão.

Dr. Paulo José Pires Brandão

Paulo José Pires Brandão nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1884.

Biógrafo, historiador, orador e jornalista. Autor das obras *A Princesa D. Isabel a Redentora* (1946), *Caxias Conselheiro de Estado* (1938), *Primeiro Centenário do Conselheiro Antônio Ferreira Viana* (1933), *São Francisco de Assis* (1933), *Vultos do Meu Caminho* (1935).

Faleceu em 1953.

Ofereceu ao Leilão de Ouro Preto: uma gravura em talho doce *Pregação de João Batista no Deserto*, segundo pintura de L. Carrache e gravura de Tongman; uma gravura em talho doce *Zacarias no templo*, segundo desenho de Picart e gravura de Gouven; uma gravura em talho doce *Santo André*

Avelino, quadro do cavalheiro Tommaso de Vivo, desenhado e gravado por Franc. Pagliolo; uma gravura em talho doce *O canto do sapo*, quadro do cavalheiro Giuseppe Bossi, desenhado por Narducci e gravado por Gioac. Mitterpoch; *Caxias Conselheiro de Estado*, separata da Revista Militar Brasileira, n. 3, v. 35, de 25 de agosto de 1936 (Imprensa Nacional, 1938); *A Princesa D^a Isabel, a Redentora*, conferência realizada a 8 de agosto de 1946, na Sociedade de Geografia – 6 opúsculos.

Sra. Paulo Santos

Maria Amélia Thompson Motta, filha de Amélia Figueiredo Motta e de José Thompson Motta, ficou órfã de mãe aos dez anos. Estudou no Colégio Sacre Coeur de Jesus, no Rio de Janeiro. Foi aprovada no concurso para a Caixa Econômica Federal. Conheceu seu futuro marido, o arquiteto Paulo Santos, quando este estava cursando o último ano da Escola Nacional de Belas Artes (ENBA).

Maria Amélia nunca teve filhos, tendo voltado sua atenção para a defesa dos animais. Chegou a criar a Fundação Pró-Animais, que tinha o objetivo de amparar cães abandonados. Chegou, inclusive, a destinar, grande parte de seus bens, para esse fim.

Foi companheira de Paulo Santos também em seus escritos, acompanhando-o nos levantamentos de dados e fazendo a revisão de seus textos.

Ofereceu ao Leilão de Ouro Preto: uma litografia colorida de Debret, vista do mercado de escravos do Valongo; uma travessa em porcelana chinesa, do final do século XVIII, com decoração em azul, tendo ao centro um ramo de flores, procedente da coleção Gastão Penalva; um prato em porcelana francesa, borda vermelha com friso dourado, coroa de conde e inicial P. pertenceu à baixela de Visconde de Pelotas; um prato de louça inglesa, com borda verde e friso dourado. Ao centro um timbre com a divisa *Per ardua ad alta*.

Prof. Paulo F. Santos*

Paulo Ferreira Santos nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1904.

Filho de Alice Cruz Ferreira Santos, irmã do médico sanitariano Oswaldo Cruz, e de Samuel Ferreira Santos. Quando adolescente praticou esportes, chegando a ser campeão de natação, junto com seus irmãos mais velhos. Foi através de um deles, que Paulo Santos conheceu o arquiteto Archimedes Memória, que exerceu grande influência em sua carreira profissional, incentivando-o a matricular-se na Escola Nacional de Belas Artes (ENBA), onde era professor. Formou-se nesta escola, em 1926.

Em meados da década de 1930 passou a viver com Maria Amélia Thompson Motta, com quem se casou em 1948, mesmo ano em que realizou sua primeira viagem cultural à Europa. Com um colega de turma, Paulo Ewerard Nunes Pires, fundou, em 1927, o escritório de arquitetura Paulo Pires e Paulo Santos. Nesta empresa, projetou e construiu prédios residenciais, comerciais, industriais, escolares e de lazer.

Concomitante as suas atividades no escritório de arquitetura, Paulo Santos também desenvolveu a carreira acadêmica, sendo professor da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, da Escola Técnica do Exército, dentre outras. Porém, a atividade acadêmica mais importante do arquiteto se iniciou em 1945, quando foi criada a Faculdade Nacional de Arquitetura na Universidade do Brasil. Foi ele quem implementou a cadeira de Arquitetura no Brasil no currículo da Faculdade, transformando radicalmente o ensino da matéria de história da arquitetura e influenciando profissionais como:

Augusto Carlos da Silva Telles, Antônio Pedro de Alcântara, Dora Monteiro e Silva de Alcântara, Alfredo Luiz Porto de Britto e Margareth da Silva Pereira.

O estudo, publicado em 1965, *Quatro Séculos de Arquitetura*, elaborado no contexto das comemorações do IV Centenário da cidade do Rio de Janeiro, representa um marco na historiografia da arquitetura no Brasil.

O contato com o órgão de preservação do patrimônio, o SPHAN, se deu pelo contato com Rodrigo Melo Franco de Andrade, que convidou Paulo Santos a integrar o Conselho Consultivo do SPHAN, no qual tomou parte de 1955 a 1981. Foi o relator favorável ao processo de tombamento do Parque do Flamengo. Além do SPHAN, foi membro também do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e do Comitê Nacional de História da Arte.

Em 1969, Paulo Santos se aposentou da FAU, após problemas de saúde relacionados a uma tuberculose ocular, que o obrigou a ficar afastado das atividades de docente e de escritor. Alguns anos mais tarde, em 1974, encerrou suas atividades no escritório de arquitetura.

Entre suas principais obras encontram-se: *Subsídios para o estudo da Arquitetura Religiosa em Ouro Preto* (1949), *O Barroco e o Jesuítico na Arquitetura do Brasil* (1951), *A arquitetura da sociedade industrial* (1961), *Contribuição ao Estudo da Arquitetura da Companhia de Jesus em Portugal e no Brasil* (1966), *Formação de Cidades no Brasil Colonial* (1968); e entre os artigos: *O Homem e a Máquina – o arquiteto e o urbanista no mundo de amanhã* (1959), *A Arquitetura moderna e suas raízes* (1987).

O arquiteto historiador faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1988. Em 1993, foi inaugurada a Biblioteca Paulo Santos no Paço Imperial, a partir do acervo bibliográfico e o arquivo pessoal doado pelo arquiteto à Fundação Nacional Pró-Memória, em 1985.

Paulo Tavares da Silva

Paulo Tavares da Silva foi gerente de câmbio do Banco do Brasil.

Ofereceu ao Leilão de Ouro Preto um prato de porcelana francesa, branco com barra azul, frisos dourados, iniciais B.T. e coroa de conde. Pertenceu ao Almirante Barão de Teffé, Antônio Luiz Von Hoonholtz.

Paulo Sawen John*

John Paulo Sawen ofereceu ao Leilão de Ouro Preto quatro águas-fortes francesas, em sanguínea, do século XVIII.

S. A. Príncipe D. Pedro Gastão de Orléans e Bragança

Dom Pedro de Alcântara Gastão João Maria Filipe Lourenço Humberto Miguel Gabriel Rafael Gonzaga de Orléans e Bragança e Dobrzensky de Dobrzenicz nasceu em Eu, França, em 1913.

Príncipe-titular de Orléans e Bragança, líder do chamado Ramo de Petrópolis, uma facção da Família Imperial Brasileira, Dom Pedro Gastão pretendia reaver seus direitos à sucessão dinástica do extinto trono do Brasil, renunciadas por seu pai. Segundo filho do príncipe brasileiro D. Pedro de Alcântara de Orléans e Bragança e de D. Elisabeth Dobrzensky de Dobrzenicz, aristocrata de origem boêmia, neto de D. Isabel do Brasil e de D. Luís Gastão, conde d'Eu. Seu pai foi obrigado por D. Isabel a abdicar de suas pretensões ao extinto trono brasileiro, por ter contraído bodas morganáticas.

Nascido durante a vigência da Lei do Banimento da Família Imperial Brasileira, na propriedade de seus avós paternos, o Castelo d'Eu, D. Pedro Gastão chegou ao Brasil aos nove anos de idade, em 1922, quando a Lei foi revogada pelo então presidente da república Epitácio Pessoa.

Concluiu seus estudos na Europa e se casou com a princesa espanhola Dona Maria de la Esperanza de Bourbon, na Sicília, em 1944. Estabeleceu-se no Brasil a partir da Segunda Guerra Mundial e foi viver em Petrópolis, tornando-se uma das figuras mais populares da Família Imperial, passando a ser conhecido como o “Príncipe de Petrópolis”.

Nesta época, D. Pedro Gastão passou a se empenhar na anulação do documento em que seu pai abdicou da linha sucessória imperial, dividindo-se a Família Imperial em dois ramos: o chamado “Ramo de Petrópolis” e o “Ramo de Vassouras”, que abrigava os primos de D. Pedro Gastão e cujos direitos dinásticos são reconhecidos pela maioria dos monarquistas e pelas casas reais estrangeiras.

Dirigiu a Companhia Imobiliária de Petrópolis até o final do século XX e acumulou nos arquivos de sua residência milhares de documentos e obras de arte sobre a história de Petrópolis.

No início da década de 1990, durante o plebiscito em que o povo brasileiro deveria optar pela monarquia ou pela república, D. Pedro Gastão foi um dos mais empenhados na campanha pela monarquia. Mas com a derrota da causa, o príncipe se afastou do país e desautorizou a iniciativa de alguns correligionários de se fundar um partido monarquista no Brasil. Com o avanço da idade, D. Pedro Gastão se retirou para a propriedade de sua esposa, em Villamanrique, próximo de Sevilha, na Espanha.

Faleceu em Villamanrique de la Condessa, Espanha, em 2007.

Ofereceu ao Leilão de Ouro Preto uma litografia sem indicação de autor e data, representando a Princesa Dona Maria da Glória, em traje de cerimônia, ostentando jóias e condecorações.

Dr. Pedro Nava

Pedro da Silva Nava nasceu em Juiz de Fora, Minas Gerais, em 1903.

Formou-se em Medicina na Universidade de Minas Gerais em 1927. Poeta e escritor tornou-se um notável memorialista. Participou da geração modernista de Belo Horizonte, sendo membro dos grupos *A Revista* e *Verde*, ligados ao movimento modernista de Minas Gerais. Foi eleito *Escritor do Ano*, em 1938, pelo Sindicato dos Escritores de São Paulo.

Entre suas obras encontram-se *Território de Epidauro* (1947), *O defunto* (1967), *Baú de Ossos* (1972 mem.), onde são registrados nomes e situações sócio-políticas de Minas Gerais, *Balão de cativo* (1973 mem.), *Chão de ferro* (1976 mem.), *Beira mar* (1979 mem.) e *Galo-das-trevas* (1981 mem.).

Cometeu suicídio com um tiro na cabeça, na cidade do Rio de Janeiro, em 1984.

Ofereceu ao Leilão de Ouro Preto: a obra *L'Univers. Histoire de tous les peuples*, com a descrição da Colômbia e Guiana por C. Famin e a parte do Brasil por Ferdinand Denis. Brochura original, com a primitiva capa, ornada com dois mapas e gravuras, em preto; um prato de sobremesa, em louça azul, inglês.

Mlle. Proux*

Mlle. Proux ofereceu ao Leilão de Ouro Preto um canivete francês, em madreperola, com duas lâminas, do final do século XVIII.

Quirino Campofiorito

Quirino Campofiorito nasceu em Belém, Pará, em 1902.

Pintor, desenhista, caricaturista, chargista, ilustrador gráfico, gravador, professor, crítico e historiador da arte. Filho de Pedro Campofiorito (1875-1949), pintor e arquiteto italiano, que veio para o Brasil em 1899 a convite do governo do Estado do Pará para fundar uma escola de Belas Artes. Casado com a pintora Hilda Campofiorito (1901-1997), com quem teve um filho, o arquiteto Ítalo Campofiorito.

Estudou pintura na Escola Nacional de Belas Artes (ENBA), Rio de Janeiro, de 1920 a 1929. Ao ganhar o prêmio de viagem do concurso de pintura da ENBA, em 1929, morou por cinco anos na Europa, e estudou em academias em Paris e Roma.

Ao retornar ao Brasil, organizou, dirigiu e lecionou pintura na Escola de Belas Artes de Araraquara (SP), de 1935 a 1937. Ainda em 1935, criou e dirigiu o jornal mensal *Belas-Artes*, no Rio de Janeiro, pioneiro no Brasil a tratar exclusivamente de arte, fechado, em 1940, durante o governo Vargas.

Entre 1938 e 1949 lecionou desenho e arte decorativa na ENBA, da qual se tornou vice-diretor. Foi aposentado pelo AI-5 como representante da Congregação da ENBA junto ao Conselho Universitário da UFRJ, em 1969. Em 1981, ganhou o título de Professor Emérito pela UFRJ e foi reintegrado, dois anos depois, através da anistia, como membro da Congregação da ENBA no Conselho da UFRJ.

Participou da fundação da Associação dos Artistas Plásticos, em 1939. Integrou numerosas comissões e júris, como a comissão de seleção da 1ª Bienal Internacional de São Paulo em 1951.

Recebeu, entre outras condecorações, a medalha comemorativa Rodrigo Melo Franco de Andrade, por ocasião do cinqüentenário da SPHAN (1987).

Entre suas obras encontram-se a coleção em cinco volumes *A História da pintura brasileira no século XIX* (1983), vencedor do Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro, *A República e a decadência da disciplina* (1983), *José Pancetti (1902-1958), marinheiro, pintor e poeta*, *Silvio Pinto vida e obra em depoimentos* (1985), *A pintura de Bustamante Sá* (1986) e *Paulina Kaz, desenho e pintura* (1991).

Faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1993.

Ofereceu ao Leilão de Ouro Preto uma aquarela de Ouro Preto.

Rachel de Queiroz*

Rachel de Queiroz nasceu em Fortaleza, Ceará, em 1910.

Escritora, jornalista, tradutora e dramaturga, autora de destaque na ficção social nordestina, Rachel de Queiroz foi a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras, em 1977, ocupando a cadeira número 5, e a primeira a ser galardoada com o Prêmio Camões, o Nobel da língua portuguesa em 1993.

Estreou na imprensa no jornal *O Ceará*, em 1927, escrevendo crônicas e poemas de caráter modernista sob o pseudônimo de Rita de Queluz.

Já escritora consagrada, mudou-se para o Rio de Janeiro em 1939. A partir de 1944 passou a ser cronista exclusiva da revista *O Cruzeiro*, onde permaneceu até 1975.

Casou-se com o poeta bissexto José Auto da Cruz Oliveira, em 1932, separando-se em 1939. Por intermédio de seu primo, o médico e escritor Pedro Nava, conheceu o médico Oyama de Macedo, com quem passou a viver em 1940.

Recebeu vários prêmios, entre eles o prêmio de romance da Fundação Graça Aranha, no Rio de Janeiro, em 1931, o prêmio Felipe d'Oliveira pelo livro *As Três Marias*, em 1939, o Prêmio Camões em 1993, e o da União Brasileira de Escritores, o Juca Pato, também em 1993.

Entre suas obras encontram-se romances e peças de teatro, entre eles *História de um Nome* (1927), seu primeiro romance, *O Quinze* (1930), que a tornou nacionalmente conhecida, *João Miguel* (1932), *Caminhos de Pedras* (1937), *O Galo de Ouro* (1950), *O Menino Mágico* (1969), *Dôra, Doralina* (1975), *Memorial de Maria Moura* (1992), saga de uma cangaceira nordestina adaptada para a televisão em 1994, *Não me Deixes — suas histórias e sua cozinha*, em colaboração com sua irmã, Maria Luiza (2000),

Em 2003, foi inaugurado em Quixadá (CE) o Centro Cultural Rachel de Queiroz.

Faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 2003.

Raul de Azevedo

Raul de Azevedo nasceu em São Luis, Maranhão, em 1875.

Estudou em sua cidade natal, mas não chegou a frequentar qualquer curso superior. Aos vinte anos já dirigia o jornal *A Província do Pará* e, em 1895, foi para o Amazonas, para dirigir o *Amazonas Comercial*.

No Amazonas entrou para a política, chegando a deputado. Foi convidado pelo governo do Capitão Fileto Pires Ferreira para exercer o cargo de Secretário Geral do Estado. Ocupou também outros cargos de vulto na política amazonense como o de Chefe de Gabinete do Governador Silvério Nery. Serviu de Chefe de Gabinete de vários governadores, destacadamente de Silvério Nery e Antônio Bittencourt. Foi Cônsul do Chile por muitos anos e exerceu o desempenho de Comissões importantes do Estado e Federal.

Desenvolveu uma longa carreira nos Correios, onde sua função permanente foi a de Diretor do Departamento dos Correios e Telégrafos no Amazonas, em Juiz de Fora e no Rio de Janeiro, servindo, por vezes, de Diretor Geral.

Atuou de forma marcante como poeta, escritor e jornalista, tendo contribuído com a criação de várias associações culturais e científicas, tais como a Academia Amazonense de Letras e o Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, além de ter fundado vários jornais. Foi, ainda, membro da Academia Maranhense de Letras, da Academia Cearense de Letras e da associação Mina Literária.

Manteve produção literária intensa, redigindo diversos artigos, contos, críticas, crônicas, peças teatrais e romances. Escreveu cerca de 30 livros, como *Confabulações* (1919), *Terras e Homens* (1948), *Dona Beija* (1957), *Branços e pretos* (1955), sem contar seus folhetos e artigos para jornais, nos quais escrevia quase sempre sob o pseudônimo *Iberê*. Em 1937 fundou e dirigiu a revista de cultura *Aspectos*, no Rio de Janeiro.

Faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1957.

Ofereceu ao Leilão de Ouro Preto 10 exemplares do ensaio *Terras e Homens*.

Roberto (Nami) Jafet*

Roberto Jafet nasceu na cidade de São Paulo.

Engenheiro civil e eletricitista, diplomado pela Escola de Engenharia da Universidade Mackenzie em

1937. Doutor em Engenharia pela Rensselaer Polytechnic Institut, de Troy, N.Y., Estados Unidos. Fundador e diretor da Mineração Geral do Brasil Ltda. Diretor da Usina Siderúrgica de Mogi das Cruzes, fundador da primeira fábrica de tubos de aço sem costura, na América Latina. Conselheiro da Associação Brasileira de Metais e do Centro de Indústrias do Estado de São Paulo. Membro do Instituto Latino-Americano de ferro e aço. Membro do América Institute of Mining, Metallurgical Petroleum Enginners, etc.

Dr. Rodolfo Gonçalves de Siqueira

Rodolfo Gonçalves de Siqueira, ou simplesmente Rudy Siqueira, nasceu em Belém, Pará. Artista e grande colecionador de antiguidades, chegando a ter a maior coleção de arte brasileira no país, no início do século XX.

Formou-se bacharel em Direito pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Era “arquiteto de fim de semana”, como dizia, e executou alguns pequenos projetos no Rio de Janeiro, como foi o caso de sua residência no *Largo do Boticário*. Foi Rudy Siqueira quem, ainda nas décadas de 1920 e 1930, alertou para a necessidade de obras de reconstrução e recaracterização das casas do Largo, ao executar obras de restauração procurando reproduzir o estilo colonial original daquelas edificações. Ficou notório o seu método que consistia em aplicar fragmentos salvos de demolições em novas construções, prática utilizada também por Lucio Costa na restauração da Casa Rosa no Largo do Boticário. Rudy também orientou de perto a restauração do Casarão da Rua Larga, antiga sede do Ministério das Relações Exteriores, por ser um grande conhecedor do mobiliário do prédio.

Fez carreira no Itamaraty como Diplomata e, em 1930, parece ter sido um dos grandes responsáveis pela indicação de Lucio Costa para ocupar a presidência da Escola Nacional de Belas Artes.

Faleceu, em 1954, na cidade do Rio de Janeiro, vítima de atropelamento.

Ofereceu ao Leilão de Ouro Preto uma colher e garfo de prata, “ao gosto do fim do século XVIII”.

Rosalina Coelho Lisboa de Larragoiti

Rosalina Coelho Lisboa de Larragoiti nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1900.

Poeta, jornalista e ativista política. Filha de João Gonçalves Coelho Lisboa e Luzia Gabizo Lisboa. Casou-se três vezes, primeiro com o comandante Van Rademaker, depois com o norte-americano James Miller e por último com o empresário Antônio Sanchez Larragoiti, principal acionista da companhia de seguros Sul América.

Escreveu, desde 1914, para revistas e jornais consagrados, entre eles, a revista *Careta*. Militou pela causa das mulheres e pela Paz Mundial. Representou o Brasil no Congresso Eucarístico Internacional, em Buenos Aires (1934). Foi diretora dos Diários Associados, encarregada das sucursais de Lisboa, Madri e Paris, em 1945. Foi membro do Conselho Consultivo do Instituto Brasileiro de Relações Internacionais (1954).

Participou em vários encontros internacionais, como o da Conferência Internacional Americana, em 1938, e o do Congresso da União Latina em 1951 e em 1954. . Seu arquivo encontra-se depositado no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Entre as suas obras encontram-se *Rito pagão* (1922) e *A seara de Caim* (1952).

Faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1975.

Ofereceu ao Leilão de Ouro Preto uma xícara e pires de cristal, com frisos dourados, coroa de conde e inicial P. Pertenceu a Francisco Inácio Carvalho Moreira, Ministro plenipotenciário e enviado extraordinário do Brasil na Inglaterra, no fim do Reinado de D. Pedro I.

Santiago Dantas*

Francisco Clementino San Tiago Dantas nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1911.

Advogado, jornalista e professor, foi um dos criadores, juntamente com Afonso Arinos e Araújo Castro, da chamada “Política Externa Independente” (PEI), inicialmente implantada no Governo Jânio Quadros.

Ingressou, em 1928, na então Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, atual Faculdade de Direito da UFRJ, concluindo o curso em 1932. Ainda nos tempos de estudante participou do Centro Acadêmico de Estudos Jurídicos e Sociais (CAJU), juntamente com Vinícius de Moraes, Américo Jacobina Lacombe e Plínio Doyle.

Filiou-se à Ação Integralista Brasileira (AIB), organização de inspiração fascista, participando da edição da revista *Hierarchia*, em 1932. Afastou-se do movimento por ocasião da preparação do levante para depor o presidente Getúlio Vargas, em 1938. A partir de então, passou a dedicar-se à carreira acadêmica e à advocacia. Assumiu a cátedra de Direito Civil na Faculdade Nacional de Direito em 1940.

Foi diretor do Jornal do Comércio, de 1957 a 1958, e, em 1959, colaborou na redação e discussão da Declaração de Santiago do Chile, um dos mais importantes documentos do Sistema Interamericano.

Eleito deputado federal por Minas Gerais em 1958. Nomeado embaixador do Brasil nas Organizações das Nações Unidas, em 1961, pelo então presidente Jânio Quadros, não chegou a assumir o cargo devido à renúncia deste. Foi ministro das Relações Exteriores durante o governo “parlamentarista” de João Goulart, quando o Brasil reatou suas relações diplomáticas com a União Soviética. Em 1963, com a volta do regime presidencialista, foi indicado por Goulart para a pasta da Fazenda, permanecendo até a deposição de Jango pelo Golpe Militar de 1964.

Foi premiado com o título de Intelectual do Ano (1962) pela União Brasileira de Escritores (UBE-SP). Entre suas obras encontram-se *Dois momentos de Rui Barbosa* (1950) e diversas obras jurídicas, incluindo alguns manuais utilizados nos cursos de graduação em direito no Brasil.

Faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1964.

Sebastião Ribeiro Loures*

Sebastião Ribeiro Loures ofereceu ao Leilão de Ouro Preto um pequeno quadro a óleo, sobre tábua de cedro, *Pensativa*, de Rodolfo Amoedo, com dedicatória e data, 1914.

Sra. Cel. Silva Pereira*

A Sra. Cel. Silva Pereira ofereceu ao Leilão de Ouro Preto um prato de sobremesa, em porcelana chinesa, de final do século XVIII; casal de xícara e pires, para chá, em porcelana de Cantão.

Dr. Sílvio Abreu Fialho

O Dr. Sílvio Abreu Fialho foi ensaísta, médico oftalmologista, professor da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), membro da Academia Carioca de Letras, do

Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e da Academia Brasileira de Médicos Escritores (ABRAMES), ocupando a cadeira nº 6.

Dirigiu o Museu Inaldo de Lyra Neves-Manta, antigo Museu Anátomo-Pathológico e de Curiosidades Médicas, fundado em fins do século XIX, na Academia Nacional de Medicina no Rio de Janeiro. Em sua gestão, teve início a coleção de óculos pertencente ao Museu.

Entre suas obras encontram-se: *Páginas viradas* (1967); *Marcos azuis do meu caminho* (1972); *O mundo dos olhos* (1974); *Música de cavalinhos* (1977).

Ofereceu ao Leilão de Ouro Preto uma xícara de louça inglesa, com rica decoração em *grenat* e ouro, e uma xícara em porcelana francesa, branca com decoração em ouro.

Stuart de Alencar

Stuart de Alencar, poeta, autor do livro *Teus olhos, únicos no mundo*.

Ofereceu ao Leilão de Ouro Preto 100 exemplares de *Teus olhos, únicos no mundo*, “versos da lavra do ofertante”.

Tadeusz Kolyanski*

Tadeusz Kolyanski ofereceu ao Leilão de Ouro Preto uma estátua em bronze, de Rousseau, representando Dante.

Tancredo de Barros Paiva

Tancredo de Barros Paiva era bibliófilo, proprietário de uma livraria no Rio de Janeiro e autor do *Dicionário de Pseudonymos* (1929).

Ofereceu ao Leilão de Ouro Preto a obra *Aplausos natalícios com que a cidade da Bahia celebrou a notícia ...*, por João de Brito Lima (Bahiano). Contém um soneto de Sebastião da Rocha Pitta e a relação das festas que na famosa cidade da Bahia se fizeram, em 11 de nov. de 1716 (Lisboa, 1718).

Teresa Gastão da Cunha*

A Sra. Teresa Gastão da Cunha ofereceu ao Leilão de Ouro Preto uma placa em bronze e cobre, selo grande, com as armas do Império, tendo na orla: Petrus II D.G. Brasiliae Imperator e sinete em bronze, com cabo de madeira, que pertenceu à Academia Imperial de Medicina do Rio de Janeiro, com as armas imperiais e legenda.

Sra. Veríssimo de Mello*

A Sra. Veríssimo de Mello ofereceu ao Leilão de Ouro Preto uma litografia colorida da Madona von Rosenkranz.

Walter Moreira Salles*

Walter Moreira Salles nasceu em Pouso Alegre, Minas Gerais, em 1912.

Empresário, banqueiro e diplomata. Em 1924, seu pai, João Moreira Salles, fundou em Poços de Caldas a Casa Bancária Moreira Salles, da qual Walter se tornou sócio em 1933. Em 1940 a Casa foi elevada à condição de Banco Moreira Salles, após fusão com mais três bancos da região. Em 1967 o

nome da instituição foi mudado para União de Bancos Brasileiros S.A. e em 1975 passou a ser denominado Unibanco.

Moreira Salles era mais conhecido como embaixador, posto que exerceu por duas vezes em Washington na década de 1950. Foi um dos negociadores da dívida externa brasileira em três ocasiões da década de 1950: nos governos de Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek e Jânio Quadros. Foi ministro da Fazenda no governo parlamentarista de João Goulart.

No início dos anos 1990 foi fundado o Instituto Moreira Salles, uma entidade de assistência à cultura do país.

Faleceu na cidade de Petrópolis, estado do Rio de Janeiro, em 2001.

Wolf Einhorn*

Wolf Einhorn ofereceu ao Leilão de Ouro Preto: dois pratos de porcelana chinesa, com cenas de mandarim; dois casais de xícaras para chá, chinesas, decoração de mandarim, fundo celadon; uma tulipa de vidro azul claro, base verde, murário, para flores; uma pequena bandeja em vidro leitoso, com orla rococó.

Empresas doadoras

A Esquina da Sorte*

Banco de Crédito Real de Minas Gerais*

O Banco de Crédito Real de Minas Gerais ou Credireal foi inaugurado em 1889 por Decreto Imperial de Dom Pedro II. Sua sede localizava-se em Juiz de Fora, Minas Gerais.

Estatizado em 1913 sofreu um processo de enxugamento com o objetivo de ser incluído no programa de privatização. Foi privatizado em agosto de 1997, no governo Eduardo Azeredo. Sua rede de 86 agências foi absorvida pelo banco Bradesco.

Atualmente, somente o Museu do Credireal mantém-se em funcionamento em Juiz de Fora.

Banco Hipotecário e Agrícola de Minas Gerais*

Juscelino Barbosa foi um dos fundadores do Banco Hipotecário e Agrícola de Minas Gerais, em 1911, junto com firmas francesas. Com base na nacionalização dos bancos estrangeiros determinada pela constituição de 1937, o Banco Hipotecário e Agrícola de Minas Gerais/ BEMGE foi encampado pelo governo de Minas em 1944.

Cia. Comércio e Construção*

Usina Esperança*

A Usina Esperança foi estabelecida em 1888 por dois engenheiros da ferrovia Central do Brasil (Amaro da Silveira e Henrique Hargreaves), um metalúrgico suíço (Alberto Gerspacher) e Carlos da Costa Wigg, seu principal acionista, em Itabira do Campo, Minas Gerais.

A Usina Esperança foi adquirida pelo industrial Joaquim José de Queiroz Júnior, passando a ser denominada Usina Queiroz Júnior. Queiroz Júnior, engenheiro civil diplomado pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro em 1893, foi casado com Laura Machado e era pai de Ana Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça, Laura Margarida de Queiroz Costa e Maria José de Queiroz de Austregésilo de Athayde.

A falência da Usina foi decretada em 1991. Em seu lugar, continuando com o mesmo ramo de siderurgia, está instalada a VDL Siderurgia Ltda.

Negociantes de arte e antiguidades doadores

Casa Anglo Americana

Situava-se na Rua da Assembléia, 71, Centro, Rio de Janeiro.

Ofereceu ao Leilão de Ouro Preto um oratório rústico, em cedro, de procedência mineira.

Casa das Antiguidades

Situava-se na Av. N. Sra. de Copacabana, 683, no bairro de Copacabana, Rio de Janeiro.

Ofereceu ao Leilão de Ouro Preto uma caixinha de tartaruga escura, com incrustação em prata, antigo porta moedas, de meados do século XIX.

Casa Hugo

Situava-se na Rua Buenos Aires, 91, Centro, Rio de Janeiro.

Ofereceu ao Leilão de Ouro Preto uma delicada caçoleta de ouro, com esmalte.

Casa Ouro Preto, de Leizer Minsky

Situava-se na Rua Siqueira Campos, 7A, no bairro de Copacabana, Rio de Janeiro.

Ofereceu ao Leilão de Ouro Preto: uma caixa para luvas, em madeira e veludo, tendo na tampa uma miniatura pintada sobre porcelana; um copo de cristal, para água, com o retrato, em preto, do conselheiro Francisco Alves Maciel, chefe monarquista na Província do Rio Grande do Sul. “Peça única conhecida”.

Eliseu A. dos Reis

Situava-se na Av. Presidente Vargas, 2.229, Centro, Rio de Janeiro.

Ofereceu ao Leilão de Ouro Preto uma cadeirinha para salão de baile, de manufatura inglesa. Madeira branca, laca preta, douração e embutidos de madrepérola. Peça de uso no reinado de Dom Pedro II, “em perfeita conservação”.

Galeria Antônio Carlos, de Antônio Greijál

Situava-se na Rua Domingos Ferreira, 2A, no bairro de Copacabana, Rio de Janeiro.

Ofereceu ao Leilão de Ouro Preto um pequeno prato de louça portuguesa, da fábrica de Sacavém.

Galeria D. José, de S. R Langer

Situava-se na Av. N. Sra. de Copacabana. 1.142, no bairro de Copacabana, Rio de Janeiro.

Ofereceu ao Leilão de Ouro Preto: um relicário em cedro dourado, miniatura, século XVIII; uma cremeira em porcelana branca, com frisos dourados e azuis, coroa de conde sobre as iniciais M.P.

Galeria Debret

Situava-se na Av. N. Sra. de Copacabana, 331-B, no bairro de Copacabana, Rio de Janeiro.

Ofereceu ao Leilão de Ouro Preto um óleo sobre tábua. Paisagem holandesa, rio, barcos, casas e moinhos.

Galeria Max

Situava-se na Rua Miguel Lemos, 25A, Copacabana, Rio de Janeiro.

Ofereceu ao Leilão de Ouro Preto uma xícara de chá, em prata.

Grande Casa de Objetos Usados, de Augusto Rodrigues Bezelga

Situava-se na Rua da Conceição, 16, Centro, Rio de Janeiro.

Ofereceu ao Leilão de Ouro Preto um pequeno toucador de mesa, em vinhático, com espelho redondo, dois porta-grampos e gaveta, de meados do século XIX.

Langier

Situava-se na Av. Atlântica, 830, no bairro de Copacabana, Rio de Janeiro.

Ofereceu ao Leilão de Ouro Preto tocheiro de cedro pintado, Dom João V.

Le Connoisseur

Situava-se na Rua 7 de Setembro, 37, Centro, Rio de Janeiro.

Ofereceu ao Leilão de Ouro Preto uma pequena carta de Guiana, do século XVII, gravura em talho doce. Litografia colorida, da obra de Ferdinand Denis.

Medina & Cia

Situava-se na Rua Chile, 25, Centro, Rio de Janeiro.

Ofereceu ao Leilão de Ouro Preto duas litografias de J. M. Rugendas, representando quatro tipos de índios coroados e Índios canacharis.

O. Oliveira & Cia. Ltda

Situava-se na Rua Chile, 27, Centro, Rio de Janeiro.

Ofereceu ao Leilão de Ouro Preto um peso de papel, em ônix e bronze, representando o sarcófago de Napoleão I.

Sofia Bilmis

Situava-se na Rua Barão de Petrópolis, 77

Ofereceu ao Leilão de Ouro Preto um centro de mesa, prato de vidro colorido e base de metal niquelado.

Zitrim Irmãos

Situava-se na Rua Buenos Aires, 110, Centro, Rio de Janeiro.

Ofereceu ao Leilão de Ouro Preto uma imagem de N. S. do Rosário, em chapa de prata, do século XVIII.

Profissionais do Patrimônio

ANDRADE, Carlos Drummond de

Carlos Drummond de Andrade nasceu em Itabira do Mato Dentro, Minas Gerais, em 1902.

Seus pais, Carlos de Paula Andrade e Julieta Augusta Andrade, eram fazendeiros empobrecidos.

Drummond desenvolveu seus estudos em Belo Horizonte e no internato do Colégio Anchieta de Nova Friburgo, no estado do Rio de Janeiro, de onde foi expulso, em 1919, por insubordinação.

Começou sua carreira de escritor no *Diário de Minas* – porta-voz do Partido Republicano Mineiro (PRM) –, do qual seria redator de 1926 até 1929. O periódico já contava com a colaboração de outros simpatizantes do movimento modernista mineiro.

Em 1925, casou-se com Dolores Dutra de Moraes e se formou em Farmácia, profissão que nunca exerceu. Passou um ano em Itabira com a esposa, lecionando geografia e português no Ginásio Sul-Americano.

O ano de 1928 foi bastante importante para o poeta, pois nasceu sua filha, Maria Julieta, e também foi publicado, na *Revista de Antropofagia de São Paulo*, seu poema *No Meio do Caminho*, com grande repercussão. Ainda neste ano, Drummond assumiu seu primeiro cargo público na Secretaria de Educação de Minas Gerais.

Seu primeiro livro, *Alguma Poesia*, foi publicado em 1930. Passou, ainda neste ano, a oficial de gabinete de Gustavo Capanema, acompanhando-o em outros cargos. Em 1934, quando Capanema se tornou Ministro de Educação e Saúde, Drummond se mudou para o Rio de Janeiro para ser seu chefe de gabinete.

Em 1945, foi convidado por Rodrigo Melo Franco de Andrade para trabalhar na Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, onde mais tarde se tornaria chefe da Seção de História, na Divisão de Estudos e Tombamento, onde permaneceu até 1962, quando se aposentou.

Ao longo da vida, o poeta publicou vários poemas e contos, muitos dos quais foram traduzidos em vários idiomas.

Carlos Drummond de Andrade faleceu, em 1987, poucos dias após a morte de única filha, a cronista Maria Julieta Drummond de Andrade.

Ofereceu ao Leilão de Ouro Preto um volume encadernado em pergaminho *I Paradossi overo dell'amore*, de Gio Batista Manso, impresso em Milão, 1608. “Primorosa conservação”.

ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de

Rodrigo Melo Franco de Andrade nasceu em Belo Horizonte, em 1898.

Filho mais velho de Rodrigo Bretas de Andrade e Dália Melo Franco de Andrade, Rodrigo herdou de seus pais o gosto pelas letras e artes.

Seus primeiros estudos foram feitos em casa e no Ginásio Mineiro, de Belo Horizonte. Em Paris, no Lycée de Sully, fez o curso secundário. De volta ao Brasil, dedicou-se ao curso de Direito, iniciado na Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro. Nessa ocasião aproximou-se de grupos modernistas atuantes, amizades que manteve durante toda sua vida.

Rodrigo foi bancário, em São Paulo. No Rio de Janeiro, em 1919, já formado, trabalhou para o governo como oficial de gabinete da Inspetoria de Obras contra as Secas. Em 1921 iniciou sua atividade jornalística, colaborando no jornal carioca *O Dia*.

O movimento modernista de 1922 passou a ter mais um porta-voz quando Rodrigo aproximou-se de Mário de Andrade e, em 1926, tornou-se redator-chefe da *Revista do Brasil*, de Assis Chateaubriand. Sua colaboração estendeu-se a outros jornais e revistas, como o *Estado de Minas*, *A Manhã*, *Diário da Noite*, *O Estado de São Paulo*, *O Cruzeiro*, *Diário Carioca*, *Módulo* e *O Jornal*, onde chegou a diretor-presidente de 1928 a 1930.

Paralelamente à sua carreira jornalística, Rodrigo trabalhou no escritório de advocacia de seus tios Afrânio e João de Melo Franco. Em 1930, já casado com Graciema Melo Franco de Andrade, foi convidado pelo primeiro ministro da Educação e Saúde, Francisco Campos, para ocupar a chefia de gabinete do Ministério, ocasião em que indicou o nome do arquiteto Lucio Costa para diretor da Escola Nacional de Belas Artes.

Em 1936, por indicação de Mário de Andrade e de Manuel Bandeira, foi convidado pelo ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, para organizar e dirigir o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. A proteção dos bens patrimoniais do país passou a ser sua atividade principal, deixando em segundo plano a literatura, o jornalismo, a política e a advocacia.

Foi responsável, também, pela criação da *Revista do Patrimônio*, cujo primeiro número circulou, ainda, em 1937.

O período em que Rodrigo esteve à frente da instituição de proteção ao patrimônio nacional, que vai de 1937 a 1967, ficou conhecido como *fase heróica*, refletindo a realidade do trabalho realizado. Os que o conheceram e com ele trabalharam afirmam que o envolvimento entre a pessoa e o serviço era tão grande, tornando-se impossível entender o Patrimônio sem conhecer e compreender a personalidade e a atuação de Rodrigo Melo Franco de Andrade.

Faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1969.

Ofereceu ao Leilão de Ouro Preto a obra *História Geral do Brasil*, 1ª edição, em dois volumes, de Francisco Adolfo de Varnhagen. Com dedicatória autografada do autor a Dona Laura da Silva.

Dados biográficos dos técnicos da DPHAN envolvidos com o processo de elaboração do estudo da cidade de Ouro Preto e aplicação dos recursos levantados pela campanha de 1949

ANDRADE, Carlos Drummond de

(ver lista de Dados Biográficos dos doadores do Leilão de Ouro Preto – Profissionais do Patrimônio)

BARRETO, Paulo Thedim

Paulo Thedim Barreto nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1906.

Arquiteto e professor, integrou o primeiro grupo de técnicos mobilizados por Rodrigo Melo Franco de Andrade, em 1937, na organização do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Entre suas primeiras atribuições no SPHAN está a realização dos levantamentos, para posterior tombamento, dos monumentos localizados principalmente no antigo Distrito Federal, então Rio de Janeiro, e no Espírito Santo. Nos anos 1950 foi Chefe da Seção de Arte.

Em 1949, defendeu a tese *Casas de Câmara e Cadeia* como trabalho necessário para o acesso à cadeira de Arquitetura no Brasil da Faculdade Nacional de Arquitetura. Trabalhou anteriormente como professor do Colégio São Bento e arquiteto do Estado do Rio de Janeiro.

Escreveu artigos para a Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, como *Casa de Fazenda em Juruçuba* (1937, nº. 1), *O Piauí e sua arquitetura* (1938, nº. 2) e *Casas de Câmara e Cadeia* (1947, nº. 11).

Faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1973.

COSTA, Lucio

Lucio Costa nasceu em Toulon, França, em 1902.

Fez estudos primários e secundários na Inglaterra e na Suíça e diplomou-se em arquitetura, no Brasil, em 1922. Em 1930, o arquiteto assumiu a direção da Escola Nacional de Belas Artes, com a intenção de modificar sua estrutura ao criar novas disciplinas, convidar professores de tendência modernista e organizar as Exposições Gerais de Belas Artes, que, no ano de 1931, ficou conhecida como o Salão Revolucionário por valorizar obras inspiradas nas vanguardas européias. Essas inovações sofreram grandes resistências, que levaram a sua demissão da Escola ainda em 1931.

Ainda nos anos de 1930, Lucio Costa manteve um escritório com o arquiteto modernista Gregori Warchavchik, no Rio de Janeiro, onde construíram os apartamentos proletários na Gamboa. Em 1936, o Ministro Gustavo Capanema anulou o concurso realizado para o projeto do prédio do Ministério da Educação e Saúde e convidou Costa para projetar um novo edifício, tendo sido seu primeiro trabalho com a participação de Oscar Niemeyer. Esse trabalho conjunto teve seguimento em 1938 e 1939, quando os dois projetaram o pavilhão brasileiro da Exposição Internacional de Nova York. Lucio Costa considerava três pontos fundamentais em arquitetura: o técnico, o social e o plástico.

Lucio Costa iniciou sua colaboração com o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em 1937, quando o Órgão foi criado. O seu primeiro trabalho para o SPHAN, contemporâneo ao projeto do Ministério da Educação e Saúde, foi nas Missões Jesuíticas, situadas no Rio Grande do Sul, que resultou no projeto de um pequeno museu.

Escreveu vários artigos para a Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nos quais buscava afirmar, tratando diferentes objetos de estudo, a linha evolutiva da arquitetura e das artes.

Foi diretor da Divisão de Estudos e Tombamentos, a partir de 1946, quando foi responsável por inúmeros pareceres sobre processos de tombamento.

Em 1957 venceu o concurso para o projeto do Plano Piloto de Brasília. No ano seguinte, em 1958, recebeu o título de Doutor Honoris Causa da Universidade de Harvard. Foi, também, responsável pelo projeto do Plano Piloto para a Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro.

O arquiteto resolveu se aposentar em 1972, mas continuou produzindo até fins dos anos 90, quando veio a falecer, em 1998, na cidade do Rio de Janeiro.

SOEIRO, Renato

Renato de Azevedo Duarte Soeiro nasceu em Belém do Pará em 1911.

Formou-se pela Escola Nacional de Belas Artes (ENBA), no Rio de Janeiro, em 1937, e iniciou logo em seguida sua colaboração com o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Foi chefe de Divisão de Conservação e Restauro do IPHAN por 21 anos, e o seu Presidente, de 1967 a 1979.

Soeiro foi responsável em transformar a antiga DPHAN, com duas diretorias e quatro distritos, no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, dotando-o de Regimento interno, seis Diretorias Técnicas, Assessoria Jurídica e nove Diretorias Regionais.

A fase moderna da preservação no Brasil começa com Renato Soeiro. Criou a política de formação de uma rede federativa de instituições culturais coordenada pelo IPHAN, institucionalizada com os Encontros de Governadores para a Preservação do Patrimônio, realizados em Brasília (1970) e em Salvador (1971). Coube a Soeiro a instituição no país dos cursos de especialização de técnicos em preservação de monumentos e obras de arte.

Sob sua administração foi criado o Programa das Cidades Históricas, em uma parceria do MEC com a Secretaria do Planejamento da Presidência da República. É dele também o primeiro Programa de Ação Cultural do país, como titular do recém criado Departamento de Assuntos Culturais do MEC, depois Secretaria de Assuntos Culturais e semente do futuro Ministério da Cultura.

Soeiro participou, ainda, de importantes documentos internacionais da UNESCO, como a Convenção para a Proteção do Patrimônio Cultural em evento de Guerra (1952) e a Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural (1972) e das Normas de Quito da OEA (1967). Em sua gestão se realizaram no país o maior número de missões da UNESCO e da OEA de toda história do órgão.

Quando Soeiro foi demitido pelo Ministro da Educação de plantão sem ser comunicado, Carlos Drummond de Andrade publicou no Jornal do Brasil uma homenagem a ele, sob o título “A recompensa de Soeiro”.

VASCONCELLOS, Sylvio de

Sylvio de Vasconcellos nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais, em 1916.

Formou-se pela Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em 1944. Concluiu o curso de Urbanismo em 1952, e obteve o grau de doutor em 1953.

Exerceu o cargo de chefe do 3º Distrito do SPHAN, localizado em Minas Gerais, de 1939 a 1969. Nessa função, foi responsável pela supervisão de todos os trabalho de conservação e restauração de bens culturais coloniais do estado de Minas Gerais, inclusive conjuntos arquitetônicos, entre os quais incluía-se o de Ouro Preto.

Ensaísta, crítico, pesquisador e historiador, atuou, ainda, como professor da Escola de Arquitetura da UFMG, entre 1948 e 1969, sendo seu diretor em 1963 e início de 1964.

Entre suas obras encontram-se *Vila Rica – formação e desenvolvimento* (1956), *Arquitetura no Brasil: pintura mineira e outros temas* (1959), *Arquitetura no Brasil: sistemas construtivos* (1961), *Noções sobre arquitetura* (1962) e *Vida e obra de Antônio Francisco Lisboa* (1979).

As diversas atividades e representações exercidas pelo arquiteto colaboraram, em última instância, para que tivesse a carreira em território brasileiro interrompida em 1964, após o Golpe Militar.

Exilou-se na França, depois no Chile, fixando residência em Washington, Estados Unidos, a partir de 1969. Faleceu na cidade de Washington, em 1979.

Fontes consultadas

ABREU, Alzira Alves de et al. (Coord.). Dicionário histórico-biográfico brasileiro pós-1930. [Ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Editora FGV; CPDOC, 2001.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Série Personalidade. Loc. M034, P. 05, cx. 31, p. 01. Arquivo Central do IPHAN – Seção Rio de Janeiro.

AZEVEDO, Raul de. Série Personalidades. Loc. M034, P. 03, cx. 15, p. 52.02. Arquivo Central do IPHAN – Seção Rio de Janeiro.

BARATA, Carlos Eduardo de Almeida; BUENO, Antônio Henrique da Cunha. (Org.). Dicionário das famílias brasileiras. Prefácio por Rui Vieira da Cunha. Posfácio por Luiz Fernando Veríssimo. São Paulo: [s.n.], [19—]. 2 v.

BARATA, Mário. Produção intelectual; relatório; currículo 21.01.1951 – 14.03.1991. Série Personalidades. Loc. M034, p. 03, cx. 13, p. 44. Arquivo Central do IPHAN – Seção Rio de Janeiro.

CAMPOFIORITO, Quirino. Série Personalidades. Loc. M034, p. 04, cx. 24, p. 84.11. Período de 1944 a 1993. Arquivo Central do IPHAN – Seção Rio de Janeiro.

COLAÇO, Madeleine. Catálogo da exposição de tapeçarias da artista, realizada na Petit Galerie, out. 1972. Série Personalidades. Loc. M034, p. 4, cx. 30, p. 102.08. Arquivo Central do IPHAN – Seção Rio de Janeiro.

- COUTINHO, Afrânio; SOUSA, J. Galante. Enciclopédia de Literatura Brasileira. São Paulo; Rio de Janeiro: Global; Fundação Biblioteca Nacional, Academia Brasileira de Letras, 2001. 2 v.
- EXPOSIÇÃO Hilda Eisenlohr Campofiorito. Pinturas, desenhos, batiks, cerâmicas e vidros. Comemorativa dos 90 anos da artista. Museu Histórico do Estado do Rio de Janeiro, Palácio do Ingá, Niterói/ RJ, set./out. 1991. Série Personalidades. Loc. M034, P.04, cx. 0024, p. 84.09. 1944-1991. Arquivo Central do IPHAN – Seção Rio de Janeiro.
- FERREZ, Gilberto. Série Personalidades. Loc. M034, P05, cx. 0040, p. 139. 1954-1991. Arquivo Central do IPHAN – Seção Rio de Janeiro.
- FLORES, Hilda Agnes Hübner. Dicionário de mulheres. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1999.
- GUIMARÃES, Argeu. Dicionario Bio-bibliographico brasileiro – de diplomacia, política externa e direito internacional. Rio de Janeiro: [Edição do autor], 1938.
- LEMOS, Celina Borges (Org.). Sylvio de Vasconcellos: textos reunidos: arquitetura, arte e cidade. Prefácio por Celina Borges Lemos. Belo Horizonte: Editora BDMG Cultural, 2004.
- MARINHO, Teresinha. Notícia Biográfica. In: Rodrigo e seus tempos – Coletânea de textos sobre artes e letras. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, Fundação Nacional Pró-Memória, 1986.
- NOBREZA de Portugal e do Brasil. Direção, coordenação e compilação por Dr. Afonso Eduardo Martins Zuquete. Lisboa: Editorial Enciclopédia, 1961.
- PESSOA, José (Org.). Lucio Costa: documentos de trabalho. Rio de Janeiro: IPHAN, 1999.
- SANCHES, Maria Lígia Fortes. Construções de Paulo Ferreira Santos – a fundação de uma historiografia da Arquitetura e do Urbanismo no Brasil. 2005. 515 f. Tese (Doutorado em História Social da Cultura) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- QUEM é quem – nas artes e nas letras do Brasil (Artistas e escritores contemporâneos ou falecidos depois de 1945). Introdução por Vasco Mariz. Rio de Janeiro: Ministério das Relações Exteriores – Departamento Cultural e de Informações, 1966.
- QUEM é quem no Brasil – biografias contemporâneas. São Paulo: Sociedade Brasileira de Expansão comercial Ltda., 1948.
- SANTOS, Francisco Marques dos. Série Personalidades. Loc. M035, p. 6, cx. 108, p. 350.01. Período 14.01.1954 – 06.09.1994. Arquivo Central do IPHAN – Seção Rio de Janeiro.

SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital. (Orgs.). Dicionário Mulheres do Brasil – de 1500 até a atualidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

SIQUEIRA, Rodolfo Gonçalves. Série Personalidades. Loc. M036, P. 1, cx. 118, p. 387.10 – Período 08.05.1923 – 06.09.1937. Arquivo Central do IPHAN – Seção Rio de Janeiro.

SOEIRO, Renato. Homenagem a Paulo T. Barreto na Sessão Plenária do Conselho Federal de Cultura, em 10/9/1973. Série Personalidades. Loc. M034, P. 03, cx. 14, p. 48. Arquivo Central do IPHAN – Seção Rio de Janeiro.

VASCONCELLOS, Sylvio de. Série Personalidades. Loc. M036, P. 02, cx. 127, p. 412. Arquivo Central do IPHAN – Seção Rio de Janeiro.

VELHO SOBRINHO, J. F. Dicionário biobibliográfico brasileiro. Rio de Janeiro: Pongetti, 1937.

Fontes consultadas em meio digital

DICIONÁRIO Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930). Casa de Oswaldo Cruz. Disponível em: << www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br >> Acessado em ago. 2008.

INSTITUTO Moreira Salles. Disponível em: << <http://acervos.ims.uol.com.br> >> Acessado em ago. 2008.

JORNAL Brasileiro de Pneumologia. Disponível em: << www.scielo.br >> Acessado em ago. 2008.

VASQUEZ, Pedro. Gilberto Ferrez, o personagem. 22 out. 2007. Disponível em: << <http://www.revistadehistoria.com.br/v2/home/?go=detalhe&id=1196> >>. Acessado em jul. 2008.

ESPAÇO conhecer. Disponível em:

<< <http://www2.petrobras.com.br/espacoconhecer/APetrobras/linhatempocurriculos.asp> >> Acessado em ago. 2008.

CENTRO de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: << http://www.cpdoc.fgv.br/nav_jgoulart/htm/biografias >> Acessado em ago. 2008.

ITAÚ Cultural. Disponível em: << <http://www.itaucultural.org.br> >> Acessado em ago. 2008.

SINDUSCON-Rio. Disponível em: <<<http://www.sinduscon-rio.com.br/qshistorico.asp>>> Acessado em ago. 2008.

MUSEU Imperial. Disponível em: <<http://www.museuimperial.gov.br/arquivohistorico_arcol.htm>> Acessado em ago. 2008.

PORTINARI. Disponível em: << <http://www.portinari.org.br>. Acessado em ago. 2008.

ACADEMIA Brasileira de Música. Disponível em: << <http://www.abmusica.org.br/brasili3.htm>>> Acessado em ago. 2008.

ACADEMIA Nacional de Medicina. Disponível em: <<www.anm.org.br/secao.phtml?cxt_cod=2&name=museu>> Acessado em ago. 2008.

Impresso em dezembro de 2008,
por Imprinta Express Gráfica e Editora Ltda.
para a Coordenação Geral de Pesquisa,
Documentação e Referência, IPHAN.